

**CARLOS CASTANEDA**

---

**O SEGUNDO  
CÍRCULO  
DO PODER**

---

Tradução de  
Luzia Machado da Costa

2ª EDIÇÃO



**EDITORA RECORD**

Título original norte-americano  
THE SECOND RING OF POWER

Copyright © 1977 by Carlos Castaneda

O contrato celebrado com o autor proíbe  
a exportação deste livro para  
Portugal e outros países de língua portuguesa

Direitos de publicação exclusiva em língua portuguesa no Brasil  
adquiridos pela  
DISTRIBUIDORA RECORD DE SERVIÇOS DE IMPRENSA S.A.  
Av. Erasmo Braga, 255 — 8º andar — Rio de Janeiro, RJ  
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Impresso no Brasil

## ÍNDICE

Prefácio . . . . .	7
1	
As Transformações de Dona Soledad . . . . .	9
2	
As Irmãzinhas . . . . .	55
3	
A Gorda . . . . .	85
4	
Os Genaros . . . . .	126
5	
A Arte de Sonhar . . . . .	164
6	
A Segunda Atenção . . . . .	205

## Prefácio

Uma crista de montanha plana e árida nas escarpas ocidentais da Sierra Madre no centro do México foi o cenário de meu encontro final com Dom Juan e Dom Genaro e seus dois outros aprendizes, Pablito e Nestor. A solenidade e a importância do que lá ocorreu não deixaram dúvidas em minha mente de que os nossos aprendizados chegavam ao momento de sua conclusão, e que eu realmente via Dom Juan e Dom Genaro pela última vez. No final, nós todos nos despedimos e, depois, Pablito e eu saltamos juntos, do topo da montanha para um abismo.

Antes daquele salto, Dom Juan apresentara um princípio fundamental para tudo o que me aconteceria. Segundo ele, ao saltar para o abismo eu me tornaria percepção pura, movendo-me para diante e para trás entre os dois reinos inerentes de toda a criação, o tonal e o nagual.

No meu salto, a minha percepção passou por dezessete batidas elásticas entre o tonal e o nagual. Em meus movimentos em direção ao nagual, percebi que meu corpo se desintegrava. Não conseguia pensar nem sentir no sentido coerente e unificado em que costumo fazer isso, mas, não sei como, pensava e sentia. Em meus movimentos em direção ao tonal, eu atingia a unidade. Tornava-me inteiro. Minha percepção tinha coerência. Eu tinha visões de ordem. Sua força compulsiva era tão intensa, sua nitidez tão real e sua complexidade tão vasta que não consegui explicá-las satisfatoriamente para mim. Afirmar que fossem visões, sonhos vívidos ou até mesmo alucinações não diz nada que esclareça a sua natureza.

Depois de examinar e analisar muito detalhadamente os meus sentimentos, percepções e interpretações daquele salto para o abismo, eu chegara ao ponto em que não podia acreditar racionalmente que aquilo realmente tivesse acontecido. No entanto, outra parte de mim

agarrava-se à sensação de que aquilo realmente aconteceu, que eu realmente saltei.

Dom Juan e Dom Genaro não podem mais ser encontrados e sua ausência provocou em mim uma necessidade muito premente, a necessidade de avançar no meio de contradições aparentemente insolúveis.

Voltei ao México, para ver Pablito e Nestor e pedir seu auxílio para resolver meus conflitos. Mas o que encontrei em minha viagem não pode ser descrito senão como um assalto final à minha razão, um ataque concentrado preparado pelo próprio Dom Juan. Seus aprendizes, sob sua orientação — embora ele estivesse ausente — conseguiram, de maneira extremamente metódica e precisa, arrasar em poucos dias os últimos baluartes de minha razão. Naqueles poucos dias, revelaram-me um dos dois aspectos práticos de sua feitiçaria, a arte de sonhar, que é a essência desta obra.

A arte de espreitar, outro aspecto prático da mesma feitiçaria e também a pedra angular dos ensinamentos de Dom Juan e de Dom Genaro me foi apresentada em visitas subsequentes e foi, de longe, a faceta mais complexa do fato de estarem eles no mundo como feiticeiros.

Tive um súbito pressentimento de que Pablito e Nestor não estavam em casa. Minha certeza era tal que parei o carro. Achava-me num lugar em que o asfalto parava de repente, e eu queria resolver se deveria ou não continuar naquele dia a viagem difícil pela estrada íngreme de cascalho grosso em direção à cidade onde eles viviam nas montanhas do centro do México.

Abaixei o vidro do carro. Havia um pouco de vento e fazia frio. Saltei para esticar as pernas. A tensão de dirigir durante horas tinha-me deixado com as costas e o pescoço endurecidos. Fui até à borda da estrada pavimentada. O chão estava molhado, pois chovera, mais cedo. A chuva ainda caía pesadamente sobre as encostas das montanhas ao sul, não longe de onde eu me encontrava. Mas bem diante de mim, para leste e também para o norte, o céu aparecia límpido. Em certos pontos, na estrada sinuosa, eu tinha visto picos azulados das *sierras* reluzindo ao Sol, muito ao longe.

Depois de pensar um pouco, resolvi voltar e ir para a cidade, pois tinha uma sensação muito estranha de que ia encontrar Dom Juan no mercado. Afinal, eu sempre fizera isso, encontrara-o no mercado, desde o princípio de minha ligação com ele. Geralmente, se não o encontrasse em Sonora, eu ia de carro até o centro do México, ia ao mercado daquela determinada cidade, e mais cedo ou mais tarde Dom Juan aparecia. O máximo que eu já esperara por ele fora dois dias. Acostumara-me tanto a encontrá-lo daquela maneira que tinha absoluta certeza de tornar a encontrá-lo, como sempre.

Esprei no mercado a tarde toda. Andei de um lado para outro, pelas alamedas, fazendo de conta que estava procurando alguma coisa para comprar. Depois fui esperar no parque. Ao anoitecer, vi que ele não ia aparecer. Tive então a sensação exata de que ele estivera ali, mas partira. Sentei-me num banco do jardim, onde costumava sentar com ele, e tentei analisar os meus sentimentos. Ao

chegar à cidade, eu me sentira exultante, com a certeza de que Dom Juan estava ali nas ruas. O que senti foi mais do que a recordação de tê-lo encontrado ali inúmeras vezes; meu corpo sabia que ele estava à minha procura. Mas, depois, sentado ali no banco, tive outro tipo de certeza estranha. Sabia que não estava mais lá. Ele partira e eu não vi.

Depois de certo tempo, parei de pensar naquilo. Achei que estava começando a ficar afetado pelo lugar. Estava começando a ficar irracional; isso sempre me acontecia, depois de passar alguns dias naquela zona.

Fui para o hotel, descansar um pouco, e depois tornei a sair, para andar pelas ruas. Não tinha a mesma esperança de encontrar Dom Juan, como tivera a tarde. Desisti. Voltei para o hotel, para dormir um bom sono.

Antes de me dirigir às montanhas, de manhã, andei de carro pelas ruas da cidade, a esmo, mas, não sei por que, sabia que estava perdendo tempo. Dom Juan não estava ali.

Levei a manhã inteira para atingir a cidadezinha em que moravam Pablito e Nestor. Cheguei por volta do meio-dia. Dom Juan me ensinara a nunca entrar diretamente na cidade, para não despertar a curiosidade dos transeuntes. Todas as vezes que eu tinha ido lá, sempre saía da estrada um pouco antes de chegar à aldeia, num campo plano em que, em geral, havia garotos jogando futebol. A terra era batida até chegar a uma trilha que dava passagem para um carro e que passava pela casa de Pablito e de Nestor, no sopé dos morros ao sul da cidadezinha. Assim que cheguei junto do campo, vi que a trilha fora transformada numa estrada de cascalho.

Fiquei pensando se iria à casa de Nestor ou à de Pablito. Continuava com a impressão de que não estavam lá. Optei por ir à casa de Pablito; raciocinei que Nestor morava sozinho, e Pablito com a mãe e quatro irmãs. Se ele não estivesse, as mulheres podiam ajudar-me a encontrá-lo. Ao aproximar-me da sua casa, notei que o caminho da estrada até à casa fora alargado. Parecia que a terra estava dura, e como havia espaço para o meu carro fui de carro quase até à porta da frente. Tinham acrescentado uma varanda nova com uma cobertura de telhas, à casa de tijolo cru. Não havia cães latindo, mas vi um cão imenso sentado calmamente num recinto cercado, observando-me atentamente. Um bando de galinhas que ciscavam em frente da casa se espalharam, cacarejando. Desliguei o motor e estiquei os braços acima da cabeça. Meu corpo estava duro.

A casa parecia deserta. Pensei que talvez Pablito e a família se tivessem mudado e houvesse outra gente morando ali. De repente a porta da frente abriu-se com um estrondo e a mãe de Pablito saiu de casa, como se alguém a tivesse empurrado. Ficou olhando para mim,

distraída, um instante. Quando saltei do carro, pareceu reconhecer-me. Um tremor percorreu o seu corpo e ela correu para mim. Achei que devia estar fazendo sesta e que o barulho do carro a acordara, e, quando saiu para ver o que havia, a princípio, não percebeu quem era eu. A incongruência daquela velha correndo para mim fez-me sorrir. Quando se aproximou, tive um momento de dúvida. Por algum motivo, ela se movia com tanta agilidade que não parecia nada a mãe de Pablito.

— Meu Deus, mas que surpresa! — exclamou.

— Dona Soledad? — perguntei, sem poder acreditar.

— Não me está reconhecendo? — respondeu, rindo-se.

Fiz algum comentário idiota sobre sua agilidade surpreendente.

— Por que é que você sempre me vê como uma velha desamparada? — perguntou, olhando para mim com um ar de desafio, brincando.

Ela me acusou calmamente de tê-la apelidado de “Sra. Pirâmide”. Lembrei-me que uma vez dissera a Nestor que sua forma me fazia lembrar uma pirâmide. Ela tinha uma traseira muito maciça e uma cabeça pequena e pontuda. Os vestidos compridos que costumava usar acentuavam o efeito.

— Olhe para mim — disse ela. — Ainda pareço uma pirâmide?

Sorria, mas os olhos me deixavam constrangido. Procurei defender-me dizendo alguma piada, mas me interrompeu e me obrigou a confessar que era eu o responsável pelo apelido. Garanti-lhe que eu nunca tive intenção de fazer uma comparação e que, de qualquer forma, no momento, estava tão magra que sua forma era a coisa mais diferente possível de uma pirâmide.

— O que lhe aconteceu, Dona Soledad? — perguntei. — Está transformada.

— Acertou — respondeu, bruscamente. — Fui transformada!

Eu estava falando num sentido figurado. No entanto, ao examiná-la mais detidamente, tive de admitir que não se tratava de uma metáfora. Era realmente uma pessoa mudada. De repente senti um gosto seco e metálico na boca. Fiquei com medo.

Pôs os punhos nos quadris e postou-se de pernas ligeiramente afastadas, de frente para mim. Vestia uma saia verde-clara, franzida, e uma blusa meio branca. A saia era mais curta do que as que usava antes. Eu não via os cabelos, pois estavam amarrados por uma faixa grossa, um pedaço de pano como um turbante. Descalça, batia ritmadamente com os pés grandes no chão, enquanto sorria com a candura de uma mocinha. Eu nunca vi ninguém emanar tanta força quanto ela. Reparei que tinha um brilho estranho nos olhos, um brilho perturbador, mas não assustador. Pensei que talvez eu nunca tivesse realmente examinado o aspecto da mulher com cuidado. Entre

outras coisas, sentia-me culpado por não ter dado atenção a muita gente durante os meus anos com Dom Juan. A força de sua personalidade tinha tornado todas as outras pessoas desbotadas e sem importância.

Disse-lhe que nunca imaginara pudesse ela ter uma vitalidade tão estupenda; que eu tinha a culpar o meu descuido por não conhecê-la de fato e que, com certeza, eu teria de conhecer de novo todos os outros.

Ela se aproximou mais de mim. Sorriu e pôs a mão direita nas costas de meu braço esquerdo, segurando-o de leve.

— Com certeza — murmurou em meu ouvido.

Seu sorriso fixou-se e seus olhos se vidraram. Mantinha-se tão perto de mim que senti seus seios roçando em meu ombro esquerdo. Minha inquietação aumentou quando procurei convencer-me de que não havia motivo para alarmar-me. Repeti para mim mesmo várias vezes que eu nunca realmente chegara a conhecer a mãe de Pablito e que, apesar de seu comportamento estranho, provavelmente ela estava sendo normal. Mas uma parte assustada de meu ser sabia que aqueles pensamentos eram apenas para me animar e não tinham substância alguma, pois, por menos atenção que eu tivesse dado à sua pessoa, não só eu me lembrava perfeitamente dela, como ainda eu a conhecera muito bem. Para mim, ela representava um protótipo da mãe; achava que devia ter seus cinquenta e tanto anos, ou até mais. Seus músculos fracos moviam seu peso avantajado com muita dificuldade. Os cabelos eram bastante grisalhos. Em minha lembrança, era uma mulher triste e taciturna, com feições bondosas e belas, uma mãe dedicada e sofredora, sempre na cozinha, sempre cansada. Também me lembrava de que era uma mulher muito delicada e altruísta e muito tímida, ao ponto de se mostrar inteiramente subserviente para com qualquer pessoa presente. Era essa a imagem que eu detinha, reforçada através dos anos de um contato fortuito. Naquele dia, alguma coisa estava terrivelmente diferente. A mulher que eu via não correspondia de todo à imagem que eu tinha da mãe de Pablito, e no entanto era a mesma pessoa, mais magra e mais forte, parecendo vinte anos mais jovem do que da última vez que eu a vira. Senti um tremor passar-me pelo corpo.

Ela deu alguns passos, postando-se em minha frente.

— Deixe-me olhar para você — disse ela. — O Nagual nos disse que você é um demônio.

Lembrei-me então que todos eles, Pablito, a mãe, as irmãs e Nestor sempre pareceram evitar pronunciar o nome de Dom Juan, chamando-o de “o Nagual”, costume que também eu adotara ao falar com eles.

Ousadamente, pôs as mãos nos meus ombros, coisa que nunca fizera. Meu corpo ficou tenso. Não sabia o que dizer. Seguiu-se uma pausa prolongada, que me permitiu examinar-me. O seu aspecto e comportamento me haviam assustado a tal ponto que eu esquecera até de perguntar por Pablito e Nestor.

— Diga-me, onde está Pablito? — perguntei, com uma onda repentina de apreensão.

— Ah, foi para as montanhas — respondeu, num tom cauteloso, afastando-se de mim.

— E onde está Nestor?

Ela girou os olhos, mostrando sua indiferença.

— Estão juntos nas montanhas — disse, no mesmo tom.

Senti-me sinceramente aliviado e disse-lhe que não tinha dúvida alguma de que eles estivessem bem. Ela olhou para mim e sorriu. Fui dominado por uma onda de felicidade e excitação e abracei-a. Ela correspondeu ousadamente ao abraço e me apertou nos braços; isso era tão extraordinário, que fiquei aturdido. O seu corpo estava rígido. Senti nela uma força extraordinária. Meu coração começou a bater fortemente. Com delicadeza, tentei livrar-me dela, perguntando se Nestor continuava a ver Dom Genaro e Dom Juan. Em nosso último encontro, Dom Juan estava na dúvida, sem saber se Nestor estaria preparado para concluir seu aprendizado.

— Genaro foi-se para sempre — disse, largando-me.

Ela mexeu nervosamente na borda da blusa.

— E Dom Juan?

— O Nagual também se foi — disse, apertando os lábios.

— Para onde foram?

— Quer dizer que não sabe?

Disse-lhe que ambos se despediram de mim dois anos antes e eu só sabia que eles iam embora naquela ocasião. Não ousara imaginar para onde teriam ido. Nunca me haviam revelado seu paradeiro, antes, e eu passara a aceitar o fato de que, se quisessem desaparecer de minha vida, bastava-lhes se recusarem a me ver.

— Não estão por aqui, isso é certo — disse ela, franzindo a testa. — Tampouco voltarão, isso também é certo.

A sua voz era inteiramente sem emoção. Comecei a ficar aborrecido com ela. Queria ir embora.

— Mas já que você está aqui — disse, passando a sorrir — deve esperar por Pablito e Nestor. Eles estão loucos para vê-lo.

Ela segurou o meu braço com firmeza e puxou-me para longe do carro. Comparada às suas virtudes no passado, sua ousadia era espantosa.

— Mas primeiro deixe-me mostrar-lhe o meu amigo — disse e levou-me para o lado da casa, com energia.

Lá havia um recinto cercado como um curralzinho, onde se encontrava um cão imenso. A primeira coisa que me chamou a atenção foi o pêlo do cão, sadio, lustroso, de um amarelo acastanhado. Não parecia ser um cão malvado. Não estava acorrentado e a cerca não era bastante alta para contê-lo. O cão continuou impassível, quando nos aproximamos dele, sem mesmo abanar o rabo. Dona Soledad apontou para uma jaula de bom tamanho, nos fundos. Um coioote estava enroscado lá dentro.

— Aquele é o meu amigo — disse. — O cão, não. Pertence às meninas.

O cão olhou para mim e bocejou. Gostei dele. Tive uma sensação idiota de parentesco com ele.

— Venha, vamos para dentro de casa — disse, puxando-me pelo braço.

Vacilei. Uma parte de mim estava muito alarmada e queria sair dali depressa, enquanto outra parte não teria partido por nada no mundo.

— Você não está com medo de mim, está? — perguntou, num tom acusador.

— Por certo que sim! — exclamei.

Deu uma risada e, num tom muito consolador, declarou que era uma mulher desajeitada e primitiva, muito sem jeito com as palavras e que mal sabia como tratar as pessoas. Olhou-me bem nos olhos e disse que Dom Juan a encarregara de ajudar-me, pois se preocupava comigo.

— Ele nos disse que você não é sério e que anda por aí criando muitas dificuldades para as pessoas inocentes — disse.

Até então, suas declarações tinham-me parecido coerentes, mas eu não podia imaginar Dom Juan dizendo aquelas coisas a meu respeito.

Entramos na casa. Eu quis sentar-me no banco em que eu e Pablito sempre nos sentamos. Ela me impediu.

— Este não é o lugar para mim e você — disse. — Vamos para o meu quarto.

— Prefiro ficar aqui — disse eu, com firmeza. — Conheço este lugar e sinto-me à vontade aqui.

Estalou os lábios, num ar de reprovação. Parecia uma criança desapontada. Apertou o lábio superior até parecer um bico chato de um pato.

— Há alguma coisa muito errada aqui — disse eu. — Acho que vou embora, se não me contar o que está acontecendo.

Ficou muito atrapalhada e argumentou que o seu problema era não saber como falar comigo. Falei-lhe da transformação indubitável que se operara nela e pedi que me contasse o que acontecera. Eu tinha de saber como se dera aquela modificação.

— Se eu lhe contar, você fica? — perguntou, numa voz de criança.

— Terei de ficar.

— Nesse caso, contarei tudo. Mas tem de ser no meu quarto.

Tive um momento de pânico. Fiz um esforço supremo para me acalmar e fomos para o meu quarto. Ela morava nos fundos, onde Pablito tinha feito um quarto de dormir para ela. Eu estivera no quarto uma vez, enquanto era construído e também depois de terminado, antes dela se mudar para lá. O quarto parecia tão vazio quanto na ocasião em que o vira antes, só que agora tinha uma cama bem no meio e duas cômodas junto à porta. A caiação das paredes tinha desbotado e estava de um branco amarelado, muito suave. A madeira do teto também estava meio descorada. Olhando para as paredes lisas e limpas, tive a impressão de que eram esfregadas diariamente com uma esponja. O quarto mais parecia uma cela monástica, muito espartano e ascético. Não havia adornos de espécie alguma. As janelas tinham painéis grossos, removíveis, reforçados por uma barra de ferro. Não havia cadeiras, nem nada para a pessoa se sentar.

Dona Soledad pegou meu bloco, de minhas mãos, segurou-o junto ao peito e sentou-se na cama, que era feita de dois colchões grossos, sem molas. Fez sinal para sentar-me ao seu lado.

— Você e eu somos o mesmo — disse, entregando-me o bloco.

— Como?

— Você e eu somos o mesmo — repetiu, sem olhar para mim.

Não entendi o que queria dizer. Ela ficou olhando para mim, como se esperasse uma resposta.

— E o que é que isso significa, Dona Soledad? — perguntei.

Minha pergunta pareceu atrapalhá-la. Obviamente, esperava que eu soubesse o que queria dizer. A princípio riu-se mas, depois, quando insisti dizendo que não sabia, ela se zangou. Sentou-se ereta e acusou-me de ser desonesto com ela. Seus olhos estavam brilhando de raiva; a boca contraiu-se num gesto muito feio, que a fazia parecer muito velha.

Eu estava sinceramente desorientado e achava que qualquer coisa que dissesse seria errada. Ela também parecia estar na mesma situação. Mexeu a boca, para dizer alguma coisa, mas seus lábios só fizeram tremer. Por fim, resmungou que não era impecável, agir como eu estava agindo num momento tão sério. Virou-se de costas para mim.

— Olhe para mim Dona Soledad! — disse eu, com energia. — Não a estou enganando, de modo algum. Deve saber de alguma coisa que ignoro.

— Você fala demais — retrucou, zangada. — O Nagual disse que eu nunca o deixasse falar. Você distorce tudo.

Levantou-se de um salto e ficou batendo com os pés no chão, como uma criança mimada. Naquela momento, percebi que o quarto tinha um piso diferente. Lembrava-me que era um piso de terra batida, feito da terra escura do lugar. O piso novo apresentava um róseo-avermelhado. Adiei momentaneamente a minha discussão com ela e andei pelo quarto. Não sei como pude deixar de notar o piso, quando entrei no quarto. Era bellissimo. A princípio, pensei que fosse barro vermelho, colocado como cimento, quando estava macio e úmido, mas depois vi que não havia rachaduras. O barro teria secado, enroscando-se e rachando, e teria formado calombos. Abaixei-me e passei os dedos de leve sobre ele. Era duro como tijolo. O barro tinha ido ao fogo. Aí percebi que o piso fora feito de lajotas muito grandes, de argila, unidas sobre um forro de argila mole que servia de matriz. As lajotas formavam um desenho muito complexo e interessante, mas extremamente discreto, a não ser que se lhe prestasse atenção propositadamente. A habilidade com que as lajotas tinham sido colocadas indicava um plano muito bem concedido. Eu queria saber como é que lajotas tão grandes podiam ter ido ao fogo sem se deformarem. Virei-me para perguntar a Dona Soledad, mas desisti logo. Ela não havia de saber do que eu estava falando. Tornei a andar pelo chão. A argila era um pouco áspera, quase como arenito. Formava uma superfície perfeita, nada escorregadia.

— Foi Pablito quem colocou esse piso? — perguntei.

Não respondeu.

— É um trabalho magnífico — disse eu. — Devia orgulhar-se muito dele.

Eu não tinha dúvidas de que fora Pablito quem fizera o piso. Ninguém mais teria tido a imaginação e capacidade para conceber aquilo. Imaginei que devia ter feito aquilo enquanto eu estivera fora. Mas, pensando bem, refleti que eu nunca tinha entrado no quarto de Dona Soledad desde que fora construído, seis ou sete anos antes.

— Pablito! Pablito! Bah! — exclamou ela, com uma voz zangada e áspera. — O que o leva a pensar que ele é o único que sabe fazer coisas?

Trocamos um olhar demorado e, de repente, tive a certeza de que fora ela quem tinha feito o piso, e que Dom Juan era o responsável.

Ficamos ali parados, olhando-nos por algum tempo. Achei que seria inteiramente inútil perguntar se eu estava certo.

— Fui eu quem o fez — disse ela, por fim, num tom de voz seco. — O Nagual me ensinou a fazê-lo.

Suas palavras me deixaram eufórico. Quasê a levantei do chão, num abraço, e a fiz rodopiar. A única coisa em que consegui pensar foi a vontade de enchê-la de perguntas. Queria saber como tinha feito as lajotas, o que representavam os desenhos, onde arranjava a argila. Mas ela não partilhou de minha exultação. Ficou quieta e impassível, olhando-me de esguelha, de vem em quando.

Tornei a andar pelo chão. A cama fora colocada bem no epicentro de umas linhas convergentes. As lajotas de argila tinham sido cortadas em ângulos pronunciados para criarem motivos convergentes que pareciam irradiar-se de baixo da cama.

— Não tenho palavras para dizer-lhe como estou impressionado — disse eu.

— Palavras! Quem precisa de palavras? — respondeu, mordaz.

Tive uma intuição repentina. A minha razão estava-me traindo. Só havia um meio de explicar aquela metamorfose magnífica: Dom Juan devia tê-la tornado sua aprendiz. De que outro modo poderia uma velha como Dona Soledad transformar-se num ser tão estranho e poderoso? Isso devia ter sido óbvio para mim desde que lhe pus os olhos em cima, mas a minha série de expectativas quanto a ela não tinham incluído essa possibilidade.

Deduzi que, fosse o que fosse que Dom Juan lhe tivesse feito, devia ter ocorrido durante os dois anos em que eu não a havia visto, embora dois anos não parecessem muito tempo para uma modificação tão soberba.

— Creio que sei o que lhe aconteceu — disse eu, num tom displicente e alegre. — Uma coisa esclareceu-se em minha cabeça, agora mesmo.

— Ah, é? — disse completamente desinteressada.

— O Nagual está-lhe ensinando a ser feiticeira, não é verdade?

Ela me olhou desafiadora. Sentí que eu tinha dito a coisa pior do mundo. No seu rosto via-se estampada uma expressão de verdadeiro desprezo. Não ia me contar coisa alguma.

— Que filho da mãe você é! — exclamou, de repente, tremendo de raiva.

Achei que zanga não se justificava. Sentei-me numa ponta da cama, enquanto ela ficava batendo o calcanhar no chão nervosamente. Depois, ela se sentou na outra ponta, sem olhar-me.

— O que, exatamente, quer que eu faça? — perguntei, num tom de voz firme e atemorizante.

— Já lhe disse! — berrou. — Você e eu somos o mesmo.

Pedi que explicasse o significado do que dizia e que não supusesse nunca que eu sabia alguma coisa. Aquelas palavras a irritaram mais ainda. Levantou-se de repente e deixou as saias caírem ao chão.

— É isso que quero dizer! — gritou, acariciando sua zona púbica.

Abri a boca, sem querer. Percebi que estava olhando para ela que nem um idiota.

— Você e eu somos um aqui! — disse ela.

Eu estava pasmo. Dona Soledad, a velha índia, mãe de meu amigo Pablito, estava seminua pertinho de mim, mostrando-me seu sexo. Fiquei olhando fixamente para ela, sem poder formular os meus pensamentos. A única coisa que eu sabia era que o corpo dela não era o corpo de uma velha. Tinha coxas belas e musculosas, escuras e sem pêlos. A estrutura óssea de seus quadris era larga, mas não havia gordura neles.

Ela deve ter notado o meu exame e atirou-se sobre a cama.

— Você sabe o que tem de fazer — disse, apontando para o púbis. — Somos um aqui.

Ela descobriu os seios robustos.

— Dona Soledad, eu lhe suplico! — exclamei. — O que é que lhe deu? É mãe de Pablito!

— Não sou, não! — retrucou. — Não sou mãe de ninguém.

Ela se sentou na cama e olhou-me com olhos ferozes.

— Sou igualzinha a você, uma parte do Nagual — disse. — Fomos feitos para nos unirmos.

Ela abriu as pernas e eu dei um salto para longe.

— Espere um pouco, Dona Soledad — disse eu. — Vamos conversar um pouco.

Tive um momento de medo louco e ocorreu-me uma idéia louca. Seria possível, perguntei-me, que Dom Juan estivesse escondido por ali, rindo-se a morrer?

— Dom Juan! — berrei.

Meu berro foi tão profundo que Dona Soledad deu um salto da cama e cobriu-se depressa com a saia. Vi que a estava vestindo, quando tornei a berrar.

— Dom Juan!

Corri pela casa berrando o nome de Dom Juan até ficar com a garganta doendo. Enquanto isso, Dona Soledad tinha corrido para fora da casa e estava junto do meu carro, olhando para mim, intrigada.

Fui até junto dela e perguntei se Dom Juan a mandara fazer tudo aquilo. Fez um gesto afirmando que sim. Perguntei se ele estava por ali. Ela disse que não.

— Conte-me tudo — ordenei.

Disse-me que estava apenas obedecendo às ordens de Dom Juan. Ele tinha mandado que ela transformasse seu ser em guerreira a fim

de me ajudar. Declarou que havia anos que estava esperando para cumprir aquela promessa.

— Eu agora estou muito forte — disse ela, baixinho. — Só para você. Mas você não gostou de mim no meu quarto, não é?

Expliquei que não é que eu não gostasse dela, que o que importava eram os meus sentimentos para com Pablito; depois percebi que ela não tinha a menor idéia do que eu estava falando.

Dona Soledad pareceu compreender a minha posição embaraçosa e disse que aquele incidente devia ser esquecido.

— Você deve estar morto de fome — declarou com vivacidade. — Vou-lhe preparar alguma coisa para comer.

— Há muita coisa que você ainda não me explicou — disse eu. — Serei franco com você, eu não ficaria aqui nem por nada no mundo. Você me assusta.

— Você é obrigado a aceitar a minha hospitalidade, nem que seja uma xícara de café — afirmou, sem se perturbar. — Venha, vamos esquecer o que aconteceu.

Ela fez menção de entrar em casa. Naquele momento ouvi uma rosnadela profunda. O cachorro estava de pé, olhando para nós, como se entendesse o que estávamos dizendo.

Dona Soledad fitou-me com um olhar muito assustador. Depois abrandou-o e sorriu.

— Não se preocupe com os meus olhos — disse. — A verdade é que sou velha. Ultimamente tenho tido umas tonteiras. Acho que estou precisada de óculos.

Ela deu uma risada e fez uma palhaçada, espiando através dos dedos em concha, como se fossem óculos.

— Uma índia velha de óculos! Que piada — disse, rindo.

Aí resolvi que ia ser grosseiro e sairia dali, sem qualquer explicação. Mas antes de ir embora, queria deixar umas coisas que levava para Pablito e as irmãs. Abri a mala do carro para pegar os presentes que lhes tinha levado. Abaixei-me bem para dentro da mala, para pegar primeiro os dois embrulhos que estavam junto da divisão do assento de trás, atrás do pneu sobressalente. Peguei um deles e ia pegar o outro quando senti uma mão macia e peluda na minha nuca. Sem querer, dei um grito e bati com a cabeça na porta da mala aberta. Virei-me para olhar. A pressão da mão peluda não me deixou virar completamente, mas consegui ver de relance um braço ou pata prateada sobre a minha nuca. Contorci-me, em pânico, e afastei-me da mala, caindo sentado com o embrulho ainda na mão. O meu corpo todo tremia, os músculos de minhas pernas estavam contraídos e vi que eu estava levantando de um salto e correndo dali.

— Não pretendia assustá-lo — disse Dona Soledad, desculpando-se, enquanto eu a olhava a distância.

Ela me mostrou as palmas das mãos num gesto de renúncia, como para assegurar-me de que o que eu tinha sentido não era a sua mão.

— O que fez comigo? — perguntei, tentando parecer calmo e distante.

Ela parecia estar completamente encabulada ou intrigada. Murmurou alguma coisa e sacudiu a cabeça, como se não pudesse falar ou não soubesse do que eu estava falando.

— Vamos, Dona Soledad — disse eu, aproximando-me mais dela — não brinque comigo.

Ela parecia estar a ponto de chorar. Eu queria consolá-la, mas parte do meu ser resistiu. Depois de um momento, contei-lhe o que eu tinha sentido e visto.

— Isso é horrível! — disse ela, num grito.

Num gesto muito infantil, ela cobriu o rosto com o antebraço direito. Pensei que estivesse chorando. Fui para junto dela e tentei passar o braço pelos seus ombros, mas não consegui forçar-me a isto.

— Vamos, Dona Soledad — disse eu — vamos esquecer tudo isso; quero entregar-lhe esses embrulhos, antes de partir.

Postei-me à sua frente, para olhá-la de frente. Vi seus olhos negros e brilhantes e parte de seu rosto atrás do braço. Ela não estava chorando. Estava sorrindo.

Dei um pulo para trás. O sorriso dela me apavorou. Nós dois ficamos ali imóveis por muito tempo. Ela continuava com o rosto coberto, mas eu via seus olhos me espiando.

De pé ali, quase paralisado de medo, eu me senti completamente desanimado. Tinha caído num poço sem fundo. Dona Soledad era uma feiticeira. Meu corpo sabia disso, e no entanto eu não podia acreditar naquilo de verdade. O que eu queria acreditar era que Dona Soledad tinha enlouquecido e estava sendo mantida presa na casa, em vez de num hospício.

Não ousava mover-me, nem afastar os olhos dela. Acho que ficamos assim naquela posição por uns cinco ou seis minutos. Ela conservava o braço erguido, mas imóvel. Estava de pé junto à traseira do carro, quase encostada no pára-lama esquerdo. A porta da mala ainda se encontrava aberta. Pensei em dar uma corrida e entrar no carro pela porta da direita. As chaves estavam no motor.

Descontraí-me um pouco, para tomar impulso e correr. Ela pareceu notar logo a minha mudança de posição. Baixou o braço, revelando o seu rosto todo. Estava com os dentes cerrados, os olhos fixos nos meus. Tinham uma expressão dura e cruel. De repente, avançou para mim. Bateu com o pé direito, como um esgrimista, e estendeu as mãos, como garras, para agarrar-me pela cintura, enquanto soltava o grito mais apavorante.

Meu corpo deu um salto para trás para fugir dela. Corri para o carro, mas, com uma agilidade inconcebível, ela rolou aos meus pés, fazendo-me tropeçar sobre seu corpo. Caí de bruços e ela me agarrou pelo pé esquerdo. Contraí minha perna direita, e teria dado um pontapé em sua cara com a sola do sapato se ela não me tivesse largado e rolado para trás. Levantei-me de um salto e tentei abrir a porta do carro. Estava trancada. Lancei-me sobre o capô, para chegar ao outro lado, mas, não sei como, Dona Soledad chegou lá antes de mim. Tentei rolar de volta sobre o capô, mas no meio do caminho senti uma dor aguda na barriga da perna direita. Ela me agarrara pela perna. Eu não podia chutá-la com meu pé esquerdo; prendera ambas as minhas pernas contra o capô. Ela me puxou e caí sobre seu corpo. Lutamos no chão. Tinha uma força extraordinária e gritava de um modo apavorante. Eu mal conseguia mexer-me, sob a pressão gigantesca do seu corpo. Não era tanto uma questão de peso, quanto de tensão, e ela tinha isso. De repente, ouvi uma rosnadela e o cão imenso saltou sobre suas costas e afastou-a de mim. Levantei-me. Queria entrar no carro, mas a mulher e o cão lutavam junto à porta. O único recurso era entrar na casa, o que fiz em dois ou três segundos. Não me virei para olhar para eles, mas corri para dentro e fechei a porta, trancando-a com a barra de ferro que estava atrás dela. Corri até aos fundos e fiz o mesmo com a outra porta.

Do lado de dentro, ouvia o cão rosnar furiosamente e os gritos desumanos da mulher. Aí, de repente, os latidos e rosnadelas do cachorro transformaram-se em ganidos e uivos, como se ele estivesse com dor, ou como se alguma coisa o estivesse assustando. Senti uma sacudidela na boca do estômago. Meus ouvidos começaram a zumbir. Percebi que eu estava preso dentro daquela casa. Tive um acesso de terror. Fiquei revoltado com a minha estupidez em ter corrido para dentro da casa. O assalto da mulher me deixara tão confuso que eu perdera todo o senso de estratégia e me comportara como se se estivesse fugindo de um adversário comum, que pudesse ser eliminado simplesmente fechando-se uma porta. Ouvia alguém chegar à porta e apoiar-se nela, tentando abri-la à força. Depois ouvi batidas fortes sobre a porta.

— Abra a porta — disse Dona Soledad, numa voz dura. — Aquele raio de cachorro me feriu.

Pensei se devia ou não deixá-la entrar. O que me veio à mente foi a recordação de um confronto que eu tinha tido anos antes com uma feiticeira que, segundo Dom Juan, adotara a sua forma a fim de iludir-me e dar um golpe mortal. Obviamente Dona Soledad não estava como eu a conhecera, mas eu tinha motivos para duvidar que fosse feiticeira. O elemento tempo representava um papel decisivo em minha convicção. Pablito, Nestor e eu passamos anos às voltas com

Dom Juan e Dom Genaro, e não éramos feiticeiros, em absoluto; como é que Dona Soledad podia ser feiticeira? Por mais que tivesse mudado, não podia improvisar uma coisa que levava uma vida inteira para ser realizada.

— Por que me atacou? — perguntei, falando alto, para ser ouvido através da porta grossa.

Respondeu que o Nagual lhe dissera que não me deixasse partir. Perguntei por quê.

Não deu resposta; em vez disso, bateu na porta furiosamente, e eu bati de volta, com mais força ainda. Ficamos batendo na porta por alguns minutos. Parou e começou a me implorar para abri-la. Tive um ímpeto de energia nervosa. Eu sabia que se abrisse a porta poderia ter uma possibilidade de fuga. Tirei a barra de ferro da porta. Ela cambaleou para dentro. Estava com a blusa rasgada. A faixa que lhe prendia os cabelos tinha caído e os cabelos compridos cobriam-lhe o rosto.

— Veja o que aquele filho da puta daquele cão me fez! — gritou.  
— Veja! Veja!

Respirei fundo. Parecia estar meio aturdida. Sentou-se num banco e começou a tirar a blusa rasgada. Aproveitei aquele momento para fugir da casa e correr para o carro. Com uma velocidade devida somente ao medo, entrei, fechei a porta automaticamente, liguei o motor e engatei marcha à ré. Acelerei e virei a cabeça para olhar pelo vidro de trás. Quando me virei, senti um bafo quente em meu rosto: ouvi uma rosnadela horrenda e vi num relance os olhos diabólicos do cachorro. Ele estava de pé no banco de trás. Vi aqueles dentes horríveis quase nos meus olhos. Abaixei a cabeça. Os dentes dele agarraram o meu cabelo. Devo ter curvado todo o meu corpo no assento, e ao fazê-lo tirei o pé da embreagem. O solavanco do carro desequilibrou o animal. Abri a porta e saltei depressa. A cabeça do cachorro meteu-se pela porta. Ouvi os dentes enormes estalarem quando suas mandíbulas se fecharam, e, por muito pouco, não foi sobre o meu calcanhar. O carro começou a rolar para trás e dei outra corrida para a casa. Parei antes de chegar à porta.

Dona Soledad estava ali de pé. Amarrara os cabelos outra vez e pusera um xale sobre os ombros. Olhou para mim um momento e depois começou a rir, a princípio muito baixinho, como se seus ferimentos a incomodassem, e depois alto. Apontou um dedo para mim e segurou a barriga, torcendo-se de tanto rir. Debruçou-se e esticou-se, parecendo querer respirar. Estava nua, da cintura para cima. Eu via os seios dela, balançando com as gargalhadas.

Achei que estava tudo perdido. Olhei para o carro. Tinha parado, depois de rolar um metro e pouco. A porta se fechara de novo,

trancando o cão lá dentro. Eu via e via e ouvia o bicho imenso mordendo as costas do assento dianteiro e dando patadas nos vidros.

Naquele momento, vi-me diante de uma decisão muito especial. Eu não sabia o que me apavorava mais, se Dona Soledad ou o cão. Depois de pensar um momento, cheguei à conclusão de que o cão não passava de um animal estúpido.

Voltei correndo para o carro e subi na capota. O barulho enraiveceu o cão. Ouvi que ele estava rasgando a forração. Deitado na capota, conseguir abrir a porta do lado da direção. Minha idéia era abrir ambas as portas e em seguida escorregar da capota para o carro, por uma delas, depois que o cão saísse pela outra. Abaixei-me para abrir a porta direita. Eu me esquecera de que estava trancada. Naquele momento, a cabeça do cão saiu pela porta aberta. Tive um acesso de pânico cego diante da idéia que o cão ia saltar do carro para a capota.

Em menos de um segundo saltei ao chão e estava de pé junto à porta da casa.

Dona Soledad estava-se apoiando no vão da porta. As gargalhadas que dava saíam aos borbotões, e pareciam ser quase dolorosas.

O cão ficara dentro do carro, ainda espumando de raiva. Parece que era grande demais e não conseguia passar o seu corpo volumoso sobre o encosto para o banco da frente. Fui até o carro e tornei a fechar a porta, com delicadeza. Comecei a procurar um pau suficientemente comprido para soltar o trinco de segurança da porta da direita.

Procurei em frente da casa. Não havia nem um pedacinho de madeira ali. Enquanto isso, Dona Soledad tinha entrado em casa. Avaliei a minha situação. Não tinha outra alternativa senão pedir-lhe ajuda. Vacilando muito, atravessei a soleira, olhando para todos os lados, com medo dela estar escondida atrás da porta, esperando por mim.

— Dona Soledad! — gritei.

— Que diabo você quer? — gritou ela, do quarto.

— Quer fazer o favor de sair e tirar o seu cachorro do meu carro? — disse eu.

— Está brincado? — respondeu — Aquele cão não é meu. Já lhe disse, é de minhas filhas.

— Onde estão suas filhas? — perguntei.

— Estão nas montanhas — respondeu.

Saiu do quarto e encarou-me.

— Quer ver o que aquele maldito cão me fez? — perguntou, num tom seco. — Olhe!

Tirou o xale e mostrou-me as costas nuas.

Não vi marcas de dentes nas costas dela; só alguns arranhões

compridos e superficiais, que ela podia ter feito roçando-se contra a terra dura. Aliás, podia ter-se arranhado quando me assaltou.

— Não vejo nada aí — disse eu.

— Venha olhar na luz — disse e foi até à porta.

Insistiu para eu olhar com cuidado e ver as marcas dos dentes do cão. Eu me senti burro. Estava com uma sensação pesada em volta dos olhos, especialmente na minha testa. Em vez de olhar, fui para fora da casa. O cão não se mexera, mas começou a latir assim que sai pela porta.

Eu me maldisse. O único culpado era eu. Tinha caído naquela armadilha, como um tolo. Resolvi naquele minuto caminhar até à cidade. Mas a minha carteira, meus papéis, tudo o que tinha estava na minha pasta no chão do carro, bem debaixo das patas do cachorro. Tive um acesso de desespero. Era inútil andar até à cidade. Não tinha dinheiro suficiente nos bolsos nem mesmo para comprar um cafézinho. Além disso, não conhecia ninguém na cidade. Não tinha outra alternativa senão tirar o cão de dentro do carro.

— Que comida come esse cão? — gritei, da porta.

— Por que não experimenta a sua perna? — berrou Dona Soledad lá do quarto, e cacarejou.

Procurei algum alimento cozido na casa. As panelas estavam vazias. Não havia nada a fazer senão tornar a enfrentá-la. Meu desespero se transformara em raiva. Entrei violentamente no seu quarto, pronto para uma luta até à morte. Estava deitada na cama, coberta com o xale.

— Por favor, me perdoe por lhe ter feito todas essas coisas — disse ela, sem rodeios, olhando para o teto.

A audácia me fez esquecer minha raiva.

— Você tem de compreender a minha situação — continuou. — Eu não podia deixá-lo partir.

Ela riu baixinho e, com uma voz clara, calma e muito agradável disse que se culpava por ser gulosa e estabana, que quase conseguira espantar-me com suas histórias, mas que a situação de repente se modificara. Ela parou e sentou-se na cama, cobrindo os peitos com o xale, e depois acrescentou que uma estranha confiança descera ao seu corpo. Ela olhou para o teto e moveu os braços num movimento estranho e ritmado, com um moinho de vento.

— Não há meio de você partir agora — disse.

Ela me examinou, sem se rir. Minha raiva íntima tinha passado mas o meu desespero era mais agudo do que nunca. Sinceramente, eu sabia que, em matéria de força bruta, eu não era páreo para ela nem para o cão.

Ela disse que o nosso encontro tinha sido marcado com anos de

antecedência e que nenhum de nós tinha poder suficiente para apressá-lo nem para rompê-lo.

— Não se desgaste tentando deixar-me — disse. — É tão inútil quanto eu tentar conservá-lo aqui. Algo além da sua vontade o libertará daqui e algo além da minha vontade o conservará aqui.

Por algum motivo, sua confiança não só a abrandara, como também lhe dera um grande domínio sobre as palavras. Suas frases eram fortes e de uma clareza cristalina. Dom Juan sempre dissera que eu era uma alma confiante, quando se tratava de palavras. Enquanto ela falava, eu me pilhei pensando que não era assim tão perigosa quanto eu achava. Ela não projetava mais a idéia de estar sempre com alguma queixa. A minha razão estava quase sossegada, porém outra parte de meu ser não estava. Todos os músculos de meu corpo pareciam fios tensos e no entanto eu tinha de confessar a mim mesmo que, embora ela me assustasse mortalmente, eu a achava muito atraente. Ela estava me vigiando.

— Vou-lhe mostrar como é inútil você tentar partir — disse ela, levantando-se da cama. — Vou ajudá-lo. De que está precisando?

Ela olhou para mim com um brilho nos olhos. Seus dentinhos brancos davam ao sorriso um toque diabólico. O rosto gorducho era estranhamente liso e tinha muito poucas rugas. Dois sulcos que iam dos lados do nariz aos cantos da boca davam ao rosto dela a aparência de maturidade, mas não de velhice. Ao levantar-se da cama deixara o xale cair com naturalidade, descobrindo seus seios cheios. Ela não se deu ao trabalho de cobrir-se. Ao contrário, estofou o peito, levantando os seios.

— Ah, reparou, é? — disse balançando o corpo de um lado para outro, como se estivesse satisfeita consigo mesma. — Sempre conservo meus cabelos presos para trás. O Nagual mandou que o fizesse. Repuxando-os meu rosto fica mais jovem.

Eu tinha certeza de que ela ia falar dos seios. Aquela desconversa foi uma surpresa para mim.

— Não quero dizer que repuxando meu cabelo vou parecer mais jovem — continuou ela, com um sorriso encantador. — Repuxando o cabelo fico mais jovem.

— Como isso é possível? — perguntei.

Respondeu-me com uma pergunta. Quis saber se eu tinha compreendido bem Dom Juan quando ele dizia que tudo era possível se a gente o deseja com um propósito inflexível. Eu queria uma explicação mais precisa. Queria saber o que mais ela fazia, além de prender o cabelo, a fim de parecer tão jovem. Declarou que se deitava na cama e se esvaziava de todos os pensamentos e sentimentos e depois deixava que as linhas do chão puxassem as rugas e as apagassem. Pedi que desse mais detalhes: os sentimentos, sensações, percepções que ela

tivera deitada na cama. Ela insistiu que não sentia nada, que não sabia como agiam as linhas no chão do seu quarto, e que só o que sabia era não deixar que seus pensamentos interferissem.

Pôs as mãos no meu peito e empurrou-me muito delicadamente. Parecia ser um gesto para mostrar que já estava farta de minhas perguntas. Fomos para fora de casa, pela porta dos fundos. Eu lhe disse que precisava de um pau comprido. Ela foi logo até um monte de lenha, mas não havia paus compridos. Perguntei se podia arranjar-me uns pregos para poder juntar dois pedaços de lenha. Procuramos por toda a casa mas não encontramos pregos. Como último recurso, tive de tirar o pau mais comprido que encontrei no galinheiro que Pablito tinha construído nos fundos. O pau, embora meio frágil, parecia servir para o que queria.

Dona Soledad não tinha sorrido nem pilheriado, enquanto procurávamos. Parecia estar completamente absorta em sua tarefa de ajudar-me. Sua concentração era tão intensa que tive a impressão de que desejava que eu fosse bem sucedido.

Fui até o carro, armado com o pau comprido e um mais curto que peguei no monte de lenha. Dona Soledad ficou junto à porta da frente.

Comecei a mexer com o cachorro com o pau curto na minha mão direita, enquanto tentava soltar o trinco de segurança com o comprido em minha outra mão. O cão quase mordeu a minha mão direita, fazendo-me deixar cair o pau curto. A fúria e força daquele animal imenso eram tais que quase perdi o comprido, também. O cachorro já ia parti-lo em dois com os dentes quando Dona Soledad foi ajudar-me: batendo no vidro de trás, chamou a atenção do cão e ele o largou.

Encorajado pela sua manobra, mergulhei de cabeça e deslizei pelo banco da frente, conseguindo soltar o trinco de segurança. Tentei recuar imediatamente, mas o cachorro avançou para mim com toda a força e conseguiu meter os ombros maciços e as patas da frente por cima do assento dianteiro, antes de eu ter tempo de recuar. Senti suas patas no meu ombro. Encolhi-me todo. Sabia que ele ia es-traçalhar-me. O cão abaixou a cabeça para dar o bote, mas em vez de me morder, bateu na roda da direção. Saí dali depressa e num movimento só subi pelo capô e para a capota. Estava todo arrepiado.

Abri a porta do lado direito. Pedi a Dona Soledad para dar-me o pau comprido e com ele empurrei a alavanca que soltava o encosto da posição vertical. Imaginei que se eu mexesse com o cachorro, ele o empurraria para a frente, tendo espaço suficiente para sair do carro. Mas ele não se mexeu. Em vez disso, mordeu o pau furiosamente.

Naquele momento Dona Soledad saltou para cima da capota e deitou-se ao meu lado. Queria ajudar-me a mexer com o cão. Eu lhe

disse que não podia ficar ali em cima da capota, pois quando o cachorro saísse eu ia entrar no carro e partir. Agradei sua ajuda e disse-lhe que voltasse para dentro da casa. Ela deu de ombros, saltou ao chão e voltou para junto da porta. Tornei a empurrar a alavanca e com meu boné mexi com o cachorro. Agitei-o em volta dos olhos dele, defronte do fochinho. A fúria do cão ultrapassava qualquer coisa que eu tivesse visto, mas ele não quis sair do lugar. Por fim suas mandíbulas maciças arrancaram o pau de minhas mãos. Desci para pegar o pau debaixo do carro. De repente ouvi Dona Soledad gritando.

— Cuidado! Ele está saindo!

Olhei para o carro. O cão estava-se espremendo por cima do assento. Ele tinha prendido as patas traseiras na roda da direção; a não ser isso, estava quase de fora.

Corri para a casa e entrei a tempo de escapar de ser derrubado por aquele animal, que avançou com tanta violência que se chocou contra a porta.

Trancando a porta com a barra de ferro, Dona Soledad disse, num cacarejo:

— Eu lhe disse que não adiantava.

Ela pigarreou e virou-se para mim.

— Pode amarrar o cão com uma corda? — perguntei.

Eu tinha certeza de que ela ia me dar uma resposta idiota, mas, para espanto meu, ela disse que devíamos experimentar tudo, até mesmo atrair o cão para dentro de casa e prendê-lo ali.

Essa idéia me agradou. Com cuidado, abri a porta da frente. O cão não estava mais ali. Aventurei-me mais um pouco. Nem sinal dele. Minha esperança era que o cão tivesse voltado para o curral. Eu ia esperar mais um pouco antes de dar uma corrida para o carro, quando ouvi uma rosnadela profunda e vi a cabeça maciça do animal dentro do meu carro. Ele tinha voltado para o banco dianteiro.

Dona Soledad tinha razão; era inútil tentar. Uma onda de tristeza envolveu-me. Não sei como, eu sabia que o meu fim estava próximo. Num acesso de desespero puro, eu disse a Dona Soledad que ia pegar uma faca da cozinha e ia matar o cachorro, ou ser morto por ele, e teria feito isso mesmo, não fosse o fato de não existir um único objeto de metal em toda a casa.

— O Nagual não lhe ensinou a aceitar o seu destino? — perguntou Dona Soledad, andando atrás de mim. — Aquele lá não é um cão comum. Aquele cão tem poder. É um guerreiro. Fará o que tem de fazer. Até mesmo matá-lo.

Tive um momento de frustração incontrolável e agarrei-a pelos ombros, grunhindo. Não pareceu ficar surpreendida nem afetada pelo meu repente. Virou-se de costas para mim e deixou o xale cair ao chão. As costas dela eram muito fortes e bonitas. Senti uma vontade

irresistível de bater nela, mas em vez disso passei minha mão pelos seus ombros. A pele era suave e macia. Os braços e ombros eram musculosos sem serem grandes. Parecia ter uma camada mínima de gordura que torneava os músculos e dava ao seu torso o aspecto de lisura e, no entanto, quando eu empurrava qualquer parte daquele corpo com as pontas dos dedos, sentia a dureza de músculos invisíveis sob a superfície lisa. Eu não queria olhar para os seus seios.

Ela foi até uma área coberta e aberta nos fundos da casa, que servia de cozinha. Eu a acompanhei. Sentou-se num banco e calmamente lavou os pés num balde. Enquanto calçava as sandálias, fui, muito atemorizado, até uma nova privada que tinha sido construída nos fundos. Ela estava junto à porta, quando saí.

— Você gosta de falar — disse com naturalidade, levando-me para o seu quarto. — Não há pressa. Agora podemos falar para sempre.

Pegou o meu bloco de cima da cômoda, onde ela mesma devia tê-lo colocado, e entregou-mo, com um cuidado exagerado. Depois puxou a colcha, dobrando-a com esmero e colocando-a sobre a mesma cômoda. Reparei então que as duas cômodas tinham a mesma cor das paredes, de um branco amarelado, e a cama sem a colcha era de um vermelho rosado, mais ou menos da cor do chão. A colcha, por outro lado, era marrom-escuro, como a madeira do teto e os painéis de madeira nas janelas.

— Vamos conversar — disse, sentando-se comodamente na cama, depois de ter tirado as sandálias.

Dobrou os joelhos, encostando-os aos seios nus. Parecia uma mocinha. Sua atitude agressiva e dominadora se abrandara, transformando-se em encanto. Naquele momento era a antítese do que tinha sido antes. Tive de rir, ao ver como estava insistindo para eu esquecer. Fazia lembrar Dom Juan.

— Agora temos tempo — disse. — O vento mudou. Não reparou?

Eu tinha reparado. Ela declarou que a nova direção do vento era a sua própria direção benéfica e assim o vento se tornara seu ajudante.

— O que sabe sobre o vento, Dona Soledad? — perguntei, enquanto me sentava calmamente ao pé da sua cama.

— Somente o que o Nagual me ensinou — respondeu. — Cada uma de nós, mulheres, tem uma direção especial, um vento especial. Os homens não. Eu sou o vento do norte; quando ele sopra, sou diferente. O Nagual disse que uma guerreira pode usar o seu vento especial para o que bem entender. Eu o usei para aprimorar o meu corpo e refazê-lo. Olhe para mim! Sou o vento do norte. Sinta-me entrando pela janela.

Um vento forte soprava pela janela, que estava colocada estrategicamente dando para o norte.

— Por que você acha que os homens não têm um vento? — perguntei.

Ela pensou um pouco e depois respondeu que o Nagual nunca dissera por quê.

— Você queria saber quem fez este piso — disse, envolvendo os ombros no cobertor. — Eu mesma o fiz. Levei quatro anos para colocá-lo. Agora este piso é como eu.

Enquanto falava, notei que as linhas convergentes no piso eram orientadas de forma a se originarem no norte. O quarto, porém, não estava num alinhamento perfeito com os pontos cardeais; assim, a sua cama estava em ângulos estranhos com as paredes, bem como as linhas das lajotas de argila.

— Por que fez o piso vermelho, Dona Soledad?

— É a minha cor. Sou vermelha, como a terra vermelha. Consegui a argila vermelha nas montanhas aqui em volta. O Nagual me disse onde devia procurar e também me ajudou a carregá-la, como todo mundo. Todos me ajudaram.

— Como é que levou a argila ao fogo?

— O Nagual mandou que eu cavasse um poço. Nós o enchemos de lenha e depois empilhamos as lajotas de argila com pedaços de pedras chatas entre elas. Fechei o poço com uma tampa de terra e arame e ateei fogo à lenha. Ardeu vários dias.

— Como fez para as lajotas não entortarem?

— Não fiz nada. Foi o vento, o vento do norte que soprou enquanto ardia o fogo. O Nagual me ensinou a cavar o poço de modo a ficar de frente para o norte e o vento do norte. Também me fez deixar quatro buracos por onde o vento do norte soprava no poço. Depois mandou que eu deixasse um buraco no centro da tampa, para deixar a fumaça sair. O vento fez a lenha arder vários dias; depois que o poço esfriou, eu o abri e comeci a polir e a igualar as lajotas. Levei um ano para fazer lajotas que chegassem para terminar o meu piso.

— Como é que você inventou o desenho?

— Foi o vento que me ensinou isso. Quando fiz o meu piso o Nagual já me havia ensinado a não resistir ao vento. Tinha-me ensinado a ceder ao vento e a deixar que ele me guiasse. Ele levou muito tempo para conseguir isso, anos e anos. A princípio eu era uma velha muito difícil e tola; ele mesmo me disse isso, e tinha razão. Mas aprendi muito depressa. Talvez porque eu seja velha e não tenha mais nada a perder. No princípio, o que tornava tudo ainda mais difícil para mim era o medo que eu tinha. Só a presença do Nagual me fazia gaguejar e desmaiar. O Nagual tinha o mesmo efeito sobre todo mundo. Era o destino dele ser tão temível.

Parou de falar e olhou para mim fixamente.

— O Nagual não é humano — disse.

— O que a leva a dizer isso?

— O Nagual é um demônio de nem sei que época.

Suas palavras me fizeram gelar. Sentí meu coração batendo descompassadamente. Ela certamente não podia ter encontrado melhor platéia. Eu estava incrivelmente interessado. Supliquei-lhe que explicasse o que queria dizer com aquilo.

— O toque dele modificava as pessoas — disse ela. — Você sabe disso. Ele modificou o seu corpo. No seu caso, você nem sabia que ele estava fazendo isso. Mas ele penetrou no seu velho corpo. Pôs alguma coisa nele. Fez a mesma coisa comigo. Deixou alguma coisa dentro de mim e essa coisa tomou conta. Só um demônio pode fazer isso. Hoje sou o vento do norte e não temo nada nem ninguém. Mas antes dele me modificar eu era uma velha fraca e feia que desmaiava só de ouvir falar no nome dele. Pablito, naturalmente, não me ajudou em nada pois tinha mais medo do Nagual do que da própria morte.

“Um dia o Nagual e Genaro vieram aqui em casa, quando eu estava sozinha. Eu os ouvi à porta, rondando que nem onças. Eu me persignei; para mim, eram dois demônios, mas saí para saber o que podia fazer por eles. Estavam com fome e de boa vontade preparei-lhes comida. Eu tinha umas tigelas grossas, feitas de cabacas, e dei uma tigela de sopa a cada um. O Nagual não pareceu apreciar a comida, não queria comer comida preparada por uma mulher tão fraca e fingiu ser estabonado e derrubou a tigela de cima da mesa com o braço. Mas a tigela, em vez de virar e derramar tudo pelo chão, escoregou com a força do golpe do Nagual e caiu aos meus pés, sem derramar uma gota. A tigela caiu bem sobre o meu pé e ficou ali até eu me abaixar e apanhá-la. Eu a pus em cima da mesa defronte dele e lhe disse que, embora eu fosse uma mulher fraca, que sempre o temera, a minha comida tinha bons sentimentos.

“Desde aquele momento o Nagual mudou para comigo. O fato da tigela de sopa ter caído no meu pé e não ter derramado nada provou-lhe que o poder estava-me apontando para ele. Naquela ocasião eu não sabia disso e achei que ele mudou comigo porque tinha vergonha de ter recusado a minha comida. Não dei importância à mudança dele. Continuava apavorada e não conseguia encará-lo. Mas ele começou a me dar cada vez mais atenção. Até me trazia presente: um xale, um vestido, um pente e outras coisas. Isso me deixava num estado horrível. Eu ficava envergonhada porque achava que ele era um homem procurando uma mulher. O Nagual tinha moças, o que havia de querer com uma velha como eu? A princípio eu não queria usar, nem mesmo olhar para os seus presentes, mas Pablito me convenceu e comecei a usá-los. Também comecei a ter ainda mais medo dele e não

queria ficar sozinha com ele. Eu sabia que era um homem diabólico. Sabia o que tinha feito com sua mulher.

Senti-me forçado a interrompê-la. Disse-lhe que nunca soubera de uma mulher na vida de Dom Juan.

— Você sabe a quem me refiro — disse ela.

— Acredite, Dona Soledad, não sei não.

— Não me venha com essa. Sabe que me estou referindo à Gorda.

A única chamada “Gorda” que eu conhecia era a irmã de Pablito, pequena imensamente gorda, que tinha apelido de Gorda. Eu tinha a impressão, se bem que ninguém nunca tivesse falado nisso, que ela não era realmente filha de Dona Soledad. Eu não quis insistir mais e de repente lembrei-me de que a pequena gorda desaparecera da casa e ninguém sabia ou tinha coragem de me contar o que lhe acontecera.

— Um dia eu estava sozinha na frente da casa — continuou Dona Soledad. — Estava penteando o meu cabelo ao sol com o pente que o Nagual me deu; não sabia que ele tinha chegado e que estava ali atrás de mim. De repente senti suas mãos me agarrando pelo queixo. Ouvi que ele dizia, bem baixinho, que eu não me movesse, pois podia quebrar o pescoço. Ele torceu minha cabeça para a esquerda. Não toda, mas um pouco. Fiquei muito assustada e gritei e tentei escapar das suas mãos, mas ele ficou segurando a minha cabeça com firmeza por muito, muito tempo.

“Quando ele largou o meu queixo, desmaiei. Não me lembro do que aconteceu depois. Quando acordei, estava deitada no chão, bem aqui onde estou sentada agora. O Nagual tinha sumido. Eu estava tão envergonhada que não queria ver ninguém, especialmente a Gorda. Durante muito tempo cheguei a pensar que o Nagual nem torcera o meu pescoço e que eu tivera um pesadelo.

Ela parou. Eu esperei para ter uma explicação do que acontecera. Ela parecia estar aturdida, talvez pensativa.

— O que aconteceu, exatamente, Dona Soledad? — perguntei, sem poder me conter. — Ele lhe fez alguma coisa?

— Fez. Ele torceu meu pescoço a fim de mudar a direção de meus olhos. — Disse, e riu alto, diante de meu ar de espanto.

— Quero dizer, ele...?

— Sim. Ele mudou a minha direção — continuou, sem ligar para as minhas insinuações. — Fez isso com você e com todos os outros.

— Isso é verdade. Fez isso comigo. Mas por que acha que ele fazia isso?

— Tinha de fazer. É a coisa mais importante a fazer.

Ela se referia a um ato especial que Dom Juan considerara absolutamente necessário. Eu nunca falara a respeito com ninguém.

Para dizer a verdade, quase me esquecera dele. No princípio do meu aprendizado, um dia, fez duas pequenas fogueiras nas montanhas do norte do México. Havia uma distância talvez de uns seis metros entre elas. Ele me mandou ficar também a seis metros delas, com o corpo, e especialmente a cabeça, numa posição bem descontraída e natural. Depois mandou que eu olhasse para uma das fogueiras, e, indo por trás, torceu meu pescoço para a esquerda e alinhou os meus olhos, mas não os meus ombros, com a outra fogueira. Segurei minha cabeça naquela posição durante horas, até o fogo apagar-se. A nova direção era o sudeste, ou melhor, ele alinhara a segunda fogueira numa direção sudeste. Eu considerara aquilo tudo como uma das peculiaridades inescrutáveis de Dom Juan, um de seus ritos malucos.

— O Nagual disse que todos nós, em nossas vidas, criamos uma direção na qual olhamos — continuou ela. — Essa se torna a direção dos olhos do espírito. Com os anos, essa direção torna-se gasta com o uso, fraca e desagradável e, como estamos presos àquela determinada direção, também nós nos tornamos fracos e desagradáveis. No dia em que o Nagual torceu meu pescoço e segurou-o até eu desmaiar, ele me deu uma nova direção.

— Que direção ele lhe deu?

— Por que você pergunta isso? — exclamou, com uma violência desnecessária. — Você acha que talvez o Nagual me tenha dado uma direção diferente?

— Eu posso dizer-lhe a direção que ele me deu — disse eu.

— Não importa — retrucou, bruscamente. — Ele mesmo me contou isso.

Ela parecia agitada. Mudou de posição e deitou-se de bruços. Minhas costas estavam doendo, de tanto escrever. Perguntei se eu podia sentar-me no chão dela e usar a cama como mesa. Ela se levantou e deu-me a colcha para usar como almofada.

— O que mais o Nagual lhe disse? — perguntei.

— Depois de mudar a minha direção o Nagual começou mesmo a me falar sobre o poder — disse ela, tornando a deitar-se. — A princípio falou nas coisas de uma maneira displicente, pois não sabia exatamente o que fazer comigo. Um dia me levou para dar uma curta caminhada pelas *sierras*. E outro dia ele me levou de ônibus para visitar sua terra, no deserto.

“Pouco a pouco, fui-me acostumando a partir com ele.

— Ele, algum dia, lhe deu as plantas do poder?

— Ele me deu Mescalito, um dia em que estávamos no deserto. Mas como eu era uma mulher vazia, Mescalito recusou-me. Tive um encontro horrível com ele. Foi aí que o Nagual viu que, em vez disso, tinha de me fazer conhecer o vento. Isso aconteceu, claro, depois que ele teve um presságio. Naquele dia ele tinha dito e repetido que, em-

bora fosse feiticeiro, e tivesse aprendido a ver, se não tivesse um presságio não tinha meio de saber que caminho tomar. Havia dias que estava esperando uma certa indicação a meu respeito. Mas o poder não queria dá-la. Em desespero de causa, imagino, apresentou-me ao seu *guaje* e vi Mescalito.

Eu a interrompi. A palavra que usou, *guaje*, cabaça, me deixava confuso. Examinada no contexto do que me estava contando, a palavra não tinha sentido. Achei que talvez estivesse falando por metáforas, ou que cabaça fosse um eufemismo.

— O que é um *guaje*, Dona Soledad?

O seu olhar denotou espanto. Ela pensou antes de responder.

— Mescalito é o *guaje* do Nagual — disse por fim.

Essa resposta me deixou ainda mais confuso. Eu estava vexado com o fato de que ela parecia sinceramente interessada em fazer sentido para mim. Quando pedi que explicasse mais detalhadamente, insistiu que eu já sabia de tudo. Era esse o estratagema predileto de Dom Juan para esquivar-se às minhas indagações. Eu lhe disse que Dom Juan me informara que Mescalito era uma divindade, ou uma força contida nos botões de peiete. Dizer que Mescalito era a sua cabaça não fazia sentido nenhum.

— O Nagual pode fazer você conhecer qualquer coisa por meio da sua cabaça — disse ela, depois de uma pausa. — É essa a chave para o poder dele. Qualquer pessoa pode dar-lhe peiete, mas somente um feiticeiro, por meio de sua cabaça, pode fazer você conhecer Mescalito.

Ela parou de falar e fitou-me. Seu olhar era feroz.

— Por que tem de me fazer repetir o que já sabe? — perguntou zangada.

Fiquei completamente abalado com aquela mudança repentina. Um momento antes ela estava quase doce.

— Não se importe com minhas mudanças de estado de espírito — disse ela, sorrindo de novo. — Sou o vento norte. Sou muito impaciente. Toda a minha vida, nunca tive coragem de dizer o que pensava. Hoje, não temo a ninguém. Digo o que sinto. Para encontrar-se comigo você tem de ser forte.

Ela escorregou para perto de mim, sobre a barriga.

— Pois bem, o Nagual me fez conhecer o Mescalito que saiu da cabaça dele — continuou. — Mas não podia adivinhar o que ia acontecer comigo. Esperava alguma coisa como o seu encontro ou o de Elígio com Mescalito. Em ambos os casos, ele não sabia o que fazer e deixou que a cabaça resolvesse o que fazer depois. Em ambos os casos, a cabaça ajudou-o. Comigo foi diferente: Mescalito disse-lhe que ele nunca me levasse lá. O Nagual e eu saímos daquele lugar a toda pressa. Fomos para o norte, em vez de voltar para casa. Tomamos um

ônibus para ir a Mexicali, mas saltamos no meio do deserto. Era muito tarde. O Sol se punha por trás das montanhas. O Nagual queria atravessar a estrada e seguir para o sul a pé. Estávamos esperando passarem uns carros em alta velocidade, quando, de repente, ele bateu no meu ombro e apontou para a estrada adiante de nós. Vi uma espiral de poeira. Uma rajada de vento estava levantando o pó ao lado da estrada. Ficamos olhando enquanto ela se aproximava de nós. O Nagual atravessou a estrada correndo e o vento envolveu-me. Chegou a fazer-me girar, muito suavemente, e depois desapareceu. Era esse o presságio que o Nagual estava esperando. Dali em diante íamos para as montanhas ou o deserto a fim de procurar o vento. A princípio o vento não gostou de mim, porque eu era o meu ser antigo. Por isso o Nagual procurou modificar-me. Primeiro, ele me fez construir esse quarto e esse piso. Depois obrigou-me a usar roupas novas e dormir num colchão em vez de uma esteira de palha. Obrigou-me a usar sapatos e ter gavetas cheias de roupas. Obrigou-me a andar centenas de quilômetros e ensinou-me a ser sossegada. Aprendi muito depressa. Também me fez fazer coisas estranhas, sem motivo algum.

“Um dia, quando estávamos nas montanhas da terra dele, escutei o vento pela primeira vez. Ele foi diretamente ao meu ventre. Eu estava deitada em cima de uma pedra chata e o vento rodopiava em volta de mim. Eu já o tinha visto aquele dia, rodopiando em volta dos arbustos, mas dessa vez ele passou sobre mim e parou. Parecia um pássaro que tivesse pousado na minha barriga. O Nagual mandara que eu tirasse toda a minha roupa; eu estava completamente nua mas não estava com frio porque o vento me esquentava.

— Teve medo, Dona Soledad?

— Medo? Fiquei apavorada. O vento parecia ter vida; lambeu-me da cabeça aos pés. E depois entrou em meu corpo todo. Eu parecia um balão, e o vento saía pelos meus ouvidos e minha boca e outras partes que não quero mencionar. Pensei morrer, e teria fugido, se o Nagual não se me segurasse presa à pedra. Ele falou comigo em meu ouvido e me acalmou. Fiquei deitada ali, quieta, deixando o vento fazer o que quisesse comigo. Foi aí que o vento me disse o que fazer.

— O que fazer com o quê?

— Com minha vida, minhas coisas, meu quarto, meus sentimentos. A princípio não estava claro. Eu pensei que era eu, pensando. O Nagual disse que todos nós fazemos isso. Mas quando ficamos quietos, percebemos que é outra coisa nos contando as coisas.

— Você ouviu uma voz?

— Não. O vento move-se dentro do corpo de uma mulher. O Nagual diz que é assim porque as mulheres têm útero. Uma vez dentro do útero, o vento nos pega e diz para fazermos as coisas. Quanto

mais sossegada e descontraída a mulher, melhores os resultados. Pode-se dizer que de repente a mulher começa a fazer coisas que não sabia absolutamente fazer.

— Desde aquele dia, o vento passou a vir a mim todo o tempo. Falava-me em meu útero e me dizia tudo o que eu queria saber. O Nagual viu desde o princípio que eu era o vento norte. Os outros ventos nunca me falaram assim, se bem que eu tivesse aprendido a distingui-los.

— Quantos tipos de vento existem?

— Há quatro ventos, assim como há quatro direções. Isso, claro, é para os feiticeiros e o que fazem os feiticeiros. Quatro para eles é um número de poder. O primeiro vento é a brisa, a manhã. Traz a esperança e a luz: é o arauto do dia. Vem e vai e entra em tudo. Às vezes é suave e passa despercebido; outras vezes é insistente e aborrecido.

“Outro vento é o vento duro, ou quente ou frio, ou ambos. Um vento do meio-dia. Soprando cheio de energia mas também cheio de cegueira. Passa através das portas e derruba paredes. Um feiticeiro tem de ser muito forte para lidar com o vento duro.

“Depois temos o vento frio da tarde. Triste e difícil. Um vento que nunca quer nos deixar em paz. Esfria a pessoa a faz chorar. O Nagual disse que ele tem tal profundidade, porém, que vale bem a pena procurá-lo.

“E por fim há o vento quente. Aquece e protege e envolve tudo. É um vento da noite para os feiticeiros. O poder dele anda junto com as trevas.

“São esses os quatro ventos. Também estão ligados aos quatro pontos cardeais. A brisa é o leste. O vento frio é o oeste. O vento duro é o norte. O quente é o sul.

Os quatro ventos também têm personalidades. A brisa é alegre, insinuante e astuta. O vento frio é temperamental, melancólico e sempre pensativo. O vento quente é feliz, largado e saltitante. O vento duro é enérgico, dominador e impaciente.

— O Nagual me disse que os quatro ventos são mulheres. É por isso que as guerreiras os procuram. Os ventos e as mulheres são iguais. É por isso também que as mulheres são melhores do que os homens. Eu diria que as mulheres aprendem mais depressa quando se agarram a seu vento específico.

— Como é que a mulher pode saber qual o seu vento específico?

— Se a mulher sossega e não fica falando consigo, o vento dela a apanhará, assim.

Ela fez um gesto de quem agarra.

— Ela tem de ficar deitada nua?

— Isso ajuda. Especialmente se for encabulada. Eu era uma velha gorda. Nunca tinha tirado a roupa na vida. Dormia vestida e quando tomava banho ficava sempre de combinação. Para mim,

mostrar o meu corpo gordo ao vento foi como morrer. O Nagual sabia disso e aproveitou-se disso ao máximo. Ele conhecia a amizade entre as mulheres e o vento, mas apresentou-me a Mescalito porque eu o confundia.

“Depois de ter virado a minha cabeça naquele primeiro dia terrível, o Nagual viu-se às voltas comigo. Ele me disse que não tinha idéia do que faria comigo. Mas uma coisa era certa, não queria uma velha gorda metendo-se com o seu mundo. O Nagual me disse que sentia por mim o mesmo que sentia em relação a você. Ficava confundido. Nenhum de nós devia estar aqui. Você não é índio e eu sou uma vaca velha. A bem dizer, somos ambos inúteis. E olhe para nós. Alguma coisa deve ter acontecido.

“Uma mulher, claro, é muito mais flexível do que um homem. A mulher se modifica muito facilmente, com o poder de um feiticeiro. Especialmente com o poder de um feiticeiro como o Nagual. Um aprendiz homem, segundo o Nagual, é extremamente difícil. Por exemplo, você mesmo não mudou tanto quanto a Gorda, e ela começou o aprendizado bem depois de você. A mulher é mais delicada e mais mole, e acima de tudo a mulher é como uma cabaça, ela recebe. Mas, não sei por que, o homem consegue maior poder. Mas o Nagual nunca concordou com isso. Ele acha que as mulheres são inigualáveis, o máximo. Também acreditava que eu achava que os homens eram melhores só porque eu era uma mulher vazia. Ele deve ter razão. Estive vazia tanto tempo que nem me lembro como é estar completa. O Nagual disse que se algum dia eu ficar completa, eu mudarei de idéia. Mas se ele tivesse razão, a sua Gorda teria tido o mesmo êxito que Elígio, e, como você sabe, não teve.

Não consegui acompanhar a sua narração devido à suposição tácita de parte dela que eu soubesse a que se referia. Nesse caso, eu não tinha idéia do que Elígio ou a Gorda tivessem feito.

— De que modo a Gorda foi diferente de Elígio? — perguntei.

Olhou-me um instante como se medisse alguma coisa em mim. Depois sentou-se com os joelhos junto ao peito.

— O Nagual me contava tudo — disse, bruscamente. — O Nagual não tinha segredos para mim. Elígio era o melhor; é por isso que ele não está no mundo agora. Não voltou. Aliás, era tão bom que não teve de saltar de um precipício quando terminou o aprendizado. Era como Genaro; um dia, quando estava trabalhando no campo, alguma coisa veio até ele e o levou embora. Ele sabia como soltar-se.

Tive vontade de perguntar-lhe se eu tinha realmente saltado num abismo. Pensei um pouco, antes de formular a minha pergunta. Afinal, eu tinha ido ali procurar Nestor e Pablito a fim de esclarecer esse ponto. Qualquer informação que eu conseguisse sobre o assunto

de parte de qualquer pessoa medida no mundo de Dom Juan seria uma vantagem para mim.

Riu-se, como eu antecipara.

— Quer dizer que você nem sabe o que fez? — perguntou.

— É muito rebuscado para ser verdade — disse eu.

— Aquele é o mundo do Nagual, certamente. Nada ali é real. Ele mesmo me disse para não acreditar em nada. Ainda assim, os aprendizes têm de saltar. A não ser que sejam realmente magníficos, como Elígio.

“O Nagual nos levou, a mim e a Gorda, àquela montanha, e nos mandou olhar para o sopé. Lá, ele nos mostrou o tipo de Nagual voador que ele é. Mas somente a Gorda podia acompanhá-lo. Também ela queria saltar no abismo. O Nagual lhe disse que era inútil. Disse que as guerreiras têm de fazer coisas mais dolorosas e mais difíceis do que isso. Também nos disse que o salto era só para vocês quatro. E foi isso que aconteceu, vocês quatro saltaram.

Ela esclareceu que nós quatro saltamos, mas eu só sabia que Pablito e eu tínhamos feito isso. À luz do que ela dizia, imaginei que Dom Juan e Dom Genaro deviam ter-nos seguido. Isso não me pareceu estranho; era agradável e comovente.

— De que é que você está falando? — perguntou, depois que eu disse o que estava pensando. — Eu me referia a você e os três aprendizes de Genaro. Você, Pablito e Nestor saltaram no mesmo dia.

— Quem é o outro aprendiz de Dom Genaro? Só conheço Pablito e Nestor.

— Quer dizer que não sabia que Benigno era aprendiz de Genaro?

— Não sabia, não.

— Ele era o aprendiz mais velho de Genaro. Saltou antes de você e saltou sozinho.

Benigno era um dos cinco rapazes índios que encontrei um dia, quando vagava pelo deserto de Sonora com Dom Juan. Estavam à procura de objetos de poder. Dom Juan me disse que todos eram aprendizes de feiticeiro. Fiz uma amizade especial com Benigno nas poucas ocasiões em que estive com ele, depois daquele dia. Era do sul do México. Gostei muito dele. Por algum motivo desconhecido, parecia ter prazer em fazer um mistério sobre a sua vida privada. Nunca consegui descobrir quem ele era nem o que fazia. Todas as vezes que eu conversava com ele, confundia-me com a candura com que se esquivava às minhas indagações. Um dia Dom Juan deu umas informações sobre Benigno e disse que ele tinha tido muita sorte em ter encontrado um mestre e benfeitor. Considerei essas palavras como frases naturais que não significavam muita coisa. Dona Soledad esclareceu um mistério de dez anos para mim.

— Por que acha que Dom Juan nunca me contou nada sobre Benigno?

— Quem sabe lá? Deve ter tido algum motivo. O Nagual nunca fazia nada sem pensar.

Tive de encostar minhas costas doloridas contra sua cama, antes de recomeçar a escrever.

— O que aconteceu com Benigno?

— Está indo bem. Talvez esteja melhor do que qualquer outra pessoa. Você vai vê-lo. Está com Pablito e Nestor. No momento, eles são inseparáveis. A marca de Genaro está sobre eles. O mesmo aconteceu com as minhas pequenas: são inseparáveis porque a marca do Nagual está sobre elas.

Tive de interrompê-lo de novo para pedir que explicasse a que pequenas se referia.

— Minhas pequenas — disse.

— Suas filhas? Quero dizer, as irmãs de Pablito?

— Não são irmãs de Pablito. São aprendizes do Nagual.

Essa declaração me chocou. Desde que eu conhecera Pablito, anos antes, tinha suposto que as quatro moças que moravam em sua casa eram suas irmãs. O próprio Dom Juan me dissera isso. De repente voltei a ter a sensação de desânimo que sentira a tarde toda. Dona Soledad não era de confiança: estava tramando alguma coisa. Eu tinha certeza de que Dom Juan não podia, de modo algum, ter-me enganado a tal ponto.

Dona Soledad examinou-me com uma curiosidade sincera.

— O vento acaba de me dizer que você não está acreditando no que lhe disse — falou, e riu-se.

— O vento tem razão — disse eu, secamente.

— As moças que você viu esses anos todos são do Nagual. Eram suas aprendizes. Agora que o Nagual se foi, elas são o próprio Nagual. Mas também são minhas pequenas. Minhas!

— Quer dizer que você não é mãe de Pablito e elas são suas filhas, de verdade?

— Quero dizer que são minhas. O Nagual deu-as para mim, para proteger. Você está sempre errado porque depende das palavras para explicar tudo. Como sou a mãe de Pablito e você ouviu dizer que elas eram minhas meninas, imaginou que devem ser irmãos. As meninas são os meus verdadeiros bebês. Pablito, embora seja o filho que saiu do meu ventre, é meu inimigo mortal.

Minha reação às suas palavras foi um misto de revolta e raiva. Achei que ela era não só uma mulher degenerada, mas também perigosa. De algum modo, uma parte do meu ser sabia disso desde o momento de minha chegada.

Ficou olhando para mim por muito tempo. A fim de não ter de olhar para ela, tornei a sentar-me sobre a colcha.

— O Nagual me avisou sobre a sua esquisitice — disse ela, de repente — mas eu não conseguia entender o que ele queria dizer. Agora eu sei. Ele me disse para ter cuidado e não irritá-lo, porque você é violento. Sinto muito se não tive o cuidado devido. Ele disse ainda que, enquanto você puder escrever, pode ir até ao inferno e nem sentir nada. Não o tenho aborrecido, nesse respeito. Depois ele me disse que você é desconfiado porque as palavras o emaranham. Também nesse ponto não o tenho aborrecido. Tenho falado à beça, procurando não emaranhá-lo.

Havia uma acusação muda no seu tom. Senti-me de certo modo constrangido, por estar aborrecido com ela.

— O que você me diz é muito difícil de crer — disse eu. — Ou você ou Dom Juan me mentiram tremendamente.

— Nenhum de nós mentiu. Você só compreende o que deseja compreender. O Nagual disse que isso é uma condição do seu vazio.

— As meninas são filhas do Nagual, assim como você e Elígio são seus filhos. Ele fez seis filhos, quatro mulheres e dois homens. Genaro fez três homens. São nove ao todo. Um deles, Elígio, já se realizou, de modo que agora cabe a vocês oito tentarem.

— Para aonde foi Elígio?

— Foi juntar-se ao Nagual e a Genaro.

— E para onde foram o Nagual e Genaro?

— Você sabe para onde eles foram. Está brincando comigo, não está?

— Mas aí é que está, Dona Soledad. Não estou brincando.

— Então vou-lhe dizer. Não lhe posso negar nada. O Nagual e Genaro voltaram para o mesmo lugar de onde vieram, para o outro mundo. Quando chegou o seu momento, eles simplesmente foram para as trevas, lá, e como não quiseram voltar, a escuridão da noite absorveu-os.

Achei que seria inútil sondá-la mais. Estava disposto a mudar de assunto, mas ela falou primeiro.

— Você avistou o outro mundo quando saltou — continuou. — Mas talvez o salto o tenha deixado confuso. Uma pena. Não há nada que ninguém possa fazer a respeito. É seu destino ser homem. As mulheres são melhores do que os homens, nesse sentido. Não têm de saltar num abismo. As mulheres têm suas coisas próprias. Têm o seu próprio abismo. As mulheres têm a menstruação. O Nagual me disse que essa era a porta para elas. Durante a menstruação, elas se tornam outra coisa. Sei que era nessas ocasiões que ele ensinava às minhas meninas. Já era muito tarde para mim; sou velha demais, de modo que não sei mesmo como é essa porta. Mas o Nagual insistia para que

as meninas prestassem atenção a tudo quanto lhes acontecesse naquele período. Nesses dias, ele as levava às montanhas e ficava com elas até que vissem a fresta entre os mundos.

“O Nagual como não tinha escrúpulos nem medo de fazer coisa alguma, tocava-as sem piedade, para elas poderem descobrir que existe uma fresta nas mulheres, uma fresta que elas disfarçam muito bem. Durante a menstruação, por melhor que seja o disfarce, ele cai e as mulheres ficam despidas. O Nagual tocou as minhas meninas até elas ficarem meio mortas, para abrirem aquela fresta. E elas o conseguiram. Ele as obrigou a isso, mas levaram anos.

— Como é que se tornaram aprendizes?

— Lídia foi a primeira aprendiz. Ele a encontrou um dia de manhã, quando ele parou numa cabana desmantelada nas montanhas. O Nagual me disse que não havia ninguém à vista, e no entanto os presságios o estavam mandando àquela casa desde de manhã cedo. A brisa o aborrecia muito. Ele disse que nem conseguia abrir os olhos, cada vez que tentava afastar-se daquele lugar. Portanto, quando encontrou a casinha, sabia que havia alguma coisa ali. Procurou debaixo de um monte de palha e gravetos e encontrou uma menina. Ela estava muito mal. Quase não conseguia falar, mas assim mesmo disse a ele que não precisava da ajuda de ninguém. Ia continuar a dormir ali e se ela não acordasse nunca mais ninguém perderia nada. O Nagual gostou do espírito da menina e falou-lhe na sua língua. Disse que ia curá-la e tomar conta dela até se restabelecer. Ela recusou. Era uma índia, que só conhecera privações e dor. Disse ao Nagual que já tinha tomado todos os remédios que os pais lhe deram e que nada adiantava.

“Quanto mais ela falava, mais o Nagual entendia que o presságio a apontara para ele de uma maneira muito especial. O presságio mais parecia uma ordem.

“O Nagual pegou a menina e carregou-a nos ombros, como uma criança, e levou-a à casa de Genaro. Genaro preparou-lhe uns remédios. Ela nem podia mais abrir os olhos. As pálpebras estavam grudadas. Estavam inchadas e tinham uma crosta amarela. Estavam supurando. O Nagual cuidou dela até estar bem. Contratou-me para tomar conta dela e cozinhar para ela. Ajudei-a a ficar boa com as minhas comidas. Ela é o meu primeiro bebê. Quando sarou, e isso levou quase um ano, o Nagual queria levá-la de volta aos pais, mas a menina não quis e foi embora com ele.

“Pouco depois dele encontrar Lídia, enquanto ainda estava doente, e eu tratando dela, o Nagual encontrou você. Você lhe foi levado por um homem que ele nunca tinha visto na vida. O Nagual viu que a morte do homem estava pairando sobre a cabeça dele, e achou muito estranho que o homem apontasse você para ele numa ocasião

daquelas. Você fez o Nagual rir e na mesma hora o Nagual preparou uma prova para você. Ele não o levou, mas disse que você fosse procurá-lo. Desde então tem feito você passar por provas como nenhuma outra pessoa passou. Disse que era esse o seu caminho.

“Durante três anos ele só teve dois aprendizes, Lídia e você. Depois, um dia, quando estava visitando Vicente, um curandeiro do norte, seu amigo, umas pessoas levaram lá uma menina maluca, que só fazia chorar. As pessoas pensaram que o Nagual era Vicente e entregaram-lhe a menina. O Nagual disse-me que a menina correu para ele e agarrou-se a ele como se o conhecesse. O Nagual disse aos pais dela que tinham de deixá-la com ele. Eles estavam preocupados com o custo, mas o Nagual garantiu-lhes que seria de graça. Imagino que a pequena desse tanto trabalho que eles não se importaram de se livrar dela.

“O Nagual trouxe-a para a minha casa. Foi um inferno! Ela era maluca mesmo. Era a Josefina. O Nagual levou anos para curá-la. Mas ainda hoje ela é maluca de pedra. Naturalmente, tinha loucura pelo Nagual e houve uma briga tremenda entre Lídia e Josefina. Elas se odiavam. Mas eu gostava das duas. Mas o Nagual, ao ver que as duas não se davam, foi muito enérgico com elas. Como você sabe, o Nagual não pode ficar zangado com ninguém. De modo que ele as apavorou. Um dia Lídia ficou furiosa e foi embora. Tinha resolvido arranjar um marido. No caminho, encontrou um pintinho. Tinha acabado de sair do ovo e estava perdido no meio da estrada. Lídia apanhou-o, e como estava num lugar deserto, sem casas por perto, imaginou que o pinto não pertencesse a ninguém. Ela o pôs dentro da blusa, entre os seios, para aquecê-lo. Lídia disse que correu, e, com o movimento, o pintinho começou a escorregar para o lado. Ela quis pô-lo na frente de novo, mas não conseguiu pegá-lo. O pinto corria muito depressa pelos lados e as costas dela, dentro da blusa. A princípio os pezinhos do pinto lhe fizeram cócegas, e depois a deixaram alucinada. Quando ela viu que não conseguia tirá-lo, virou-se para mim, gritando que nem doida, e pediu para eu tirar o maldito de dentro da blusa. Eu a despi, mas não adiantou nada. Não havia pintinho nenhum, mas ela continuava a sentir os pés na sua pele, dando voltas e voltas.

“Aí chegou o Nagual, que lhe disse que só quando ela largasse o seu antigo ser é que o pinto ia parar de correr. Lídia passou três dias e três noites alucinada. O Nagual me disse para amarrá-la. Eu lhe dava comida e a limpava e lhe dava água. No quarto dia, ficou muito quieta e calma. Eu a soltei e ela vestiu as roupas e depois que estava vestida como estava no dia em que fugiu, o pintinho saiu. Ela o pôs na mão e o afagou e agradeceu-lhe e levou-o de volta ao lugar em que o encontrara. Caminhei com ela parte do caminho.

“Desde aquele dia Lídia nunca mais aborreceu ninguém. Aceitou o seu destino. O Nagual é o destino dela; sem ele, estaria morta. Portanto, de que adiantava querer recusar ou modificar coisas que só podem ser aceitas?

“Depois foi Josefina quem partiu. Ela já estava com medo do que tinha acontecido com Lídia, mas logo esqueceu-se daquilo. Numa tarde de domingo, quando voltava para casa, uma folha seca ficou presa nos fios do xale dela, que era tecido com uma trama frouxa. Tentou apanhar a folhinha, mas estava com medo de estragar o xale. De modo que, quando entrou em casa, logo tentou tirá-la, mas não houve jeito, estava presa. Josefina, num acesso de raiva, agarrou o xale e a folha e espremeu-os na mão. Imaginou que seria mais fácil apanhar os pedacinhos. Ouvi um grito alucinante e Josefina caiu no chão. Corri para junto dela e vi que não conseguia abrir a mão. A folha cortara sua mão, como se fosse a lâmina de uma navalha. Lídia e eu a ajudamos e tratamos dela durante sete dias. Josefina era mais obstinada do que qualquer outra pessoa. Quase morreu. No fim, conseguiu abrir a mão, mas só depois de resolver, na cabeça dela, abandonar seus velhos costumes. Ainda sente dores no corpo, de vez em quando, especialmente na mão, devido ao mau gênio que ainda lhe volta. O Nagual disse a ambas que não deviam confiar na vitória que tiveram porque a vida toda temos de lutar contra os nossos antigos seres.

“Lídia e Josefina nunca mais brigaram. Não creio que se gostem, mas certamente se dão. São as duas de que mais gosto. Estão comigo há tantos anos. Sei que também me amam.

— E as duas outras? Onde entram?

— Um ano depois veio Elena; é a Gorda. Estava no pior estado que você possa imaginar. Pesava cem quilos. Estava desesperada. Pablito lhe dera abrigo em sua loja. Ela lavava e passava, para se sustentar. Uma noite o Nagual foi lá buscar Pablito e encontrou a pequena gorda trabalhando, enquanto umas mariposas esvoaçavam em círculo sobre a sua cabeça. Disse que as mariposas tinham feito um círculo perfeito para ele ver. Ele viu que a pequena estava perto do fim da vida, e no entanto as mariposas deviam ter toda a confiança do mundo, para lhe darem um tal presságio. O Nagual agiu depressa e levou-a com ele.

“Ela foi indo bem, durante algum tempo, mas os maus hábitos que adquirira estavam muito arraigados e ela não podia desfazer-se deles. Então, um dia, o Nagual mandou vir o vento para ajudá-la. Era uma questão de ajudá-la ou liquidá-la. O vento começou a soprar-lhe em cima até expulsá-la de casa; naquele dia, estava sozinha e ninguém viu o que estava acontecendo. O vento empurrou-a por sobre os morros e para dentro das ravinas, até que ela caiu numa vala, um

buraco na terra que parecia uma cova. O vento prendeu-a ali durante três dias. Quando afinal o Nagual a encontrou, ela conseguira fazer parar o vento, mas estava muito fraca para andar.

— Como é que as meninas conseguiam fazer parar as coisas que agiam sobre ela?

— Bem, em primeiro lugar, o que agia sobre elas era a cabaça que o Nagual levava presa ao cinto.

— E o que há na cabaça?

— Os aliados que o Nagual leva consigo. Ele disse que o aliado passa por um funil na cabaça dele. Não me pergunte mais porque não sei mais nada sobre o aliado. Só o que lhe posso dizer é que o Nagual comanda dois aliados e os faz ajudá-lo. No caso das minhas meninas o aliado recuava, quando estavam prontas para se modificarem. Para elas, claro, era um caso de mudar ou morrer. Mas é esse o caso com todos nós, de uma maneira ou de outra. E a Gorda mudou mais do que qualquer outra pessoa. Ela era vazia, aliás mais vazia do que eu, mas ela trabalhou seu espírito até tornar-se o poder em si. Não gosto dela. Tenho medo dela. Ela me conhece. Entra dentro de mim e meus sentimentos e isso me aborrece. Mas ninguém lhe pode fazer nada porque ela nunca está desprevenida. Ela não me odeia, mas acha que sou uma mulher má. Pode ser que tenha razão. Acho que ela me conhece bem demais, e eu não sou tão impecável quanto gostaria de ser; mas o Nagual me disse para não me preocupar com os meus sentimentos para com ela. Ela é como Elígio; o mundo não a toca mais.

— O que foi que o Nagual lhe fez que foi tão especial?

— Ensinou-lhe coisas que nunca ensinou a mais ninguém. Ele nunca a mimou; nem nada disso. Confiava nela. Ela sabe de tudo a respeito de todos. O Nagual também me contou tudo, menos coisas sobre ela. Talvez seja por isso que não gosto dela. O Nagual disse-lhe para ser o meu carcereiro. Onde quer que eu vá, eu a encontro. Ela sabe de tudo o que faço. Neste momento, por exemplo, eu não me espantaria se ela aparecesse, de repente.

— Acha que ela apareceria?

— Duvido. Hoje o vento está comigo.

— O que ela tem de fazer? Tem alguma tarefa especial?

— Já lhe falei bastante sobre ela. Tenho medo de continuar a falar sobre ela, que ela repare, de onde estiver, e não quero que isso aconteça.

— Então conte-me sobre as outras.

— Alguns anos depois de ter encontrado a Gorda, o Nagual encontrou Elígio. Ele me disse que foi com você até à terra dele. Elígio foi vê-lo porque tinha curiosidade a seu respeito. O Nagual não fez caso dele. Conhecia-o desde que era menino. Mas um dia de manhã, quando o Nagual se dirigia para a casa em que você o esperava, en-

controu-se com Elígio na estrada. Eles caminharam juntos um pouco e depois um pedaço de *Cholla*(\*) seca ficou presa na ponta do sapato esquerdo de Elígio. Tentou livrar-se dela, chutando o pé, mas os espinhos pareciam pregos; tinham-se cravado fundo na sola do sapato. O Nagual disse que Elígio apontou para o céu com o dedo e sacudiu o pé e a *cholla* saiu como uma bala e subiu pelo ar. Elígio achou aquilo uma boa piada e riu, mas o Nagual sabia que ele tinha poder, se bem que Elígio nem desconfiasse disso. Foi por isso que, sem qualquer dificuldade, ele se tornou um guerreiro perfeito e impecável.

— Tive a sorte de vir a conhecê-lo. O Nagual achava que nós nos parecíamos em uma coisa. Quando agarramos alguma coisa, não a largamos mais. A boa fortuna de conhecer Elígio foi uma sorte que não partilhei com ninguém, nem mesmo a Gorda. Ela conheceu Elígio mas não chegou a conhecê-lo bem, tal como você. O Nagual desde o princípio sabia que Elígio era excepcional, e isolou-o. Sabia que você e as meninas estavam de um lado da moeda e Elígio do outro lado, sozinho. O Nagual e Genaro tiveram muita sorte mesmo em tê-lo encontrado.

— A primeira vez que o vi foi quando o Nagual o trouxe à minha casa. Elígio não se deu bem com minhas meninas. Elas o detestaram e também o temeram. Mas ele se mostrou completamente indiferente. O mundo não o afetava. O Nagual não queria que você, em especial, tivesse muito contato com Elígio. O Nagual disse que você é do tipo de feiticeiro do qual convém a pessoa manter distância. Disse que o seu toque não alivia, ao contrário, que prejudica. Ele me disse que o seu espírito prende as pessoas. Ele ficava um pouco revoltado com você, mas ao mesmo tempo gostava de você. Disse que, quando o encontrou, você era mais louco do que Josefina, e que ainda é.

Era uma sensação perturbadora, ouvir outra pessoa me dizer o que Dom Juan pensava de mim. A princípio, quis desprezar o que Dona Soledad me dizia, mas depois senti-me completamente burro e deslocado, tentando proteger o meu ego.

— Ele se preocupava com você — continuou — porque o poder mandava que assim fizesse. E ele, sendo o guerreiro impecável que era, cedeu ao mestre e fez com prazer o que o poder mandava que fizesse com você.

Fez-se uma pausa. Eu estava louco para perguntar mais acerca dos sentimentos que Dom Juan nutria por mim. Mas, em vez disso, pedi que ela falasse sobre a outra menina.

— Um mês depois de encontrar Elígio, o Nagual encontrou Rosa — disse. — Rosa foi a última. Depois de encontrá-la, ele viu que o seu número estava completo.

— Como ele a encontrou?

\*Espécie de cacto mexicano (N. da T.)

— Ele tinha ido visitar Benigno na terra dele. Estava-se aproximando da casa quando Rosa apareceu do meio das moitas cerradas na margem da estrada, perseguindo um porco que fugira. O porco corria muito depressa para Rosa. Ela esbarrou no Nagual e não conseguiu pegar o porco. Aí virou-se contra o Nagual e começou a gritar-lhe. Ele fez um gesto de querer agarrá-la e ela estava pronta para lutar com ele. Insultou-o e desafiou-o a pôr a mão dela. O Nagual gostou do seu espírito na mesma hora, mas não havia nenhum preságio. O Nagual disse que esperou um pouco antes de se afastar, e então o porco voltou correndo e postou-se ao seu lado. Foi esse o preságio. Rosa pôs uma corda em volta do porco. O Nagual perguntou-lhe à queima-roupa se ela estava contente com o trabalho que fazia. Ela disse que não. Era empregada e morava no emprego. O Nagual perguntou se ela queria ir embora com ele e ela respondeu que se fosse o que ela estava pensando, a resposta era negativa. O Nagual disse que era para trabalhar e ela quis saber quanto ele ia pagar. Ele disse uma cifra e depois ela perguntou que tipo de trabalho era. O Nagual disse que era para trabalhar com ele nas plantações de fumo em Vera Cruz. Ela retrucou que o estava pondo à prova: se ele afirmasse que queria que ela trabalhasse como empregada, ela saberia que estava mentindo, pois ele parecia nunca ter tido um lar na vida.

O Nagual ficou encantado e declarou que, se ela quisesse sair da prisão em que estava, tinha de ir à casa de Benigno antes do meio-dia. Disse também que não esperaria além do meio-dia; e que, se ela fosse, tinha de estar preparada para uma vida difícil e de muito trabalho. Ela perguntou onde ficava o local das plantações de fumo. O Nagual respondeu que ficava a três dias de viagem de ônibus. Rosa disse que, se fosse longe assim, ela certamente estaria preparada para ir logo que pusesse o porco de volta no chiqueiro. E foi o que fez. Veio para cá e todos gostaram dela. Nunca era malvada ou aborrecida; o Nagual não teve de obrigá-la a fazer nada, nem a enganá-la para fazer as coisas. Ela não gosta nada de mim e, no entanto, cuida de mim melhor do que qualquer outra pessoa. Confio nela e, no entanto, não gosto nada dela; e quando eu me for, é dela que terei mais saudade. Pode entender isso?

Vi uns laivos de tristeza nos seus olhos. Não pude conter a minha desconfiança. Ela enxugou os olhos com um movimento natural.

Nesse ponto deu-se uma interrupção natural na conversa. A essa altura já estava escurecendo e ficando difícil eu escrever; além disso, eu tinha de ir ao banheiro. Ela insistiu para eu usar a privada lá fora, antes dela, como o próprio Nagual teria feito.

Depois, foi buscar duas tinas redondas, do tamanho de uma banheira de criança, encheu-as pela metade com água morna e pôs ali umas folhas verdes, depois de triturá-las bem com as mãos. Disse-me,

num tom autoritário, que eu me lavasse numa das finas, enquanto ela usava a outra. A água tinha um cheiro quase perfumado. Dava uma sensação de cócegas. Parecia um mentol suave, no meu rosto e braços.

Voltamos para o seu quarto. Ela guardou o meu material de escrever, que eu deixara sobre a sua cama, em cima de uma das cômodas. As janelas estavam abertas e ainda era claro. Deviam ser quase sete horas.

Dona Soledad deitou-se de costas. Estava sorrindo para mim. Pensei que era a imagem do calor. Mas, ao mesmo tempo, e a despeito do sorriso, seus olhos emanavam uma sensação de inclemência e uma força impiedosa.

Perguntei quanto tempo passara com Dom Juan, como sua mulher ou aprendiz. Ela caçoou de meu cuidado ao caracterizá-la. Respondeu que foram sete anos. Lembrou-me então que eu não a via há cinco anos. Até então, eu estava convencido de que a vira dois anos antes. Tentei lembrar-me da última vez, e não consegui.

Disse-me para deitar ao seu lado. Ajoelhei-me na cama, ao seu lado. Numa voz muito suave, perguntou-me se eu estava com medo. Eu disse que não, o que era verdade. Ali, no seu quarto, naquele momento, eu me estava defrontando com uma antiga reação minha, que se manifestara inúmeras vezes, de um misto de curiosidade e de uma indiferença suicida.

Quase num sussurro, ela falou que tinha de ser impecável comigo e que o nosso encontro era importantíssimo para nós dois. Disse que o Nagual lhe dera ordens diretas e detalhadas sobre o que fazer. Enquanto falava, eu não pude deixar de rir diante do esforço tremendo que fazia para falar com Dom Juan. Eu ouvia as suas palavras e podia prever o que diria depois.

De repente, sentou-se na cama. Seu rosto estava a centímetros do meu. Via seus dentes brancos brilhando na penumbra do quarto. Pôs os braços em volta de mim e puxou-me para cima dela.

Minha cabeça estava muito clara e, no entanto, algo me levava cada vez mais para dentro de uma espécie de atoleiro. Estava-me sentindo como algo de que não tinha noção. De repente vi que, sem saber por que, eu estava sentindo os sentimentos dela, o tempo todo. Era ela a estranha. Ela me hipnotizara com as palavras. Era uma mulher fria e velha. E os seus propósitos não eram os da juventude e vigor, a despeito de sua vitalidade e força. Vi então que Dom Juan não torcera a sua cabeça na mesma direção que a minha. Essa idéia teria sido ridícula em qualquer outro contexto; não obstante, naquele momento, eu considerei aquilo como uma verdadeira percepção. Uma sensação de alarma invadiu-me o corpo. Eu queria levantar daquela

cama. Mas em volta de mim parecia haver uma força extraordinária que me mantinha fixo, incapaz de me afastar. Eu estava paralisado.

Ela deve ter sentido a minha percepção. De repente, puxou a faixa que lhe prendia os cabelos e, num movimento rápido, passou-a em volta do meu pescoço. Senti a tensão da faixa em minha pele, mas, de algum modo, não parecia real.

Dom Juan sempre me dizia que o nosso grande inimigo é o fato de que nunca acreditamos no que nos está acontecendo. No momento em que Dona Soledad começou a amarrar o pano como um laço em volta do meu pescoço, percebi o que ele queria dizer. Mas, mesmo depois de ter tido essa reflexão intelectual, o meu corpo não reagiu. Continuei flácido, quase indiferente ao que parecia ser a minha morte.

Senti a força dos seus braços e ombros, enquanto apertava a faixa em volta do meu pescoço. Estava-me estrangulando com muita força e perícia. Comecei a arquejar. Ela me olhou com um brilho alucinante nos olhos. Vi que pretendia matar-me.

Dom Juan dissera que afinal quando compreendemos o que se está passando, geralmente é tarde demais para voltar atrás. Alegava que é sempre o intelecto que nos engana, pois recebe a mensagem primeiro, mas em vez de dar crédito e agir imediatamente, fica procrastinando.

Então ouvi, ou talvez tenha sentido, um estalo na base de meu pescoço, bem atrás da traquéia. Sabia que ela tinha rachado o meu pescoço. Meus ouvidos zumbiam e depois formigaram. Senti uma nitidez extraordinária de audição. Pensei que devia estar morrendo. Odiava a minha incapacidade de fazer qualquer coisa para defender-me. Não conseguia nem mexer um músculo para dar-lhe um pontapé. Não conseguia mais respirar. Meu corpo tremia e de repente levantei-me e estava livre, livre daquele abraço mortal. Olhei para a cama. Eu parecia estar olhando o teto. Vi o meu corpo, imóvel e frouxo, em cima do dela. Vi o horror nos seus olhos. Eu quis que ela largasse o laço. Tive um acesso de raiva por ter sido tão estúpido e dei um soco bem na testa dela com meu punho. Ela gritou e segurou a cabeça e depois desmaiou, mas antes que o fizesse tive uma visão rápida de uma cena fantasmagórica. Via Dona Soledad ser lançada para fora da cama pela força do meu soco. Eu a vi correndo para a parede e se encolhendo contra ela, como uma criança assustada.

A impressão seguinte que experimentei foi de ter uma tremenda dificuldade para respirar. Meu pescoço me doía. Minha garganta parecia ter secado a tal ponto que eu não conseguia engolir. Levei muito tempo para poder conseguir forças para me levantar. Então examinei Dona Soledad. Estava deitada na cama, inconsciente. Tinha um galão imenso e vermelho na testa. Peguei um pouco d'água e

joguei-a na sua cara, como Dom Juan sempre fazia comigo. Quando voltou a si, eu a obriguei a andar, segurando-a por baixo dos braços. Estava molhada de transpiração. Pus compressas de água fria na sua testa. Vomitou e eu tinha quase certeza de que sofria uma contusão cerebral. Ela tremia. Tentei empilhar roupas e mantas em cima dela, para aquecê-la, mas tirou a roupa toda e virou o corpo para ficar de frente para o vento. Pedi que a deixasse só e disse que se o vento mudasse de direção, era sinal de que ia ficar boa. Segurei a minha mão, numa espécie de aperto de mão rápido e disse que era o destino que nos tinha jogado um contra o outro.

— Acho que um de nós devia morrer esta noite — disse.

— Deixe de ser tola. Você ainda não está líquidada — disse eu, e estava falando sério.

Alguma coisa me dizia que ela estava bem. Sai da casa, peguei um pau e fui até ao meu carro. O cão rosnou. Continuava enroscado no assento. Eu mandei que ele saísse. Ele saltou do carro, mansinho. Havia algo diferente nele. Vi aquele vulto imenso trotando para longe no lusco-fusco. Ele foi para o curral.

Eu estava livre. Fiquei sentado no carro um pouco, para pensar. Não, não estava livre. Alguma coisa me puxava de volta para dentro da casa. Ainda tinha algo a fazer lá. Eu não estava mais com medo de Dona Soledad. Na verdade, apossara-se de mim uma indiferença extraordinária. Sentí que ela me havia dado, propositada ou inconscientemente, uma lição supinamente importante. Sob a pressão pavorosa daquela tentativa para matar-me, eu chegara a agir sobre ela de um nível que seria inconcebível em circunstâncias normais. Eu quase fora estrangulado; algo naquele maldito quarto me deixara indefeso e no entanto eu conseguira safar-me. Eu não tinha idéia do que acontecera. Talvez fosse como Dom Juan sempre dissera, que todos nós temos um potencial extra, algo que está presente mas raramente chega a ser utilizado. Eu tinha realmente batido em Dona Soledad de uma posição de fantasma.

Peguei minha lanterna no carro, voltei para a casa, acendi todos os lampiões de querosene que encontrei e sentei-me à mesa na sala da frente para escrever. O trabalho me descontraíu.

Lá pelo amanhecer, Dona Soledad saiu do quarto, cambaleando. Mal conseguia equilibrar-se. Estava completamente despida. Ela enjoou e caiu junto da porta. Dei-lhe um pouco d'água e tentei cobri-la com uma manta. Ela não quis. Fiquei preocupado com a idéia de que ela ia perder o calor do corpo. Murmurou que tinha de ficar nua, para o vento poder curá-la. Fez uma compressa de folhas esmagadas, colocou-a na testa e prendeu-a com o turbante. Enrolou uma manta em volta do corpo e foi até à mesa onde eu estava escrevendo; sentou-se

defronte de mim. Estava com os olhos vermelhos. Parecia doente de verdade.

— Há uma coisa que tenho de dizer-lhe — disse, numa voz fraca. — O Nagual mandou que eu o esperasse; eu tinha de esperar por você, nem que isso levasse vinte anos. Ele me deu instruções para eu poder seduzi-lo e roubar o seu poder. Ele sabia que mais cedo ou mais tarde você tinha de vir para ver Pablito e Nestor, de modo que me disse para usar essa oportunidade para enfeitiçá-lo e tirar tudo o que você tem. O Nagual disse que se eu vivesse uma vida impecável o meu poder o traria aqui quando não houvesse mais ninguém em casa. O meu poder fez isso. Hoje você veio, quando todos estavam fora. Minha vida impecável me ajudou. Só me restava roubar o seu poder e depois matá-lo.

— Mas por que você havia de querer fazer uma coisa tão horrível?

— Porque preciso do seu poder para a minha viagem. O Nagual tinha de preparar as coisas assim. Você tinha de ser o escolhido; afinal, eu não o conheço de verdade. Você não significa nada para mim. Portanto, por que eu não havia de tirar algo de que preciso tão desesperadamente de alguém que não conta em absoluto? Foram essas as próprias palavras do Nagual.

— Por que o Nagual havia de querer ferir-me? Você mesma disse que ele se preocupava comigo.

— O que eu lhe fiz hoje não tem nada a ver com o que ele sente por você ou por mim. Isso é só entre nós dois. Não houve testemunhas para o que se passou hoje entre nós dois, porque nós dois fazemos parte do próprio Nagual. Mas você, especialmente, recebeu e guardou algo dele que eu não possuo, uma coisa de que preciso desesperadamente, o poder especial que ele lhe deu. O Nagual disse que tinha dado alguma coisa a cada um de seus seis filhos. Não posso alcançar Elígio. Não o posso tirar de minhas meninas, de modo que só resta você, como presa minha. Fiz aumentar o poder que o Nagual me deu, e aumentando ele modificou o meu corpo. Também você fez o seu poder crescer. Eu queria esse poder de você e para isso tinha de matá-lo. O Nagual disse que mesmo que você não morresse, seria envolvido pelo meu feitiço e seria meu prisioneiro para toda a vida, se eu o quisesse. De qualquer modo, o seu poder seria meu.

— Mas de que modo a minha morte poderia beneficiá-la?

— Não a sua morte, mas o seu poder. Fiz isso porque preciso de um empurrão; sem isso vou passar o diabo em minha viagem. Não tenho fibra bastante. É por isso que não gosto da Gordá. Ela é jovem e tem muita fibra. Sou velha e tenho trepidações e dúvidas. Se quiser

saber da verdade, a verdadeira luta é entre mim e Pablito. É ele o meu inimigo mortal, não você. O Nagual disse que o seu poder podia facilitar a minha viagem e ajudar-me a conseguir o que quero.

— E como é que Pablito pode ser seu inimigo?

— Quando o Nagual me modificou, ele sabia que isso aconteceria, com o tempo. Antes de tudo, ele me colocou de jeito que meus olhos olhem para o norte e, embora você e as meninas sejam iguais, eu sou o oposto de vocês. Vou numa direção diversa. Pablito, Nestor e Benigno estão com vocês; a direção dos olhos deles é a mesma que a de vocês. Vocês todos irão juntos para Iucatã.

“Pablito é meu inimigo não por estar com os olhos virados numa direção oposta, mas por ser meu filho. Era isso que eu tinha a lhe dizer, embora você não saiba do que estou falando. Tenho de entrar para o outro mundo. Onde o Nagual está agora. Onde Genaro e Elígio estão agora. Mesmo que tenha de destruir Pablito para fazer isso.

— O que está dizendo, Dona Soledad? Está maluca!

— Não estou, não. Não há nada mais importante para nós, seres vivos, do que entrar naquele mundo. Eu lhe direi que para mim isso é verdade. Para alcançar aquele mundo, vivo do jeito que o Nagual me ensinou. Sem a esperança daquele mundo, não sou nada, nada. Eu era uma vaca velha e gorda. Agora essa esperança me dá uma orientação, uma direção, e mesmo que eu não possa pegar o seu poder, ainda assim tenho o meu propósito.

Ela repousou a cabeça na mesa, os braços servindo de travesseiro. A força dos seus argumentos me deixou aturdido. Não compreendi exatamente o que queria dizer, mas podia quase ter empatia com a sua causa, se bem que fosse a coisa mais estranha que ouvisse dela, naquela noite. O seu propósito era um propósito de guerreiro, no estilo e terminologia de Dom Juan. Mas nunca soube que era preciso destruir as pessoas para poder alcançá-lo.

Ela ergueu a cabeça e olhou-me, os olhos semicerrados.

— No princípio tudo deu certo para mim, hoje — disse. — Fiquei um pouco assustada quando você chegou. Esperei anos por esse momento. O Nagual me disse que você gosta de mulheres. Disse que você é presa fácil para elas, de modo que agi para um fim rápido. Imaginei que você topasse. O Nagual me ensinara que eu devia agarrá-lo no seu momento de maior fraqueza e eu o estava conduzindo a isso com o meu corpo. Mas você ficou desconfiado. Fui muito desajeitada. Eu o levei para o meu quarto, como o Nagual mandou que eu fizesse, para que as linhas de meu piso o cercassem e deixas-

sem indefeso. Mas você me tapeou, pois gostou dele e examinou atentamente as linhas. O piso não tinha poder algum, enquanto os seus olhos ficassem nas linhas dele. O seu corpo sabia o que fazer. Depois você assustou o meu piso, gritando como gritou. Barulhos repentinos assim são mortais, especialmente a voz de um feiticeiro. O poder de meu piso apagou-se como uma chama. Eu sabia disso, mas você não sabia.

“Você já ia saindo, então, de modo que tive de impedi-lo. O Nagual me ensinara a usar minha mão para agarrá-lo. Tentei fazer isso, mas o meu poder estava fraco. Meu piso estava assustado. Os seus olhos tinham entorpecido suas linhas. Ninguém jamais pôs os olhos sobre elas. Por isso fracassei em minha tentativa para agarrar o seu pescoço. Você fugiu de minhas mãos antes que eu tivesse tempo de apertá-lo. Aí eu vi que você estava fugindo e tentei um último ataque. Usei a chave que o Nagual disse afetá-lo mais, o susto. Assustei-o com os meus gritos e isso me deu poder suficiente para dominá-lo. Pensei tê-lo vencido, mas o burro do meu cachorro empolgou-se. É estúpido e me afastou de você quando você já estava quase sob o meu domínio. Pensando bem, talvez o meu cão não fosse assim tão burro. Talvez tivesse visto o seu sócia e o tivesse atacado, mas em vez disso me derrubou.

— Você disse que o cão não era seu.

— Mentí. Era o meu trunfo. O Nagual me disse que devo sempre ter um trunfo, um truque escondido. Não sei por que, achei que podia precisar do meu cão. Quando eu o levei para ver o meu amigo, na verdade era ele; o coiole é amigo de minhas meninas. Queria que meu cão o cheirasse. Quando você correu para dentro de casa, tive de ser enérgica com ele. Empurrei-o para dentro do seu carro, fazendo-o gritar de dor. Ele é muito grande e mal conseguia passar por cima do banco. Aí eu lhe disse que o estraçalhasse. Eu sabia que se você fosse muito mordido pelo meu cachorro, ficaria indefeso e aí eu podia liquidá-lo, sem trabalho. Você tornou a escapar, mas não podia sair da casa. Aí vi que eu tinha de ser paciente e esperar o escuro. Aí, o vento mudou de direção e tive certeza do meu sucesso.

“O Nagual me dissera que sabia, sem dúvida alguma, que você gostaria de mim como mulher. Era questão de esperar o momento oportuno. O Nagual disse que você se mataria se percebesse que eu tinha roubado o seu poder. Mas caso eu não conseguisse roubá-lo, ou caso você não se matasse, ou caso eu não quisesse mantê-lo vivo como meu prisioneiro, então eu devia usar a minha faixa da cabeça para estrangulá-lo. Ele me mostrou até o lugar em que eu devia atirar o seu cadáver: um poço sem fundo, uma fresta nas montanhas, não muito longe daqui, onde as cabras sempre desaparecem. Mas o Nagual nun-

ca falou do seu lado temível. Já lhe disse que um de nós devia morrer, esta noite. Não sabia que seria eu. O Nagual deu-me a impressão de que eu havia de vencer. Como ele foi cruel, não me contando tudo a seu respeito.

— Pense na minha situação, Dona Soledad. Eu sabia ainda menos do que você.

— Não é a mesma coisa. Durante anos o Nagual me preparou para isso. Eu sabia de todos os detalhes. Você estava no papo. O Nagual mostrou-me até as folhas que devia ter sempre frescas e à mão, para deixar você entorpecido. Coloquei-as na tina, como se fosse para perfumar a água. Você não reparou que usei outro tipo de folha para a minha tina. Você caiu em todas as ciladas que lhe preparei. No entanto, o seu lado temível venceu, no final.

— O que quer dizer, o meu lado temível?

— Aquele que me bateu e me matará esta noite. O seu sósia horrendo que apareceu para me liquidar. Nunca o esquecerei e, se eu viver, o que duvido, nunca mais serei a mesma.

— Parecia-se comigo?

— Era você, claro, mas não como você está agora. Não sei dizer mesmo como é que era. Quando tento pensar nisso fico tonta.

Contei-lhe a minha percepção fugaz de que ela tivesse largado o corpo com o impacto da minha pancada. Pretendia sondá-la, com a descrição. Pareceu-me que o motivo de tudo aquilo era forçar-nos a utilizar recursos que normalmente nos são vedados. Positivamente, eu lhe dera uma pancada tremenda; tinha causado uma lesão profunda no seu corpo, e, no entanto, eu não conseguiria fazer aquilo por mim mesmo. Sentí que bati nela com o meu punho esquerdo, o imenso galo vermelho na sua testa mostrava isso, e, no entanto, os nós de meus dedos não estavam nada inchados e eu não sentia o menor incômodo ou dor neles. Uma pancada daquelas podia até ter quebrado a minha mão.

Ao ouvir a minha descrição, que eu a tinha visto encolhida junto da parede, ela ficou inteiramente desesperada. Perguntei se ela tinha alguma idéia do que eu tinha visto, como uma sensação de ter ela largado o corpo, ou uma percepção passageira do quarto.

— Agora sei que estou condenada — disse. — Muito poucos sobrevivem ao toque do sósia. Se minha alma já partiu, não sobreviverei. Vou ficar cada vez mais fraca, até morrer.

Os seus olhos tinham uma expressão selvagem. Ela se levantou e parecia estar a ponto de me bater, mas encolheu-se de novo.

— Você tirou a minha alma — disse. — Deve estar com ela em sua bolsa, agora. Mas por que tinha de me dizer isso?

Jurei que eu não tinha a menor intenção de feri-la, e que agira daquele modo apenas em defesa própria e portanto não lhe desejava mal.

— Se não guardou a minha alma na sua bolsa, é pior ainda — disse. — Ela deve estar vagando por aí sem rumo. Então nunca a recuperarei.

Dona Soledad parecia estar destituída de toda energia. A sua voz ficou mais fraca. Eu queria que ela fosse deitar-se. Ela se recusou a sair de junto da mesa.

— O Nagual disse que se eu fracassasse totalmente, então devia dar-lhe o recado dele — falou. — Disse-me para lhe dizer que ele substituiu o seu corpo há muito tempo. Você agora é ele.

— O que queria dizer com isso?

— Ele é feiticeiro. Entrou no seu antigo corpo e substituiu a luminosidade dele. Agora você brilha como o próprio Nagual. Você não é mais filho do seu pai. Você é o próprio Nagual.

Dona Soledad levantou-se. Estava tonta. Parecia querer dizer alguma outra coisa, mas tinha dificuldade em pronunciar as palavras. Foi para o seu quarto. Eu a ajudei até à porta; ela não quis que eu entrasse. Largou a manta que a cobria e deitou-se na cama. Pediu, numa voz muito baixa, para eu ir a um morro que ficava ali perto para olhar de lá e ver se o vento estava chegando. Acrescentou, de modo muito displicente, que eu devia levar o seu cão comigo. Não sei por que, o pedido não pareceu certo. Eu disse que ia subir ao telhado e olhar de lá. Ela virou de costas para mim e disse que o mínimo que eu podia fazer era levar o seu cachorro até o morro para ele poder atrair o vento. Fiquei muito irritado com ela. O seu quarto, no escuro, me dava uma sensação muito fantástica. Voltei à cozinha e peguei duas lanternas e levei-as de volta comigo. Ao ver a luz, gritou histéricamente. Eu também dei um berro mas por motivos diferentes. Quando a luz deu no quarto, vi o piso todo enroscado, como um casulo, em volta da sua cama. Minha percepção foi tão passageira que no instante seguinte eu podia ter jurado que era a sombra dos fios que protegiam os lâmpões que tinham errado a cena medonha. Essa minha percepção fantástica deixou-me furioso. Sacudi a mulher pelos ombros. Ela chorou como uma criança e prometeu não tentar fazer mais dos seus truques. Coloquei os lâmpões na cômoda e ela adormeceu na mesma hora.

No meio da manhã o vento mudou. Sentí uma rajada forte entrando pela janela do norte. Por volta do meio-dia, Dona Soledad saiu do quarto de novo. Parecia meio bamba. O vermelho dos olhos tinha desaparecido e a inchação na testa diminuía; quase não se via mais o galo.

Achei que estava na hora de partir. Disse-lhe que, se bem que tivesse escrito o recado de Dom Juan que me dera, aquilo não esclarecia nada.

— Você não é mais filho de seu pai. Você agora é o próprio Nagual — disse.

Havia em mim algo de realmente paradoxal. Algumas horas antes eu estava indefeso e Dona Soledad tinha tentado matar-me; mas, naquele momento, quando estava falando comigo, eu me esquecera do horror daquilo. No entanto, havia outra parte de meu ser que podia passar dias ruminando sobre confrontos sem significado com pessoas, relativas à minha personalidade ou meu trabalho. Essa parte parecia ser o meu eu real, o eu que eu conhecera toda a vida. Mas o eu que tivera um encontro com a morte naquela noite, e depois se esquecera de tudo, não era real. Era eu e não era. À luz dessas incongruências, as alegações de Dom Juan pareciam ser menos rebuscadas mas ainda inaceitáveis.

Dona Soledad parecia distraída. Ela sorriu, em paz.

— Ah, cá estão elas! — disse, de repente. — Que sorte a minha. Minhas meninas chegaram. Agora tomam conta de mim.

Ela parecia ter piorado. Parecia forte como sempre, mas seu comportamento estava mais dissociado. Os meus receios aumentaram. Eu não sabia se devia deixá-la ali ou levá-la para um hospital na cidade, a várias centenas de quilômetros dali.

De repente deu um salto, como uma criancinha, e correu para fora pela porta da frente, seguindo pelo caminho até à estrada principal. O cão correu atrás dela. Entrei no carro depressa, para alcançá-la. Tive de descer o caminho de marcha à ré, pois não havia espaço para dar a volta. Ao me aproximar da estrada, vi, pelo vidro de trás, que Dona Soledad estava rodeada por quatro moças.

Dona Soledad parecia estar explicando alguma coisa às quatro mulheres que a cercavam. Mexia os braços em gestos dramáticos e segurava a cabeça entre as mãos. Era evidente que estava falando a meu respeito. Voltei com o carro pelo caminho onde estava antes. Pretendia esperá-las ali. Pensei se devia ficar dentro do carro, ou sentar-me com displicência no pára-lama esquerdo. Resolvi ficar de pé junto à porta do carro, pronto para entrar depressa e ir embora se algo parecido com os fatos do dia anterior se repetisse.

Eu estava muito cansado. Havia vinte e quatro horas que não dormia nada. Meu plano era contar às moças tanto quanto pudesse, sobre o incidente com Dona Soledad, para que elas tomassem as medidas necessárias para ajudá-la, e depois podia ir embora. A presença delas provocara uma mudança positiva. Tudo parecia estar cheio de novo vigor e energia. Senti a mudança ao ver Dona Soledad rodeada por elas.

A revelação de Dona Soledad, de que elas eram aprendizes de Dom Juan, lhes emprestara uma atração tão sedutora que eu mal podia esperar para encontrar-me com elas. Fiquei imaginando que seriam como Dona Soledad. Ela dissera que eram como eu e que íamos na mesma direção. Isso podia facilmente ser interpretado num sentido positivo. Eu queria acreditar nisso mais que tudo.

Dom Juan as chamava de "las hermanitas", as irmãzinhas, nome muito apropriado pelo menos para as duas que eu conhecia, Lídia e Rosa, duas mocinhas frágeis, encantadoras, parecendo duendes. Eu achava que deviam ter seus vinte e poucos anos quando as conheci, embora Pablito e Nestor nunca quisessem falar sobre sua idade. As duas outras, Josefina e Elena, eram um mistério total para mim. Eu ouvia os seus nomes serem mencionados de vez em quando, e sempre num contexto desfavorável. Por observações ocasionais de Dom Juan, eu deduzira que eram meio esquisitas, uma maluca e a

outra obesa; e assim ficavam isoladas. Um dia topei com Josefina, ao entrar na casa com Dom Juan. Ele apresentou-me, mas ela tapou o rosto e fugiu antes que eu pudesse cumprimentá-la. Outra vez, avistei Elena lavando roupa. Ela era imensa. Achei que devia sofrer de um distúrbio glandular. Falei-lhe mas ela não se virou. Nunca vi seu rosto.

Depois de tudo o que Dona Soledad tinha falado sobre elas, em sua revelação, tive vontade de conversar com as misteriosas "hermanitas", mas ao mesmo tempo chegava quase a ter-lhes medo.

Olhei pelo caminho, com displicência, preparando-me para conhecer todas de uma vez. O caminho estava deserto. Não havia ninguém se aproximando e ainda um minuto antes não estavam a mais de 30 metros da casa. Subi na capota do carro para olhar. Não vinha ninguém, nem mesmo o cão. Entrei em pânico. Desci e já ia entrar no carro e ir embora quando ouvi alguém dizer:

— Ei, olhem quem está aqui.

Virei-me depressa e vi duas pequenas que acabavam de sair da casa. Deduzi que todas deviam ter corrido na minha frente e entrado na casa pela porta dos fundos. Dei um suspiro de alívio.

As duas pequenas aproximaram-se de mim. Tive de confessar a mim mesmo que nunca tinha realmente reparado nelas. Eram lindas, morenas e extremamente esguias, sem serem magras. Os cabelos pretos e compridos estavam trançados. Estavam de saias simples, casacos de zuarite azul e sapatos marrons, de saltos baixos e solas macias. Estavam sem meias e as pernas delas eram bem feitas e musculosas. Deviam medir cerca de 1,60m. Pareciam ser muito naturais; moviam-se com muita agilidade. Uma era Lúdia e a outra Rosa.

Cumprimentei-as e depois, juntas, elas esboçaram um aperto de mãos. Estavam uma de cada lado de mim. Pareciam fortes e sadias. Pedi que me ajudassem a tirar os embrulhos da mala. Enquanto os levávamos para dentro de casa, ouvi uma rosnadela profunda, tão forte e próxima que mais parecia um rugido de leão.

— O que foi isso? — perguntei a Lúdia.

— Não sabe? — perguntou ela, num tom de descrença.

— Deve ser o cachorro — disse Rosa, enquanto corriam para dentro de casa, quase me arrastando com elas.

Pusemos os embrulhos na mesa e nos sentamos em dois bancos. Ambas as moças estavam de frente para mim. Eu lhes disse que Dona Soledad estava muito doente e que eu ia levá-la para o hospital da cidade, pois não sabia o que poderia fazer para ajudá-la.

Ao falar, percebi que estava pisando em terreno perigoso. Eu não tinha meio de saber até que ponto podia contar-lhes a verdadeira natureza de meu encontro com Dona Soledad. Comecei a procurar pistas. Pensei que se as observasse com cuidado, suas vozes ou a ex-

pressão fisionômica poderia trair o que soubessem. Mas elas ficaram caladas, deixando que eu falasse. Comecei a achar que não devia dar informação alguma. Com os meus esforços para descobrir o que devia fazer para não cometer um engano, acabei falando tolices. Lúdia interrompeu-me. Com segura, disse que eu não precisava preocupar-me com a saúde de Dona Soledad pois elas já tinham tomado medidas para ajudá-la. Isso obrigou-me a perguntar-lhe se sabia o que Dona Soledad tinha.

— Você roubou sua alma — disse, num tom acusador.

Minha primeira reação foi tornar a defender-me. Comecei a falar com veemência, mas acabei contradizendo-me. Elas ficaram fitando-me. Eu não estava fazendo sentido algum. Tentei dizer a mesma coisa de modo diferente. Sentia-me tão cansado que mal podia concatenar meus pensamentos. Por fim, desisti.

— Onde estão Pablito e Nestor? — perguntei, depois de uma pausa prolongada.

— Estarão aqui, dentro em pouco — disse Lúdia, bruscamente.

— Vocês estavam com eles? — perguntei.

— Não! — exclamou, e ficou me olhando.

— Nunca vamos juntos — explicou Rosa. — Aqueles vagabundos são diferentes de nós.

Lúdia fez um gesto imperioso com o pé, indicando que ela devia calar-se. Parecia que é quem dava as ordens. Ao ver o movimento do seu pé, lembrei-me de uma faceta muito especial de meu relacionamento com Dom Juan. Nas inúmeras vezes em que tínhamos vagado juntos, conseguira ensinar-me, sem nem tentar de verdade, um sistema de comunicação oculto por meio de movimentos codificados dos pés. Vi que Lúdia fazia para Rosa o sinal que significava horrível, sinal dado quando alguma coisa que esteja na presença do sinalizador é desagradável ou perigosa. Naquele caso, eu. Eu me ri. Lembrei-me que Dom Juan me dera aquele sinal quando conheci Dom Genaro.

Fingi não perceber o que se estava passando, para ver se conseguia decifrar todos os sinais delas.

Rosa fez o sinal de que queria pisar em cima de mim. Lúdia respondeu com um sinal imperioso indicando que não.

Segundo Dom Juan, Lúdia tinha muito talento. Na sua opinião, ela se mostrava mais sensível e alerta do que eu, Pablito e Nestor. Eu nunca conseguira tornar-me seu amigo. Ela era distante e muito mordaz. Tinha olhos negros e enormes, esquivos, que nunca olhavam ninguém de frente; tinha as maçãs do rosto salientes e um nariz cinzelado, mas meio achatado e largo no cavalete. Lembrei-me que tinha pálpebras vermelhas e inflamadas e que todos implicavam com ela por isso. A vermelhidão das pálpebras desaparecera mas continuava a esfregar os olhos e a piscar muito. Durante os anos de minha ligação

com Dom Juan e Dom Genero, eu via mais Lúdia, e no entanto nunca trocamos mais de uma dúzia-de palavras. Pablito considerava-a uma criatura muito perigosa. Eu sempre achei que se apresentava apenas extremamente encabulada.

Rosa, por outro lado, mostrava-se muito animada. Eu achava que ela era a mais moça. Tinha os olhos muito francos e brilhantes. Nunca parecia esquivada, mas tinha um gênio horrível. Eu conversava mais com Rosa do que com qualquer das outras. Ela era simpática, muito ousada e engraçada.

— Onde estão as outras? — perguntei a Rosa. — Não vão sair da casa?

— Estarão aqui em breve — disse Lúdia.

Vi pelas expressões de ambas que não estavam dispostas a ser simpáticas. A julgar pelas mensagens dos pés, eram tão perigosas quanto Dona Soledad, e, no entanto, enquanto fiquei ali sentado olhando para elas, ocorreu-me que estavam espetacularmente belas. Meus sentimentos para com elas eram muito calorosos. Aliás, quanto mais olhavam nos meus olhos, mais se intensificava esse sentimento. Em certo momento, era paixão pura o que senti por elas. Estavam tão fascinantes que eu podia ficar ali horas, só olhando para elas, mas uma idéia séria me fez levantar. Eu não ia repetir as besteiras da noite da véspera. Resolvi que a melhor defesa seria pôr as cartas na mesa. Num tom enérgico, disse-lhes que Dom Juan tinha preparado uma espécie de prova para mim, utilizando Dona Soledad, ou vice-versa. O provável é que ele também se tivesse valido delas com o mesmo propósito, e que íamos ser colocados uns contra os outros em alguma luta que poderia acabar mal para alguns de nós. Apelei para o seu senso de guerreiras. Se eram verdadeiras herdeiras de Dom Juan, tinham de ser impecáveis para comigo, e revelar seus desígnios, e não se comportarem como seres humanos comuns e gananciosos.

Virei-me para Rosa e perguntei por que queria pisar em mim. Ela ficou agastada, por um momento, e depois zangou-se. Seus olhos faiscavam de raiva e sua boquinha apertou-se.

Lúdia, de um modo muito coerente, disse que eu não tinha nada a temer da parte delas e que Rosa estava zangada comigo porque eu tinha feito mal a Dona Soledad. Os seus sentimentos eram uma reação puramente pessoal.

Eu disse então que estava na hora de partir. Levantei-me. Lúdia fez um gesto para deter-me. Parecia estar com medo, ou muito preocupada. Começou a protestar, quando um barulho vindo de fora da porta me distraiu. As duas pequenas saltaram para postar-se ao meu lado. Alguma coisa pesada estava encostada ou forçando a porta. Reparei que as pequenas a tinham prendido com a barra de ferro

pesada. Senti uma certa repugnância. Toda a história ia repetir-se e eu estava farto de tudo aquilo.

As pequenas se entreolharam, depois viraram-se para olhar para mim e tornaram a se entreolhar.

Ouvi o gemido e a respiração pesada de um bicho grande do lado de fora da casa. Podia ser o cachorro. A essa altura, a exaustão me cegou. Corri para a porta, tirei a barra de ferro e comeci a abri-la. Lúdia atirou-se contra a porta e tornou a fechá-la.

— O Nagual tinha razão — disse, ofegante. — Você só faz pensar. É mais burro do que eu pensava.

Ela me puxou de volta para a mesa. Mentalmente ensaiei o melhor meio de dizer-lhes, uma vez por todas, que para mim já bastava. Rosa sentou-se ao meu lado, me tocando; eu sentia sua perna esfregando a minha, nervosamente. Lúdia estava de pé diante de mim, olhando-me fixamente. Seus olhos pretos e ardentes pareciam estar-me dizendo algo que eu não compreendia.

Comecei a falar mas não terminei. Tive uma percepção repentina e muito profunda. Meu corpo tinha conhecimento de uma luz esverdeada, uma fluorescência do lado de fora da casa. Eu não via nem ouvia nada. Simplesmente tinha consciência da luz, como se de repente eu adormecesse e os meus pensamentos se transformassem em imagens superpostas ao mundo de todo dia. A luz se movia numa grande velocidade. Eu a sentia em meu estômago. Eu a acompanhei, ou melhor, focalizei a minha atenção sobre ela por um momento, enquanto se mexia. Uma grande clareza de espírito seguiu-se, depois que focalizei minha atenção sobre a luz. Aí percebi que naquela casa, na presença daquelas pessoas, era errado e perigoso comportar-me como espectador inocente.

— Não está com medo? — perguntou Rosa, apontando para a porta.

A sua voz atrapalhou a minha concentração.

Confessei que o que quer que estivesse ali me assustava muito profundamente, quase me fazendo morrer de medo. Eu queria dizer mais, porém naquele momento tive um ímpeto de raiva e quis ver e falar com Dona Soledad. Eu não confiava nela. Fui diretamente para o seu quarto. Ela não estava lá. Comecei a chamar por ela, berrando o seu nome. A casa tinha mais um quarto. Abri a porta e entrei de repente. Não havia ninguém lá. Minha raiva crescia proporcionalmente ao meu medo.

Saí pela porta dos fundos e dei a volta para a frente. Nem o cachorro estava à vista. Bati na porta da frente, furiosamente. Lúdia abriu-a. Eu entrei. Gritei com ela, para que me dissesse onde estavam todos. Ela abaixou os olhos e não respondeu. Ela quis fechar a porta, mas eu não deixei. Ela afastou-se depressa e foi para o outro quarto.

Tornei a sentar-me à mesa. Rosa não se mexera. Parecia estar congelada ali no mesmo lugar.

— Nós somos iguais — disse, de repente. — O Nagual nos disse isso.

— Diga-me então, o que está rondando esta casa? — perguntei.

— O aliado — disse ela.

— Onde está ele agora?

— Ainda está aqui. Não vai embora. No momento em que você estiver fraco, ele o esmagará. Mas não somos nós que lhe podemos dizer alguma coisa.

— Quem é que pode, então?

— A Gorda! — exclamou Rosa, arregalando os olhos o mais que podia. — Ela é quem pode. Ela sabe tudo.

Rosa perguntou-me se podia fechar a porta, para precaver-se. Sem esperar resposta, esgueirou-se até à porta e fechou-a, batendo-a.

— Não podemos fazer nada a não ser esperar até todos chegarem aqui — disse ela.

Lídia voltou à sala com um embrulho, um objeto embrulhado num pedaço de pano amarelo-escuro. Ela parecia estar muito descontenta. Reparei que tinha um jeito muito dominador. Não sei como, comunicou seu estado de espírito a mim e a Rosa.

— Sabe o que tenho aqui? — perguntou-me.

Eu não tinha a menor idéia do que fosse. Começou a desembulhá-lo com muita atenção, com toda a calma. Depois parou e olhou para mim. Pareceu vacilar. Sorriu, como se estivesse encabulada de mostrar o que estava no embrulho.

— O Nagual deixou esse embrulho para você — murmurou — mas acho melhor esperarmos a Gorda.

Insisti para que ela o desembulhasse. Ela me lançou um olhar feroz e levou o embrulho da sala sem dizer mais uma palavra.

Gostei da brincadeira de Lídia. Ela tinha feito uma coisa bem de acordo com os ensinamentos de Dom Juan. Ela me dera uma demonstração de como aproveitar ao máximo uma situação comum. Levando-me o embrulho e fazendo de contas que ia abri-lo, depois de revelar que Dom Juan o havia deixado para mim, na verdade criara um mistério que era quase insuportável. Ela sabia o que eu tinha a dizer se quisesse descobrir o conteúdo daquele embrulho. Eu podia imaginar uma porção de coisas que podiam estar no embrulho. Talvez fosse o cachimbo que Dom Juan usava ao lidar com os cogumelos psicotrópicos. Ele insinuara que o cachimbo me seria dado para guardar. Ou podia ser sua faca, ou a bolsa de couro, ou até mesmo seus objetos de poder de feitiçaria. Por outro lado, aquilo podia ser apenas um artifício de parte de Lídia; Dom Juan era por demais sofisticado para deixar-me um legado.

Eu disse a Rosa que estava morto de cansado e fraco de fome. Minha idéia era ir de carro até à cidade, descansar um dia ou dois e depois voltar para ver Pablito e Nestor. Eu disse que aí eu podia até vir a conhecer as duas outras moças.

Aí Lídia voltou e Rosa contou-lhe que eu pretendia partir.

— O Nagual deu ordem para tratarmos você como se fosse ele mesmo — disse Lídia. — Nós todos somos o próprio Nagual, mas você é ainda mais, por algum motivo que ninguém entende.

Ambas falaram comigo ao mesmo tempo e me asseguraram, de várias maneiras, que ninguém ia tentar nada contra mim como tentara Dona Soledad. Ambas tinham tal expressão de sinceridade nos olhos que o meu corpo foi dominado. Confiei nelas.

— Você tem de ficar até a Gorda voltar — disse Lídia.

— O Nagual disse que você devia dormir na cama dele — acrescentou Rosa.

Eu comecei a andar pelo chão, num dilema fantástico. De um lado, eu queria ficar e repousar; fisicamente, sentia-me à vontade e feliz na presença delas, coisa que não sentira na véspera, com Dona Soledad. Por outro lado, o meu aspecto racional não se encontrara de todo. Nesse plano eu estava tão assustado quanto no princípio. Eu tivera momentos de um desespero cego e cometera atos ousados, porém, depois de passado o ímpeto daqueles atos, eu me sentira tão vulnerável quanto antes.

Fiz uma análise íntima, ao caminhar pela sala, quase freneticamente. As duas pequenas ficaram caladas, olhando para mim, ansiosas. Aí, de repente, resolvi o enigma: vi que alguma coisa dentro de mim apenas estava fingindo estar com medo. Eu me acostumara a reagir assim em presença de Dom Juan. Em todos os anos de nossa ligação eu dependera muito dele para dar-me tranquilizantes convenientes para o meu susto. Minha dependência dele me dera alívio e segurança. Mas não era mais sustentável. Dom Juan se fora. Os seus aprendizes não tinham sua paciência, nem sua sofisticação, nem seu domínio puro. Com eles, a minha necessidade de procurar alívio era pura estupidez.

As pequenas me levaram ao outro quarto. A janela dava para sudeste, bem como a cama, que era um tapete espesso, como um colchão. Tinha entalhado uma haste de maguei\*, para que a matéria porosa servisse de travesseiro, ou descanso para o pescoço. Na parte do meio havia uma depressão suave. A superfície do maguei era muito lisa. Parecia ter sido esfregada a mão. Experimentei a cama e o travesseiro. O conforto e satisfação física que senti foram fora do comum. Deitado sobre a cama de Dom Juan, senti-me seguro e completo. Uma paz inigualável invadiu meu corpo. Eu tinha tido uma

\*Planta fibrosa (*Agave atrovirens*) (N. da T.)

sensação semelhante uma vez antes, quando Dom Juan me fizera uma cama no topo de um morro no deserto no norte do México. Adormeci.

Acordei de tardinha. Lídia e Rosa estavam quase em cima de mim, dormindo profundamente. Fiquei imóvel por um ou dois segundos, e então as duas acordaram ao mesmo tempo.

Lídia bocejou e disse que elas tinham sido obrigadas a dormir junto de mim, para proteger-me e fazer-me repousar. Eu estava faminto. Lídia mandou Rosa à cozinha para nos preparar alguma coisa para comer. Enquanto isso, acendeu todos os lampiões da casa. Quando a comida ficou pronta nós nos sentamos à mesa. Eu me sentia como se as conhecesse ou tivesse passado a vida toda com elas. Comemos calados.

Quando Rosa estava tirando a mesa, perguntei a Lídia se elas todas dormiam na cama do Nagual; além da cama de Dona Soledad, era a única outra cama que havia na casa. Lídia disse, num tom natural, que se tinham mudado daquela casa havia anos, para uma casa delas, nas mesmas vizinhanças, e que Pablito também se mudara quando elas saíram de casa e que ele morava com Nestor e Benigno.

— Mas o que aconteceu com vocês? Pensei que vocês tivessem todos juntos — disse eu.

— Não estamos mais — respondeu Lídia. — Desde que o Nagual se foi, temos trabalhos diferentes. O Nagual nos reuniu e o Nagual nos separou.

— E onde está o Nagual agora? — perguntei, no tom mais natural que consegui.

As duas olharam para mim e depois se entreolharam.

— Ah, isso não sabemos — disse Lídia. — Ele e Genaro foram embora.

Ela parecia estar dizendo a verdade, mas tornei a insistir para me contarem o que sabiam.

— Na verdade, não sabemos nada — retrucou Lídia, obviamente atrapalhada com minhas perguntas. — Foram para outro lugar. Você tem de fazer essa pergunta à Gorda. Ela tem algo a lhe dizer. Ontem, ela sabia que você tinha chegado e corremos a noite toda para chegar aqui. Estávamos com medo que você estivesse morto. O Nagual nos disse que você é o único em que podemos confiar e a quem devemos ajudar. Disse que você é ele mesmo.

Ela cobriu a cara e deu uma risada e depois acrescentou, como se a idéia acabasse de lhe ocorrer:

— Mas é difícil acreditar nisso.

— Nós não o conhecemos — disse Rosa. — Esse é que é o problema. Nós quatro sentimos a mesma coisa. Tínhamos receio de que você estivesse morto e depois, quando o vimos, ficamos com raiva de

você por não estar morto. Soledad é como nossa mãe; talvez mais do que isso.

Elas trocaram olhares conspiradores. Imediatamente interpretei isso como um mau sinal. Estavam tramando alguma. Lídia notou a minha desconfiança súbita, que devia estar estampada em minha fisionomia. Ela reagiu com uma série de declarações no sentido de que desejavam ajudar-me. Eu, na verdade, não tinha motivo para duvidar da sua sinceridade. Se elas quisessem prejudicar-me, podiam ter feito isso enquanto eu estava dormindo. Ela parecia tão convicta que eu me senti mesquinho. Resolvi distribuir os presentes que lhes tinha levado. Disse-lhes que nos embrulhos havia lembranças insignificantes e que podiam escolher o que quisessem. Lídia falou que prefeririam que eu mesmo distribuísse os presentes. Num tom de voz muito cortês, acrescentou que ficariam agradecidas se eu também conseguisse curar Dona Soledad.

— O que você acha que eu devia fazer para curá-la? — perguntei, depois de um silêncio demorado.

— Use o seu sócio — disse, num tom natural.

Com cuidado, recapitulei o fato de que Dona Soledad quase me havia assassinado e que eu sobrevivera graças a algo dentro de mim que não era nem minha habilidade nem minha sabedoria. Ao que eu sabia, aquele algo indefinido que parecia ter dado um soco nela era real, mas inatingível. Em resumo, eu não podia ajudar Dona Soledad; era tão difícil quanto caminhar até à Lua.

Elas me escutaram com atenção e ficaram quietas, mas agitadas.

— Onde está Dona Soledad agora? — perguntei a Lídia.

— Está com a Gorda — disse ela, num tom desanimado. — A Gorda levou-a embora e está tentando curá-la, mas não sabemos ao certo onde estão. É verdade.

— E onde está Josefina?

— Ela foi buscar a Testemunha. Ele é o único que pode curar Soledad. Rosa acha que você sabe mais do que a Testemunha, mas como você está zangado com Soledad, você quer que ela morra. Não o culpamos.

Eu lhes garanti que não estava zangado com ela, e acima de tudo que não queria que ela morresse.

— Então, cure-a! — disse Rosa, numa voz zangada e estridente. — A Testemunha nos contou que você sempre sabe o que fazer e a Testemunha não pode estar enganada.

— E quem é a Testemunha, que diabo?

— Nestor é a Testemunha — disse Lídia, como se não quisesse pronunciar o nome dele. — Você sabe disso. Tem de saber.

Lembrei-me de que, em nosso último encontro, Dom Genaro chamara Nestor de Testemunha. Na ocasião, pensei que o nome fosse

uma brincadeira ou um artifício que Dom Genaro estivesse usando para suavizar a tensão e a angústia daqueles nossos últimos momentos juntos.

— Aquilo não foi brincadeira — disse Lídia, com firmeza. — Genaro e o Nagual seguiram um caminho diferente com a Testemunha. Eles o levavam onde quer que fossem. Por toda parte mesmo! A Testemunha testemunhou tudo o que há para testemunhar.

Obviamente, havia um mal-entendido enorme entre nós. Lutei para explicar que eu era quase um estranho para elas. Dom Juan me mantivera afastado de todos; inclusive, de Pablito e Nestor. Além dos olás e adeuses que todos tinham trocado comigo naqueles anos, nós nunca chegamos realmente a conversar juntos. Eu conhecia todos eles principalmente pelas descrições que Dom Juan fazia para mim. Embora um dia eu tivesse conhecido Josefina, não conseguia lembrar-me de sua cara, e da Gorda eu só vira o traseiro imenso. Disse-lhes que, até à véspera, eu nem sabia que as quatro eram aprendizes de Dom Juan, ou que Benigno também fizesse parte do grupo.

Elas trocaram um olhar esquivo. Rosa ia dizendo alguma coisa, mas Lídia deu-lhe ordem com os pés. Achei que, depois de minha explicação demorada e sincera, elas não deviam continuar a se mandar recadinhos às escondidas. Meus nervos estavam tão tensos que aqueles movimentos de pés furtivos foram o pretexto para eu ter um acesso de raiva. Berrei com elas em altos brados e bati na mesa com minha mão direita. Rosa levantou-se com uma rapidez incrível e, suponho que em resposta ao seu movimento súbito, o meu corpo, sozinho, sem a participação de minha razão, recuou um passo, justo a tempo de evitar, por centímetros, um golpe de um pau maciço ou um objeto pesado que Rosa brandia com a mão esquerda. Aquilo caiu sobre a mesa com um estrondo.

Tornei a ouvir, como tinha ouvido na noite da véspera, quando Dona Soledad estava-me estrangulando, um ruído muito especial e misterioso, um som seco como um cano se quebrando, bem atrás de minha traquéia, na base de meu pescoço. Meus ouvidos estalaram e, com a rapidez de um raio, meu braço esquerdo desceu sobre o pau de Rosa e esmagou-o. Vi toda a cena eu mesmo, como se estivesse assistindo a um filme.

Rosa gritou e percebi que eu me inclinara para a frente com todo o meu peso e dera uma pancada nas costas da mão dela com meu punho esquerdo. Fiquei horrorizado. O que me estava acontecendo não era real. Era um pesadelo. Rosa continuava a gritar. Lídia levou-a para o quarto de Dom Juan. Ainda ouvi seus gritos de dor por mais uns momentos, e depois eles pararam. Sentei-me à mesa. Meus pensamentos eram dissociados e incoerentes.

O ruído especial na base de meu pescoço era uma coisa de que eu me tornara agudamente consciente. Dom Juan descrevera aquilo como o ruído que a gente faz no momento de trocar de velocidade. Eu tinha uma leve lembrança de ter experimentado aquilo quando estava em sua companhia. Embora eu tivesse tido consciência daquilo na noite da véspera, só o admitira plenamente quando aconteceu aquilo com Rosa. Percebi então que o ruído criara uma sensação especial de calor no meu céu da boca e dentro de meus ouvidos. A força e a secura do ruído me faziam lembrar do repicar de um sino grande e rachado.

Lídia voltou pouco depois. Parecia estar mais calma e controlada. Chegou até a sorrir. Pedi que ela fizesse o favor de me ajudar a decifrar aquele enigma e me contasse o que tinha acontecido. Depois de muito vacilar, disse que, quando eu berrei e bati na mesa, Rosa ficou excitada e nervosa e, achando que eu ia machucá-las, tentara bater-me com a sua “mão do sonho”. Eu me esquivara à pancada e batera nas costas da sua mão, assim como eu dera em Dona Soledad. Lídia disse que a mão de Rosa ficaria inutilizada, a não ser que eu encontrasse um jeito de ajudá-la.

Aí Rosa entrou na sala. O seu braço estava embrulhado num pedaço de pano. Ela olhou para mim. Seus olhos pareciam os olhos de uma criança. Meus sentimentos estavam no auge do turbilhão. Uma parte de mim sentia-se feia e culpada. Mas outra parte permanecia imperturbável. Se não fosse essa parte, eu não teria sobrevivido nem ao ataque de Dona Soledad nem ao golpe arrasador de Rosa.

Depois de um silêncio prolongado, eu lhes disse que era muito mesquinho de minha parte ficar aborrecido com os recados dos seus pés, mas que não podia haver comparação entre gritar e bater na mesa com o que Rosa tinha feito. Diante do fato de eu não estar familiarizado com os seus gestos, ela podia ter partido o meu braço com o golpe.

Num tom muito ameaçador, pedi para ver a sua mão. Com relutância, ela a desembulhou. Estava inchada e vermelha. Em minha cabeça não havia dúvida de que aquela gente estivesse realizando alguma prova que Dom Juan preparara para mim. Confrontando-as, eu estava sendo lançado a um terreno impossível de se alcançar ou aceitar em termos racionais. Ele dissera várias vezes que a minha racionalidade abrangia apenas uma parte muito diminuta do que chamara de totalidade do ser. Sob o impacto do perigo desconhecido e muito real de meu aniquilamento físico, o meu corpo fora obrigado a utilizar seus recursos recônditos, ou morrer. O jeito parecia ser a aceitação real da possibilidade de que esses recursos existam e podem ser alcançados. Os anos de treinamento não foram mais do que os passos para chegar a essa aceitação. Fiel à sua premissa de

não admitir conchavos, Dom Juan visara para mim a vitória total ou a derrota total. Se o treinamento não tivesse conseguido pôr-me em contato com os meus recursos ocultos, a prova teria tornado isso evidente, e nesse caso haveria pouco a fazer. Dom Juan dissera a Dona Soledad que eu me teria matado. Sendo um conhecedor tão profundo da natureza humana, provavelmente tinha razão.

Estava na hora de tomar um novo rumo. Lúdia dissera que eu podia ajudar Rosa e Dona Soledad com a mesma força que as ferira; o problema, portanto, era conseguir a devida seqüência de sentimentos, ou pensamentos, ou seja o que for, que levava o meu corpo a liberar aquela força. Peguei a mão de Rosa e esfreguei-a. Desejei que se curasse. Só tinha os melhores sentimentos para com ela. Afaguei a sua mão e abracei-a por muito tempo. Esfreguei a sua cabeça, e ela adormeceu no meu ombro, mas a vermelhidão e a inchação não se modificaram.

Lúdia ficou olhando para mim sem dizer uma palavra. Sorri para mim. Eu queria dizer-lhe que era um fiasco como curador. Os seus olhos pareceram captar meu estado de espírito e o prenderam até congelá-lo.

Rosa queria dormir. Ela ou estava morta de cansaço ou muito doente. Eu não queria descobrir qual dos dois. Carreguei-a no colo; ela era mais leve do que eu imaginava. Levei-a até a cama de Dom Juan e coloquei-a lá, com delicadeza. Lúdia cobriu-a. O quarto estava muito escuro. Olhei pela janela e vi um céu sem nuvens, cheio de estrelas. Até aquele momento eu não me lembrara de que estávamos em uma altitude muito elevada.

Olhando para o céu, senti uma onda de otimismo. Não sei por que, as estrelas me pareceram festivas. O sudeste era de fato uma linda direção para se olhar.

Tive um ímpeto repentino, que fui obrigado a satisfazer. Quis ver a diferença que havia na vista do céu da janela de Dona Soledad, que dava para o norte. Peguei Lúdia pela mão, com a intenção de levá-la para lá, mas uma sensação de cócegas em cima de minha cabeça me impediu. Parecia uma onda que ia pelas minhas costas até à cintura e dali para a boca do estômago. Sentei-me na esteira. Fiz um esforço para pensar nas minhas sensações. Pareceu que no momento em que senti as cócegas na cabeça os meus pensamentos tinham diminuído em intensidade e quantidade. Tentei mas não consegui envolver-me no processo mental normal que chamo de pensamento.

Minhas liberações mentais me fizeram esquecer Lúdia. Ela ajoelhou-se no chão, de frente para mim. Tive a consciência de que seus olhos enormes me examinavam, a alguns centímetros de distância. Automaticamente, tornei a pegar a sua mão e fui até ao quarto de Dona Soledad. Ao chegarmos à porta, senti que todo o meu corpo

enrijecia. Tive de puxá-la. Eu já ia transpondo o umbral quando avistei o vulto volumoso e escuro de um corpo humano encolhido na parede diante da porta. Aquela visão foi tão inesperada que soltei uma exclamação e larguei a mão de Lúdia. Era Dona Soledad. Estava com a cabeça apoiada na parede. Virei-me para Lúdia. Ela tinha recuado alguns passos. Eu queria cochichar que Dona Soledad tinha voltado, mas minhas palavras não tinham som, embora eu tivesse certeza de tê-las pronunciado alto. Eu teria tornado a tentar falar, mas tive a necessidade de agir. Era como se as palavras tomassem muito tempo e eu tivesse muito pouco tempo. Entrei no quarto e fui até junto de Dona Soledad. Ela parecia estar com muita dor. Agachei-me ao seu lado e, em vez de perguntar-lhe alguma coisa, levantei-lhe o rosto, para olhar para ela. Vi alguma coisa na sua testa; parecia ser a cataplasma de folhas que ela tinha feito para si. Era escura e viscosa ao tato. Senti a necessidade imperiosa de arrancá-la da sua testa. Muito audaciosamente, agarrei sua cabeça, inclinei-a para trás e arranquei a cataplasma. Parecia que estava descascando uma coisa de borracha. Ela não se mexeu nem reclamou de dor. Sob a compressa havia uma mancha amarelo-esverdeada. Movia-se, como se fosse viva ou dotada de energia. Olhei para aquilo um momento, sem poder fazer nada. Mexi naquilo com o dedo, e a coisa grudou-se como cola. Não entrei em pânico, como normalmente faria; estava quase gostando do negócio. Mexi naquilo com as pontas dos dedos e tudo saiu da testa dela. Levantei-me. A substância gosmenta era quente. Por um instante parecia uma pasta gomosa e depois secou entre meus dedos e a palma de minha mão. Depois tive outra apreensão súbita e corri para o quarto de Dom Juan. Agarrei o braço de Rosa e do braço dela limpei a mesma substância fluorescente, amarelo-esverdeado, que tinha limpado da testa de Dona Soledad.

Meu coração batia tão descompassadamente que eu mal me sustentava de pé. Queria deitar-me, mas algo em mim me impeliu para a janela e me fez ficar ali, correndo no mesmo lugar.

Não sei por quanto tempo fiquei ali, correndo parado. De repente senti que alguém estava enxugando meu pescoço e meus ombros. Percebi que eu estava quase despido, e transpirando muito. Lúdia tinha posto um pano em volta de meus ombros e estava enxugando o suor de meu rosto. Meus processos normais de pensamento, voltaram repentinamente. Olhei em volta do quarto. Rosa dormia profundamente. Corri até ao quarto de Dona Soledad. Esperava encontrá-la também dormindo, mas lá não havia ninguém. Lúdia tinha ido atrás de mim. Eu lhe contei o que tinha acontecido. Ela correu para junto de Rosa e acordou-a, enquanto eu me vestia. Rosa não queria acordar. Lúdia agarrou a mão ferida e apertou-a. Num único movimento, Rosa levantou-se, bem desperta.

Elas começaram a correr pela casa, apagando os lampiões. Pareciam estar-se apressando para fugir. Eu queria perguntar-lhes por que estavam com tanta pressa, quando percebi que também eu me havia vestido com muita pressa. Estávamos correndo juntos; não apenas isso, como elas pareciam estar esperando ordens diretas de mim.

Saimos da casa correndo, levando todos os embrulhos que eu tinha levado. Lídia me aconselhara a não deixar nenhum ali; eu ainda não os distribuira e eles ainda me pertenciam. Joguei-os no assento de trás do carro, enquanto as duas pequenas entravam na frente. Liguei o motor e dei marcha à ré devagar, procurando o caminho no escuro.

Quando chegamos à estrada, encarei o problema mais premente. Ambas disseram, em coro, que eu era o líder: os seus atos dependiam de minhas decisões. Eu era o Nagual. Não podíamos limitar-nos a fugir da casa e ficar vagando a esmo. Eu tinha de dirigi-las. Mas a verdade é que eu não tinha idéia de onde ir ou o que fazer. Virei-me para olhar-lhes, com naturalidade. Os faróis davam uma claridade dentro do carro e os seus olhos eram como espelhos, que a refletiam. Lembrei-me que os olhos de Dom Juan faziam o mesmo; pareciam refletir mais luz do que os olhos de uma pessoa normal.

Eu sabia que as duas pequenas estavam cientes do meu impasse. Em vez de brincar a respeito, para encobrir a minha incapacidade, eu bruscamente dei-lhes a responsabilidade de uma solução. Disse-lhes que não tinha prática de bancar o Nagual e ficaria grato se elas me fizessem o favor de sugerir aonde devíamos ir. Elas pareceram ficar muito aborrecidas comigo. Estalaram as línguas e sacudiram as cabeças. Mentalmente, pensei em várias diretrizes, nenhuma das quais praticável, tais como levá-las para a cidade, ou levá-las para a casa de Nestor, ou mesmo para a Cidade do México.

Parei o carro. Eu me dirigia para a cidade. Mais do que tudo no mundo, queria ter uma conversa franca com as pequenas. Abri a boca para começar, mas elas se voltaram de costas para mim, uma olhou para a outra e puseram os braços uma em volta da outra. Isso parecia indicar que se estavam trancando e não queriam me ouvir.

Minha frustração foi enorme. O que eu almejava naquele momento era o domínio de Dom Juan sobre qualquer situação que se apresentasse, seu companheirismo intelectual, seu humor. Em vez disso, eu estava em companhia de duas bobalhonas.

Percebi uma expressão de desânimo no rosto de Lídia e isso fez parar a minha avalanche de autocomiseração. Pela primeira vez percebi abertamente que não havia limites para a nossa decepção mútua. Obviamente, também elas estavam acostumadas ao domínio de Dom Juan, embora de uma maneira diferente. Para elas, a mudança do próprio Nagual para mim deve ter sido desastrosa.

Fiquei ali sentado muito tempo, com o motor ligado. Aí, de repente, tornei a sentir aquele arrepio do corpo que começava em cima de minha cabeça como cócegas e soube então o que acontecera quando entrei no quarto de Dona Soledad um pouco antes. Eu não a vira no sentido comum. O que eu pensara ser Dona Soledad encolhida na parede era de fato a recordação de ela deixar o corpo um instante depois que eu batera nela. Também soube que quando toquei naquela substância gosmenta e fosforescente, eu a curara, e que aquilo era um tipo de energia que eu deixara na sua cabeça e na mão de Rosa com as minhas pancadas.

Passou por minha cabeça a visão de uma certa ravina. Convenci-me de que Dona Soledad e a Gorda estavam lá. Essa idéia não era pura conjectura, era, antes, uma verdade que não precisava de maior corroboração. A Gorda levava Dona Soledad para o fundo daquela certa ravina e naquele momento preciso estava tentando curá-la. Eu queria dizer-lhe que era errado tentar tratar da inchação da testa de Dona Soledad e que não havia mais necessidade de ficarem lá.

Descrevi minha visão às moças. Ambas me disseram, como Dom Juan costumava dizer, para não me entregar a ela. Com ele, porém, aquela reação era mais razoável. Eu nunca me importara com as suas críticas, nem seu sarcasmo, mas as duas pequenas eram de uma classe diferente. Senti-me insultado.

— Vou levá-las para casa — disse eu. — Onde moram?

Lidia virou-se para mim e em um tom furioso disse que ambas eram minhas pupilas e que eu tinha de levá-las para um lugar seguro, pois que, a pedido do Nagual, elas tinham renunciado à liberdade a fim de ajudar-me.

Nesse ponto, tive um acesso de fúria. Tive vontade de dar nas duas pequenas, mas aí senti outra vez o arrepio estranho percorrer meu corpo. Novamente começou como cócegas no alto de minha cabeça, que ia descendo por minhas costas até chegar à minha região umbilical, e aí descobri onde elas moravam. As cócegas pareciam um escudo, uma camada macia e morna. Eu o sentia fisicamente, abrangendo a zona entre o meu púbis e a borda de minha caixa torácica. Minha raiva desapareceu e foi substituída por uma estranha sobriedade, uma reserva, e ao mesmo tempo, um desejo de rir. Aí aprendi uma coisa transcendental. Sob o impacto dos atos de Dona Soledad e das irmãs, o meu corpo suspendera o seu julgamento; nos termos de Dom Juan, eu parara o mundo. Tinha fundido duas sensações dissociadas. A comichão no topo de minha cabeça e o ruído seco e estalado na base de meu pescoço: entre os dois estavam o meio dessa suspensão de julgamento.

Sentado ali no meu carro com as duas moças, à margem de uma deserta estrada de montanha, percebi, como fato verdadeiro, que pela

primeira vez eu tivera a percepção total de parar o mundo. Essa sensação me trouxe à lembrança a recordação de outra percepção corporal semelhante que tivera pela primeira vez alguns anos antes. Tinha relação com a comichão em cima da cabeça. Dom Juan dissera que os feiticeiros tinham de cultivar essa sensação e descreveu-a detalhadamente. Segundo ele, era uma espécie de coceira, nem agradável nem dolorosa, que ocorria bem no topo da cabeça da gente. A fim de fazer-me perceber aquilo, num plano intelectual, ele descreveu e analisou suas características e depois, do lado prático, tentou orientar-me para desenvolver a necessária percepção corporal e a recordação dessa sensação, fazendo-me correr debaixo de galhos ou pedras salientes num plano horizontal alguns centímetros acima de minha cabeça.

Durante anos tentei seguir o que me ensinara, mas por um lado eu era incapaz de compreender por sua descrição, e por outro era incapaz de dar ao meu corpo a memória adequada, seguindo seus passos pragmáticos. Nunca senti nada em cima da cabeça, ao correr sob os galhos e pedras que ele escolhera para sua demonstração. Mas, um dia o meu corpo descobriu por si essa sensação, quando dirigi um caminhão alto para dentro de uma estrutura de estacionamento de três andares. Entrei pelo portão da estrutura à mesma velocidade que normalmente entrava em meu sedã, pequeno, de duas portas: o resultado foi que, do assento alto do caminhão, percebi a viga transversa de cimento do teto aproximando-se de minha cabeça. Não consegui parar o caminhão a tempo e a sensação que tive foi de que a viga de cimento estava-me escalpelando. Eu nunca tinha dirigido um veículo tão alto quanto aquele caminhão, de modo que não pude fazer as adaptações perceptuais necessárias. O espaço entre a capota do caminhão e o teto da estrutura do estacionamento para mim parecia não existir. Senti a viga com meu couro cabeludo.

Naquele dia passei horas dirigindo dentro da estrutura, dando ao meu corpo a oportunidade de guardar a recordação daquela sensação de comichão.

Olhei para as duas pequenas e quis dizer-lhes que eu acabara de descobrir onde elas moravam. Mas desisti. Não havia meio de descrever-lhes que aquela sensação me fizera lembrar de um comentário displicente que Dom Juan fizera um dia, ao passarmos por uma casa a caminho da casa de Pablito. Ele tinha mostrado uma coisa diferente nas vizinhanças e dissera que aquela casa era um lugar de sossego ideal mas não era um lugar para se descansar. Levei-as para lá.

A sua casa era bem grande. Era também feita de adobe, com um telhado de telhas como o de Dona Soledad. Tinha uma sala comprida na frente, uma cozinha coberta e aberta nos fundos, um grande pátio ao lado da cozinha e um quintal para as galinhas além do pátio. Mas

a parte mais importante da sua casa era um quarto fechado com duas portas, uma dando para a sala da frente e outra dando para os fundos. Lídia disse que elas mesmas a tinham construído. Eu quis vê-lo, mas ambas disseram que a ocasião não era oportuna pois Josefina e a Gorda não estavam presentes para mostrar-me as partes do quarto que lhes pertenciam.

No canto da sala da frente havia um tablado de tijolos embutido, de um bom tamanho. Tinha cerca de 45 centímetros de altura e fora construído como uma cama, com uma das extremidades encostada à parede. Lídia pôs umas esteiras grossas de palha sobre a superfície lisa e insistiu comigo para eu deitar ali e dormir, enquanto elas vigiavam.

Rosa tinha acendido um lampião, que pendurara sobre a cama. Havia luz suficiente para escrever. Expliquei-lhes que escrever me aliviava a tensão e perguntei se aquilo as aborrecia.

— Por que você tem de perguntar? — retrucou Lídia. — Faça de uma vez!

À guisa de uma explicação sumária, eu lhes disse que sempre fizera algumas coisas, como tomar notas, que eram estranhas até para Dom Juan e Dom Genaro e que certamente lhes seriam estranhas.

— Todos nós fazemos coisas estranhas — disse Lídia, secamente.

Sentei-me na cama sob o lampião, de costas para a parede. Elas se deitaram junto de mim, uma de cada lado. Rosa cobriu-se com uma manta e adormeceu, como se a ela bastasse deitar-se. Lídia disse que então era a hora e o lugar certo para conversarmos, embora ela preferisse que eu apagasse a luz, pois lhe dava sono.

Nossa conversa no escuro girou sobre o paradeiro das duas outras moças. Ela disse que não podia nem imaginar onde a Gorda estava, mas Josefina com certeza ainda estava nas montanhas, ainda procurando por Nestor, embora já estivesse escuro. Ela explicou que Josefina era a mais capaz de se cuidar em situações como estar num lugar deserto depois de escuro. Era por isso que a Gorda a incubira daquela tarefa.

Observei que, ouvindo-as falarem sobre a Gorda, eu chegara à conclusão de que ela era a chefe. Lídia respondeu que a Gorda realmente era encarregada, e que o próprio Nagual a incubira de comandar as coisas. Acrescentou que mesmo que ele não o tivesse feito, a Gorda teria tomado a chefia para si, mais cedo ou mais tarde, pois era a melhor.

Naquele ponto fui obrigado a acender o lampião a fim de poder escrever. Lídia reclamou que a luz não a deixava ficar acordada, mas eu não cedi.

— O que é que faz a Gorda ser a melhor? — perguntei.  
 — Ela tem maior poder pessoal — disse. — Sabe tudo. Além disso, o Nagual ensinou-lhe como controlar as pessoas.  
 — Você tem inveja da Gorda por ser a melhor?  
 — Antes tinha, mas não tenho mais.  
 — Por que você mudou?  
 — Por fim aceitei o meu destino, conforme o Nagual me mandou.  
 — E qual é o seu destino?  
 — Meu destino... meu destino é ser a brisa. Ser uma sonhadora. Meu destino é ser guerreira.  
 — Rosa e Josefina têm inveja da Gorda?  
 — Não têm, não. Todas nós aceitamos os nossos destinos. O Nagual disse que o poder só vem depois que aceitamos o nosso destino sem recriminações. Eu costumava reclamar muito e sentir-me muito mal porque eu gostava do Nagual. Pensei que eu fosse uma mulher. Mas ele me mostrou que não sou. Ele me mostrou que sou uma guerreira. Minha vida tinha terminado, antes de conhecê-lo. Este corpo que você está vendo aqui é novo. A mesma coisa aconteceu com todas nós. Talvez você não fosse como nós, porém para nós o Nagual foi uma vida nova.  
 “Quando ele nos disse que ia partir, pois tinha de fazer outras coisas, pensamos morrer. Mas olhe para nós agora. Estamos vivas, e sabe por quê? Porque o Nagual nos mostrou que somos ele mesmo. Ele está aqui conosco. Sempre estará aqui. Somos o seu corpo e espírito.  
 — Vocês quatro sentem a mesma coisa?  
 — Não somos quatro. Somos uma. Esse é o nosso destino. Temos de carregar umas às outras. E você é a mesma coisa. Todos nós somos o mesmo. Até mesmo Soledad é a mesma, embora ela siga numa direção diferente.  
 — E Pablito, Nestor e Benigno? Onde ficam eles?  
 — Não sabemos. Não gostamos deles. Especialmente de Pablito. Ele é covarde. Não aceitou o seu destino e quer safar-se dele. Quer até abandonar a oportunidade que tem de ser feiticeiro, preferindo viver uma vida normal. Isso vai ser ótimo para Soledad. Mas o Nagual nos deu ordens para ajudá-lo. Mas estamos ficando cansadas de ajudá-lo. Talvez um dia desses a Gorda o empurre do caminho para sempre.  
 — Ela pode fazer isso?  
 — Se pode fazer isso! Claro que pode. Ela tem mais do Nagual do que nós todas. Talvez ainda mais do que você.  
 — Por que, em sua opinião, o Nagual nunca me contou que vocês eram suas aprendizes?

— Porque você é vazio.  
 — Ele disse que sou vazio?  
 — Todo mundo sabe que você é vazio. Está escrito no seu corpo.  
 — Como você pode dizer isso?  
 — Há um buraco no meio.  
 — No meio de meu corpo? Onde?  
 Muito delicadamente, ela tocou num ponto do lado direito de meu estômago. Fez um círculo com o dedo, como se seguisse as bordas de um buraco invisível, de uns dez ou doze centímetros de diâmetro.  
 — Você também é vazia, Lídia?  
 — Está brincando? Eu sou completa. Não pode ver?  
 As respostas que ela dava às minhas perguntas estavam tomando um rumo que eu não esperava. Eu não queria irritá-la com a minha ignorância. Fiz um gesto afirmativo com a cabeça.  
 — Por que, em sua opinião, eu tenho aqui um buraco que me torna vazio? — perguntei, depois de pensar qual seria a pergunta mais inocente.  
 Ela não deu resposta. Virou de costas para mim e reclamou que a luz do lampião incomodava a sua vista. Insisti numa resposta. Ela me olhou, desafiadora.  
 — Não quero mais falar com você — disse. — Você é burro. Nem mesmo Pablito é tão burro assim e ele é o pior.  
 Eu não queria acabar num outro beco sem saída, fingindo que sabia do que ela estava falando, de modo que tornei a perguntar o que provocava o meu vazio. Insisti para ela falar, afirmando que Dom Juan nunca me explicara esse assunto. Ele me dissera muitas vezes que eu era vazio e eu compreendi isso do jeito que qualquer homem ocidental compreenderia essa declaração. Pensei que ele quisesse dizer que eu era desprovido de determinação, vontade, propósito, ou mesmo inteligência. Ele nunca me falara de um buraco em meu corpo.  
 — Há um buraco no lado direito — disse ela, com naturalidade.  
 — Um buraco feito por uma mulher quando ela o esvaziou.  
 — Você sabe quem foi a mulher?  
 — Só você pode dizer isso. O Nagual disse que os homens, em geral, não sabem quem os esvaziou. As mulheres têm mais sorte; sabem com certeza quem as esvaziou.  
 — Suas irmãs são vazias, como eu?  
 — Não seja burro. Como é que elas podem ser vazias?  
 — Dona Soledad disse que ela era vazia. Ela parece comigo?  
 — Não. O buraco no estômago dela era enorme. Era dos dois lados, o que quer dizer que um homem e uma mulher a esvaziaram.

— O que Dona Soledad fez com um homem e uma mulher?  
— Deu-lhes a sua integridade.  
Hesitei um momento antes de formular a pergunta seguinte. Quería examinar todas as implicações das suas palavras.  
— A Gorda era pior ainda do que Soledad — continuou Lúdia.  
— Duas mulheres a esvaziaram. O buraco no seu estômago parecia uma caverna. Mas agora ela o fechou. Está completa de novo.  
— Conte-me sobre essas duas mulheres.  
— Não posso contar-lhe mais nada — disse ela, num tom muito imperioso — Só a Gorda pode falar sobre este assunto. Espere até ela chegar.  
— Por que só a Gorda?  
— Porque ela sabe tudo.  
— Só ela é que sabe tudo?  
— A Testemunha sabe tanto, talvez mais até, mas ele é o próprio Genaro, e isso o torna difícil de se lidar. Nós não gostamos dele.  
— Por que não gostam dele?  
— Aqueles três vagabundos são horríveis. São malucos como Genaro. Bem, são o próprio Genaro. Estão sempre brigando conosco porque tinham medo do Nagual e agora estão-se vingando de nós. Pelo menos é o que diz a Gorda.  
— O que leva a Gorda a dizer isso?  
— O Nagual lhe contou coisas que não contou a nós outras. Ela vê. O Nagual disse que você também vê. Josefina, Rosa e eu não vemos, e no entanto nós cinco somos a mesma coisa. Somos iguais.  
A frase "somos iguais", que Dona Soledad usara na véspera, provocou uma avalanche de idéias e receios. Larguei o meu bloco. Olhei em volta de mim. Estava num mundo estranho, deitado numa cama estranha, no meio de duas moças que eu não conhecia. No entanto, sentia-me à vontade ali. Meu corpo sentia uma descontração e indiferença. Eu confiava nelas.  
— Você vai dormir aqui? — perguntei.  
— Onde havia de ser?  
— E o seu quarto?  
— Não podemos deixá-lo sozinho. Sentimos o mesmo que você; você é um estranho, só que somos obrigadas a ajudá-lo. A Gorda disse que por mais burro que você fosse, temos obrigação de cuidar de você. Disse que temos de dormir na mesma cama que você, como se você fosse o próprio Nagual.  
Lúdia apagou o lampião. Fiquei sentado de costas apoiadas na parede. Fechei os olhos para pensar e adormeci imediatamente.  
Lúdia, Rosa e eu estávamos sentados num lugar plano, do lado de fora da porta da frente, havia quase duas horas, desde as oito da manhã. Eu tentara fazê-las conversar, mas elas se recusaram a falar.

Pareciam estar muito descontraídas, quase adormecidas. Mas aquele estado de espírito de abandono não era contagioso. De tanto ficar ali sentado num silêncio forçado eu passara a um estado de espírito só meu. A sua casa ficava no topo de um morrinho; a porta da frente dava para leste. De onde eu estava podia ver quase todo o vale estreito, que ia de leste a oeste. Não via a aldeia, mas via as zonas de campos cultivados no fundo do vale. Do outro lado e cercando o vale em todas as direções havia morros gigantescos, arredondados pela erosão. Não havia montanhas altas nas vizinhanças do vale, mas apenas aqueles morros redondos e enormes, desgastados, e vê-los provocava em mim uma sensação intensa de opressão. Tinha a impressão de que aqueles morros iam transportar-me para uma outra época.

De repente Lúdia falou comigo e a voz dela perturbou meu devaneio. Ela puxou a minha manga.

— Aí vem Josefina — disse ela.

Olhei para o caminho tortuoso que ia do vale até à casa. Vi uma mulher subindo o caminho devagar, a uma distância de uns 50 metros. Notei logo a grande diferença de idade entre Lúdia e Rosa e a mulher que se aproximava. Olhei de novo para ela. Não imaginara que Josefina pudesse ter essa idade. A julgar pelo andar vagaroso e a posição do corpo, ela parecia ser uma mulher de seus cinquenta e tantos anos. Trajava uma saia comprida e escura e estava carregando um feixe de lenha nas costas. Trazia um embrulho amarrado em volta da cintura; parecia que levava uma criança embrulhada no quadril esquerdo. Parecia estar amamentando a criança, enquanto caminhava. Os seus passos eram quase fracos. Ela mal conseguiu vencer a última ladeira, antes de chegar à casa. Quando afinal postou-se diante de nós, a alguns metros, estava tão ofegante que tentei ajudá-la a sentar-se. Ela fez um gesto mostrando que estava bem.

Ouvi Lúdia e Rosa dando risadas. Não olhei para elas porque toda a minha atenção tinha sido tomada de assalto. A mulher na minha frente era positivamente a criatura mais repugnante e imunda que eu já vira. Ela desfez a pilha de lenha e deixou-a cair ao chão com um barulhão. Sem querer dei um salto, em parte devido ao barulho e em parte porque a mulher quase caiu no meu colo, puxada pelo peso da madeira.

Ela olhou-me um momento e depois abaixou os olhos, aparentemente encabulada com seu jeito desastrado. Endireitou-se e deu um suspiro de alívio. Obviamente, o peso fora grande demais para o corpo envelhecido.

Quando ela esticou os braços, os cabelos se soltaram, em parte. Ela usava uma faixa suja amarrada na testa. Os cabelos eram compridos e grisalhos e pareciam sujos e embaraçados. Eu via os cabelos

brancos contra o marrom-escuro da faixa. Ela sorriu para mim e bateu a cabeça. Parecia não ter dente algum; vi o buraco preto daquela boca sem dentes. Ela cobriu o rosto com a mão e riu. Tirou as sandálias e entrou na casa, sem me dar tempo de dizer nada. Rosa acompanhou-a.

Fiquei estupefato. Dona Soledad tinha insinuado que Josefina era da mesma idade que Lúdia e Rosa. Virei-me para Lúdia. Ela estava me espiando.

— Eu não sabia que ela era tão velha — disse eu.

— É, ela é bem velha — disse ela, com displicência.

— Ela tem um filho? — perguntei.

— Tem, e o leva para todo canto. Nunca o deixa conosco. Tem medo que o comamos.

— É menino?

— Menino.

— Que idade tem?

— Ela já o tem há tempos. Mas não sei a sua idade. Nós achávamos que ela não devia ter filhos, na sua idade. Mas ela não nos deu atenção.

— Ele é filho de quem?

— De Josefina, claro.

— Quero dizer, quem é o pai?

— O Nagual, quem havia de ser?

Achei que aquela notícia era bem extravagante e enervante.

— Imagino que tudo seja possível no mundo do Nagual — disse eu.

Eu queria dizer aquilo mais como uma idéia minha do que uma declaração feita a Lúdia.

— Se é — disse ela, e riu-se.

A opressão daqueles morros desgastados tornou-se insuportável. Havia alguma coisa de realmente abominável naquela região e Josefina fora o golpe final. Além de ter um corpo velho, feio e fedorento, e ser desdentada, ela também parecia ter uma paralisia facial. Os músculos do lado esquerdo do rosto pareciam ter uma lesão, coisa que provocava uma distorção extremamente desagradável do seu olho esquerdo e o lado esquerdo de sua boca. Meu estado de espírito oprimido passou a ser o de uma angústia extrema. Por um momento brinquei com a idéia, a essa altura bem conhecida, de correr para o meu carro e ir embora.

Queixei-me a Lúdia que eu não me sentia bem. Ela se riu e disse que com certeza Josefina me tinha apavorado.

— Ela tem esse efeito sobre as pessoas — disse ela. — Todos a detestam. É mais feia do que uma barata.

— Lembro-me de tê-la visto uma vez — disse eu — mas ela era moça.

— As coisas mudam — disse Lúdia, filosoficamente — de um jeito ou de outro. Veja Soledad. Que modificação, hein? E você também mudou. Parece mais compacto do que eu me lembrava. Está cada vez mais parecido com o Nagual.

Eu queria dizer que a mudança de Josefina era abominável mas tive medo que ela me ouvisse.

Olhei para os morros desgastados do outro lado do vale. Tive vontade de fugir deles.

— O Nagual deu-nos essa casa — disse ela — mas não é uma casa de repouso. Antes tínhamos outra casa que era realmente linda. Este é um lugar para a gente concentrar as forças. Aqueles morros lá deixam a gente alucinada.

A sua audácia, ao ler os meus pensamentos, me deu um alívio. Não sabia o que dizer.

— Nós somos naturalmente preguiçosas — continuou. — Não gostamos de nos esforçar. O Nagual sabia disso, de modo que deve ter imaginado que esse lugar nos faria subir pelas paredes.

Ela se levantou de repente, dizendo que queria comer alguma coisa. Fomos até à cozinha, recinto meio fechado, só com duas paredes. Na extremidade aberta, à direita da porta, havia um fogão de barro; na outra extremidade, onde as duas paredes se juntavam, havia um local de refeições grande, com uma mesa comprida e três bancos. O chão era forrado de pedras de rio, lisas. O telhado chato, de uns três metros de altura, apoiava-se sobre as duas paredes e grossas traves de sustentação nos lados abertos.

Lúdia serviu-me uma tigela de feijão e carne de uma panela que estava cozinhando num fogo muito lento. Ela esquentou umas *tortillas* sobre o fogo. Rosa apareceu, sentou-se ao meu lado e pediu a Lúdia para servir-lhe um pouco de comida.

Entreti-me olhando Lúdia usar uma concha para servir o feijão e a carne. Ela parecia ter olho para a quantidade certa. Devia estar percebendo que eu estava admirando as suas manobras. Tirou dois ou três feijões da tigela de Rosa e os levou de volta à panela.

Do canto do olho, vi Josefina entrando na cozinha. Mas não olhei para ela. Sentou-se em frente de mim, do outro lado da mesa. Tive uma sensação esquisita no estômago. Achei que não conseguiria comer com aquela mulher me olhando. Para aliviar a minha tensão, brinquei com Lúdia, dizendo que ainda havia dois feijões a mais na tigela de Rosa, que não tinha notado. Ela apanhou dois grãos de feijão com a concha, com uma exatidão que me fez soltar uma exclamação. Dei uma risada nervosa, sabendo que depois que Lúdia se sentasse eu teria de tirar os olhos do fogão e admitir a presença de Josefina.

Por fim, com relutância, tive de olhar para Josefina, do outro lado da mesa. Fez-se um silêncio mortal. Fiquei olhando fixamente para ela, incrédulo. Abri a boca sem querer. Ouvi as gargalhadas de Lídia e Rosa. Levei um tempo interminável para pôr um pouco de ordem em minhas idéias e sentimentos. Quem me estava olhando não era a Josefina que eu tinha visto um pouco antes, e sim uma moça muito bonita. Ela não tinha feições de índia, como tinham Lídia e Rosa. Parecia ser mais latina do que índia. Tinha a pele morena clara, a boca pequena e um nariz bem feito, dentes pequenos e brancos e cabelos curtos, negros e crespos. Tinha uma covinha do lado esquerdo do rosto, o que dava uma petulância positiva ao seu sorriso.

Era a moça que eu conhecera rapidamente, anos antes. Ela prendeu o meu olhar. Os seus olhos eram simpáticos. Aos poucos, fui tomado de um nervosismo incontrolável. Acabei fazendo palhaçada desesperadamente, sobre a minha confusão sincera.

Elas riam como crianças. Depois que pararam de rir, eu quis saber o motivo para a exibição de arte dramática de Josefina.

— Ela está treinando a arte de espreitar — disse Lídia. — O Nagual ensinou-nos a confundir as pessoas, para elas não nos notarem. Josefina é muito bonita e quando anda sozinha de noite, ninguém a importuna, se for feia e fedorenta, mas se ela sair como realmente é, bem, você mesmo pode dizer o que vai acontecer.

Josefina concordou com a cabeça e depois fez a careta mais feia do mundo.

— Ela consegue ficar com essa cara o dia inteiro — disse Lídia.

Argumentei que se eu morasse por ali, certamente havia de reparar mais depressa em Josefina com o seu disfarce do que se ela não estivesse disfarçada.

— Aquele disfarce foi só para você — disse Lídia, e as três se riram. — E veja como o enganou. Você reparou mais no seu filho do que nela mesma.

Lídia foi para o quarto e trouxe um embrulho de trapos que parecia uma criança embrulhada e jogou-o na mesa diante de mim. Eu ri às gargalhadas junto com elas.

— Vocês todas têm disfarces especiais? — perguntei.

— Não. Só Josefina. Ninguém por aqui a conhece como ela é mesmo — respondeu Lídia.

Josefina concordou e sorriu mas ficou calada. Gostei muito dela. Havia algo tão inocente e doce nela.

— Diga alguma coisa, Josefina — disse eu, agarrando-a pelos braços.

Ela olhou para mim intrigada e recuou. Pensei que eu me excedera, em meu entusiasmo, e talvez a tivesse agarrado com muita

força. Larguei-a. Sentou-se ereta. Torceu a boquinha e os lábios finos e teve um acesso muito grotesco de grunhidos e gritos.

Todo o seu rosto pareceu mudar de repente. Uma série de espasmos feios e involuntários conturbaram sua expressão tranqüila de um momento antes.

Olhei-a, horrorizado. Lídia puxou-me pela manga.

— Por que você tem de amedrontá-la, seu estúpido? — murmurou. — Não sabe que ela ficou muda e não sabe falar nada?

Josefina obviamente compreendeu o que ela dizia, e pareceu querer protestar. Cerrou o punho, brandindo-o na cara de Lídia e soltou outra série de gritos altos e apavorantes e depois engasgou-se e tossiu. Rosa começou a esfregar as suas costas. Lídia tentou fazer o mesmo e Josefina quase deu um soco em sua cara.

Lídia sentou-se ao meu lado e fez um gesto de impotência. Deu de ombros.

— Ela é assim — murmurou Lídia para mim.

Josefina virou-se para ela, com o rosto contorcido numa careta de raiva muito feia. Abriu a boca e berrou em altos brados, soltando sons guturais e assustadores.

Lídia levantou-se do banco e, de maneira muito disfarçada, saiu da área da cozinha.

Rosa ficou segurando Josefina pelo braço. Josefina parecia a epitome da fúria. Mexia a boca e contorcia o rosto. Em alguns minutos, perdera toda a beleza e inocência que me encantaram. Eu não sabia o que fazer. Tentei desculpar-me mas os ruídos desumanos de Josefina abafaram minhas palavras. Por fim, Rosa levou-a para dentro da casa.

Lídia voltou e sentou-se à mesa, diante de mim.

— Alguma coisa errada aqui — disse ela, tocando a cabeça.

— Quando é que isso aconteceu? — perguntei.

— Há muito tempo. O Nagual deve ter-lhe feito alguma coisa, pois de repente ela perdeu a fala.

Lídia parecia estar triste. Tive a impressão de que a sua tristeza se mostrava, contra a sua vontade. Cheguei a ter a tentação de dizer-lhe para não fazer tanta força para esconder suas emoções.

— Como é que Josefina se comunica com vocês? — perguntei. — Ela sabe escrever?

— Ora, não seja tolo. Ela não sabe escrever. Não é você. Ela usa as mãos e os pés para nos dizer o que quer.

Josefina e Rosa voltaram para a cozinha. Ficaram ao meu lado. Achei que Josefina voltara a ser a imagem da inocência e candura. Sua expressão beatífica não dava a menor idéia do fato de que ela podia tornar-se tão feia, tão depressa. Ao olhar para ela, tive a sensação repentina de que sua capacidade fabulosa de fazer gestos sem

dúvida estava intimamente ligada à sua afasia. Raciocinei que somente uma pessoa que tivesse perdido a capacidade de se exprimir verbalmente poderia ser tão versada na mímica.

Rosa me disse que Josefina lhe mostrara que gostaria de poder falar, pois gostara muito de mim.

— Até você aparecer, ela estava feliz como é — disse Lídia, numa voz áspera.

Josefina bateu a cabeça, corroborando a declaração de Lídia, e teve uma explosão débil de sons.

— Quisera que a Gordá estivesse aqui — disse Rosa. — Lídia sempre enraivece Josefina.

— Não é de propósito! — protestou Lídia.

Josefina sorriu para ela e estendeu o braço para tocá-la. Parecia que estava tentando desculpar-se. Lídia afastou a sua mão.

— Ora, sua muda imbecil — resmungou ela.

Josefina não se zangou. Afastou os olhos. Havia tanta tristeza nos seus olhos que eu não quis olhar para ela. Senti-me forçado a interferir.

— Ela acha que é a única mulher no mundo que tem problemas — retrucou-me Lídia. — O Nagual disse-nos para sermos duras com ela, sem piedade, até ela parar de ter pena de si mesma.

Rosa olhou para mim e confirmou as palavras de Lídia com a cabeça.

Lídia virou-se para Rosa e mandou que ela saísse de junto de Josefina. Rosa obedeceu e sentou-se no banco ao meu lado.

— O Nagual disse que um dia desses ela vai voltar a falar — disse-me Lídia.

— Eil — disse Rosa, puxando-me pela manga. — Talvez seja você quem a fará falar.

— É! — exclamou Lídia, como se tivesse tido a mesma idéia. — Talvez seja por isso que tivemos de esperar por você.

— É tão claro! — acrescentou Rosa, com a expressão de quem acaba de ter uma verdadeira revelação.

As duas levantaram-se de um salto e abraçaram Josefina.

— Você vai falar de novo! — Rosa exclamou, sacudindo Josefina pelos ombros.

Josefina abriu os olhos e os fez girar. Começou a dar suspiros fracos e abafados, como se estivesse soluçando, e acabou correndo de um lado para outro, chorando como um animal. A sua excitação era tal que parecia estar com os maxilares presos, abertos. Pensei sinceramente que estava no ponto de uma crise nervosa. Lídia e Rosa correram para o seu lado e ajudaram-na a fechar a boca. Mas não procuraram acalmá-la.

— Você vai voltar a falar! Você vai voltar a falar! — gritavam elas.

Josefina soluçava e uivava de um modo que me dava calafrios na espinha.

Fiquei completamente aturdido. Tentei falar-lhes racionalmente. Apelei para a sua razão, mas depois compreendi que tinham muito pouca, pelos meus padrões. Fiquei andando de um lado para outro na frente delas, tentando imaginar o que fazer.

— Você vai ajudá-la, não vai? — perguntou Lídia.

— Por favor, senhor, por favor — implorou Rosa.

Eu lhes disse que estavam malucas, e que eu não podia saber o que fazer. E, no entanto, enquanto falava notei que havia uma estranha sensação de otimismo e certeza no fundo de minha mente. A princípio, quis livrar-me dela, mas ela se apoderou de mim. Uma vez antes eu tivera uma sensação semelhante, com relação a uma grande amiga minha que estava moribunda. Achei que eu podia curá-la e chegar a sair do hospital onde estava morrendo. Cheguei a consultar Dom Juan a respeito.

— Claro. Você pode curá-la e fazê-la sair dessa armadilha de morte — dissera ele.

— Como? — perguntei-lhe.

— É um processo muito simples — disse ela. — Basta lembrar-lhe que ela é uma doente incurável. Como é um caso fatal, tem poder. Não tem mais nada a perder. Já perdeu tudo. Quando a gente não tem nada a perder, torna-se corajosa. Só somos tímidos quando ainda há alguma coisa a que se agarrar.

— Mas basta lembrar isso a ela?

— Não. Isso lhe dará o ímpeto que ela precisa. Depois ela tem de empurrar a doença para longe com a mão esquerda. Ela tem de estender o braço em sua frente com a mão fechada, como se estivesse segurando uma maçaneta. Tem de empurrar e ficar empurrando enquanto diz "fora, fora, fora". Diga-lhe que, como não tem mais nada a fazer, tem de dedicar todos os segundos da vida que lhe resta a fazer esse movimento. Eu lhe asseguro que poderá levantar-se e sair dali andando, se quiser.

— Parece tão simples — disse eu.

Dom Juan riu-se.

— Parece simples — disse — mas não é. Para fazer isso a sua amiga tem de ter um espírito impecável.

Ele olhou para mim por muito tempo. Parecia estar avaliando o interesse e a tristeza que eu sentia por minha amiga.

— Naturalmente — acrescentou — se a sua amiga tivesse um espírito impecável, não estaria nessa situação, para começar.

Eu disse à minha amiga o que Dom Juan dissera. Mas ela já estava fraca demais até para tentar mexer o braço.

Mas no caso de Josefina, a minha racionalização, para a minha confiança secreta, era que se tratava de uma guerreira com um espírito impecável. Seria possível, perguntei-me, calado, aplicar o mesmo movimento da mão a ela?

Eu disse a Josefina que sua incapacidade de falar devia-se a algum tipo de bloqueio.

— Sim, sim, é um bloqueio — repetiram Lídia e Rosa, depois que falei.

Expliquei a Josefina o movimento do braço e disse-lhe que tinha de expulsar o bloqueio mexendo o braço daquela forma.

Os olhos de Josefina estavam transfigurados. Parecia estar num transe. Ela mexeu a boca, fazendo sons que mal se ouviam. Tentou mexer o braço, mas sua excitação era tão intensa que atirava os braços sem qualquer coordenação. Tentei redirecionar o movimento dela, mas parecia estar tão fora daquilo que não conseguia nem ouvir o que eu estava dizendo. Seus olhos saíram de foco e vi que ia desmaiar. Rosa parece que percebeu o que estava acontecendo; deu um salto, pegou uma xícara de água e borrifou-a no rosto de Josefina. Os olhos de Josefina giraram para trás, mostrando a parte branca. Ela piscou várias vezes, até poder tornar a focalizar os olhos. Mexeu a boca, mas não fez som algum.

— Toque na sua garganta! — gritou-me Rosa.

— Não! Não! — gritou Lídia. — Toque na sua cabeça. É na cabeça dela, pateta!

Ela agarrou a minha mão e, com relutância, deixei que a colocasse sobre a cabeça de Josefina.

Josefina estremeceu e pouco a pouco foi soltando uma porção de sons fracos. Não sei como, pareceram-me mais harmoniosos do que os sons desumanos que fazia antes.

Rosa também deve ter notado a diferença.

— Ouviu isso? Ouviu isso? — perguntou-me, num sussurro.

Mas fosse qual fosse a diferença, Josefina soltou outra série de gritos, mais grotescos do que nunca. Quando sossegou, soluçou um instante e depois passou a outro estado de euforia. Lídia e Rosa por fim a acalmaram. Ela se atirou num banco, parecendo exausta. Mal conseguia levantar as pálpebras para olhar para mim. Deu um sorriso humilde.

— Sinto muito, muito mesmo — disse eu, e segurei-lhe a mão.

Todo o corpo dela vibrou. Ela abaixou a cabeça e recomeçou a chorar. Senti uma empatia total por ela. Naquele momento eu teria dado a vida para ajudá-la.

Ela soluçava descontroladamente, enquanto tentava falar comigo. Lídia e Rosa pareciam estar tão empolgadas com o drama que faziam os mesmos gestos com a boca.

— Pelo amor de Deus, faça alguma coisa! — exclamou Rosa, numa voz suplicante.

Senti uma ansiedade insuportável. Josefina levantou-se e abraçou-me, ou melhor, agarrou-se e mim num frenesi e puxou-me de junto da mesa. Naquele instante Lídia e Rosa, com uma agilidade, rapidez e controle assombrosos, agarraram-me pelos ombros com as duas mãos e ao mesmo tempo engancharam meus calcanhares com os seus pés. O peso do corpo de Josefina e o seu abraço, mais a velocidade da manobra de Lídia e Rosa me deixaram indefeso. Elas todas se mexeram ao mesmo tempo e, antes que eu percebesse o que estava acontecendo, tinham-me derrubado ao chão, com Josefina sobre mim. Senti o seu coração batendo descompassadamente; o ruído do seu coração ressoava em meus ouvidos. Senti que ele batia dentro do meu peito. Tentei afastá-la, mas ela estava agarrada. Rosa e Lídia tinham-me prendido no chão, com o peso sobre meus braços e pernas. Rosa cacarejava, alucinada, e começou a morder o meu lado. Seus dentinhos aguçados tremiam, enquanto seus maxilares abriam e fechavam com espasmos nervosos.

De repente tive uma sensação monstruosa de dor, repugnância física e pavor. Perdi a respiração. Não conseguia focalizar os olhos. Sabia que estava desmaiando. Então ouvi o ruído seco e estalado de um cano se quebrando na base de meu pescoço e senti a sensação de comichão em cima da cabeça, passando como um arrepio por meu corpo todo. Em seguida, quando dei por mim, estava olhando para elas do outro lado da cozinha. As três pequenas me olhavam, deitadas no chão.

— O que é que vocês estão fazendo? — ouvi alguém perguntar numa voz forte, áspera, dominadora.

Tive então uma sensação incrível. Senti que Josefina me soltava e se levantava. Eu estava deitado no chão, mas também estava de pé, a certa distância delas, olhando para uma mulher que eu nunca vira na vida. Ela estava junto à porta. Caminhou em direção a mim e parou a uns dois metros de distância. Ficou olhando fixamente para mim um instante. Vi logo que era a Gorda. Ela quis saber o que se passava.

— Só estávamos fazendo uma brincadeirinha com ele — disse Josefina, pigarreando. — Eu estava fingindo que era muda.

As três pequenas se amontoaram e começaram a rir. A Gorda ficou impassível, olhando para mim.

Elas me tinham iludido! Achei a minha estupidez e credulidade tão revoltantes que tive um acesso de riso histérico, quase descontrolado. Meu corpo tremia.

Vi que Josefina não estava só brincando, como dizia. As três estavam agindo seriamente. Cheguei a sentir o corpo de Josefina como uma força que estava, de fato, penetrando o meu corpo. Rosa mordiscando o meu lado, que sem dúvida era um artifício para distrair minha atenção, coincidia com a sensação que tive de que o coração de Josefina estava batendo dentro do meu peito.

Ouvi a Gorda querendo acalmar-me.

Senti um movimento nervoso no meio do corpo e depois uma raiva calma e quieta me inundou. Eu as detestava. Estava farto delas. Teria pegado o meu paletó e meu bloco e saído da casa, não fosse o fato de ainda não estar perfeitamente no meu normal. Sentia-me um pouco tonto e meus sentidos estavam positivamente alterados. Eu tivera a impressão de que, quando olhei para as moças do outro lado da cozinha, estava na verdade vendo-as de uma posição acima do nível de meus olhos, de um lugar junto do teto. Mas uma coisa ainda mais desconcertante é que eu percebera que o que me soltara do abraço de Josefina fora a sensação de cócega em cima da cabeça. Não era como se alguma coisa saísse do topo de minha cabeça; alguma coisa realmente saiu do topo de minha cabeça.

Alguns anos antes, Dom Juan e Dom Genaro tinham manobrado com a minha percepção e eu tivera uma sensação dupla incrível: senti que Dom Juan caíra sobre mim, prendendo-me no chão, enquanto ao mesmo tempo eu sentia que continuava de pé. Estava realmente em dois lugares ao mesmo tempo. Em termos de feiticeiro, eu podia dizer que o meu corpo tinha guardado a memória daquela percepção dupla e parecia tê-la repetido. Porém havia duas coisas que tinham sido acrescentadas à minha memória nessa ocasião. Uma: que a sensação de cócegas, de que eu ficara tão consciente durante as minhas confrontações com aquelas mulheres, era o meio de chegar àquela percepção dupla; e outra: que o ruído na base de meu pescoço liberava em mim algo que era capaz de sair pelo topo de minha cabeça.

Depois de um ou dois minutos, senti positivamente que eu estava descendo de perto do teto, até estar de pé no chão. Levei algum tempo para os meus olhos se adaptarem a ver no meu nível normal dos olhos.

Ao olhar para as quatro mulheres, senti-me despido e vulnerável. Depois tive um momento de dissociação, ou falta de continuidade perceptiva. Era como se eu tivesse fechado os olhos e alguma força de repente me tivesse feito girar umas duas vezes. Quando abri os olhos as pequenas estavam olhando para mim, boquiabertas. Mas, sem saber como, eu voltara ao meu normal.

A primeira coisa que notei na Gorda foram os olhos: muito escuros e calmos. Ela parecia estar me examinando da cabeça aos pés. Os seus olhos passaram por meu corpo como antes faziam os olhos de Dom Juan. Aliás, os seus olhos tinham a mesma calma e força. Eu sabia por que ela era a melhor. A idéia ocorreu-me que Dom Juan devia ter-lhe legado os olhos.

Ela era ligeiramente mais alta do que as outras três moças. Tinha um corpo magro e moreno e costas magníficas. Notei a linha graciosa dos seus ombros quando ela virou a meio o torso para olhar para as três moças.

Ela lhes deu uma ordem ininteligível e as três sentaram-se no banco, bem atrás dela. Ela estava na verdade protegendo-as de mim com o corpo.

Ela se virou, de frente para mim de novo. A sua expressão era da maior seriedade, mas sem sombra de tristeza ou gravidade. Não sorriu, e no entanto mostrava-se amiga. Tinha feições muito agradáveis: um rosto de formas bonitas, nem redondo nem angular; boca pequena, com lábios finos; um nariz largo; maçãs do rosto salientes; e cabelos compridos e negros como pixe.

Não pude deixar de notar as mãos, bonitas e musculosas, que ela mantinha cruzadas em frente de si, sobre a região umbilical. As costas das mãos estavam viradas para mim. Eu via os músculos contraindo-se ritmadamente enquanto segurava as palmas.

Ela estava com um vestido comprido, de algodão cor de laranja desbotado, de mangas compridas e um xale marrom. Havia nela algo de terrivelmente calmo e final. Senti a presença de Dom Juan. Meu corpo descontraiu-se.

— Sente-se, sente-se — disse-me, num tom insistente.

Voltei até à mesa. Ela apontou para um lugar onde eu devia sentar-me, mas fiquei de pé.

Sorriu pela primeira vez, e seus olhos ficaram mais suaves e mais brilhantes. Não era tão bonita quanto Joseina, e, no entanto, era a mais bela de todas.

Ficamos calados, um momento. À guisa de explicação, disse que elas tinham feito o melhor que podiam, nos anos depois que o Nagual partiu, e que, devido a essa dedicação, se haviam acostumado à tarefa que ele lhes deixara para realizarem.

Não entendi bem a que se referia, mas, enquanto falava, eu sentia a presença de Dom Juan mais fortemente do que nunca. Não era que ela imitasse o seu jeito, nem o timbre da voz. Ela tinha um controle íntimo que a levava a agir da mesma maneira que agia Dom Juan. A semelhança entre eles era de dentro para fora.

Eu lhe disse que estava ali porque precisava do auxílio de Pablito e de Nestor. Disse que eu era meio lento e até burro para compreender as maneiras dos feiticeiros, mas que era sincero, e no entanto todas elas me haviam tratado com maldade e perfídia.

Ela começou a desculpar-se mas não a deixei terminar. Peguei minhas coisas e saí pela porta da frente. Ela correu atrás de mim. Não me estava impedindo de partir, mas estava falando muito depressa, como se tivesse de dizer tudo o que pudesse antes que eu partisse.

Disse que eu tinha de ouvi-la até o fim e que estava disposta a ir no carro comigo até acabar de me contar tudo o que o Nagual lhe confiara para me dizer.

— Vou para Cidade do México — disse eu.

— Vou com você até Los Angeles, se for preciso — disse, e eu sabia que era verdade.

— Está bem — respondi, só para pô-la à prova — entre no carro.

Ela vacilou um instante, e depois ficou ali calada, olhando para a casa. Pôs as mãos juntas logo abaixo do umbigo. Depois virou-se de frente para o vale e repetiu o mesmo movimento com as mãos.

Eu sabia o que ela estava fazendo. Estava-se despedindo da sua casa e daqueles morros temíveis que a rodeavam.

Dom Juan me ensinara aquele gesto de despedida anos atrás. Frisara que era um gesto extremamente poderoso e que o guerreiro tinha de usá-lo com parcimônia. Eu tinha tido muito poucas ocasiões de usá-lo, pessoalmente.

O gesto de despedida que a Gorda estava fazendo era uma variação do que Dom Juan me ensinara. Ele dissera que as mãos ficavam postas, como na oração, ou delicadamente ou muito depressa, produzindo até um barulho de palmas. De qualquer das duas maneiras, o propósito de cruzar as mãos era apreender o sentimento

que o guerreiro não queria deixar para trás. Assim que as mãos se fechavam e capturavam aquele sentimento, eram levadas com muita força para o meio do peito, no nível do coração. Ali o sentimento tornava-se um punhal e o guerreiro se apunhalava com ele, como se segurasse o punhal com ambas as mãos.

Dom Juan me dissera que o guerreiro dizia adeus dessa maneira apenas quando tinha motivos para achar que poderia não voltar.

A despedida da Gorda empolgou-me.

— Você está-se despedindo? — perguntei, curioso.

— Estou — disse ela, secamente.

— Não põe as mãos no peito? — perguntei.

— Os homens é que fazem isso. As mulheres têm úteros. Guardam os sentimentos ali.

— Você não diz adeus assim só quando não vai voltar? — perguntei.

— É possível que eu não volte — respondeu ela. — Vou com você.

Tive um acesso de uma tristeza inexplicável, inexplicável no sentido de que eu não conhecia aquela mulher em absoluto. Sobre ela eu só tinha dúvidas e desconfianças. Mas, ao olhar em seus olhos límpidos, tive uma sensação de parentesco total com ela. Abrandei-me. A minha raiva desaparecera e cedera lugar a uma estranha tristeza. Olhei em volta e vi que aqueles morros redondos, misteriosos e enormes estavam-me dilacerando.

— Aqueles morros estão vivos — disse ela, interpretando os meus pensamentos.

Virei-me para ela e disse-lhe que tanto o lugar como as mulheres me haviam afetado num plano muito profundo, um plano que eu normalmente nem podia conceber. Eu não sabia o que era mais arrasador, se o lugar ou as mulheres. Os assaltos das mulheres tinham sido diretos e aterradores, mas o efeito daqueles morros era uma apreensão constante e aflitiva, um desejo de fugir deles. Quando eu disse isso à Gorda, ela disse que eu tinha razão em julgar assim o efeito daquele lugar, e que o Nagual as deixara ali devido àquele efeito e que eu não devia culpar ninguém pelo que acontecera, pois o próprio Nagual dera ordens àquelas mulheres para tentarem liquidar-me.

— Ele lhe deu ordens assim também? — perguntei.

— Não, a mim não. Sou diferente delas — disse. — Elas são irmãs. São iguais, exatamente iguais. Assim como Pablito, Nestor e Benigno são iguais. Só você e eu podemos ser exatamente iguais. Ain-

da não o somos porque você ainda não está completo. Mas um dia seremos iguais, exatamente iguais.

— Disseram-me que você é a única que sabe onde estão o Nagual e Genaro agora — disse eu.

Ela olhou-me um instante e depois fez sinal que sim.

— Isso mesmo — disse. — Sei onde estão. O Nagual me disse para levá-lo para lá, se eu conseguir.

Eu lhe disse que parasse com circunlóquios e que me revelasse imediatamente o paradeiro deles. Meu pedido pareceu lançá-la num caos. Ela se desculpou e garantiu-me que mais tarde, quando estivéssemos a caminho, me revelaria tudo. Pediu-me que não lhe perguntasse mais sobre eles, pois tinha ordens severas para não dizer nada até chegar o momento oportuno.

Lídia e Josefina chegaram à porta e ficaram olhando para mim. Entrei no carro depressa. A Gorda entrou atrás de mim e, quando o fez, não pude deixar de observar que entrara no carro como teria entrado num túnel. Parecia arrastar-se para dentro. Dom Juan costumava fazer isso. Um dia eu disse de brincadeira, depois de tê-lo visto fazer isso dezenas de vezes, que era mais prático entrar como eu entrava. Achei que talvez a falta de hábito dele com os carros explicasse aquela maneira estranha de entrar. Ele então explicou que o carro era uma caverna e que era preciso entrar assim nas cavernas, se quiséssemos utilizá-las. Havia um espírito inerente às cavernas, fossem naturais ou feitas pelo homem, e esse espírito tinha de ser abordado com respeito. Rastejar para entrar era o único meio de demonstrar esse respeito.

Eu estava pensando se devia ou não perguntar à Gorda se Dom Juan lhe ensinara esses detalhes, mas ela falou primeiro. Disse que o Nagual lhe dera instruções específicas sobre o que fazer no caso de eu sobreviver aos ataques de Dona Soledad e das três pequenas. Depois acrescentou, com naturalidade, que antes de eu me dirigir para a Cidade do México, tínhamos de ir para um lugar específico nas montanhas, onde Dom Juan e eu costumávamos ir, e que lá ela revelaria todas as informações que o Nagual nunca me revelara.

Tive um momento de indecisão, e depois alguma coisa em mim, que não era a minha razão, me fez dirigir-me para as montanhas. Seguimos no mais completo silêncio. Em vários momentos oportunos tentei travar uma conversa, mas ela sempre me fazia calar com um movimento vigoroso da cabeça. Por fim, pareceu ficar cansada de minhas tentativas e disse, com energia, que o tinha a dizer exigia um lugar de poder e que, até estarmos num lugar assim, tínhamos de nos abster de nos esgotar com conversas inúteis.

Depois de uma viagem demorada e uma caminhada exaustiva, a partir da estrada, afinal chegamos ao nosso destino. Era de tar-

dinha. Estávamos numa garganta profunda, cujo fundo já estava escuro, enquanto o Sol ainda brilhava sobre o topo das montanhas acima. Caminhamos até chegar a uma pequena gruta alguns metros acima, no lado norte da garganta, que ia de leste a oeste. Eu tinha passado muito tempo lá com Dom Juan.

Antes de entrarmos na gruta, a Gorda varreu cuidadosamente o chão com galhos, como fazia Dom Juan para limpar os carrapatos e parasitas das pedras. Depois ela cortou um montão de galhinhos com folhas macias dos arbustos adjacentes e colocou-os no chão da rocha, como uma esteira.

Fez sinal para que eu entrasse. Eu sempre deixara Dom Juan entrar primeiro, em sinal de respeito. Quis fazer o mesmo com ela, mas ela recusou. Disse que eu era o Nagual. Rastejei para dentro da caverna, assim como ela rastejara para entrar no meu carro. Ri diante da minha contradição. Jamais conseguira considerar meu carro como uma gruta ou caverna.

Ela pediu que eu me descontraísse e ficasse à vontade.

— O motivo por que o Nagual não pôde revelar-lhe todos os seus desígnios é que você está incompleto — disse a Gorda, de repente. — Você ainda está, mas, agora, depois de seus encontros com Soledad e as irmãs, está mais forte do que antes.

— O que significa estar incompleto? Todos me disseram que você é a única que me pode explicar isso — disse eu.

— É uma coisa muito simples — disse. — Uma pessoa completa é a que nunca teve filhos.

Ela parou, como se estivesse dando tempo para eu escrever o que dissera. Levantei os olhos de minhas anotações. Ela estava olhando fixamente para mim, avaliando o efeito das suas palavras.

— Sei que o Nagual lhe disse exatamente o que acabo de dizer — continuou. — Você não lhe deu atenção, e provavelmente também não deu atenção ao que eu disse.

Li minhas notas em voz alta e repeti o que tinha dito. Ela riu.

— O Nagual disse que uma pessoa incompleta é uma que teve filhos — disse, como se estivesse me ditando.

Ela me examinou, aparentemente esperando uma pergunta ou um comentário. Não fiz nenhum.

— Agora já lhe contei tudo sobre ser completo e incompleto — disse. — E contei-lhe tal como o Nagual me contou. Não significou nada para mim na ocasião, e hoje não significa nada para você.

Tive de rir, ao ver como ela seguia os padrões de Dom Juan.

— Uma pessoa incompleta tem um buraco no estômago — continuou — Um feiticeiro pode vê-lo tão claramente quando você pode ver a minha cabeça. Quando o buraco fica do lado esquerdo do estômago da gente, a criança que fez o buraco é do mesmo sexo. Se for do

lado direito, a criança é do sexo oposto. O buraco no lado esquerdo é preto, o do lado direito é marrom-escuro.

— A gente pode ver esse buraco em alguém que já teve filhos?

— Claro. Há dois modos de *vê-lo*. Um feiticeiro pode *vê-lo sonhando* ou olhando diretamente para a pessoa. Um feiticeiro que *vê* não tem problema em ver o ser luminoso para descobrir se há um buraco na luminosidade do corpo. Mas mesmo que o feiticeiro não souber *ver*, pode olhar e chegar a distinguir o escuro do buraco através da roupa.

Ela parou de falar. Pedi que continuasse.

— O Nagual me disse que você escreve e depois não se lembra do que escreveu — disse num tom de acusação.

Embrulhei-me nas palavras, tentando defender-me. Não obstante, o que ela disse era verdade. As palavras de Dom Juan sempre tinham um efeito duplo sobre mim: uma vez, quando eu ouvia pela primeira vez o que ele dizia, e depois quando eu lia em casa o que eu escrevera e esquecera.

Mas falar com a Gorda era uma coisa intrinsecamente diferente. Os aprendizes de Dom Juan não eram em absoluto tão absorventes quanto ele. As suas revelações, embora extraordinárias, eram apenas as peças que faltavam num quebra-cabeça. O aspecto diferente dessas peças era que, com elas, o quadro não se tornava mais claro, e sim cada vez mais complexo.

— Você tinha um buraco marrom do lado direito do seu estômago — continuou — Isso significa que uma mulher o esvaziou. Você fez uma filha mulher.

— O Nagual disse que eu tinha um imenso buraco preto, porque fiz duas mulheres. Nunca vi o buraco, mas já vi outras pessoas com buracos como o meu.

— Você disse que eu tinha um buraco, não tenho mais?

— Não; foi remendado. O Nagual ajudou-o a remendá-lo. Sem a sua ajuda você estaria mais vazio do que está agora.

— Que tipo de remendo é?

— Um remendo na sua luminosidade. Não há outra maneira de dizê-lo. O Nagual disse que um feiticeiro como ele pode encher o buraco a qualquer momento. Mas que esse enchimento é só um remendo sem luminosidade. Qualquer pessoa que *veja* ou *sonhe* pode dizer que parece um remendo de chumbo na luminosidade amarela do resto do corpo.

— O Nagual remendou você, a mim e Soledad. Mas depois deixou-nos a tarefa de restabelecer o brilho, a luminosidade.

— Como ele nos remendou?

— Ele é um feiticeiro, pôs coisas nos nossos corpos. Substituímos. Não somos mais os mesmos. O remendo é o que ele mesmo pôs ali.

— Mas como é que ele pôs as coisas lá e o que eram essas coisas?

— O que ele pôs em nossos corpos foi a sua própria luminosidade e usou as mãos para fazer isso. Simplesmente pôs as mãos no nosso corpo e deixou lá suas fibras. Fez a mesma coisa com seus seis filhos e também com Soledad. Todos eles são iguais. A não ser Soledad; ela é outra coisa.

A Gorda parecia não querer continuar. Vacilou e quase começou a gaguejar.

— O que é Dona Soledad? — insisti.

— É muito difícil dizer — disse ela, depois de muita insistência. — É igual a mim e a você, e no entanto é diferente. Tem a mesma luminosidade, mas não está junto conosco. Ela vai em direção oposta. No momento, ela é mais como você. Vocês dois têm remendos que parecem chumbo. O meu se foi e sou de novo um ovo completo e luminoso. É por isso que eu disse que você e eu seremos exatamente iguais um dia, quando você voltar a ser completo. No momento o que nos torna quase iguais é a luminosidade do Nagual e o fato de irmos os dois na mesma direção e que ambos estávamos vazios.

— Como é que uma pessoa completa aparece a um feiticeiro? — perguntei.

— Parece um ovo luminoso composto de fibras — disse. — Todas as fibras são completas; parecem cordas, cordas esticadas. Parece que as cordas foram esticadas como um tambor é esticado.

“Numa pessoa vazia, por outro lado, as fibras são amassadas nas bordas do buraco. Quando a pessoa teve dois filhos, as fibras não parecem mais fibras. Essas pessoas parecem dois pedaços de luminosidade, separadas por uma parte preta. É um espetáculo terrível. O Nagual me fez *vê-las*, um dia, quando estávamos num jardim da cidade.

— Por que o Nagual nunca me contou a respeito de tudo isso, em sua opinião?

— Ele lhe contou tudo, mas você nunca o compreendeu corretamente. Assim que ele percebeu que você não entendia o que ele dizia, foi obrigado a mudar de assunto. O seu vazio o impedia de compreender. O Nagual disse que era perfeitamente natural que você não compreendesse, uma vez que a pessoa passa a ser incompleta, fica vazio como uma cabaça que foi esvaziada. A você não importava quantas vezes ele lhe dizia que você era vazio; não importava nem que ele lhe explicasse isso. Você nem sabia o que ele queria dizer, ou, pior ainda, você nem queria saber.

A Gorda estava pisando em terreno perigoso. Tentei desviá-la do assunto com outra pergunta, mas ela me repeliu.

— Você ama um meninozinho e não quer compreender o que o Nagual queria dizer — disse, em tom acusador. — O Nagual me disse que você tem uma filha que nunca viu e que você ama aquele meninozinho. Um pegou a sua borda e a outra o prendeu. Você os fundiu num só.

Tive de parar de escrever. Arrastei-me para fora da gruta e pus-me de pé. Comecei a descer a encosta íngreme até ao fundo da garganta. A Gorda acompanhou-me. Perguntou se eu tinha ficado perturbado com a sua franqueza. Não quis mentir.

— O que você acha? — perguntei.

— Você está furioso! — exclamou, dando uma risada com uma tal descontração que eu só vira igual em Dom Juan e Dom Genaro.

Ela pareceu desequilibrar-se e agarrou meu braço esquerdo. Para poder ajudá-la a chegar ao fundo da garganta, levantei-a pela cintura. Achei que ela não podia pesar mais do que uns 45 quilos. Ela apertou os lábios, como Dom Genaro costumava fazer e disse que pesava 52. Nós dois rimos ao mesmo tempo. Foi um momento de comunicação direta e imediata.

— Por que você se aborrece tanto de falar sobre essas coisas? — perguntou ela.

Eu lhe disse que um dia tive um meninozinho que eu amava imensamente. Senti necessidade de contar-lhe sobre ele. Alguma necessidade extravagante, além da minha compreensão, me fez abrir-me com aquela mulher que era para mim uma estranha.

Quando comecei a falar sobre o menino, uma onda de nostalgia envolveu-me. Talvez fosse o lugar, ou a situação, ou a hora do dia. Não sei por que, eu fundira a memória daquele menino com a de Dom Juan, e pela primeira vez, desde a última vez em que o vira, senti saudades de Dom Juan. Lídia tinha dito que nunca sentiam falta dele porque ele estava sempre com elas; ele era seus corpos e seus espíritos. Entendi logo o que queria dizer. Eu também sentia a mesma coisa. Porém naquela garganta um sentimento desconhecido se apossara de mim. Eu disse à Gorda que, até aquele momento, nunca sentira saudades de Dom Juan. Ela não deu resposta e desviou o olhar.

Talvez a minha saudade dessas duas pessoas tivesse algo a ver com o fato de que ambas produziram catarses em minha vida. E ambas tinham desaparecido. Até aquele momento eu não percebera como essa separação era final. Disse à Gorda que, acima de tudo, aquele menino fora meu amigo, e que um belo dia ele me foi tirado por forças que eu não podia controlar. Aquele foi, talvez um dos golpes mais rudes que jamais sofri. Cheguei a procurar Dom Juan, para lhe pedir ajuda. Foi a única vez em que pedi auxílio. Ele ouviu a

minha solicitação e deu uma gargalhada. Sua reação foi tão inesperada que nem pude zangar-me. Só pude comentar sobre o que me pareceu a sua insensibilidade.

— O que quer que eu faça? — perguntou.

Respondi que, já que ele era feiticeiro, talvez pudesse ajudar-me a recuperar o meu amiguinho, para aliviar-me.

— Você está enganado. Um guerreiro não procura nada para consolar-se — disse ele, num tom que não admitia réplicas.

Depois, passou a destruir os meus argumentos. Disse que um guerreiro nunca podia deixar nada ao acaso, que o guerreiro alterava o resultado dos acontecimentos pela força de sua percepção e seu propósito inquebrantável. Disse que se eu tivesse tido o propósito inabalável de guardar e ajudar aquela criança, eu teria tomado medidas para garantir que ele ficasse comigo. Mas, no caso, o meu amor não passava de uma palavra, um repente inútil de um homem vazio. Depois, me falou coisas sobre o vazio e o completo, mas eu não o quis ouvir. Eu só sentia uma impressão de perda e o vazio que ele mencionava, eu tinha certeza, referia-se à sensação de ter perdido alguém insubstituível.

— Você o amava, honrava o espírito dele, você lhe desejava o bem, agora tem de esquecê-lo — disse.

Mas eu não conseguira fazê-lo. Havia algo muito vivo em minhas emoções, embora o tempo as tivesse abrandado. A certa altura pensei ter esquecido, mas aí, uma noite um incidente provocou em mim uma profunda perturbação emocional. Eu estava caminhando para meu escritório, quando uma moça mexicana abordou-me. Estivera sentada num banco, esperando um ônibus. Queria saber se aquele determinado ônibus ia a um hospital de crianças. Eu não sabia. Ela explicou que o seu filhinho tinha febre alta havia dias e ela estava preocupada, pois não possuía dinheiro. Fui até ao banco e vi um menino em pé no assento, com a cabeça encostada no encosto. Estava de paletó e calças curtas e um boné. Não podia ter mais de dois anos. Deve ter-me dito, pois foi até à ponta do banco e apoiou a cabeça na minha perna.

— Minha cabecinha está doendo — disse-me ele em espanhol.

A sua vozinha era tão fraca e os olhos escuros tão tristes que uma onda de angústia irreprimível assaltou-me. Peguei-o no colo e levei-o junto com a mãe de carro para o hospital mais próximo. Deixei-os lá e dei à mãe dinheiro para poder pagar a conta. Mães não quis ficar nem saber de mais nada sobre ele. Quis crer que eu o havia ajudado, e que assim fazendo, tinha retribuído ao espírito do homem.

Aprendi o ato mágico de “retribuir ao espírito do homem” com Dom Juan. Um dia, assoberbado com a idéia de que eu nunca po-

deria retribuir-lhe tudo quanto fizera por mim, perguntei-lhe se havia alguma coisa no mundo que eu pudesse fazer para saldar a dívida. Estávamos saindo de um banco, depois de ter trocado um pouco de dinheiro mexicano.

— Não preciso que você me pague — disse — mas se você quiser mesmo retribuir, faça o seu depósito para o espírito do homem. Essa conta é sempre de saldo muito baixo, e tudo quanto se puser ali é mais que suficiente.

Ajudando aquela criança doente eu apenas retribuía ao espírito do homem qualquer auxílio que o meu menino possa receber de estranhos em seu caminho.

Eu disse à Gorda que o meu amor por ele continuaria vivo o resto de minha vida, embora eu nunca mais o visse. Eu queria dizer a ela que a recordação que eu tinha dele estava enterrada tão funda que nada a poderia tocar, mas desisti disso. Achei que teria sido supérfluo falar sobre isso. Além disso, estava ficando escuro e eu queria sair daquela garganta.

— Acho melhor irmos embora — disse eu. — Eu a levo em casa. Talvez outro dia possamos conversar mais sobre essas coisas.

Ela riu-se, como Dom Juan costumava rir de mim. Aparentemente, eu tinha dito alguma coisa extremamente engraçada.

— Por que está rindo, Gorda? — perguntei.

— Porque você mesmo sabe que não podemos sair deste lugar assim — disse ela. — Você tem um encontro com o poder aqui. E eu também.

Ela voltou para a gruta e arrastou-se para dentro.

— Vamos entrar — gritou ela, lá de dentro. — Não há meio de sair.

Reagi do modo mais incrível. Arrastei-me para dentro e tornei a sentar-me ao lado dela. Era evidente que também ela me havia enganado. Eu não estava ali para ter conforto algum. Eu devia ter ficado furioso. Em vez disso, o que senti foi indiferença. Eu não podia mentir para mim mesmo, alegando ter apenas parado ali, a caminho da cidade do México. Tinha ido para lá impelido por alguém além da minha compreensão.

Ela me entregou o meu livrinho de notas e fez sinal para eu escrever. Disse que se eu escrevesse, não somente estaria me descontraindo, como também a faria descontraindo-se.

— Que encontro é esse com o poder? — perguntei.

— O Nagual me disse que você e eu temos um encontro aqui com algo de lá de fora. Primeiro você tinha um encontro com Soledad e depois com as irmãs. Elas deveriam destruí-lo. O Nagual disse que se você sobrevivesse aos assaltos delas, eu devia trazê-lo aqui, para que, juntos, pudéssemos comparecer ao terceiro encontro.

— Que tipo de encontro é?

— Não sei bem. Como tudo o mais, depende de nós. No momento, há umas coisas lá fora que estão esperando por você, pois venho sempre aqui sozinha e nunca acontece nada. Mas esta noite é diferente. Você está aqui e aquelas coisas virão.

— Por que o Nagual está querendo destruir-me? — perguntei.

— Ele não está querendo destruir ninguém! — exclamou a Gorda, protestando. — Você é filho dele. Agora ele quer que você seja ele mesmo. Mais ele do que qualquer de nós. Porém para ser um Nagual de verdade você tem de fazer jus ao seu poder. Se não ele não teria tanto cuidado, em mandar que Soledad e as irmãs o espreitassem. Ele ensinou a Soledad a modificar suas formas e a rejuvenescer. Fez com que ela construísse um piso diabólico no quarto dela. Um piso que ninguém pode contrariar. Entende, Soledad é vazia, de modo que o Nagual mandou que ela fizesse algo gigantesco. Deu-lhe uma tarefa, uma tarefa muito difícil e perigosa, mas a única adequada a ela, e que devia liquidá-lo. Ele disse a Soledad que nada podia ser mais difícil do que um feiticeiro matar outro. É mais fácil um homem comum matar um feiticeiro ou um feiticeiro matar um homem comum, mas dois feiticeiros não combinam nada. O Nagual disse a Soledad que o melhor para ela seria surpreendê-lo e assustá-lo. E foi isso que ela fez. O Nagual fez com que ela se tornasse uma mulher desejável para que ela pudesse atraí-lo para o quarto dela, e lá o piso dela o teria enfeitado, pois, como já disse, ninguém, ninguém mesmo, pode opor-se àquele piso. Aquele piso foi a obra-prima do Nagual para Soledad. Mas você fez alguma coisa com o piso dela e Soledad teve de mudar de tática de acordo com as instruções do Nagual. Ele lhe disse que se o piso falhasse e ela não conseguisse surpreendê-lo nem assustá-lo, ela teria de conversar com você e contar-lhe tudo o que você quisesse saber. O Nagual treinou-a para falar muito bem, como último recurso. Mas Soledad não conseguiu dominá-lo, nem mesmo com isso.

— Por que era tão importante dominar-me?

Ela parou e olhou bem para mim. Pigarreou e sentou-se ereta. Olhou para o teto baixo da gruta e expirou ruidosamente pelo nariz.

— Soledad é uma mulher como eu — disse. — Eu lhe contarei algo sobre a minha vida e talvez você a compreenda.

“Uma vez tive um homem. Ele me engravidou quando eu era muito jovem e tive duas filhas com ele. Uma depois da outra. Minha vida era um inferno. O homem era um bêbado e me espancava noite e dia. E eu o odiava e ele me odiava. E eu engordei e fiquei como uma porca. Um dia apareceu outro homem, que me disse que gostava de mim e queria que eu fosse trabalhar com ele na cidade, como empregada paga. Ele sabia que eu era uma mulher trabalhadora e só

queria explorar-me. Mas a minha vida era tão desgraçada que acreditei naquilo e fui com ele. Ele era pior do que o primeiro, malvado e temível. Depois de uma semana, ele não me suportava mais. E dava-me as piores surras que você possa imaginar. Pensei que ele ia matar-me e nem embriagado ele estava, e tudo porque eu não tinha encontrado trabalho. Depois ele me fez ir mendigar nas ruas com um bebê doente. Dava alguma coisa à mãe da criança do dinheiro que eu conseguia. E depois me espancava porque eu não tinha conseguido bastante. A criança foi ficando cada vez mais doente e eu sabia que se ela morresse enquanto eu estava mendigando, o homem me mataria. Assim, um dia, quando eu sabia que ele não estaria lá, fui procurar a mãe da criança e entreguei-lhe o bebê e parte do dinheiro que tinha ganho naquele dia. Aquele foi um dia de sorte para mim; uma senhora estrangeira bondosa me dera 50 pesos para comprar remédio para a criança.

“Eu tinha ficado com aquele homem horrroso durante três meses, e mais pareciam vinte anos. Usei o dinheiro para voltar para minha casa. Estava grávida de novo. O homem quis que eu tivesse um filho, para ele não ter de pagar pelo bebê. Quando cheguei à minha aldeia, tentei ir ver minhas filhas, mas a família do pai as levava embora. A família inteira juntou-se, sob o pretexto de querer falar comigo, mas em vez disso me levaram para um lugar deserto e me bateram com paus e pedras e me deixaram como morta.

A Gorda mostrou-me as muitas cicatrizes no seu couro cabeludo.

— Até hoje não sei como consegui voltar para a cidade. Até perdi a criança que tinha no ventre. Fui para a casa de uma tia que eu ainda tinha; meus pais tinham morrido. Ela me deu um lugar para repousar e cuidou de mim. Deu-me comida na boca, a coitada, durante dois meses, até eu poder levantar.

“Aí, um dia, a minha tia me disse que o homem estava na cidade, à minha procura. Ele tinha falado com a política e dissera que me dera dinheiro adiantado para trabalhar e que eu fugira, tendo roubado o dinheiro depois de matar o bebê de uma mulher. Eu sabia que chegara o meu fim. Mas minha sorte tornou a valer-me e consegui carona no caminhão de um americano. Vi o caminhão aproximando-se pela estrada e levantei a mão, desesperada, e o homem parou e deixou que eu entrasse. Trouxe-me até esta parte do México. Deixou-me na cidade. Eu não conhecia ninguém. Perambulei pelo lugar durante vários dias, como um cão maluco, comendo os restos de comida que encontrava na rua. Foi aí que a minha sorte virou pela última vez.

“Conheci Pablito, e para com ele tenho uma dívida que nunca poderei pagar. Pablito levou-me para sua carpintaria e deixou que eu armasse minha cama num canto lá. Fez aquilo porque teve pena de

mim. Encontrou-me no mercado, depois de ter tropeçado e caído em cima de mim. Eu estava lá sentada, mendigando. Uma mariposa ou uma abelha, não sei qual, voou para junto dele e bateu no olho dele. Ele girou nos calcanhares, tropeçou e caiu bem em cima de mim. Pensei que ia ficar tão furioso que me bateria, em vez disso, ele me deu dinheiro. Perguntei se ele arranjava um trabalho para mim. Foi aí que me levou para sua oficina e me instalou com um ferro e uma tábua de engomar, para lavar e passar.

“Eu me dei muito bem. Só que engordei mais ainda, pois a maior parte das pessoas para quem eu lavava me davam as sobras de comida. Às vezes eu comia dezesseis vezes por dia. Não fazia mais nada, só comer. Os garotos da rua costumavam judiar de mim, iam por trás de mim e pisavam nos meus calcanhares e aí alguém me empurrava e eu caía. Aqueles garotos me faziam chorar com suas brincadeiras cruéis, especialmente quando estragavam a minha roupa lavada, de propósito.

— Um dia, de tardinha, apareceu um velho esquisito para visitar Pablito. Eu nunca vira o homem. Não sabia que Pablito fosse íntimo de um homem tão temível e estranho. Virei de costas para ele e continuei a trabalhar. Estava sozinha ali. De repente, senti as mãos do homem no meu pescoço. Meu coração parou de bater. Não consegui gritar, não conseguia nem respirar. Caí e aquele homem horrível segurou a minha cabeça, durante uma hora, talvez. Depois, foi embora. Eu estava tão assustada que fiquei ali onde caí até a manhã seguinte. Pablito encontrou-me ali; riu-se e disse que eu devia estar muito orgulhosa porque aquele velho era um poderoso feiticeiro e era um dos seus mestres. Fiquei estupefata; não podia acreditar que Pablito fosse feiticeiro. Disse que o seu mestre vira um círculo perfeito de mariposas, que esvoaçavam em volta de minha cabeça. Também vira a minha morte circulando em volta de mim. E era por isso que ele agira como um relâmpago, mudando a direção de meus olhos. Pablito disse ainda que o Nagual pusera as mãos sobre mim, que mexera dentro do meu corpo e que em breve eu seria diferente. Eu não sabia do que ele estava falando. Eu não tinha idéia do que aquele velho maluco tinha feito, tampouco. Mas isso não me importava. Eu era como um cão, que todo mundo chuta. Pablito era a única pessoa que tinha sido bondosa comigo. A princípio pensei que ele me quisesse como mulher. Mas eu era muito feia, gorda e fedorenta. Ele só queria ser bom para mim.

“O velho maluco voltou outra noite e tornou a agarrar-me de trás, pelo pescoço. Machucou-me muito. Eu gritei e berrei. Não sabia o que ele estava fazendo. Ele não me deu nem uma palavra. Eu estava com um medo mortal dele. Depois, mais tarde, começou a conversar comigo, dizendo-me o que devia fazer com minha vida. Gostei do que

ele disse. Ele me levava com ele para toda parte. Mas o meu vazio era o meu pior inimigo. Eu não podia aceitar seus costumes, de modo que um dia ficou farto de me mimar e mandou o vento atrás de mim. Naquele dia eu estava sozinha nos fundos da casa de Soledad, e senti que o vento estava ficando muito forte. Soprava através da cerca. Entrou nos meus olhos. Eu queria entrar na casa, mas o meu corpo estava assustado, e em vez de passar pela porta, passei pelo portão na cerca. O vento me empurrava e fazia-me girar. Tentei voltar para dentro de casa mas foi inútil. Eu não conseguia resistir à força do vento. Ele me empurrou por cima dos morros e para fora da estrada e acabei dentro de um buraco imenso, um buraco que parecia uma cova. O vento prendeu-me lá durante dias e mais dias, até eu me resolver a modificar-me e aceitar o meu destino sem recriminações. Então o vento parou e o Nagual encontrou-me e levou-me de volta para casa. Disse-me que o meu trabalho seria dar o que eu não tinha, amor e carinho, e que eu tinha de tomar contas das irmãs, Lídia e Josefina, melhor do que se fossem eu mesma. Então entendi o que o Nagual vinha me dizendo havia anos. Minha vida vida se acabara havia muito tempo. Ele me ofereceu uma vida nova e essa vida tinha de ser completamente nova. Eu não podia levar para aquela vida nova os meus velhos maus costumes. Naquela primeira noite em que ele me encontrou, as mariposas me haviam apontado para ele; eu não tinha nada que me revoltar contra o meu destino.

“Comecei a minha transformação tomando conta de Lídia e Josefina melhor do que de mim mesmo. Fiz tudo o que o Nagual me mandava fazer e uma noite, nessa garganta mesma, nessa gruta mesma, encontrei o meu estado completo. Eu tinha adormecido aqui mesmo onde estou e aí um barulho me acordou. Levantei os olhos e me vi como eu tinha sido antigamente, magra, jovem, fresca. Era o meu espírito que me estava voltando. A princípio, ele não queria chegar mais perto porque eu ainda estava bem horrorosa. Mas depois ele não agüentou e chegou junto de mim. Entendi então, imediatamente, o que o Nagual lutara durante anos para me contar. Ele dissera que quando a gente tem um filho, esse filho tira o fio de nosso espírito. Quando uma mulher tem uma filha isso significa o fim desse fio. Ter duas, como eu, significou o fim de mim. O melhor de minhas forças e minhas ilusões foi para aquelas meninas. Elas me roubaram o meu fio, disse o Nagual, do mesmo modo que eu o roubara dos meus pais. É esse o nosso destino. Um menino rouba a maior parte do fio dele do pai, a menina da mãe. O Nagual disse que as pessoas que têm filhos podem dizer, se não forem teimosos como você, que lhes falta alguma coisa. Perdem alguma loucura, algum nervosismo, algum poder que tinham antes. Elas o tinham antes, mas onde está agora? O Nagual disse que está na criancinha que corre pela casa, cheia de

energia, cheia de ilusões. Em outras palavras, completa. Ele disse que se observarmos as crianças vemos que elas são ousadas, que andam aos saltos. Se observarmos os pais delas, veremos que são cautelosos e tímidos. Não saltam mais. O Nagual me disse que explicamos isso dizendo que os pais são adultos e têm responsabilidades. Mas isso não é verdade. A verdade é que perderam o fio.

Perguntei à Gorda o que o Nagual teria dito se eu lhe contasse que conhecia pais com muito mais espírito do que os filhos.

Ela riu, cobrindo o rosto com um gesto de encabulamento.

— Pode me perguntar — disse ela, dando risada. — Quer saber o que eu acho?

— Claro que quero.

— Essa gente não tem mais espírito, eles apenas tinham muito vigor, para começar, e treinaram os filhos a serem obedientes e submissos. Passaram a vida toda assustando os filhos, só isso.

Descrevi-lhe o caso de um homem que eu conhecia, pai de quatro filhos, que aos 53 anos mudou completamente de vida. Para isso largou a mulher e o cargo de executivo numa grande firma, depois de mais de 25 anos passados construindo a carreira e a família. Ele abandonou tudo, com muita coragem, e foi viver numa ilha no Pacífico.

— Quer dizer que ele foi para lá sozinho? — perguntou a Gorda, Surpreendida.

Ela destruiu o meu argumento. Tive de confessar que o homem fora para lá com a nova esposa, de 23 anos.

— Que, sem dúvida, é completa — acrescentou a Gorda.

Novamente, fui obrigado a concordar com ela.

— Um homem vazio usa a mulher completa o tempo todo — continuou ela. — Uma mulher completa é perigosa devido ao seu estado, mais do que o homem. Ela é imprevisível, temperamental, nervosa, mas também é capaz de grandes modificações. Mulheres assim sabem se refazer e ir a qualquer lugar. Uma vez lá, não farão nada, mas isso é porque não tinham nada, para começar. As pessoas vazias, por outro lado, não podem mais dar saltos assim, mas são mais previsíveis. O Nagual disse que as pessoas vazias são como vermes que olham em volta antes de se mexerem um pouco e depois recuam e depois se mexem mais um pouco de novo. As pessoas completas sempre saltam, dão cambalhotas e quase sempre caem de cabeça, mas isso não importa, para elas.

“O Nagual disse que para entrar no outro mundo a pessoa tem de ser completa. Para ser feiticeiro, tem de ter toda a sua luminosidade: nem buracos nem remendos e todo o fio do espírito. Portanto, um feiticeiro que for vazio tem de tornar a ser completo. Homem ou

mulher, tem de ser completo para entrar naquele mundo lá fora, aquela eternidade em que Genaro e o Nagual estão-nos esperando.

Ela parou de falar e olhou para mim por algum tempo. A luz mal dava para eu escrever.

— Mas como foi que você conseguiu voltar a ser completa? — perguntei.

Ela deu um salto, ao ouvir a minha voz. Repeti a minha pergunta. Ela olhou para o teto da gruta antes de me responder.

— Tive de rejeitar aquelas duas pequenas — disse ela. — O Nagual um dia ensinou-lhe a fazer isso mas você não quis ouvir. A idéia dele é que a gente tem de roubar aquele fio de volta. Disse que a gente o obtinha com dificuldade, roubando-o, e que tem de recuperá-lo do mesmo jeito, com dificuldade.

— Ele me orientou para eu fazer isso e a primeira coisa que me obrigou a fazer foi rejeitar o meu amor por aquelas duas crianças. Tive de fazer isso *sonhando*. Pouco a pouco aprendi a não gostar delas, mas o Nagual disse que isso era inútil, a gente tem de aprender a não se interessar nem a gostar. No dia em que aquelas meninas não significassem nada para mim, eu tinha de tornar a vê-las, pôr os olhos sobre elas e as minhas mãos também. Tinha de afagá-las delicadamente sobre a cabeça e deixar que o meu lado esquerdo lhes roubasse o fio.

— O que aconteceu com elas?

— Nada. Nem sentiram nada. Foram para casa e hoje são como duas pessoas adultas. Vazias, como a maior parte dos que as cercam. Não gostam da companhia das crianças porque não têm nada com elas. Eu diria que estão em melhor situação. Eu lhes tirei a loucura. Elas não precisavam dela, e eu sim. Eu não sabia o que estava fazendo, quando lhes dei a loucura. Além disso, elas conservam o fio que roubaram do pai. O Nagual tinha razão: ninguém deu pela perda, mas eu reparei no meu ganho. Quando olhei para fora dessa gruta, vi todas as minhas ilusões enfileiradas como uma fileira de soldados. O mundo era brilhante e novo. O peso de meu corpo e espírito tinha sido removido e eu era realmente um novo ser.

— Sabe como foi que você tirou o seu fio de suas filhas?

— Elas não são minhas filhas! Nunca tive filhos. Olhe para mim.

Ela se arrastou para fora da gruta, levantou a saia e mostrou-me seu corpo nu. A primeira coisa que notei foi que ela era muito esguia e musculosa.

Ela mandou que eu me aproximasse mais e a examinasse. O corpo era tão magro e firme que tive de chegar à conclusão de que ela não podia ter tido filhos. Ela pôs a perna numa pedra alta e mostrou-me a vagina. A necessidade que ela tinha de provar sua transformação era tão intensa que tive de rir, para encobrir o meu nervosismo.

mo. Eu disse que não era médico, e que portanto não podia saber, mas que tinha certeza de que ela devia ter razão.

— Claro que tenho razão — disse ela, enquanto se arrastava de volta para dentro da gruta. — Nada jamais saiu desse útero.

Depois de uma pausa, respondeu à minha pergunta, que eu já tinha esquecido, sob o impacto da exibição dela.

— Foi o meu lado esquerdo que tomou o fio de volta — disse ela. — Eu só fui visitar as pequenas. Fui lá umas quatro ou cinco vezes, para deixar que se sentissem à vontade comigo. Eram meninas crescidas e já iam à escola. Pensei que eu teria de lutar para não gostar delas, mas o Nagual disse que não importava, e que eu gostasse delas, se quisesse. Então gostei delas. Mas meu sentimento por elas era como o que eu teria por um estranho. Eu estava resolvida, o meu propósito era inabalável. Quero entrar no outro mundo ainda em vida, como o Nagual me ensinou a fazer. Para poder fazer isso preciso de todo o fio de meu espírito. Preciso de ser completa. Nada poderá desviar-me daquele mundo! Nada!

Ela me olhou, desafiadora.

— Você tem de rejeitar ambas, tanto a mulher que o esvaziou quanto o menino que tem o seu amor, se estiver procurando ser completo. A mulher você pode rejeitar com facilidade. O menino já é outro assunto. Você acha que a sua afeição inútil pela criança é tão valiosa que deva impedi-lo de entrar naquele reino?

Não tive resposta. Não que eu quisesse pensar a respeito. Antes, era que eu estava completamente confuso.

— Soledad tem de tirar o fio dela de Pablito, se quiser entrar no Nagual — continuou ela. — Como é que vai fazer isso? Pablito, por mais fraco que seja, é feiticeiro. Mas o Nagual deu a Soledad uma oportunidade única. Disse-lhe que o único momento dela viria quando você entrasse na casa, e para aquele momento ele não só nos fez mudar para a outra casa, como ainda obrigou-nos a ajudá-la a aumentar o caminho que leva à casa, para você poder ir de carro até à porta. Ele lhe disse que, se ela vivesse uma vida impecável, poderia capturá-lo e sugar toda a sua luminosidade, que é todo o poder que o Nagual deixou dentro do seu corpo. Isso não seria difícil dela fazer. Como ela vai na direção oposta, poderia esgotá-lo até não restar nada de você. O grande feito dela seria conduzi-lo a um momento de desamparo.

Depois que ela o matasse, a sua luminosidade teria aumentado o poder dela e então ela iria atrás de nós. Eu era a única que sabia disso. Lídia, Josefina e Rosa a amam. Eu não. Sabia quais eram os designios dela. Ela nos teria capturado uma a uma, à vontade dela, pois não tinha nada a perder e tudo a ganhar. O Nagual me disse que

para ela não havia outro meio. Ele me confiou as meninas e me disse o que fazer no caso de Soledad matar você e vir em busca da nossa luminosidade. Ele imaginava que eu tinha a possibilidade de me salvar a salvar talvez uma das três. Entende, Soledad não é uma mulher malvada; ela está apenas fazendo o que um guerreiro impecável faria. As irmãszinhas a amam mais do que suas próprias mães. Ela é uma verdadeira mãe para elas. Era essa, disse o Nagual, a vantagem que ela levava. Não consegui afastar as irmãszinhas dela, por mais que eu fizesse. Portanto, se ela o tivesse matado, teria depois levado pelo menos duas dessas três almas confiantes. Então, sem você em cena, Pablito não é nada. Soledad o teria esmagado como a um besouro. E depois, completa e cheia de poder, ela teria ingressado naquele mundo lá fora. Se eu estivesse no lugar dela, teria tentado fazer exatamente o que ela fez.

— Portanto, como você vê, para ela era tudo ou nada. Logo que você chegou, todos estavam ausentes. Parecia que era o fim de você e algumas de nós. Mas, depois no final, não foi nada para ela e uma oportunidade para as irmãs. No momento em que vi que você tinha triunfado, eu disse às três meninas que agora era a casa delas. O Nagual tinha dito que elas deviam esperar até de manhã, para apanhá-lo desprevenido. Disse que a manhã não era uma boa para você. Mandou que eu ficasse afastada e não interferisse com as irmãs e que só aparecesse se você tentasse prejudicar a luminosidade delas.

— Elas também deviam matar-me?

— Bom, sim. Você é o lado masculino da luminosidade delas. Às vezes, é uma desvantagem serem elas completas. O Nagual as dominava com mão de ferro, e equilibrava-as, mas agora que ele se foi elas não têm meios de se equilibrarem. A sua luminosidade poderia fazer isso por elas.

— E você Gorda? Você também deve liquidar-me?

— Já lhe disse que eu sou diferente. Sou equilibrada. O meu vazio, que foi minha desvantagem, hoje é minha vantagem. Uma vez que um feiticeiro volta a ser completo, está equilibrado, enquanto que um feiticeiro que sempre foi completo fica um pouco deslocado. Como Genaro, que era um pouco deslocado. Mas o Nagual era equilibrado porque ele fora incompleto, como você e eu, até mais do que você e eu. Ele teve três filhos e uma filha.

— As irmãszinhas são como Genaro, um pouco deslocadas. E, na maior parte do tempo, tão tensas que não têm medida.

— Eu Gorda? Também tenho de ir atrás delas?

— Não. Só elas podiam ter aproveitado, sugando a sua luminosidade. Você não pode beneficiar-se de todo com a morte de ninguém.

O Nagual deixou com você um poder especial, um equilíbrio de algum tipo, que nenhum de nós tem.

— Elas não podem aprender a ter esse equilíbrio?

— Claro que podem. Mas isso nada tem a ver com a tarefa que as irmãszinhas tinham de executar. A tarefa delas era roubar o seu poder. Para isso, elas se tornaram tão unidas que hoje são um único ser. Elas se exercitaram para sugá-lo como a um copo de refresco. O Nagual preparou-as para serem artistas da mais alta categoria, especialmente Josefina. Ela fez uma representação magistral. Comparada com a arte delas, a tentativa de Soledad foi brincadeira de criança. Ela é uma mulher primária. As irmãszinhas são feiticeiras de verdade. Duas delas conquistaram a sua confiança, enquanto a terceira o chocou e desarmou. Elas fizeram a jogada delas com perfeição. Você acreditou e quase sucumbiu. A única falha foi que você tinha ferido e curado a luminosidade de Rosa na noite da véspera e isso deixou-a nervosa. Se não fosse o nervoso dela e ela ter mordido o seu lado com tanta força, é possível que você não estivesse aqui agora. Vi tudo, lá da porta. Entrei no momento exato em que você ia aniquilá-las.

— Mas o que eu podia fazer para aniquilá-las?

— Como vou saber disso? Não sou você.

— Quero dizer, o que você me viu fazendo?

— Vi o seu sócio saindo de dentro de você.

— Como é que ele era?

— Era como você, como havia de ser? Mas era muito grande e ameaçador. O seu sócio as teria matado. Então eu entrei e interfeirei com ele. Foi preciso todo meu poder para acalmar você. As irmãs não ajudaram nada. Estavam perdidas. E você estava furioso e violento. Mudou de cor, bem na nossa frente, duas vezes. Uma cor era tão violenta que tive medo que você também me matasse.

— Qual a cor, Gorda?

— Branco, o que havia de ser? O sócio é branco, amarelado, como o Sol.

Eu a fitei. A comparação era muito nova para mim.

— Sim — continuou ela — somos partes do Sol. É por isso que somos seres luminosos. Mas os nossos olhos não podem ver essa luminosidade porque ela é muito fraca. Somente os olhos de um feiticeiro a podem ver, e isso acontece depois de uma luta de toda a vida.

Estas revelações me haviam tomado completamente de surpresa. Tentei reorganizar os meus pensamentos a fim de fazer a pergunta mais adequada.

— O Nagual algum dia lhe falou sobre o Sol? — perguntei.

— Falou. Somos todos como o Sol, mas muito, muito fracos. A nossa luz é por demais fraca, mas assim mesmo é luz.

— Mas ele disse que o Sol talvez seja o Nagual? — insisti, desesperadamente.

A Gorda não respondeu. Fez uma série de ruídos voluntários com os lábios. Aparentemente, estava pensando em como responder à minha sondagem. Esperei, pronto para escrever a resposta. Depois de uma pausa prolongada, arrastou-se para fora da gruta.

— Vou-lhe mostrar a minha luz fraca — disse, com naturalidade.

Dirigiu-se ao centro da garganta estreita defronte da gruta e agachou-se. De onde eu estava, não podia ver o que ela estava fazendo, de modo que também tive de sair da gruta. Fiquei de pé a uns três metros dela. Ela pôs as mãos embaixo do saia, ainda agachada. De repente, levantou-se. As mãos estavam em forma de punho, mas não cerradas; ela levantou-as acima da cabeça e abriu a mão, esparramando e estalando os dedos. Ouvei um barulho rápido, um estouro, e vi centelhas voarem dos dedos dela. Ela tornou a fechar as mãos e abri-las de repente e outro chuveiro de centelhas muito maiores voou delas. Ela tornou a agachar-se e pôs a mão sob a saia. Parecia estar puxando alguma coisa do púbis. Repetiu o movimento estalando os dedos, enquanto jogava as mãos acima da cabeça e vi um borrifo de fibras luminosas compridas voando dos seus dedos. Tive de virar a cabeça para cima para poder vê-las contra o céu, que já estava escuro. Pareciam ser filamentos compridos e finos de uma luz avermelhada. Depois de certo tempo eles empalideceram e desapareceram.

Ela tornou a agachar-se, e quando abriu os dedos uma mostra surpreendente de luzes emanou deles. O céu encheu-se de espessos raios de luz. Foi um espetáculo impressionante. Fiquei absorto naquilo; meus olhos estavam fixos. Eu não estava prestando atenção à Gorda. Estava olhando para as luzes. Ouvei um grito repentino que me fez olhar para ela, justo a tempo de vê-la agarrar uma das linhas que ela estava criando e rodopiar até ao topo da garganta. Ela pairou lá por um momento como uma sombra imensa e escura contra o céu e depois desceu ao fungo da garganta, aos arrancos e saltinhos, como se estivesse descendo uma escadaria de barriga.

De repente, vi que ela estava de pé junto a mim. Eu não percebera que tinha caído sentado. Levantei-me. Ela estava encharcada de suor e ofegante, tentando recuperar o fôlego. Por muito tempo não consegui falar. Começou a correr no mesmo lugar. Eu não ousava tocá-la. Por fim ela pareceu ter recuperado a calma o suficiente para tornar a arrastar-se para dentro da gruta. Descansou alguns minutos.

Os seus movimentos tinham sido tão rápidos que mal tive tempo de avaliar o que acontecera. No momento da exibição, eu sentira uma dor insuportável e irritante logo abaixo de meu umbigo. Fisicamente, eu não me excedera, e no entanto também eu estava ofegante.

— Acho que está na hora de ir para o nosso encontro — disse ela, ofegante. — O meu vô abriu-nos aos dois. Você sentiu o meu vô em sua barriga; isso quer dizer que você está aberto e pronto para encontrar as quatro forças.

— De que quatro forças você está falando?

— Os aliados do Nagual e de Genaro. Você já os viu. São horrendos. Agora estão libertos das cabaças do Nagual e de Genaro. Você ouviu um deles rondando a casa de Soledad, a outra noite. Estão à sua procura. No momento em que surgirem as trevas do dia, eles não poderão ser contidos. Um deles foi persegui-lo durante o dia, em casa de Soledad. Esses aliados agora pertencem a você e a mim. Cada um de nós ficará com dois. Não sei quais. Tampouco sei como. O Nagual só me disse que você e eu teríamos de lidar com eles por nós mesmos.

— Espere, espere! — gritei.

Ela não me deixou falar. Delicadamente, pôs a mão sobre a minha boca. Senti um ímpeto de pavor na boca do estômago. No passado eu me defrontara com uns fenômenos inexplicáveis, que Dom Juan e Dom Genaro tinham chamados de seus aliados. Havia quatro deles e eram entidades, reais como qualquer outra coisa no mundo. Sua presença era tão extravagante que provocava em mim um estado de medo inigualável, cada vez que eu me apercebia deles. O primeiro que eu conhecera fora o de Dom Juan; era uma massa escura, retangular, de uns 3 metros de altura e 1,50m de largura. Movia-se com o peso esmagador de uma rocha gigantesca e respirava tão forte que me fazia lembrar o dom de foles. Eu sempre o encontrara à noite, no escuro. Imaginava que fosse como uma porta que passasse por mim, girando sobre um canto e depois sobre o outro.

O segundo aliado que eu encontrara era o de Dom Genaro. Era um homem de cara comprida, calvo, extraordinariamente alto e brilhante, com lábios grossos e olhos imensos e pendurados. Sempre usava calças muito curtas para suas pernas compridas e magricelas.

Eu tinha visto esses dois aliados muitas vezes, quando em companhia de Dom Juan e Dom Genaro. Quando eu os avistava, sofria sempre de uma divisão irreconciliável entre a minha razão e a percepção. De um lado, eu não tinha nenhum motivo racional para achar que o que me acontecia estava realmente acontecendo e, de outro lado, não havia meio possível de me desfazer da realidade de minha percepção.

Como eles sempre apareciam quando Dom Juan e Dom Genaro estavam presentes, eu os considerava como produtos da possante influência que aqueles dois homens tinham sobre a minha personalidade sugestível. Em minha compreensão, ou era isso ou então Dom Juan e Dom Genaro tinham em sua posse forças que chamavam

de seus aliados, forças capazes de se manifestarem a mim como aquelas entidades horrendas.

Uma característica dos aliados era que eles nunca me permitiam examiná-los detidamente. Várias vezes eu tentara focalizar a minha atenção total sobre eles, mas todas as vezes eu ficava tonto e dissociado.

Os dois outros aliados eram mais fugidios. Eu só os vi uma vez, uma imensa onça negra, de olhos amarelos e brilhantes e um coiote enorme e faminto. As duas feras eram extremamente agressivas e dominadoras. A onça era de Dom Genaro e o coiote de Dom Juan.

A Gorda arrastou-se para fora da gruta. Eu a acompanhei. Ela foi na frente. Caminhamos para fora da garganta e chegamos a uma planície comprida e pedregosa. Ela parou e deixou que eu passasse à frente. Eu lhe disse que se ela ia deixar que eu a conduzisse, eu ia tentar chegar até ao carro. Ela bateu a cabeça, mostrando sua concordância e agarrou-se a mim. Senti sua pele pegajosa. Parecia estar muito agitada. Estávamos talvez a um quilômetro e meio de onde tínhamos deixado o carro e para chegar lá tínhamos de atravessar a planície deserta e rochosa. Dom Juan me mostrara uma trilha escondida no meio de umas pedras grandes, quase na encosta da montanha que cercava a planície a leste. Dirigi-me para aquela trilha. Algum ímpeto desconhecido me guiava; senão eu teria tomado o mesmo caminho que tomamos antes, quando atravessamos a planície no plano.

A Gorda parecia estar antecipando alguma coisa tremenda. Ficou agarrada a mim. Seus olhos estavam alucinados.

— Estamos no caminho certo? — perguntei.

Não respondeu. Puxou o xale e torceu-o, até parecer uma corda comprida e grossa. Passou-o pela minha cintura, cruzou as pontas e envolveu-os no xale. Amarrou um nó e assim nos juntou numa faixa que parecia o algarismo 8.

— Para que você fez isso? — perguntei.

Sacudiu a cabeça. Seus dentes batiam mas ela não conseguiu pronunciar uma palavra. Seu pavor parecia ser extremo. Ela me empurrou, para eu continuar a caminhar. Eu não pude deixar de me perguntar por que também eu não estava apavorado.

Quando chegamos ao caminho alto, o esforço físico começou a afetar-me. Eu estava ofegante e tinha de respirar pela boca. Via forma das grandes pedras. Não havia Lua mas o céu estava tão claro que havia luz suficiente para distinguir as formas. Eu ouvia que a Gorda também estava respirando com dificuldade.

Tentei parar para tomar fôlego, mas ela me empurrou de leve e sacudiu a cabeça, negativamente. Eu queria fazer uma brincadeira, para romper a tensão, quando ouvi um estranho barulho de batidas.

Minha cabeça sem querer, mexeu-se para a minha direita, para permitir que meu ouvido esquerdo escutasse o que se passava no local. Parei de respirar um instante e então ouvi claramente que havia mais alguém, além da Gorda e eu, respirando fortemente. Tornei a verificar para certificar-me, antes de contar isso a ela. Não havia dúvida de que aquela firma maciça estava lá entre as pedras. Pus minha mão na boca da Gorda, enquanto continuávamos a nos mover, e fiz sinal para que ela prendesse a respiração. Eu sabia que aquela forma maciça estava muito próxima. Parecia estar deslizando o mais silenciosamente possível. Estava assobiando baixinho.

A Gorda assustou-se. Agachou-se e puxou-me para baixo consigo, pelo xale amarrado na minha cintura. Pôs as mãos debaixo da saia, um instante, e depois levantou-se: suas mãos estavam cruzadas e quando ela abriu os dedos com um estalo, um chuvaire de centelhas voou deles.

— Urine em suas mãos — murmurou a Gorda, de dentes cerrados.

— Hein? — perguntei, sem poder compreender o que ela queria que eu fizesse.

Ela me cochichou a ordem três ou quatro vezes, cada vez com maior urgência. Devia ter percebido que eu sabia o que ela queria, pois tornou a agachar-se e mostrou que estava urinando nas mãos. Fiquei olhando para ela, apalermado, enquanto ela fazia a urina voar como centelhas avermelhadas.

Fez-se um branco em minha cabeça. Eu não sabia o que era mais absorvente, se ver a Gorda criando aquilo com sua urina ou o chiado do ente que se aproximava. Eu não conseguia resolver em quais dos dois focalizar a minha atenção: ambos eram fascinantes.

— Depressa! Faça-o nas suas mãos! — resmungou a Gorda, falando entre os dentes.

Eu a vi, mas a minha atenção estava deslocada. Numa voz suplicante a Gorda acrescentou que as minhas centelhas fariam a criatura que se aproximava, fosse o que fosse, recuar. Ela começou a ganir e fiquei desesperado. Eu não somente ouvia, como ainda sentia com todo o meu corpo a aproximação do ente. Tentei urinar nas minhas mãos, mas foi inútil. Eu estava por demais constrangido e nervoso. Fiquei possuído pela agitação da Gorda e lutei desesperadamente para urinar. Por fim consegui. Estalei os dedos três ou quatro vezes, mas nada voou deles.

— Faça de novo — disse a Gorda. — Leva tempo para a gente fazer centelhas.

Disse-lhe que tinha gasto toda a urina que tinha. Vi a expressão do mais intenso desespero nos seus olhos.

Naquele instante vi a forma maciça e retangular aproximando-se de nós. Não sei por que, a mim não parecia ameaçadora, embora a Gorda estivesse quase desmaiando de medo.

De repente, ela desamarrou o xale e deu um pulo para uma pequena pedra que estava atrás de mim e abraçou-me por trás, pondo o queixo sobre a minha cabeça. Estava quase montada nos meus ombros. No instante em que tomamos aquela posição, a forma parou de mover-se. Continuava a chiar, talvez a uns seis metros de onde estávamos.

Senti uma tensão imensa, que parecia estar focalizada no meio de meu corpo. Depois de algum tempo, tive a certeza de que, se permanecêssemos naquela posição, esgotaríamos a nossa energia e seríamos vítimas daquilo que nos espreitava.

Eu disse à Gorda que íamos fugir dali correndo à toda. Ela sacudiu a cabeça, recusando a idéia. Parecia ter recuperado a força e a confiança. Disse então que tínhamos de enterrar as cabeças nos braços e nos deitarmos com as coxas encostadas contra o estômago. Lembrei-me de que anos antes Dom Juan me mandara fazer a mesma coisa numa noite em que fui apanhado num deserto no norte do México por algo igualmente desconhecido e no entanto igualmente real para os meus sentidos. Naquela ocasião Dom Juan dissera que fugir seria inútil e que a única coisa que se podia fazer seria permanecer no lugar, na posição que a Gorda tinha acabado de recomendar.

Eu já ia me ajoelhando quanto tive a sensação inesperada de que tínhamos cometido um erro terrível ao sairmos da gruta. Tínhamos de voltar para lá a todo custo.

Passei o xale da Gorda sobre meus ombros e sob meus braços. Pedi que ela segurasse as pontas acima de minha cabeça, e que subisse sobre meus ombros e ficasse de pé sobre eles, apoiando-se puxando as pontas do xale e prendendo-os como um arreio. Anos antes Dom Juan me ensinara que a pessoa devia enfrentar coisas inesperadas, como a forma retangular diante de nós, com atos inesperados. Ele disse que uma vez ele mesmo encontrou um veado que "falou" com ele, e que Dom Juan tinha ficado de cabeça para baixo e pés para cima o tempo que durou o fato, a fim de garantir sua sobrevivência e aliviar a tensão daquele encontro.

Minha idéia era tentar dar a volta àquela forma retangular, de volta à gruta, com a Gorda de pé sobre os meus ombros.

Ela murmurou que a gruta estava fora de cogitações. O Nagual lhe dissera para não ficar lá, de todo. Argumentei, enquanto arrumava o xale para ela, que o meu corpo tinha a certeza de que na gruta estaríamos bem. Ela respondeu que isso era verdade e que daria certo, mas que não tínhamos meio algum de controlar aquelas forças.

Precisávamos de um recipiente especial, uma cabaça de algum tipo, como as que eu vira penduradas dos cintos de Dom Juan e Dom Genaro.

Ela tirou os sapatos e subiu nos meus ombros e ficou ali de pé. Eu a segurei pela barriga das pernas. Quando ela puxou as pontas do xale, senti a tensão da faixa nas minhas axilas. Esperei até ela se equilibrar. Andar no escuro carregando nos seus ombros um peso de 52 quilos não era brincadeira. Caminhei devagar. Conteí vinte e três passos e aí tive de pô-la no chão. A dor em minhas omoplatas era insuportável. Disse-lhe que, embora ela fosse muito esguia, seu peso esmagava minha clavícula.

O interessante, porém, era que a forma retangular não estava mais à vista. Nossa estratégia dera certo. A Gorda sugeriu carregar-me nos ombros um pouco. Achei a idéia absurda; meu peso era mais do que o seu pequeno esqueleto poderia suportar. Resolvemos caminhar um pouco e ver o que acontecia.

Reinava um silêncio total em volta de nós. Caminhávamos devagar, um sustentando o outro. Não tínhamos dado mais do que alguns metros quando tornei a ouvir ruídos estranhos de alguém respirando, um chiado baixo e prolongado como o de um felino. Depressa ajudei-a a subir aos meus ombros e dei mais dez passos.

Sabia que tínhamos de manter o inesperado como tática, para podermos sair daquele lugar. Eu estava procurando imaginar que outra série de atos inesperados podíamos usar em vez de pôr a Gorda de pé nos meus ombros, quando ela tirou o vestido comprido. Num único movimento, ficou despida. Ela remexeu o chão, procurando alguma coisa. Ouvi um estalo e ela se endireitou, segurando o galho de um arbusto. Ela deu um jeito no xale que estava nos meus ombros e pescoço e fez uma espécie de suporte de montaria, em que podia sentar-se com as pernas em volta de minha cintura, como uma criança montada na corcunda. Depois pôs o galho dentro do vestido e segurou-o acima da cabeça. Começou a fazer girar o galho, dando ao vestido um impulso estranho. A isso ela acrescentou um assobio, imitando o pio de uma coruja.

Depois de uns cem metros, ouvi os mesmos sons vindos de trás de nós e dos lados. Ela passou a outro pio de pássaro, um ruído penetrante, semelhante ao de um pavão. Alguns minutos depois os mesmos pios ressoavam em volta de nós.

Eu tinha presenciado o mesmo fenômeno de pios de pássaros sendo respondidos anos antes, com Dom Juan. Na ocasião eu pensara que talvez os ruídos fossem produzidos por Dom Juan, escondido no escuro ali por perto, ou até por alguém intimamente ligado a ele, como Dom Genaro, que o estava ajudando a criar em mim um medo invencível, um medo que me fazia correr no escuro total sem nem tro-

peçar. Dom Juan chamava aquele ato especial de correr no escuro o *passo do poder*.

Perguntei à Gorda se ela sabia fazer o *passo do poder*. Disse que sim. Eu lhe disse que íamos tentá-lo, embora eu não tivesse certeza nenhuma de poder fazê-lo. Ela acrescentou que não era nem a ocasião nem o lugar para isso e apontou para a frente. Meu coração, que estava batendo descompassadamente o tempo todo, começou a martelar dentro do meu peito. Bem à nossa frente, talvez a uns três metros de distância, e bem no meio da trilha, estava um dos aliados de Dom Genaro, o estranho homem brilhante, de cara comprida e calvo. Fiquei gelado no lugar. Ouvei o grito da Gorda como se viesse de muito longe. Ela bateu freneticamente com os punhos no meu lado. Seus atos interromperam o meu olhar fixo sobre o homem. Ela virou minha cabeça para a esquerda e depois para a direita. No meu lado esquerdo, quase tocando a minha perna, estava a massa negra de um felino gigantesco com olhos amarelos e ferozes. À minha direita vi um coioote imenso e fosforescente. Atrás de nós, quase tocando as costas da Gorda, estava a forma retangular e escura.

O homem virou de costas para nós e começou a mover-se na trilha. Também eu comecei a caminhar. A Gorda estava ganindo e gritando. A forma retangular estava quase agarrando suas costas. Eu a ouvi movendo-se com baques esmagadores. O ruído dos seus passos ressoava pelos morros em volta de nós. Eu sentia seu bafo frio na minha nuca. Sabia que a Gorda estava ficando louca. E eu também. O felino e o coioote estavam quase roçando nas minhas pernas. Ouvei seus chiados e roncões aumentando de volume. Naquele momento, tive o ímpeto irracional de fazer um certo som que Dom Juan me ensinara. Os aliados me responderam. Continuei a fazer o ruído, freneticamente, e eles me respondiam sempre. A tensão diminuía aos poucos, e antes de chegarmos à estrada, eu participava da cena mais extravagante possível. A Gorda estava montada nas minhas costas, alegremente sacudindo o vestido acima da cabeça, como se nada tivesse acontecido, e balançando o vestido no ritmo do barulho que eu fazia, enquanto quatro criaturas de um outro mundo me respondiam enquanto se moviam no meu ritmo, cercando-nos dos quatro lados.

Assim chegamos à estrada, mas eu não queria partir. Parecia faltar alguma coisa. Fiquei imóvel, com a Gorda nas minhas costas, e fiz um ruído muito especial, batido, que Dom Juan me ensinara. Ele tinha dito que o grito das mariposas. (A fim de produzi-lo, era preciso usar a borda interna da mão esquerda e os lábios.

Assim que o fiz, tudo pareceu repousar em paz. Os quatro antes me responderam, e quando o fizeram vi quais os que ficariam comigo.

Depois andei até ao carro, tirei a Gorda de minhas costas, colocando-a no assento do motorista e empurrando-a para o lado dela.

Nós nos afastamos dali de carro, no mais completo silêncio. Alguma coisa me tocara em algum lugar e desligara meus pensamentos.

A Gorda sugeriu que fôssemos para a casa de Dom Genaro, em vez de ir para a sua casa. Disse que Benigno, Nestor e Pablito moravam lá, mas não estavam na cidade. A sugestão dela agradou-me.

Depois que entramos em casa, a Gorda acendeu uma lanterna. O lugar estava tal e qual como da última vez em que eu visitara Dom Genaro. Nós nos sentamos no chão. Puxei um banco e pus meu bloco sobre ele. Eu não estava cansado e queria escrever, mas não consegui. Não consegui escrever nada.

— O que é que o Nagual lhe contou a respeito dos aliados? — perguntei.

Minha pergunta pareceu apanhá-la de surpresa. Ela não sabia o que responder.

— Não posso imaginar — disse ela, por fim.

Era como se ela nunca tivesse estado naquele estado antes. Ficou andando de um lado para outro, na minha frente. Gotículas de transpiração se tinham formado na ponta do seu nariz e sobre seu lábio superior.

De repente, agarrou-me pela mão e quase me puxou para fora da casa. Levou-me para uma garganta próxima e lá enjoou.

Meu estômago estava esquisito. Ela disse que a força dos aliados tinha sido grande demais e que eu devia forçar-me a vomitar. Fiquei olhando para ela, esperando uma explicação. Pegou minha cabeça nas mãos e enfiou um dedo em minha garganta, com a segurança de uma ama lidando com uma criança, e de fato me fez vomitar. Explicou que os seres humanos têm um brilho muito delicado em volta do estômago e que esse brilho estava sempre sendo atraído por tudo em volta deles. Por vezes, quando a atração era muito forte, como no caso do contato com os aliados, ou mesmo no caso do contato com pessoas fortes, o brilho tornava-se agitado, mudava de cor ou até desaparecia de todo. Nesses casos, a única coisa a fazer era simplesmente vomitar.

Eu me sentia melhor, mas ainda não normal. Tinha uma sensação de cansaço e peso em volta dos olhos. Voltamos à casa. Quando chegamos à porta, a Gorda cheirou o ar como um cachorro e disse que sabia quais os aliados que eram meus. Suas palavras, que normalmente não teriam outro significado senão aquele a que ela aludia, ou o que eu mesmo interpretava nelas, tiveram a qualidade especial de um artifício catártico. Fez-me explodir em pensamentos. De repente, todas as minhas deliberações intelectuais normais se fizeram aparentes. Senti que estava dando um salto no ar, como se as idéias tivessem uma energia própria.

A primeira idéia que me ocorreu foi que os aliados eram entes de fato, como eu desconfiava, sem jamais ousar admiti-lo, nem mesmo a mim. Eu os vira e sentira e me comunicara com eles. Eu estava eufórico. Abracei a Gorda e comecei a explicar-lhe o ponto crucial de meu dilema intelectual. Eu tinha visto os aliados sem o auxílio de Dom Juan ou de Dom Genaro e esse fato, para mim, fazia uma diferença brutal. Eu disse à Gorda que uma vez, quando eu dissera a Dom Juan que tinha visto um dos aliados, ele riu e falou para eu não me levar tão a sério, e para esquecer o que tinha visto.

Jamais quis acreditar que estava tendo alucinações, tampouco queria aceitar o fato de que eles eram aliados. A minha formação racional era rígida. Eu não podia transpor o vão. Dessa vez, porém, tudo era diferente, e a idéia de que nessa terra havia de fato seres de outro mundo, que não eram estranhos à terra, era mais do que eu podia suportar. Eu disse à Gorda, meio de brincadeira, que, em segredo, eu daria tudo para ser maluco. Isso absolveria parte de meu ser da responsabilidade esmagadora de atualizar a minha compreensão de mundo. E a ironia era que eu estava mais que disposto a atualizar a minha compreensão do mundo, isto é, num plano intelectual. Mas isso não era suficiente. Nunca fora. E era este o meu obstáculo invencível, e sempre fora, a minha falha fatal. Eu estava disposto a mover-me no mundo de Dom Juan, de um modo meio convencional; portanto eu fora um quase-feiticeiro. Todas as minhas tentativas não tinham sido mais que meu desejo fútil de lutar com o intelecto, como se eu estivesse numa academia em que se pode fazer isso das oito da manhã às cinco da tarde, e a essa hora, devidamente fatigada, a pessoa vai para casa. Dom Juan costumava dizer, como pilhéria, que, depois de ter disposto o mundo de forma bela e esclarecida, o estudioso vai para casa às cinco horas, a fim de se esquecer de sua bela arrumação.

Enquanto a Gorda nos preparava alguma coisa para comer, eu trabalhava febrilmente nos meus apontamentos. Senti-me muito mais descontraído. A Gorda estava de muito bom humor. Fez palhaçada, como fazia Dom Genaro, imitando os gestos que eu fazia ao escrever.

— O que é que você sabe sobre os aliados, Gorda? — perguntei.

— Só o que o Nagual me ensinou — respondeu. — Ele disse que os aliados eram forças que um feiticeiro aprende a controlar. Ele tinha dois dentro da cabaça dele e Genaro também.

— Como é que os guardavam dentro das cabaças?

— Isso ninguém sabe. O Nagual só sabia que é preciso encontrar uma cabaça pequena, perfeita, com um gargalo, antes que se possa domar os aliados.

— Onde se poder encontrar esse tipo de cabaça?

— Em qualquer lugar. O Nagual deixou dito comigo, caso sobrevivêssemos ao ataque dos aliados, que devíamos começar a procurar a cabaça perfeita, que deve ser do tamanho do polegar da mão esquerda. Era esse o tamanho da cabaça do Nagual.

— Você já viu a cabaça dele?

— Não, nunca. O Nagual disse que uma cabaça desse tipo não existe no mundo dos homens. Parece um embrulhinho que a gente pode ver dependurado dos cintos deles. Mas se você olhar para aquilo de propósito, não verá nada.

— A cabaça, depois de encontrada, tem de ser tratada com muito cuidado. Em geral os feiticeiros encontram cabaças assim nas trepadeiras no mato. Eles as apanham e secam e depois as cavam. E depois as alisam e lustram. Depois que o feiticeiro tiver a sua cabaça, tem de oferecê-la aos aliados e induzi-los a morarem lá. Se os aliados consentirem, a cabaça desaparece do mundo dos homens e os aliados se tornam um auxílio do feiticeiro. O Nagual e Genaro podiam fazer seus aliados fazerem tudo que precisava ser feito. Coisas que eles mesmo não conseguiam fazer. Tais como mandar o vento perseguir-me ou mandar aquele pinto correr dentro da blusa de Lidia.

Ouvi um chiado especial e prolongado do lado de fora da porta. Era exatamente o mesmo ruído que eu ouvira na casa de Dona Soledad dois dias antes. Dessa vez, eu sabia que era a onça. O barulho não me assustou. Na verdade, eu teria saído para ver a onça se a Gorda não me tivesse impedido.

— Você ainda está incompleto — disse ela. — Os aliados haviam de regalar-se com você, se você sáísse sozinho. Especialmente aquele audacioso que está rondando lá fora.

— Meu corpo sente-se muito seguro — protestei.

Ela me deu um tapinha nas costas e me prendeu ao banco onde eu estava escrevendo.

— Você ainda não é um feiticeiro completo — disse ela. — Você tem um grande remendo no meio de seu corpo e a força daqueles aliados o arrancaria do lugar. Eles não são de brincadeira.

— O que a gente deve fazer quando um aliado aparece dessa maneira?

— Não me importo com eles. O Nagual ensinou-me a ser equilibrada e a não procurar nada com avidez. Esta noite, por exemplo, eu sabia quais os aliados que iriam para você, se você um dia conseguir uma cabaça e prepará-la. Você pode estar ansioso para consegui-los. Eu não. O mais provável é que eu nunca os consiga, mesmo. São um osso duro de roer.

— Por quê?

— Por que são forças, e como tais podem esgotar a gente até reduzir-nos a nada. O Nagual disse que a gente está melhor sem nada a não ser o nosso propósito e nossa liberdade. Um dia, quando você estiver completo, talvez tenhamos de escolher se devemos ou não conservá-los.

Disse-lhe que, pessoalmente, eu gostava da onça, embora houvesse nela algo de amedrontador.

Ela olhou para mim. Em seus olhos havia uma expressão de surpresa e confusão.

— Gosto mesmo daquele — disse eu.

— Diga-me o que você viu — disse ela.

Naquele momento percebi que automaticamente eu supusera que ela tivesse visto as mesmas coisas que eu. Descrevi detalhadamente os quatro aliados, como os tinha visto. Ela escutou com a maior atenção; parecia estar estupefata com a minha descrição.

— Os aliados não têm forma — disse ela, quando terminei. — São como uma presença, como um vento, um brilho. O primeiro que encontramos esta noite era um negrume que queria entrar no meu corpo. Foi por isso que gritei. Senti que subia pelas minhas pernas. Os outros foram apenas cores. O brilho deles era tão forte, porém, que fazia o caminho parecer que era de dia.

Suas palavras me assombraram. Finalmente eu havia aceito, depois de anos de lutas e puramente na base de nosso encontro com eles naquela noite, que os aliados tivessem uma forma consensual, uma substância que não podia ser percebida igualmente pelos sentidos de todos.

Brincando, eu disse à Gorda que já tinha escrito em minhas notas que eles eram criaturas que tinham formas.

— O que farei agora? — perguntei, num sentido retórico.

— É muito simples — disse ela. — Escreva que eles não têm.

Achei que ela tinha toda a razão.

— Por que eu os vejo como monstros? — perguntei.

— Isso não é mistério — disse ela. — Você ainda não perdeu sua forma humana. O mesmo sucedeu comigo. Eu antes via os aliados como pessoas; todos era índios, com caras horríveis e olhares malvados. Esperavam por mim nos lugares desertos. Eu achava que eles me perseguiam como mulher. O Nagual ria-se à grande, diante dos meus receios. Mas ainda assim eu morria de medo. Um deles vinha sentar na minha cama e a sacudia até eu acordar. O susto que aquele aliado me dava é a coisa que eu não queria ter de novo, nem mesmo agora que estou mudada. Esta noite acho que tive medo dos aliados como tinha antes.

— Quer dizer que você não os vê mais como seres humanos?

— Não. Agora não. O Nagual lhe disse que o aliado não tem forma. Ele tem razão. Um aliado é apenas uma presença, um auxiliar que não é nada e no entanto é tão real quanto você ou eu.

— As irmãs já viram os aliados?

— Todos já os viram, numa ou outra ocasião.

— Os aliados para elas também são apenas uma força?

— Não. Elas são como você; ainda não perderam a forma humana. Nenhum deles. Para todos eles, as irmãs, os Genaros e Soledad, os aliados são coisas horrendas; com eles, os aliados são criaturas malévolas e terríveis da noite. Basta mencionar os aliados e Lídia e Josefina e Pablito ficam frenéticos. Rosa e Nestor não têm tanto medo deles, mas também não querem ter nada a ver com eles. Benigno tem seus próprios afazeres, de modo que não se preocupa com eles. Eles não o importunam, nem a mim, aliás. Mas os outros são presa fácil para os aliados, especialmente agora que os aliados saíram da cabaças do Nagual e de Genaro. Estão toda hora procurando você.

— O Nagual me disse que, enquanto a gente se agarra à forma humana, só pode refletir essa forma, e como os aliados se alimentam diretamente da nossa força de vida no meio do estômago, geralmente nos fazem enjoar e aí nós os vemos como criaturas pesadas e feias.

— Há alguma coisa que possamos fazer para nos proteger, ou modificar a forma dessas criaturas?

— O que quer dizer?

Minha pergunta parecia não ter significado algum para ela. Ela ficou olhando para mim, sem expressão, como que esperando que eu explicasse o que acabara de dizer. Ela fechou os olhos, um momento.

— Você não sabe a respeito do molde humano e a forma humana, sabe? — perguntou.

Olhei para ela.

— Acabei de ver que você não sabe nada a respeito disso — disse ela e sorriu.

— Você tem toda a razão — disse eu.

— O Nagual disse-me que a forma humana é uma força — disse ela. — E o molde humano é... bem... um molde. Disse que tudo tem um molde especial. As plantas têm moldes, os animais têm moldes, os vermes têm moldes. Você tem certeza de que o Nagual nunca lhe mostrou o molde humano?

Eu lhe disse que ele tinha esboçado o conceito, mas muito resumidamente, uma vez em que ele tinha tentado explicar alguma coisa sobre um sonho que eu tive. Nesse sonho eu tinha visto um homem que parecia estar-se escondendo no escuro, numa garganta estreita. Encontrá-lo ali assustou-me. Olhei para ele um momento e depois o homem deu um passo à frente e tornou-se visível aos meus

olhos. Estava despido e o seu corpo brilhava. Parecia ser delicado, quase frágil. Gostei dos olhos dele. Eram simpáticos e profundos. Achei que eram muito bondosos. Mas depois ele voltou para o escuro da garganta e os olhos dele ficaram parecendo dois espelhos, como os olhos de um animal feroz.

Dom Juan disse que eu tinha encontrado o molde humano quando “sonhava”. Explicou que os feiticeiros têm o caminho de seus “sonhos” para conduzi-los ao molde e que o molde dos homens era positivamente um ente, um ente que podia ser visto por alguns de nós em certas ocasiões, quando estamos imbuídos de poder, e certamente por todos nós no momento de nossa morte. Ele escreveu o molde como sendo a fonte, a origem do homem, pois, sem o molde para juntar a força da vida, não havia meios dessa força reunir-se na forma do homem.

Ele interpretou o meu sonho como uma visão rápida e extraordinariamente simplista do molde. Disse que o meu sonho tinha reafirmado o fato de que eu era um homem de mentalidade simples e muito terrena.

A Gorda riu-se e disse que teria dito a mesma coisa também. Ver o molde como um homem comum despido, e depois como um animal, fora realmente uma visão muito simplista do molde.

— Talvez fosse apenas um sonho bobo e comum — disse eu, procurando defender-me.

— Não — disse ela, com um largo sorriso. — Entende, o molde humano brilha e é sempre encontrado nos olhos e nas gargantas estreitas.

— Por que nas gargantas e nos olhos-d’água? — perguntei.

— Ele se alimenta da água. Sem água não existe molde — respondeu ela. — Sei que o Nagual o levava aos olhos-d’água regularmente, na esperança de lhe mostrar o molde. Mas o seu vazio o impedia de ver qualquer coisa. A mesma coisa que aconteceu. Ele me fazia deitar despida numa pedra bem no meio de um determinado olho-d’água, mas a única coisa que eu sentia era a presença de alguma coisa que me assustava mortalmente.

— Por que o vazio impede que se veja o molde?

— O Nagual disse que tudo no mundo é uma força, um puxão ou um empurrão. A fim de sermos puxados ou empurrados temos de ser como uma vela, como um papagaio ao vento. Mas se tivermos um buraco no meio de nossa luminosidade, a força sai por ele e nunca age sobre nós.

— O Nagual me disse que Genaro gostava muito de você e queria fazer você ter consciência do buraco que tinha no meio. Ele costumava fazer voar o chapéu dele, para implicar com você; chegou até a

puxar você por esse buraco até você ficar com diarreia, mas você nunca percebeu o que ele estava fazendo.

— Por que eles não me contaram claramente, como você está-me contando?

— Eles contaram, mas você nem reparou nas palavras deles.

Achei suas palavras impossíveis de se acreditar. Admitir que eles me tinham contado a respeito e eu não tinha reconhecido isso era inimaginável.

— Você algum dia viu o molde, Gorda? — perguntei.

— Claro, quando fiquei completa de novo. Fui àquele determinado olho-d’água um dia, sozinha, e lá estava ele. Era um ser luminoso, radiante. Eu não podia olhar para ele. Ele me cegava. Mas era suficiente apenas estar na presença dele. Eu me senti feliz e forte. E nada mais tinha importância, nada. Só estar ali era tudo o que eu queria. O Nagual disse que às vezes, se tivermos bastante poder pessoal, podemos ter uma visão do molde, mesmo se não formos feiticeiros: quando isso acontece dizemos que vimos Deus. Ele disse que se o chamarmos de Deus, será verdade. O molde é Deus.

“Tive uma dificuldade enorme em entender o Nagual, porque eu era uma mulher muito religiosa. Não tinha mais nada no mundo, além de minha religião. Portanto, ouvir o Nagual dizer as coisas que dizia me fazia tremer. Mas depois fiquei completa e as forças do mundo começaram a puxar-me, e vi que o Nagual tinha razão. O molde é Deus. O que você acha?

— No dia em que o vir eu lhe direi, Gorda — disse eu.

Ela riu e disse que o Nagual caçoava de mim, dizendo que no dia em que eu visse o molde eu provavelmente me tornaria um frade franciscano pois no fundo eu era uma alma religiosa.

— O molde que você viu era homem ou mulher? — perguntei.

— Nenhum dos dois. Era apenas um ser humano luminoso. O Nagual disse que eu podia ter pedido alguma coisa para mim. Que um guerreiro não pode perder essa oportunidade. Mas não consegui pensar em nada para pedir. Foi melhor assim. Tenho uma linda recordação disso. O Nagual disse que um guerreiro que tenha bastante poder pode ver o molde muitas e muitas vezes. Que grande sorte deve ser isso!

— Mas se é o molde humano que nos une, o que é a forma humana?

— Uma coisa gomosa, uma força gomosa que nos torna as pessoas que somos. O Nagual me disse que a forma humana não tem forma. Como os aliados que ele carregava na cabaça, é qualquer coisa, mas a despeito de não ter forma, ela nos possui durante as nossas vidas e não nos larga até à morte. Nunca vi a forma humana mas já a senti em meu corpo.

Depois ela descreveu uma série muito complexa de sensações que tinha tido num período de anos que culminaram numa grave doença, o clímax da qual foi um estado de saúde que me lembraram descrições que eu tinha lido de um grave ataque cardíaco. Ela disse que a forma humana, sendo a força que é, deixou o seu corpo depois de uma grave luta interna que se manifestou com uma doença.

— Parece que você teve um ataque cardíaco — disse eu.

— Pode ser — respondeu ela — mas de uma coisa tenho certeza. No dia em que o tive, perdi a minha forma humana. Fiquei tão fraca que por vários dias nem consegui levantar da cama. Desde aquele dia não tive a energia de ser o meu velho ser. De vez em quando tenho tentado voltar aos meus velhos hábitos, mas não tive a força de aproveitá-los como antes. Por fim desisti.

— De que adianta perder a sua forma?

— Um guerreiro deve largar a forma humana a fim de se modificar, modificar-se de verdade. Se não, só fala em se modificar, como no seu caso. O Nagual disse que é inútil pensar ou esperar que se possa mudar os hábitos. Não podemos mudar nada, enquanto nos agarrarmos à forma humana. O Nagual me disse que um guerreiro sabe que não pode mudar, e no entanto trata de mudar, mesmo que saiba que não o poderá fazer. É essa a única vantagem que um guerreiro tem sobre o homem comum. O guerreiro nunca se decepciona quando não consegue mudar.

— Mas você continua a ser você mesma, Gorda, não é?

— Não. Não sou mais. A única coisa que faz a gente pensar que é a gente mesma é a forma. Depois que ela se vai, você não é nada.

— Mas você ainda fala e pensa e sente como antes, não?

— Em absoluto. Sou nova.

Ela riu e abraçou-me como se estivesse consolando uma criança.

— Só Elígio e eu perdemos a nossa forma — continuou ela. — Foi uma grande sorte para nós termos perdido nossa forma enquanto o Nagual ainda estava entre nós. Vocês vão passar um mau bocado. É o seu destino. O próximo que a perder só terá a mim como companheira. Já tenho pena de quem quer que seja.

— O que mais você sentiu, Gorda, quando perdeu a sua forma, além de não ter bastante energia?

— O Nagual me disse que um guerreiro sem força começa a ver um olho. Eu via um olho na minha frente sempre que fechava os olhos. A coisa chegou a um ponto que eu não podia mais descansar: o olho me acompanhava por onde eu fosse. Quase enlouqueci. Por fim imagino que me tenha acostumado. Agora eu nem noto, pois tornou-se parte de mim.

— O guerreiro sem forma usa aquele olho para começar a *sonhar*. Se você não tiver uma forma, não tem de adormecer para *sonhar*. O olho na sua frente o puxa toda vez que você quiser ir.

— Onde exatamente fica esse olho, Gorda?

Ela fechou os olhos e mexeu a mão de um lado para outro, bem em frente do rosto, abrangendo o espaço do rosto dela.

— Às vezes o olho é muito pequeno e às vezes é enorme — continuou ela. — Quando é pequeno, o seu *sonhar* é preciso. Quando é grande o seu *sonhar* é como voar sobre as montanhas e não ver grande coisa. Ainda não sonhei muito, mas o Nagual me disse que aquele olho é o meu trunfo. Um dia, quando eu realmente me tornar sem forma, não verei mais esse olho; o olho se tornará igual a mim, nada, e no entanto estará ali, como os aliados. O Nagual disse que tudo tem de ser peneirado através de nossa forma humana. Quando não tivermos forma, então nada tem forma e no entanto tudo está presente. Eu não podia compreender o que ele queria dizer com isso, mas hoje vejo que ele tinha toda a razão. Os aliados são apenas uma presença e o olho também será. Mas a essa altura o olho é tudo para mim. Aliás, tendo esse olho, eu não devia precisar de mais nada a fim de provocar o meu *sonho*, mesmo quando estou desperta. Ainda não consegui isso. Talvez eu seja como você, um pouco obstinada e preguiçosa.

— Como é que você fez o vôo que me mostrou esta noite?

— O Nagual ensinou-me a usar o meu corpo para criar luzes, pois somos luz mesmo, de modo que crio centelhas e luzes e elas por sua vez atraem as luzes do mundo. Depois que vejo uma delas, é fácil enganchá-la nela.

— Como é que você se engancha?

— Eu a agarro.

Ela fez um gesto com as mãos, encolhendo-as em forma de garras, e depois juntou-as nos pulsos, formando uma espécie de vaso, com os dedos em garras verticais.

— Você tem de agarrar a linha como uma onça — continuou ela — e nunca separar os pulsos. Se fizer isso, cai e quebra o pescoço.

Ela parou e isso obrigou-me a olhar para ela, esperando mais revelações.

— Você não me acredita, não é? — perguntou ela.

Sem me dar tempo de responder, ela se agachou e começou novamente a produzir a sua exibição de centelhas. Eu estava calmo e controlado e pude dar minha atenção total aos seus atos. Quando estalava e abria os dedos, todas as fibras dos seus músculos pareciam retesar-se ao mesmo tempo. Essa tensão parecia focalizar-se na ponta dos dedos e se projetava como raios de luz. A umidade das pontas dos seus dedos era na verdade um meio de transportar algum tipo de energia que emanava do corpo.

— Como é que você fez isso, Gorda? — perguntei, realmente assombrado.

— Não sei mesmo — disse. — Só sei que faço isso. Já o fiz muitas e muitas vezes e no entanto não sei como eu faço. Quando pego um desses raios sinto que estou sendo puxada por alguma coisa. Não faço mais nada a não ser deixar que as linhas que agarrei me puxem. Quando quero voltar, sinto que as linhas não me querem largar e fico frenética. O Nagual disse que isso é o meu pior defeito. Fico tão assustada que um dia desses vou me ferir. Mas imagino que um dia desses ainda ficarei mais sem forma e aí não vou me assustar tanto, de modo que enquanto eu me agüentar até aquele dia, estarei bem.

— Então conte-me, Gorda, como é que você deixa as linhas puxarem-na?

— Voltamos ao mesmo ponto. Não sei. O Nagual me avisou sobre você. Você quer saber de coisas que não se pode saber.

Lutei para explicar-lhe que o que eu queria saber eram os processos. Eu tinha mesmo desistido de buscar uma explicação de todos eles porque suas explicações não me explicavam coisa alguma. Descrever-me os passos seguidos era coisa bem diferente.

— Como é que você aprendeu a deixar o seu corpo agarrar-se às linhas do mundo? — perguntei.

— Aprendi isso sonhando — disse — mas, na verdade, não sei como. Para uma guerreira, tudo começa no *sonho*. O Nagual me disse, assim como disse a você, que primeiro procurasse as minhas mãos no sonho. Eu não podia encontrá-las de todo. Nos meus sonhos eu não tinha mãos. Durante anos tentei e tentei encontrá-las. Todas as noites eu me dava a ordem de encontrar minhas mãos, mas não adiantou nada. Nunca encontrei nada em meus sonhos. O Nagual não teve piedade de mim. Disse que eu teria de encontrá-las ou morrer. Então eu lhe menti e disse que tinha encontrado minhas mãos nos sonhos. O Nagual não disse nada mas Genaro jogou o chapéu no chão e dançou em cima dele. Afiagou a minha cabeça e disse que eu era mesmo uma grande guerreira. Quanto mais ele me gabava, pior eu me sentia. Eu já ia contando a verdade ao Nagual quando o maluco do Genaro apontou o traseiro para mim e soltou o peido mais forte e mais demorado que já ouvi na vida. Chegou a me empurrar com ele. Parecia um vento quente e imundo, nojento e fedorento, igualzinho a mim. O Nagual estava morrendo de rir.

Corri até à casa e me escondi lá. Naquela época eu era muito gorda. Comia muito e tinha muitos gases. Então resolvi não comer, por algum tempo. Lídia e Josefina me ajudaram. Passei vinte e três dias sem comer nada e aí uma noite encontrei minhas mãos nos sonhos. Eram velhas e feias e verdes, mas eram minhas. E isso foi o princípio. O resto foi fácil.

— E como foi o resto, Gorda?

— Em seguida o Nagual quis que eu tentasse encontrar casas e prédios nos meus sonhos, e que olhasse para eles, tentando não dissolver as imagens. Disse que a arte de sonhador é conservar a imagem de seus sonhos. Pois é isso que fazemos em nossas vidas, de qualquer maneira.

— O que ele queria dizer com isso?

— A nossa arte como pessoas comuns é que sabemos conservar a imagem do que vemos. O Nagual disse que fazemos isso mas não sabemos como. Apenas o fazemos; isto é, os nossos corpos o fazem. No sonho temos de fazer a mesma coisa, só que nos sonhos temos de aprender a fazê-lo. Temos de lutar para não olhar, mas apenas ver de relance e no entanto conservar a imagem.

“O Nagual me disse para encontrar nos sonhos um lugar para o meu umbigo. Levei muito tempo porque eu não compreendia o que ele queria dizer. Ele disse que no sonho nós prestamos atenção com o umbigo; portanto, ele tem de estar protegido. Precisamos de um pouco de calor ou uma sensação de que alguma coisa está apertando o umbigo para poder conservar as imagens em nossos sonhos.

“Nos meus sonhos encontrei uma pedrinha que cabia no meu umbigo e o Nagual me fez procurar essa pedrinha dia após dia nos olhos-d'água e nas gargantas, até que encontrei. Fiz um cinto para ela e ainda o uso, noite e dia. Usá-la facilitou-me conservar as imagens de meus sonhos.

“Então o Nagual deu-me a tarefa de ir a lugares determinados nos meus *sonhos*. Eu estava indo muito bem com o meu trabalho, mas naquele momento perdi a minha forma e comecei a ver o olho na minha frente. O Nagual disse que o olho tinha modificado tudo, e me deu ordem para começar a usar o olho para me afastar. Ele disse que eu não tinha tempo de conseguir o meu sócia no sonho, mas que o olho ainda era melhor. Senti-me frustrada. Hoje não me importo. Utilizei esse olho do melhor modo que pude. Deixei que me puxasse em meu sonho. Fecho os olhos e adormeço à toa, mesmo durante o dia, ou em qualquer lugar. O olho me puxa e entro num outro mundo. A maior parte do tempo só fico vagando nele. O Nagual me disse e às irmãszinhas que durante a nossa menstruação o *sonhar* torna-se poder. Para começar, fico meio maluca. Fico mais audaciosa. E como o Nagual nos mostrou, nesse período uma fresta abre-se na nossa frente. Você não é mulher, de modo que isso não pode fazer sentido para você, mas dois dias antes da menstruação a mulher pode abrir essa fresta e passar por ela para um outro mundo.

Com a mão esquerda ela desenhou uma linha invisível que parecia passar verticalmente diante dela, à distância de seu braço estendido.

— Nesse período a mulher, se quiser, pode largar as imagens do mundo — continuou a Gorda. — É essa a fresta entre os mundos, e, como disse o Nagual, está bem diante de todas nós mulheres.

“O motivo por que o Nagual acha que as mulheres são melhores feiticeiras do que os homens é porque elas sempre têm a fresta diante de si, enquanto que o homem tem de fabricá-la.

“Pois bem, foi durante a minha menstruação que aprendi, no *sonho*, a voar com as linhas do mundo. Aprendi a fazer centelhas com meu corpo para atrair as linhas e depois aprendi a agarrá-las. E até agora foi só isso que aprendi *sonhando*.

Eu ri e lhe disse que não tinha nada a mostrar, em meus anos de “sonhos”.

— Você aprendeu a chamar os aliados no sonho — disse ela, com grande segurança.

Retruquei que Dom Juan me ensinara a fazer aqueles ruídos. Ela não pareceu acreditar.

— Então os aliados devem procurá-lo por estarem buscando sua luminosidade — disse ela — a luminosidade que ele deixou com você. Ele me disse que todos os feiticeiros só têm uma certa luminosidade para dar. Assim, eles a deixam toda para seus filhos de acordo com uma ordem que lhe vem de algum lugar lá da vastidão. No seu caso, até lhe deu o chamado dele.

Ela estalou a língua e piscou para mim.

— Se não me acredita — continuou ela — por que não faz o barulho que o Nagual lhe ensinou e vê se os aliados não correm para você?

Relutei em fazê-lo. Não porque eu acreditasse que o meu barulho trouxesse alguma coisa, mas porque não queria fazer a vontade dela.

Ela esperou um momento e, quando teve certeza de que eu não ia tentar, pôs a mão na boca e imitou com perfeição o meu ruído de batidas. Ela ficou tocando aquilo por uns cinco ou seis minutos, só parando para respirar.

— Está vendo o que quero dizer? — perguntou ela, sorrindo. — Os aliados não ligam a mínima aos meus chamados, por mais que se pareçam com o seu. Agora experimente você.

Experimentei. Depois de alguns segundos, ouvi que o chamado era respondido. A Gorda levantou-se de um salto. Tive a impressão nítida de que ela estava mais surpreendida do que eu. Depressa pediu que eu parasse, apagou o lampião e pegou meus apontamentos.

Já ia abrindo a porta da frente mas parou; um barulho muito assustador veio do lado de fora da porta. Pareceu-me uma rosnadela. Foi tão horrenda e sinistra que nos fez dar um salto para trás, para longe da porta. O meu alarma físico era tão intenso que eu teria fugido, se tivesse para onde ir.

Alguma coisa pesada estava encostada à porta; fez a porta ranger. Olhei para a gorda. Ela parecia estar ainda mais alarmada. Continuava de pé com o braço estendido, como que para abrir a porta. Estava de boca aberta. Parecia ter gelado no meio do ato.

A porta ia abrir-se a qualquer momento. Não havia batidas nela, apenas uma pressão aterradora, não só na porta, mas em toda a casa.

A Gorda levantou-se e disse-me que a abraçasse depressa por trás, passando os braços em volta dela e cruzando as mãos sobre o umbigo dela. Então ela fez um movimento estranho com as mãos. Era como se estivesse agitando uma toalha, enquanto a segurava no nível dos olhos. Ela fez isso quatro vezes. Depois fez outro movimento estranho. Pôs as mãos no meio do peito, de palmas para cima, uma por cima da outra, sem se tocarem. Os cotovelos estavam esticados para os lados. Ela cruzou as mãos, como se de repente tivesse agarrado duas barras invisíveis. Devagar, foi virando as mãos até estarem de palmas para baixo e depois fez um movimento lindo e forte, um movimento que parecia exercitar todos os músculos no seu corpo. Era como se ela estivesse abrindo uma grande porta corrediça que mostrasse grande resistência. O corpo tremia com o esforço. Seus braços moviam-se devagar, como se abrissem uma porta muito, muito pesada, até estarem todos estendidos lateralmente.

Tive a impressão nítida que assim que ela abriu aquela porta um vento passou por ela. Aquele vento nos puxou e atravessamos a parede. Ou melhor, as paredes da casa nos atravessaram, ou talvez nós três, a Gorda, a casa e eu passamos pela porta que ela abria. De repente eu estava num campo aberto. Via as formas escuras das montanhas e árvores que nos cercavam. Não estava mais segurando a cintura da Gorda. Um barulho acima de mim me fez olhar para cima e eu a vi pairando talvez a uns três metros acima de mim como a forma negra de um papagaio gigantesco. Senti uma comichão tremenda no meu umbigo e aí a Gorda desceu ao solo a grande velocidade, mas em vez de se estatelar, parou suave e completamente.

No momento em que a Gorda pousou, a comichão em minha região umbilical transformou-se numa dor nervosa tremendamente esgotante. Era como se o pouso estivesse puxando minhas entranhas para fora. Gritei de dor com todas as minhas forças.

Aí a Gorda ficou de pé ao meu lado, desesperadamente ofegante. Eu estava sentado. Achávamo-nos novamente na sala da casa de Dom Genaro, onde estávamos antes.

A Gorda parecia não conseguir tomar fôlego. Estava encharcada de suor.

— Temos de sair daqui — murmurou ela.

O percurso até à casa das irmãzinhas era curto. Nenhuma delas estava lá. A Gorda acendeu um lampião e levou-me diretamente para a cozinha aberta nos fundos. Lá ela se despiu e pediu-me que lhe desse banho como a um cavalo, jogando água no corpo dela. Peguei uma tinazinha cheia d'água e comecei a despejar a água com cuidado em cima dela, mas ela quis que eu a encharcasse.

Ela explicou que um contato com os aliados, como o que tínhamos tido, provocava uma transpiração muito nociva, que tinha de ser lavada imediatamente. Mandou que eu tirasse minhas roupas e depois encharcou-me de água gelada. Depois deu-me um pano limpo e nós nos enxugamos enquanto entrávamos de novo em casa. Ela sentou-se na cama grande no quarto da frente depois de ter pendurado o lampião na parede acima dela. Ela estava de joelhos levantados e eu via todas as partes do seu corpo. Abracei o seu corpo nu e foi então que compreendi o que Dona Soledad quis dizer ao dizer que a Gorda era a mulher do Nagual. Ela era sem forma, como Dom Juan. Eu não podia pensar nela como mulher.

Comecei a vestir-me. Ela tirou minhas roupas. Disse que antes de poder tornar a vesti-las, eu teria de pô-las para tomar sol. Deu-me uma manta para pôr sobre os ombros e pegou outra para si.

— Aquele assalto dos aliados foi assustador mesmo — disse ela, quando nos sentamos na cama. — Tivemos muita sorte de podermos nos livrar das garras deles. Eu não sabia por que o Nagual me disse para ir à casa de Genaro com você. Agora sei. Aquela casa é o lugar em que eles são mais poderosos. Eles só não nos pegaram por um triz. Tivemos sorte de eu saber como sair.

— Como você o conseguiu, Gorda?

— Não sei bem — disse ela. — Fiz aquilo, só isso. Meu corpo sabia como, imagino, mas quando quero pensar como foi, não consigo.

“Esta foi uma grande prova para nós dois. Até esta noite eu não sabia que podia abrir o olho, mas vejo o que fiz. Cheguei a abrir o olho, tal como o Nagual disse que eu faria. Nunca consegui fazê-lo, até você aparecer. Tentei, mas nunca consegui. Desta vez o medo daqueles aliados me fez agarrar o olho, como o Nagual mandou que eu fizesse, sacudindo-o quatro vezes nas suas quatro direções. Ele disse que eu tinha de sacudi-lo como se sacode um lençol, e depois eu devia abri-lo como quem abre uma porta, segurando-o bem no meio. O resto foi muito fácil. Depois de aberta a porta senti um vento forte me puxando, em vez de me soprando para longe. O problema, disse o Nagual, é a volta. É preciso ser muito forte para fazer isso. O Nagual, o Genaro e o Elígio sabiam entrar e sair daquele olho à vontade. Para eles o olho nem era um olho; diziam que era uma luz cor de laranja, como o Sol. E Nagual e Genaro também eram uma luz laranja, quan-

do voavam. Eu ainda estou muito embaixo, na escala; o Nagual disse que, quando vôo, eu me espalho e pareço um monte de esterco no céu. Não tenho luz. É por isso que a volta é tão difícil para mim. Esta noite você me ajudou e me puxou de volta duas vezes. O motivo por que eu lhe mostrei o meu vôo hoje foi porque o Nagual me deu ordens para fazer você vê-lo, por difícil ou mal feito que seja. Com o meu vôo, eu devia estar ajudando você, assim como você devia estar-me ajudando quando me mostrou o seu sósia. Eu vi toda a sua manobra da porta. Você estava tão ocupado, com pena de Josefina, que o seu corpo nem notou a minha presença. Eu vi quando o seu sósia saiu de cima de sua cabeça. Ele saiu se contorcendo como um verme. Vi um estremecimento que começou nos seus pés e passou pelo seu corpo e depois seu sósia saiu. Era como você, mas muito brilhante. Era como o próprio Nagual. Foi por isso que as minhas irmãs ficaram petrificadas. Vi que elas pensaram que fosse o próprio Nagual. Mas não consegui ver tudo. Perdi o barulho porque não tenho atenção para isso.

— Como?

— O sósia precisa de uma atenção enorme. O Nagual deu essa atenção a você mas não a mim. Disse-me que tinha esgotado o tempo.

Ela disse mais alguma coisa sobre um tipo de atenção, mas eu estava muito cansado. Adormeci tão de repente que nem tive tempo de guardar os meus apontamentos.

Acordei por volta das oito horas no dia seguinte e vi que a Gorda tinha posto minhas roupas ao sol e tinha preparado o café da manhã. Comemos na cozinha, no local das refeições. Quando terminamos perguntei por Lídia, Rosa e Josefina. Pareciam ter desaparecido da casa.

— Estão ajudando Soledad — disse ela. — Ela está se apressando para partir.

— Para onde ela vai?

— Para algum lugar longe daqui. Não tem mais motivo para ficar aqui. Estava esperando por você e você já veio.

— As irmãs vão com ela?

— Não. É só que elas não querem estar aqui hoje. Parece que hoje não é um dia bom para elas ficarem por aqui.

— Por que não é um dia bom?

— Hoje os Genaros vêm ver você e as meninas não se dão bem com eles. Se todos estiverem juntos aqui, vão-se meter numa briga tremenda. Da última vez que isso aconteceu, quase me mataram.

— Eles brigam fisicamente?

— Claro que sim. Todos são muitos fortes e nenhum quer ficar para trás. O Nagual me disse que isso ia acontecer, mas não tenho poder para impedi-los; e ainda por cima tenho de tomar partido, de modo que é uma confusão.

— Como você sabe que os Genaros vêm aqui hoje?

— Não falei com eles. Só sei que estarão aqui hoje, só isso.

— Você sabe disso porque vê, Gorda?

— Isso mesmo. Eu os vejo vindo. E um deles vem diretamente ter com você porque você o está puxando.

Eu lhe garanti que não estava puxando ninguém em especial. Disse-lhe que não tinha revelado a ninguém o propósito de minha

viagem, apenas que era a respeito de uma coisa que eu tinha de indagar de Nestor e Pablito.

Ela sorriu, com malícia, e disse que o destino me juntara com Pablito, que éramos muito parecidos e que sem dúvida ele me veria antes. Acrescentou que tudo o que acontece com um guerreiro pode ser interpretado como um presságio; assim, o meu encontro com Soledad era um presságio do que eu iria descobrir na minha visita. Pedi que ela explicasse isso.

— Desta vez os homens lhe darão muito pouco — disse ela. — As mulheres é que vão dilacerá-lo, como fez Soledad. Isso é que eu diria, se fosse interpretar o presságio. Você está esperando os Genaros, mas eles são homens como você. E veja este outro presságio; eles estão um pouco atrasados. Eu diria que uns dois dias atrasados. Esse é o seu destino, bem como o deles, como homens, estarem sempre uns dias atrás.

— Atrás de que, Gorda?

— Atrás de tudo. Atrás de nós mulheres, por exemplo.

Ela riu e afagou a minha cabeça.

— Por mais obstinado que você seja — continuou — tem de confessar que eu tenho razão. Espere e verá.

— O Nagual lhe disse que os homens estão atrás das mulheres? — perguntei.

— Claro que sim — respondeu ela. — Basta você olhar em volta.

— Eu olho, Gorda. Mas não vejo nada disso. As mulheres é que estão sempre para trás. Dependem dos homens.

Ela riu. Seu riso não era irônico nem amargo; era antes um som límpido de alegria.

— Você conhece melhor o mundo das pessoas do que eu — disse ela, com convicção. — Mas no momento eu não tenho forma e você tem. Estou lhe dizendo, as mulheres são melhores feiticeiras porque elas têm uma fresta diante dos olhos e não há fresta diante dos olhos de vocês.

Ela não parecia estar zangada, mas me senti na obrigação de explicar que eu estava fazendo perguntas e comentários não porque estivesse atacando ou defendendo qualquer questão determinada, e sim porque queria que ela falasse.

Ela disse que não tinha feito outra coisa senão falar desde o momento em que nos encontramos, e que o Nagual a treinara para falar porque o trabalho dela era o mesmo que o meu, estar no mundo das pessoas.

— Tudo o que dizemos — continuou ela — é um reflexo do mundo das pessoas. Antes de terminar a sua visita você há de descobrir que você fala e age desse modo porque está agarrado à forma

humana, assim como os Genaros e as irmãzinhas se agarram à forma humana quando lutam para matar-se.

— Mas vocês todos não deviam cooperar com Pablito, Nestor e Benigno?

— Genaro e o Nagual disseram a todos nós que devíamos viver em harmonia e nos ajudar e proteger mutuamente, pois estamos sós no mundo. Pablito ficou encarregado de nós quatro, mas ele é um covarde. Se dependesse dele, ela nos deixaria morrer como cães. Mas quando o Nagual andava por aqui, Pablito era muito bonzinho conosco e tomava bem conta de nós. Todos caçoavam dele, dizendo que cuidava de nós como se fôssemos suas mulheres. O Nagual e Genaro disseram-lhe, pouco antes de partirem, que ele tinha muita possibilidade de vir a ser o Nagual um dia, pois nós poderíamos tornar-nos seus quatro ventos, seus quatro cantos. Pablito achou que isso era sua tarefa e desde aquele dia ele mudou. Ficou insuportável. Começou a nos dar ordens e mandar em nós como se fôssemos mesmo suas mulheres.

“Perguntei ao Nagual sobre as possibilidades de Pablito e ele me disse que eu devia saber que tudo no mundo de um guerreiro depende do poder pessoal e o poder pessoal depende da impecabilidade. Se Pablito fosse impecável ele teria possibilidade. Eu ri quando ele me contou isso. Conhecia Pablito muito bem. Mas o Nagual explicou-me que eu não devia fazer pouco daquilo. Disse que os guerreiros sempre têm uma possibilidade, por menor que seja. Ele me fez ver que eu mesma era uma guerreira e que não devia atrapalhar Pablito com meus pensamentos. Disse que eu devia desligá-los e deixar Pablito em paz; que a coisa impecável que eu tinha a fazer era ajudar Pablito a despeito do que eu sabia sobre ele.

“Compreendi o que o Nagual disse. Além disso, também eu tenho uma dívida para com Pablito, e gostei da oportunidade de poder ajudá-lo. Mas eu também sabia que por mais que eu o ajudasse ele fracassaria. Eu sabia desde o princípio que ele não tinha fibra para ser igual ao Nagual. Pablito é muito infantil e não reconhece quando é derrotado. Está triste por não ser impecável, e no entanto, em pensamento, ainda tenta ser como o Nagual.

— Em que ele fracassou?

— Assim que o Nagual partiu, Pablito teve uma briga mortal com Lídia. Há vários anos o Nagual lhe dera a tarefa de ser marido de Lídia, só para manter as aparências. O povo por aqui pensava que ela era mulher dele. Lídia não gostava nada disso. Ela é muito forte. A verdade é que Pablito sempre morreu de medo dela. Eles nunca se deram bem e só se toleravam porque o Nagual estava presente; mas quando ele partiu, Pablito ficou ainda mais maluco do que já era e convenceu-se de que tinha suficiente poder pessoal para nos tomar

como mulheres. Os três Genaros se reuniram e debateram o que Pablito devia fazer e resolveram que ele devia tomar primeiro a mulher mais forte, que era Lídia. Esperaram até ela estar sozinha e depois todos três entraram na casa e a agarraram pelos braços e a jogaram sobre a cama. Pablito pôs-se em cima dela. A princípio ela pensou que os Genaros estivessem brincando. Mas quando ela percebeu que era a sério, deu uma pancada em Pablito no meio da testa e quase o matou. Os Genaros fugiram e Nestor passou meses cuidando da ferida de Pablito.

— Há alguma coisa eu eu possa fazer para ajudá-los a compreender?

— Não. Infelizmente, compreender não é o problema deles. Todos seis compreendem muito bem. O verdadeiro problema é outra coisa, uma coisa muito feia, em que ninguém pode ajudá-los. Eles se entregaram e não tentam mudar. Como sabem que não conseguirão modificar-se, por mais que tentem, ou que queiram, ou que precisem, desistiram totalmente de tentar. Isso é tão errado quanto ficar decepcionado com os nossos fracassos. O Nagual disse a cada um deles que os guerreiros, tanto homens como mulheres, devem ser impecáveis em seus esforços para mudar, a fim de assustar a forma humana e expulsá-la. Depois de anos de impecabilidade chega um momento, disse o Nagual, em que a forma não pode suportar mais e parte, assim como me deixou. Ao fazer isso, claro, prejudica o corpo e pode até fazê-lo morrer, mas um guerreiro impecável sempre sobrevive.

Uma batida repentina na porta da frente interrompeu-a. A Gorda levantou-se e foi destrancar a porta. Era Lídia. Ela me cumprimentou com muita cerimônia e pediu à Gorda que fosse com ela. Elas saíram juntas.

Gostei de ficar sozinho. Trabalhei em meus apontamentos durante várias horas. O local das refeições, ao ar livre, estava fresco e tinha muito boa luz.

A Gorda voltou por volta do meio-dia. Perguntou-me se eu queria comer. Eu não estava com fome, mas ela insistiu para eu comer. Disse que os contatos com os aliados eram muito debilitantes e que ela mesma se sentia muito fraca.

Depois que comi sentei-me com a Gorda e me preparava para perguntar-lhe a respeito dos “sonhos” quando a porta da frente abriu-se, ruidosamente, e Pablito entrou. Estava ofegante. Obviamente andara correndo e parecia estar num estado de grande agitação. Ficou junto à porta um momento, tomando fôlego. Não tinha mudado muito. Parecia um pouco mais velho, ou mais pesado, ou talvez apenas mais musculoso. Mas continuava muito magro e rijo. Estava pálido, como se não tivesse tomado sol por muito tempo. O castanho de seus olhos era acentuado por leves traços de fadiga em seu

rosto. Eu me lembrava que Pablito tinha um sorriso insinuante; e ao vê-lo ali de pé olhando para mim, vi que seu sorriso tinha o mesmo encanto de sempre. Ele correu para onde eu estava sentado e agarrou meus braços por um momento, sem dizer uma palavra. Levantei-me. Ele então me sacudiu com delicadeza e abraçou-me. Eu também estava encantado por vê-lo. Pulava com uma alegria infantil. Não sabia o que lhe dizer. Por fim, ele rompeu o silêncio.

— Maestro — disse, baixinho, batendo a cabeça de leve, como se estivesse me fazendo uma mesura.

O título de “maestro”, mestre, apanhou-me de surpresa. Virei-me como se estivesse procurando outra pessoa que estivesse atrás de mim. Propositadamente, exagerei meus movimentos, para deixá-lo ver que eu estava intrigado. Ele sorriu e a única coisa que me ocorreu foi perguntar-lhe como sabia que eu estava ali.

Disse que ele, Nestor e Benigno tinham sido obrigados a voltar devido a uma apreensão muito extraordinária, que os fez correr noite e dia sem parar. Nestor fora à casa deles, para ver se lá haveria alguma coisa que explicasse a sensação que os impelira. Benigno tinha ido à casa de Soledad e ele viera para a casa das moças.

— Você foi o premiado, Pablito — disse Gorda, rindo.

Pablito não deu resposta, e olhou-a com raiva.

— Aposto que você se prepara para expulsar-me — disse ele, muito zangado.

— Não brigue comigo, Pablito — disse a Gorda, sem se perturbar.

Pablito virou-se para mim, desculpou-se e depois acrescentou numa voz muita alta, como se quisesse que mais alguém naquela casa o ouvisse, que ele tinha trazido sua cadeira para sentar-se e que podia colocá-la onde bem entendesse.

— Aqui não há mais ninguém, só nós — disse a Gorda baixinho, e deu uma risada.

— Vou buscar a minha cadeira, de qualquer maneira — disse Pablito. — Você não se importa, Maestro, não é?

Olhei para a Gorda. Ela me deu um sinal quase imperceptível com a ponta do pé, mandando que eu prosseguisse.

— Pode trazê-la. Traga o que quiser — disse eu.

Pablito saiu da casa.

— Eles são todos assim — disse a Gorda. — Todos os três.

Pablito voltou logo depois, com uma cadeira esquisita nos ombros. Tinha uma forma que acompanhava o contorno das suas costas, de modo que, quando estava com ela nos ombros, de pernas para o ar, parecia uma mochila.

— Posso pô-la no chão? — perguntou-me.

— Claro — respondi, afastando o banco para fazer lugar.

Ele deu uma risada, com uma naturalidade forçada.

— Você não é o Nagual? — perguntou-me, e depois, olhando para a Gorda, acrescentou: — Ou tem de aguardar ordens?

— Sou o Nagual — disse eu, brincando, para apaziguá-lo.

Senti que ele estava prestes a armar uma briga com a Gorda; ela também deve ter sentido isso, pois desculpou-se e foi para os fundos da casa.

Pablito pôs a cadeira no chão e lentamente fez uma volta em torno de mim, como se estivesse examinando o meu corpo. Depois pegou sua cadeira estreita, de costas baixas, numa das mãos, virou-a e sentou-se, apoiando os braços cruzados nas costas da cadeira, que fora feita para permitir-lhe o máximo do conforto, quando ele sentava montado sobre ela. Sentei-me em frente dele. O seu estado de espírito mudou completamente no momento em que a Gorda saiu.

— Tenho de pedir-lhe desculpas pelo meu procedimento — disse ele, sorrindo. — Mas eu tinha de livrar-me daquela bruxa.

— Ela é tão má assim, Pablito?

— Pode crer — respondeu.

Para mudar de assunto, eu lhe disse que ele parecia estar muito bem e próspero.

— Você também está muito bem, Maestro — disse.

— Que bobagem é essa de me chamar de Maestro? — perguntei, em tom de brincadeira.

— As coisas não são mais como antes — disse. — Nós agora estamos num novo reino, e a Testemunha diz que agora você é um maestro e a Testemunha não pode estar enganada. Mas ele lhe contará toda a história pessoalmente. Estará aqui, daqui a pouco, e terá prazer em vê-lo de novo. Creio que a essa altura ele deve saber que você está aqui. Enquanto voltávamos, todos tínhamos a impressão de que você devia estar a caminho, mas nenhum de nós sentiu que você já tivesse chegado.

Eu lhe disse que tinha ido com o propósito único de vê-lo e ao Nestor, que eram as duas únicas pessoas no mundo com quem eu podia falar sobre o nosso último encontro com Dom Juan e Dom Genaro e que, mais que tudo no mundo, eu precisava esclarecer as incertezas que aquele último encontro tinham despertado em mim.

— Estamos presos uns aos outros — disse ele. — Farei tudo o que puder para ajudá-lo. Você sabe disso. Mas tenho de preveni-lo de que não estou tão forte quanto você havia de querer que eu fosse. Talvez fosse melhor não falarmos nada. Mas, por outro lado, se não falarmos, nunca compreenderemos nada.

De uma maneira cuidadosa e propositada, formulei a minha pergunta. Expliquei que havia uma única questão no centro de minha situação racional.

— Diga-me, Pablito — disse eu — nós saltamos mesmo, com nossos corpos, dentro do abismo?

— Não sei — disse ele. — Não sei mesmo.

— Mas você estava lá comigo.

— É esse o problema. Estava mesmo lá?

Fiquei aborrecido com essas respostas enigmáticas. Tive a impressão de que, se eu o sacudisse ou espremesse, alguma coisa nele se libertaria. Era óbvio para mim que ele estava propositadamente omitindo algo de muito valor. Protestei por ele estar querendo ser esquivo comigo, quando tínhamos um compromisso de confiança total.

Pablito sacudiu a cabeça, como se refutasse mudamente a minha acusação.

Pedi que me contasse toda sua experiência, a começar com o período antes do nosso salto, quando Dom Juan e Dom Genaro nos haviam preparado juntos para o assalto final.

O relato de Pablito foi confuso e incoerente. A única coisa de que se lembrava sobre os últimos momentos antes de saltarmos no abismo foi que depois que Dom Juan e Dom Genaro se despediram de nós dois e desapareceram nas trevas, sua força esvaiu-se e ele já ia caindo de bruços, mas eu o segurei pelo braço, levando-o para a beira do abismo, e lá ele *apagou*.

— O que aconteceu depois que você *apagou*, Pablito?

— Não sei.

— Você teve sonhos ou visões? O que você viu?

— Ao que eu saiba, não tive visões, ou se tive, não pude-lhes prestar atenção. Minha falta de impecabilidade me impede de lembrar-me delas.

— E depois o que aconteceu?

— Acordei na casa velha de Genaro. Não sei como cheguei lá.

Ele ficou calado, enquanto eu procurava aflito em minha mente uma pergunta, um comentário, uma crítica ou qualquer coisa que desse maior amplidão às suas palavras. O fato é que nada no relato de Pablito podia servir para reforçar o que me acontecera. Eu me sentia frustrado. Estava quase zangado com ele. Meus sentimentos eram um misto de piedade por Pablito e ao mesmo tempo um desapontamento muito intenso.

— Desculpe decepcioná-lo tanto — disse Pablito.

Minha reação imediata às suas palavras foi disfarçar todos os meus sentimentos e garantir-lhe que eu não estava nada decepcionado.

— Sou um feiticeiro — disse ele, rindo — mau, mas o suficiente para saber o que o meu corpo me diz. E no momento ele me diz que você está zangado comigo.

— Não estou zangado, Pablito! — exclamei.

— Isso é o que diz a sua razão, mas não o seu corpo — disse ele. — O seu corpo está zangado. Mas a sua razão não encontra motivos para estar zangada comigo, de modo que você está num fogo cruzado. O mínimo que posso fazer por você é deslindar isso. O seu corpo está zangado porque sabe que eu não sou impêcável e que só um guerreiro impêcável pode ajudá-lo. O seu corpo está zangado porque acha que me estou desperdiçando. Eu soube tudo isso no minuto em que entrei por essa porta.

Eu não sabia o que dizer. Senti uma torrente de percepções após o fato. Talvez tivesse razão, ao dizer que o meu corpo sabia de tudo isso. De qualquer forma, sua franqueza ao me fazer enfrentar os meus sentimentos tinha diminuído um pouco a minha frustração. Comecei a pensar se Pablito não estaria apenas brincando comigo. Disse-lhe que, sendo assim tão franco e ousado, ele não podia ser tão fraco quanto se dizia.

— A minha fraqueza é que sou feito para ter anseios — disse, quase num sussurro. — Chego ao ponto de ansiar por minha vida como homem comum. Pode acreditar nisso?

— Você não pode estar falando sério, Pablito! — exclamei.

— Estou — respondeu. — Anseio pelo privilégio de caminhar pela face da terra como homem comum, sem esse fardo tremendo.

Achei sua atitude simplesmente absurda e pilhei-me exclamando repetidamente que ele não podia estar falando sério. Pablito olhou para mim e deu um suspiro. Fui acometido de uma apreensão súbita. Ele parecia estar quase chorando. Minha apreensão cedeu lugar a um intenso sentimento de empatia. Nenhum de nós dois podia ajudar ao outro.

Naquele momento a Gorda voltou para a cozinha. Pablito pareceu revitalizar-se instantaneamente. Levantou-se de um salto e bateu com o pé no chão.

— Que diabo é que você quer? — berrou ele, com uma voz estridente e nervosa. — Por que está nos espionando?

A Gorda dirigiu-se a mim como se ele não existisse. Educadamente, disse que ia à casa de Soledad.

— Que diabo nos importa aonde você vá? — berrou ele. — Pode ir até para o inferno, se quiser.

Ele ficou batendo com o pé no chão, como uma criança mimada, enquanto a Gorda ficava ali rindo.

— Vamos sair dessa casa, Maestro — disse, em voz alta.

Aquela mudança repentina, da tristeza à raiva, fascinou-me. Fiquei absorto, observando-o. Um dos aspectos que eu sempre admirava nele era sua agilidade; mesmo quando batia os pés seus movimentos tinham graça.

De repente, estendeu a mão sobre a mesa e quase arrancou meu bloco de minhas mãos. Agarrou-o com o polegar e indicador da mão esquerda. Tive de segurar o bloco com ambas as mãos, e com toda a minha força. Ele puxava com tanta força que, se realmente quisesse pegar o bloco, poderia facilmente arrancá-lo de minhas mãos. Ele largou e, quando encolheu a mão, vi de relance uma extensão nela. Aconteceu tão depressa que eu poderia ter explicado aquilo como uma distorção visual de minha parte, um resultado do abalo de ter tido de levantar-me a meio, puxado pela força dele. Mas a essa altura eu já aprendera que nem podia comportar-me com essa gente da minha maneira normal, nem podia explicar nada normalmente, de modo que nem tentei.

— O que é isso em sua mão, Pablito? — perguntei.

Ele recuou, espantado, e escondeu a mão atrás das costas. Esta com uma expressão vazia e resmungou que queria que saíssemos daquela casa, pois estava ficando tonto.

A Gorda começou a rir alto e disse que Pablito sabia fingir tão bem quanto Josefina, e talvez até melhor, e que se eu insistisse para ele me dizer o que tinha na mão, ele desmaiaria e Nestor teria de tratar dele durante meses.

Pablito começou a ficar sufocado. O seu rosto ficou quase roxo. A Gorda lhe disse, num tom displicente, para parar de representar, pois não tinha público: ela ia embora e eu não tinha muita paciência. Depois ela se virou para mim e me disse, num tom muito imperioso, para ficar ali e não ir à casa dos Genaros.

— E por que diabo não? — berrou Pablito, pulando na frente dela, como se para impedir que ela saísse. — Que topete! Dizer ao Maestro o que ele deve fazer!

— Tivemos um encontro com os aliados em sua casa, ontem à noite — disse a Gorda a Pablito, com naturalidade. — O Nagual e eu ainda estamos fracos por isso. Se eu fosse você, Pablito, começaria a prestar atenção nas coisas. As coisas mudaram. Tudo mudou, desde que ele chegou.

A Gorda saiu pela porta da frente. Aí reparei que ela parecia realmente muito cansada. Os seus sapatos pareciam estar apertados, ou talvez ela estivesse tão cansada que arrastasse os pés, um pouco. Parecia pequena e frágil.

Pensei que eu devia estar com o mesmo aspecto fatigado. Como não houvesse espelho em casa deles, tive vontade de sair e ir olhar-me

no espelhinho lateral do meu carro. Talvez o tivesse feito, mas Pablito impediu-me. Pediu-me, no tom mais sério, que não acreditasse em nada do que ela dissesse, a respeito do fingimento dele. Eu lhe disse que não se preocupasse com isso.

— Você não gosta nada da Gorda, não é? — perguntei.

— Nem um pouco — disse ele, com uma expressão feroz. — Você, melhor do que qualquer outro vivente, sabe que tipo de monstros são essas mulheres. O Nagual nos disse que um dia você viria aqui, só para cair na armadilha delas. Pediu-nos que ficássemos alertas para preveni-lo contra os desígnios delas. O Nagual disse que você tinha uma possibilidade em quatro: Se o nosso poder fosse grande, podíamos trazê-lo aqui nós mesmos e avisá-lo e salvá-lo; se o nosso poder fosse pequeno, nós chegaríamos aqui justo a tempo de ver o seu cadáver; a terceira possibilidade era encontrá-lo ou escravo da feiticeira Soledad ou escravo dessas mulheres repugnantes e masculinas; a quarta possibilidade, e a mais remota, era encontrá-lo vivo e bem.

— O Nagual nos disse que, caso você sobrevivesse, então você seria o Nagual e devíamos confiar em você, pois só você poderia ajudar-nos.

— Farei tudo por você, Pablito. Você sabe disso.

— Não só por mim. Não estou sozinho. A Testemunha e Benigno estão comigo. Estamos juntos e você tem de nos ajudar a todos.

— Claro, Pablito. Isso nem se discute.

— As pessoas por aqui nunca nos aborreceram. Os nossos problemas são com aquelas aberrações feias e masculinizadas. Não sabemos o que fazer com elas. O Nagual nos deu ordens para ficar junto delas, acontecesse o que acontecesse. Designou-me uma tarefa pessoal, mas fracassei. Antes eu era muito feliz. Você se lembra. Agora não consigo mais levar a minha vida.

— O que aconteceu, Pablito?

— Aquelas bruxas me expulsaram da minha casa. Elas tomaram conta e me expulsaram como um lixo. Agora moro na casa de Genaro com Nestor e Benigno. Temos até de fazer a nossa comida. O Nagual sabia que isso poderia acontecer e incumbiu a Gorda da tarefa de servir de mediadora entre nós e aquelas três feiticeiras. Mas a Gorda continua a ser o que o Nagual a chamava. Cem Bundas. Esse foi o apelido dela durante anos, porque pesava cem quilos.

Pablito sorriu, ao lembrar-se da Gorda.

— Ela era a porcalhona mais gorda e fedorenta que você pode imaginar — continuou ele. — Hoje está a metade do tamanho que era, mas continua a ser aquela mulher gorda e lenta na cabeça e não pode fazer nada por nós. Mas agora você está aqui, Maestro, e os nossos problemas se acabaram. Agora somos quatro contra um.

Eu quis fazer um comentário, mas ele me impediu.

— Deixe-me terminar o que tenho a dizer antes que aquela bruxa volte para expulsar-me — disse ele, olhando nervosamente para a porta.

— Sei que elas lhe disseram que vocês cinco são iguais porque são filhos do Nagual. Isso é mentira! Você também é como nós, os Genaros, porque Genaro também ajudou a criar a sua luminosidade. Você também é um de nós. Entende o que eu digo? Portanto, não acredite no que elas lhe dizem. Você também nos pertence. As bruxas não sabem que o Nagual nos contou tudo. Acham que são as únicas que sabem. Foi preciso dois toltecas para nos criar. Somos filhos de ambos. Aquelas bruxas...

— Espere, espere, Pablito — disse eu, tapando sua boca com a mão.

Ele se levantou, aparentemente assustado com o meu gesto súbito.

— O que você quer dizer, foi preciso dois toltecas para nos criar?

— O Nagual nos disse que somos toltecas. Todos nós somos toltecas. Disse que tolteca é o receptor e conservador dos mistérios. O Nagual e Genaro são toltecas. Eles nos deram a sua luminosidade especial e seus mistérios. Nós recebemos os mistérios deles e agora os conservamos.

O modo como ele empregou a palavra tolteca me confundiu. Eu só conhecia seu significado antropológico. Nesse contexto, refere-se sempre a uma cultura de povos de língua nahuatl, no México central e do sul, já extinta na época da Conquista.

— Por que ele nos chama de toltecas? — perguntei, sem saber o que dizer.

— Porque é isso que somos. Em vez de dizer que somos feiticeiros ou bruxos, ele disse que somos toltecas.

— Se é assim, por que você chama as irmãszinhas de bruxas?

— Ah, porque eu as detesto. Isso não tem nada a ver com o que somos.

— O Nagual disse isso a todos?

— Mas por certo. Todo mundo sabe.

— Mas nunca me disse isso.

— Ah, isso é porque você é um homem muito culto e está sempre discutindo coisas tolas.

Ele deu uma risada num tom forçado e agudo e deu-me um tapinha nas costas.

— Por acaso o Nagual não lhe disse que os toltecas são um povo antigo, que morava nessa parte do México?

— Está vendo, lá vai você. É por isso que ele não lhe contou. O velho corvo provavelmente nem sabia que era um povo antigo.

Ele se balançou na cadeira, rindo. Seu riso era muito agradável e contagioso.

— Nós somos os toltecas, Maestro — disse. — Fique certo de que somos. É só isso que eu sei. Mas pode perguntar à Testemunha. Ele sabe. Eu perdi o interesse há muito tempo.

Levantou-se e foi para junto do fogão. Eu o acompanhei. Examinou uma panela de comida que estava cozinhando num fogo lento. Perguntou-me se eu sabia quem tinha preparado a comida. Eu tinha quase certeza de que tinha sido a Gorda, mas disse que não sabia. Ele a cheirou umas quatro ou cinco vezes, fungando, como um cachorro. Depois declarou que o nariz lhe dissera que era a Gorda quem a preparava. Perguntou-me se eu tinha comido aquilo e quando eu disse que tinha acabado de comer quando ele chegou, pegou uma tigela de uma prateleira e serviu-se de uma porção enorme. Recomendou energicamente que eu só comesse comida preparada pela Gorda e que só usasse a tigela dela, como ele estava fazendo. Eu lhe disse que a Gorda e as irmãszinhas me serviam minha comida num tigela escura que guardavam numa prateleira separada das outras. Ele disse que aquele tigela pertencia ao Nagual. Voltamos para a mesa. Comeu muito devagar e não falou nada. Aquela absorção total na comida levou-me a perceber que todos faziam a mesma coisa; comiam num silêncio total.

— A Gorda é uma boa cozinheira — disse, quando acabou de comer. — Ela é que cozinhava para mim. Isso foi há séculos, antes dela me odiar, antes dela tornar-se bruxa, quero dizer, tolteca.

Ele olhou para mim com os olhos brilhando e piscou o olho.

Senti-me na obrigação de dizer que a Gorda não me parecia capaz de detestar ninguém. Perguntei-lhe se sabia que ela tinha perdido a forma.

— Isso é conversa fiada! — exclamou ele.

Fitou-me, como que avaliando a minha expressão de espanto e depois escondeu a cara debaixo do braço e riu como uma criança encabulada.

— Bom, ela fez isso mesmo — disse ele. — Ela é formidável.

— Então por que é que você não gosta dela?

— Vou-lhe dizer uma coisa, Maestro, porque confio em você. Não desgosto nada dela. Ela é o máximo. É a mulher do Nagual. Só ajo assim com ela porque gosto que ela me mime, e ela faz isso. Nunca se zanga comigo. Eu posso fazer qualquer coisa. Às vezes eu me arrebató e fico violento e quero bater nela. Quando isso acontece ela apenas dá um pulo saindo do caminho, como fazia o Nagual. E no minuto seguinte nem se lembra do que fiz. Isso é um verdadeiro guerreiro sem forma. Ela faz o mesmo com todo mundo. Mas nós

outros somos uma droga. Somos ruins mesmo. Aquelas três bruxas nos detestam e nós a detestamos.

— Vocês são feiticeiros, Pablito; não podem parar com todas essas picuinhas?

— Claro que podemos, mas não queremos. O que você espera que a gente faça, que sejamos como irmãos?

Eu não sabia o que dizer.

— Elas eram mulheres do Nagual — continuou ele. — E no entanto, todos esperavam que eu as possuísse. Como, em nome de Deus, vou fazer isso?

Tentei com uma delas e em vez de me ajudar a filha da mãe daquela bruxa quase me matou. Então, agora, todas aquelas mulheres querem ver a minha caveira como se eu tivesse cometido um crime. É a única coisa que fiz foi seguir as instruções do Nagual. Ele me disse que eu tinha de ter intimidade com todas elas, uma por uma, até poder ter todas ao mesmo tempo. Mas não consegui ter intimidade nem com uma.

Tive vontade de perguntar-lhe a respeito da mãe, Dona Soledad, mas não consegui arranjar um meio de metê-la na conversa, àquela altura. Ficamos calados um pouco.

— Você as odeia pelo que tentaram fazer com você? — perguntou ele, de repente.

Vi a minha oportunidade.

— Em absoluto — disse eu. — A Gorda explicou-me os motivos delas. Mas o assalto de Dona Soledad me assustou muito. Você costuma vê-la muito?

Ele não deu resposta. Ficou olhando para o teto. Repeti a minha pergunta. Notei que os seus olhos estavam rasos d'água. O corpo tremia, sacudido por soluços.

Disse que um dia tinha tido uma linda mãe, de quem eu, com certeza, me lembrava. Chamava-se Manuelita, uma santa mulher, que criou dois filhos, trabalhando como um burro para sustentá-los. Ele nutria a veneração mais profunda por aquela mãe que o amara e criara. Mas, num dia terrível, ele encontrou seu destino e teve a desgraça de conhecer Genaro e o Nagual e os dois destruíram sua vida. Num tom muito emotivo, Pablito disse que os dois demônios aposaram-se da alma dele e da alma da mãe. Mataram a sua Manuelita e deixaram no lugar dela aquela bruxa horrenda, Soledad. Ele olhou para mim com os olhos cheios de lágrimas e disse que aquela mulher odiosa não era mãe dele. Não podia ser a sua Manuelita.

Ele soluçava desconsoladamente. Eu não sabia o que dizer. Seu rompante emocional foi tão sincero e suas alegações tão verdadeiras que eu me senti abalado por uma onda de sentimento. Pensando como homem civilizado, eu tinha de concordar com ele. Certamente

parecia uma grande desgraça Pablito ter atravessado o caminho de Dom Juan e Dom Genaro.

Passei o braço em volta dos ombros dele e quase chorei também. Depois de um silêncio prolongado ele se levantou e foi para os fundos da casa. Eu o ouvi assoando o nariz e lavando o rosto num balde de água. Quando voltou, estava mais calmo. Estava até sorrindo.

— Não me interprete mal, Maestro — disse. — Não estou culpando ninguém pelo que me aconteceu. Era meu destino. Genaro e o Nagual agiram como os guerreiros impecáveis que eram. Eu sou fraco, é só isso. E fracassei na minha tarefa. O Nagual me disse que a única possibilidade que eu tinha de evitar o ataque daquela bruxa horrenda era dominar os quatro ventos e fazer deles os meus quatro cantos. Mas fracassei. Aquelas mulheres estavam de combinação com aquela bruxa Soledad e não queriam ajudar-me. Queriam a minha morte.

— O Nagual também me disse que se eu fracassasse, você também não teria nenhuma possibilidade. Disse que se ela o matasse, eu teria de fugir para salvar minha vida. Ele duvidava até que eu chegasse até à estrada. Disse que com o seu poder e com o que a bruxa já sabe, ela ficaria inigualável. Portanto, quando não consegui dominar os quatro ventos, dei-me por morto. E, naturalmente, detestava aquelas mulheres. Mas hoje, Maestro, você me traz vida nova.

Eu lhe disse que os sentimentos dele pela mãe me haviam comovido muito profundamente. Aliás, eu estava estupefato com tudo o que acontecera, mas duvidava muito que lhe tivesse levado alguma esperança.

— Mas trouxe! — exclamou, com grande certeza. — Todo esse tempo eu me senti malíssimo. Saber que a própria mãe está nos perseguindo não é coisa que faça ninguém feliz. Mas agora ela está inutilizada, graças a você e ao que quer que você tenha feito.

— Aquelas mulheres me odeiam porque estão convencidas de que sou um covarde. Não podem meter em suas cabeças de pau que somos diferentes. Você e aquelas quatro mulheres são diferentes de mim e a Testemunha e Benigno num aspecto importante. Vocês cinco estavam bastante mortos, antes do Nagual encontrá-los. Ele nos disse que uma vez você até chegou a querer matar-se. Nós não éramos assim. Estávamos bem e vivos e felizes. Nós somos o oposto de vocês. Vocês são pessoas desesperadas; nós não somos. Se Genaro não tivesse aparecido em minha vida, eu hoje seria um carpinteiro feliz. Ou talvez tivesse morrido. Não interessa. Eu teria feito o que pudesse e isso estaria bem.

Suas palavras o deixaram num estado de espírito estranho. Tive de admitir que ele tinha razão, pois, aquelas mulheres e eu éramos mesmo pessoas desesperadas. Se eu não tivesse conhecido Dom Juan,

com certeza eu estaria morto, mas eu não podia dizer, como dissera Pablito, que para mim tudo daria certo. Dom Juan dera vida e vigor ao meu corpo e liberdade ao meu espírito.

As palavras de Pablito me fizeram lembrar de uma coisa que Dom Juan me contara uma vez, quando falávamos sobre um velho, um amigo meu. Dom Juan dissera, em termos muito enfáticos, que a vida ou morte do velho não tinham qualquer significado. Fiquei meio zangado, diante do que achei ser uma redundância de parte de Dom Juan. Eu lhe disse que não é preciso dizer que a vida ou morte do velho não tinha significado, pois nada no mundo pode significar alguma coisa a não ser para cada um de nós pessoalmente.

— É isso mesmo! — exclamou ele, e riu-se. — É exatamente isso que eu quero dizer. A vida e morte daquele velho não têm significado para ele pessoalmente. Ele podia ter morrido em 1929, ou 1950, ou podia viver até 1995. Não importa. Tudo é estupidamente igual para ele.

A minha vida, antes de conhecer Dom Juan, fora assim. Nada jamais importara, para mim. Eu costumava agir como se algumas coisas me afetassem, mas isso era apenas um artifício para parecer um homem sensível.

Pablito falou comigo e interrompeu minhas reflexões. Ele queria saber se me tinha magoado. Eu lhe assegurei que não era nada. Para recomençar a conversa, perguntei-lhe onde tinha conhecido Dom Genaro.

— Quis o meu destino que o meu patrão adoecesse — disse ele. — E tive de ir ao mercado na cidade no lugar dele, para construir uma nova seção de barracas de roupas. Trabalhei lá durante dois meses. Enquanto estava lá conheci a filha do dono de uma das barracas. Nós nos apaixonamos. Fiz a barraca do pai dela um pouquinho maior do que as outras, para poder amá-la debaixo do balcão enquanto a irmã atendia aos fregueses.

“Um dia Genaro levou um saco de plantas medicinais para um varejista do outro lado da alameda e enquanto conversavam, ele notou que a barraca das roupas estava tremendo. Ele olhou bem para a barraca, mas só viu a irmã sentada numa cadeira, meio adormecida. O homem disse a Genaro que todos os dias a barraca tremia assim, por volta daquela hora. No dia seguinte Genaro levou o Nagual para ver a barraca tremer e, certo, naquele dia ela tremeu. Eles voltaram no dia seguinte e ela tornou a tremer. Então eles ficaram esperando ali, até eu sair. Naquele dia eu os conheci e logo depois Genaro me disse que era herbolário e propôs-se a fazer-me uma poção que nenhuma mulher resistiria. Eu gostava de mulheres, de modo que aceitei. Não há dúvida que ele me fez a poção, mas levou dez anos. Enquanto isso, vim a conhecê-lo muito bem e aprendi a gostar dele

mais do que se fosse meu próprio irmão. E hoje sinto uma falta danada dele. Portanto, como você vê, ele me tapeou. Às vezes fico contente que ele o tenha feito; mas a maior parte do tempo, sinto ressentimento contra isso.

— Dom Juan me disse que os feiticeiros têm de ter um presságio, antes de escolherem alguém. Houve alguma coisa assim com você, Pablito?

— Sim. Genaro disse que ele ficou curioso, ao ver a barraca tremendo e depois ele viu que duas pessoas estavam-se amando debaixo do balcão. Então, sentou-se e esperou que as pessoas saíssem: queria ver quem eram. Depois de algum tempo a pequena apareceu na barraca, mas ele não me viu. Ele achou muito estranho, não me ver depois de estar tão resolvido a ver-me. No dia seguinte, ele voltou com o Nagual. Também ele viu que duas pessoas estavam-se amando, mas quando chegou a hora de me pilharem, os dois me perderam de vista. Eles voltaram no dia seguinte; Genaro foi para os fundos da barraca, enquanto o Nagual ficava na frente. Esbarrei em Genaro, quando me arrastava para fora. Achei que ele não me tinha visto, pois eu ainda estava atrás do pedaço de fazenda que cobria uma aberturazinha quadrada que eu tinha feito na parede do lado. Comecei a latir para ele, para ele pensar que era um cachorrinho embaixo da fazenda. Ele grunhiu e latiu para mim também, levando-me a acreditar mesmo que havia um cachorro imenso e maluco do outro lado. Fiquei tão assustado que fugi pela frente e esbarrei bem em cheio no Nagual. Se ele fosse um homem comum, eu o teria derrubado, pois corri e esbarrei em cheio nele, mas, em vez de cair, ele me levantou como se eu fosse uma criança. Fiquei completamente apatetado. Pois, apesar de velho, ele era muito forte mesmo. Pensei que poderia empregar um homem forte assim para carregar madeira para mim. Além disso, eu não queria passar vergonha diante das pessoas que me tinham visto sair correndo de baixo do balcão. Perguntei-lhe se ele queria trabalhar para mim. Ele disse que sim. Naquele mesmo dia ele foi a oficina e começou a trabalhar como meu auxiliar. Trabalhou lá durante dois meses, todos os dias. Eu nunca pude fazer nada contra aqueles dois demônios.

A idéia absurda de Dom Juan trabalhar para Pablito pareceu-me muito engraçada. Pablito começou a imitar o jeito de Dom Juan carregar a madeira sobre os ombros. Tive de concordar com a Gorda que Pablito era tão bom ator quanto Josefina.

— Por que eles tiveram todo esse trabalho, Pablito?

— Eles tinham de enganar-me. Você não pensa que eu os acompanharia assim, sem mais nem menos, pensa? Toda a minha vida ouvi falar de feiticeiros, curandeiros, bruxos e espíritos e nunca

acreditei em nada disso. Quem falava sobre essas coisas eram os ignorantes. Se Genaro tivesse dito que ele e o amigo eram feiticeiros, eu os teria largado. Mas foram muito espertos para mim. Aquelas duas raposas eram ladinas mesmo. Não estavam com pressa. Genaro disse que teria esperado por mim nem que levasse vinte anos. Por isso é que o Nagual foi trabalhar para mim. Eu o convidei, de modo que na verdade fui eu quem lhes deu a chave.

“O Nagual era muito trabalhador. Eu era meio malandro naquele tempo e pensei que eu é que o estava tapeando. Eu achava que o Nagual não passava de um velho índio burro, de modo que lhe disse que ia falar ao patrão que ele era meu avô, senão não o contratariam, mas que eu tinha de ganhar uma percentagem sobre seu ordenado. O Nagual disse que concordava. Ele me dava parte dos poucos pesos que ganhava todos os dias.

“Meu patrão ficou muito impressionado com o meu avô porque ele era tão trabalhador. Mas os outros companheiros çaçoavam dele. Como você sabe, tem o costume de estalar todas as juntas, de vez em quando. Na oficina, ele as estalava cada vez que carregava alguma coisa. As pessoas naturalmente pensavam que era tão velho que, quando carregava alguma coisa às costas, todo seu corpo estalava.

“Eu passei um mau bocado, com o Nagual como meu avô. Mas a essa altura, Genaro já se tinha aproveitado do meu aspecto ganancioso. Disse-me que estava alimentando o Nagual com uma fórmula especial, feita de plantas, e que isso o tornava forte como um touro. Todos os dias levava um pacotinho de folhas verdes esmagadas e dava-as para ele comer. Genaro disse que o amigo não valia nada sem aquele preparado, e para prová-lo, passou dois dias sem dar-lhe nada. Sem as verduras, o Nagual parecia um velho comum. Genaro me disse que eu também podia usar o preparado dele para fazer as mulheres me amarem. Fiquei muito interessado e ele disse que podíamos ser sócios, se eu o ajudasse a preparar a fórmula e a dá-la ao amigo dele. Um dia, ele me mostrou um pouco de dinheiro americano e me disse que tinha vendido a primeira batelada a um americano. Aquilo me prendeu e tornei-me sócio dele.

“Meu sócio Genaro e eu tínhamos grandes planos. Disse que eu devia ter minha oficina própria, pois, com o dinheiro que íamos ganhar com sua fórmula, eu podia ter qualquer coisa. Comprei uma oficina e meu sócio pagou. Eu então fiquei maluco. Sabia que o meu sócio era pra valer e comecei a trabalhar, fazendo aquele negócio verde.

Naquele ponto, tive a convicção estranha de que Dom Genaro devia ter usado plantas psicotrópicas, para fazer seu preparado. Raciocinei que devia ter tapeado Pablito e obrigado o rapaz a ingeri-las, a fim de garantir sua convivência.

— Ele lhe deu plantas de poder, Pablito? — perguntei.

— Claro — respondeu ele. — Ele me deu os negócios verdes dele. Comi toneladas daquilo.

Descreveu e imitou o jeito de Dom Juan sentado junto à porta da casa de Dom Genaro, num estado de letargia profunda, e depois animando-se assim que seus lábios tocavam a poção. Pablito disse que, diante de tal transformação, sentiu-se obrigado a experimentá-la pessoalmente.

— O que havia na fórmula? — perguntei.

— Folhas verdes — respondeu ele. — Quaisquer folhas verdes que ele pudesse arranjar. Era esse tipo de demônio, o Genaro. Ele falava sobre aquela sua fórmula e me fazia morrer de rir. Deus, como eu gostava daqueles tempos.

Eu ri, nervoso. Pablito sacudiu a cabeça de um lado para outro e pigarreou duas ou três vezes. Parecia estar lutando para não chorar.

— Como já disse, Maestro — continuou ele — fui levado pela cobiça. Intimamente, pretendia abandonar o meu sócio, depois que aprendesse a fazer aquela droga verde. Genaro com certeza sempre sabia dos meus planos, naqueles tempos, e pouco antes de partir ele me abraçou e disse que estava na hora de realizar o meu desejo; estava na hora de abandonar o meu sócio pois eu já aprendera a fabricar a droga verde.

Pablito levantou-se. Estava com os olhos cheios de lágrimas.

— Genaro, aquele filho da mãe — disse, baixinho. — Aquele diabo desgraçado. Eu o amava de verdade e se não fosse o covarde que sou, hoje estaria fazendo aquela droga verde.

Eu não queria mais escrever. Para afastar a minha tristeza, disse a Pablito que devíamos ir procurar Nestor.

Eu estava arrumando os meus cadernos, para partirmos, quando a porta da frente abriu-se com um estrondo. Pablito e eu demos um salto, sem querer, e nos viramos depressa para olhar. Nestor estava de pé, na porta. Corri para junto dele. Nós nos encontramos no meio da sala da frente. Ele quase pulou em cima de mim e me sacudiu pelos ombros. Parecia mais alto e mais forte do que da última vez em que o vira. O corpo dele, comprido e esguio, adquirira um desembaraço quase felino. De certo modo, a pessoa diante de mim, olhando para mim, não era o Nestor que eu conhecera. Eu me lembrava dele como sendo um rapaz muito encabulado, que tinha vergonha de sorrir porque tinha dentes tortos, um rapaz que fora confiado aos cuidados de Pablito. O Nestor que agora olhava para mim era um misto de Dom Juan e Dom Genaro. Era rijo e ágil como Dom Genaro, mas tinha o poder hipnótico que tinha Dom Juan. Eu queria entregar-me à minha confusão, mas tive de rir com ele. Deu-me um tapinha nas costas. Tirou o chapéu. Só então é que percebi que Pablito não tinha chapéu.

Notei ainda que Nestor estava muito mais moreno, e mais forte. Junto dele Pablito parecia quase frágil. Ambos estavam de calças Levi's, casacos pesados e sapatos de sola de borracha.

A presença de Nestor na casa logo aliviou o ambiente pesado. Convidei-o para ir conosco para a cozinha.

— Você chegou bem na hora — disse Pablito a Nestor, com um sorriso imenso, quando nos sentamos. — O Maestro e eu estávamos aqui chorando, recordando os demônios toltecas.

— Estava chorando mesmo, Maestro? — perguntou Nestor, com um sorriso malicioso.

— Claro que estava — respondeu Pablito.

Um barulho muito baixinho, estalado, na porta da frente fez com que Pablito e Nestor se calassem. Seu eu estivesse sozinho, não teria notado nem ouvido nada. Pablito e Nestor levantaram-se; eu também. Olhamos para a porta da frente; ela estava sendo aberta muito cautelosamente. Pensei que talvez a Gorda tivesse voltado e estivesse abrindo a porta com cuidado, para não nos atrapalhar. Quando a porta por fim se abriu o suficiente para deixar passar uma pessoa, Benigno entrou, como se estivesse se esgueirando num quarto escuro. Estava de olhos fechados e andava na ponta dos pés. Fez-me lembrar um garoto esgueirando-se para dentro de um cinema por uma porta de saída destrancada, para ver uma matinê, sem ousar fazer barulho, mas ao mesmo tempo incapaz de ver qualquer coisa no escuro.

Todos nós olhamos para Benigno, calados. Ele abriu um dos olhos o suficiente para poder espiar e orientar-se e depois atravessou a sala da frente na ponta dos pés e foi à cozinha. Ficou junto à mesa um instante, de olhos fechados. Pablito e Nestor sentaram-se e me fizeram sinal para fazer o mesmo. Benigno então sentou-se ao meu lado, no banco. De mansinho, empurrou meu ombro com a cabeça; era um tapinha, para eu me afastar e fazer lugar para ele no banco; depois sentou-se a cômodo, ainda de olhos fechados.

Estava de Levi's, como Pablito e Nestor. O rosto dele estava mais cheio do que da última vez que eu o vi, anos antes, e o penteado era diferente, mas eu não sabia como. Era mais claro do que eu me lembrava, tinha dentes muito pequenos, lábios cheios, maçãs do rosto salientes, nariz pequeno e orelhas grandes. Ele sempre me parecera uma criança cujas feições não tinha amadurecido.

Pablito e Nestor, que tinham interrompido o que diziam para ver a entrada de Benigno, continuaram a falar logo que ele se sentou, como se nada tivesse acontecido.

— Claro, ele estava chorando comigo — disse Pablito.

— Ele não é um bebê chorão como você — disse Nestor a Pablito.

Aí ele se virou para mim e abraçou-me.

— Estou tão contente por você estar vivo — disse. — Acabamos de falar com a Gorda e ela disse que você era o Nagual mas não nos contou como é que você conseguiu sobreviver. Como foi, Maestro?

Nesse ponto, eu tinha uma estranha escolha. Podia ter seguido o meu caminho racional, como sempre fizera, dizendo que eu não tinha a menor idéia, e nisso estaria sendo verdadeiro. Ou podia dizer que o meu sócia me havia arrancado das garras daquelas mulheres. Eu estava valendo mentalmente o possível efeito de cada alternativa quando fui distraído por Benigno. Ele abriu um dos olhos um pouquinho, olhou para mim e depois deu uma risada e escondeu a cabeça nos braços.

— Benigno, você não quer falar comigo? — perguntei.

Ele sacudiu a cabeça, indicando que não.

Fiquei constrangido, com ele ali sentado ao meu lado e resolvi perguntar o que é que havia com ele.

— O que ele está fazendo? — perguntei a Nestor, baixinho.

Nestor esfregou a cabeça de Benigno e sacudiu-o. Benigno abriu os olhos e depois tornou a fechá-los.

— Ele é assim, sabe — disse-me Nestor. — É extremamente encabulado. Vai abrir os olhos, mais cedo ou mais tarde. Não lhe dê atenção. Se ele se aborrecer, vai dormir.

Benigno mexeu com a cabeça num gesto afirmativo, sem abrir os olhos.

— Então, como foi que você se livrou? — insistiu Nestor.

— Não quer nos contar? — perguntou Pablito.

Pausadamente, eu disse que o meu sócia tinha saído do topo de minha cabeça três vezes. *Contei-lhes o que tinha acontecido.*

Eles não se mostraram nada espantados, e aceitaram o meu relato como uma coisa natural. Pablito ficou contente com a idéia de que Dona Soledad poderia não se restabelecer e depois morrer. Quis saber se eu também tinha batido em Lídia. Nestor fez um gesto imperioso para ele se calar e Pablito, submisso, parou no meio de uma frase.

— Sinto muito, Maestro — disse Nestor — mas aquele não era o seu sócia.

— Mas todos disseram que era o meu sócia.

— Sei que você não compreendeu o que disse a Gorda, pois quando Benigno e eu estávamos andando para a casa de Genaro, a Gorda nos encontrou na estrada e nos disse que você e Pablito estavam nesta casa. Ela chamou você de Nagual. Você sabe por que?

Eu ri e disse que achava que era devido à idéia dela de que eu tinha recebido a maior parte da luminosidade do Nagual.

— Um de nós aqui é um tolo! — disse Benigno, numa voz re-tumbante, sem abrir os olhos.

O tom da voz dele foi tão estranho que dei um salto para longe dele. Aquelas palavras completamente inesperadas, mais a minha reação a elas, fizeram com que todos eles rissem. Benigno abriu um olho e olhou para mim um instante e depois enterrou a cabeça nos braços.

— Você sabe por que chamamos Juan Matus de Nagual? — perguntou-me Nestor.

Eu disse que sempre achara que era uma maneira gentil de dizer que Dom Juan era feiticeiro.

Benigno riu tão alto que o som da gargalhada dele abafou a de todos os outros. Ele parecia estar-se divertindo imensamente. Apoiou a cabeça no meu ombro, como se ela fosse um objeto pesado que ele não pudesse mais sustentar.

— O motivo por que nós o chamamos de Nagual — continuou Nestor — é que ele é dividido em dois. Em outras palavras, a qualquer momento que ele precisasse, podia entrar em uma outra pista que nós outros não temos; algo saía de dentro dele, algo que não era um sócia sim uma forma horrenda e ameaçadora, que parecia com ele mas era o dobro do tamanho dele. Chamamos essa forma de nagual e qualquer pessoa que a tinha, naturalmente, é o Nagual.

— O Nagual nos contou que nós todos podemos ter essa forma que sai da cabeça, se quisermos, mas o provável é que nenhum de nós há de querer. Genaro não o quis, de modo que acho que também nós não vamos querer. Portanto parece que isso foi impingido a você.

Eles riram e berraram como se estivessem apartando gado. Benigno passou o braço pelos meus ombros sem abrir os olhos e riu até as lágrimas rolarem pelas suas faces.

— Por que você diz que isso me foi impingido? — perguntei a Nestor.

— Exige muita energia — disse ele — trabalho demais. Não sei como é que você ainda consegue ficar de pé.

— O Nagual e Genaro um dia dividiram você no bosque de eucaliptos. Eles o levaram para lá porque os eucaliptos são suas árvores. Eu estava lá e vi quando o dividiram e puxaram o seu nagual para fora. Eles o puxaram e partiram pelas orelhas, até terem dividido a sua luminosidade e você não ser mais um ovo, e sim dois nacos compridos de luminosidade. Depois tornaram a juntar você, mas qualquer feiticeiro que veja sabe que há um grande vazio no meio.

— Qual a vantagem de ser dividido?

— Você tem um ouvido que escuta tudo e um olho que vê tudo e sempre conseguirá caminhar mais um quilômetro, num aperto. Essa divisão também é o motivo pelo qual eles nos disseram que você é o Maestro.

— Eles tentaram dividir Pablito, mas parece que não deu certo. Ele é muito mimado e sempre se entregou as coisas, como um filho da mãe. É por isso que ele agora está tão atrapalhado.

— Então o que é um sócia?

— O sócia é o outro, o corpo que a gente adquire ao *sonhar*. Parece exatamente com a pessoa.

— Vocês todos têm sócias?

Nestor examinou-me com um olhar espantado.

— Ei, Pablito, conte ao Maestro sobre os nossos sócias — disse ele, rindo.

Pablito estendeu a mão sobre a mesa e sacudiu Benigno.

— Conte você, Benigno — disse. — Melhor ainda, mostre-lhe.

Benigno levantou-se, abriu os olhos o mais que pôde e olhou para o telhado, depois abaixou as calças e mostrou-me o pênis.

Os Genaros deram gargalhadas.

— Estava falando sério quando fez essa pergunta, Maestro? — perguntou Nestor com uma expressão nervosa.

Eu lhe garanti que estava falando muito sério, no meu desejo de saber qualquer coisa relacionada com o conhecimento deles. Dissertei longamente sobre como Dom Juan me mantivera fora do âmbito deles por motivos que eu não conseguia imaginar e assim me impedira de saber mais a respeito deles.

— Pensem nisso — disse eu. — Até há três dias atrás eu não sabia que aquelas quatro moças eram aprendizes do Nagual, nem que Benigno era aprendiz de Dom Genaro.

Benigno abriu os olhos.

— Pense nisso você — disse ele. — Até agora eu não sabia que você fosse tão burro.

Ele tornou a fechar os olhos e todos se riram loucamente. Não tive escolha senão rir também.

— Nós só estávamos implicando com você, Maestro — disse Nestor, à guisa de desculpas. — Pensamos que você estivesse caçoando de nós, insistindo nisso. O Nagual nos disse que você vê. Se vê, deve saber que somos uns pobres coitados. Não temos o corpo de *sonhar*. Nenhum de nós tem sócia.

Muito sério e compenetrado, Nestor disse que alguma coisa se intrometiera entre eles e o desejo que tinham de ter um sócia. Entendi que ele dizia que uma espécie de barreira fora criada, desde que Dom Juan e Dom Genaro haviam partido. Ele achava que podia ser consequência de Pablito ter fracassado em seu trabalho. Pablito acres-

centou que desde que o Nagual e Genaro tinham partido, alguma coisa parecia estar perseguindo-os, e até mesmo Benigno, que na ocasião estava morando na ponta do extremo sul do México, teve de voltar. Só quando os três se reuniram é que se sentiram à vontade.

— O que você acha que é? — perguntei a Nestor.

— Há alguma coisa lá naquela imensidade que nos está puxando — respondeu ele. — Pablito acha que é culpa dele, por ter contrariado aquelas mulheres.

Pablito virou-se para mim. Em seus olhos havia um brilho intenso.

— Elas me rogaram uma praga, Maestro — disse ele. — Sei que a causa de todos os nossos problemas sou eu. Eu queria desaparecer desse lugar depois de minha briga com Lídia, e alguns meses depois parti para Veracruz. Cheguei a ser muito feliz, lá, com uma moça com quem queria casar-me. Arranjei um emprego e ia indo muito bem até que um dia descobri, ao voltar para casa, que essas quatro aberrações masculinizadas, como feras, me tinham descoberto pelo faro. Estavam em minha casa, atormentando a minha mulher. Aquela puta da Rosa pôs a mão feiona na barriga da minha mulher e a fez cagar na cama, assim mesmo. A chefe delas, Cem Bundas, disse-me naquele dia que elas tinham atravessado o continente, à minha procura. Pegou-me pelo cinto e puxou-me para fora. Elas me empurraram até à rodoviária, para me trazer para cá. Fiquei uma fúria, mas não podia lutar contra Cem Bundas. Ela me fez embarcar no ônibus. Mas, no caminho para cá, eu fugi. Corri no meio dos arbustos e por cima dos morros até os meus pés ficarem tão inchados que não consegui tirar os sapatos. Quase morri. Passei nove meses doente. Se a Testemunha não me tivesse encontrado, eu teria morrido.

— Não fui eu quem o encontrou — disse-me Nestor. — Foi a Gordá. Ela levou-me para onde ele estava e nós dois o carregamos até ao ônibus e o trouxemos para cá. Ele estava delirando e tivemos de pagar mais para o motorista do ônibus deixá-lo viajar.

Num tom muito dramático Pablito disse que não tinha mudado de idéia; continuava querendo morrer.

— Mas por quê? — perguntei-lhe.

Benigno respondeu por ele, numa voz estrondosa e gutural.

— *Porque o pinto dele não funciona* — disse ele.

O som da voz dele era tão extraordinário que, por um momento, tive a impressão de que ele estava falando dentro de uma caverna. Era ao mesmo tempo assustador e absurdo. Eu ri e quase me descontrolei.

Nestor disse que Pablito tinha tentado cumprir sua tarefa de ter relações sexuais com as mulheres, segundo as instruções do Nagual. Este dissera a Pablito que os quatro cantos do mundo dele já estavam em posição e bastava reivindicá-los. Mas quando Pablito foi buscar o

primeiro canto, Lídia, ela quase o matou. Nestor acrescentou que, em sua opinião pessoal, como testemunha do fato, o motivo por que Lídia lhe deu uma pancada na cabeça foi que Pablito não conseguia funcionar como homem e que, em vez de ficar constrangida com tudo aquilo, ela deu nele.

— Pablito ficou mesmo doente, devido àquela pancada, ou estava só fingindo? — perguntei, meio de brincadeira.

Benigno tornou a responder com aquela voz de trovão.

— Está só fingindo! — disse ele. — Ele só teve um galo na cabeça.

Pablito e Nestor gritavam.

— Não culpamos Pablito por ter medo daquelas mulheres — disse Nestor. — Elas são como o próprio Nagual, guerreiras temíveis. São malvadas e malucas.

— Você acha mesmo que são tão más assim? — perguntei.

— Dizer que elas são más é apenas parte da verdade toda — disse Nestor. — Elas são tal e qual o Nagual. São sérias e tristonhas. Quando o Nagual andava por aqui, elas se sentavam perto dele e olhavam para longe, com os olhos semicerrados, durante horas, às vezes dias.

— E verdade que Josefina foi maluca mesmo, há muito tempo? — perguntei.

— Isso é uma piada — disse Pablito. — Não foi há muito tempo; ela ainda é maluca. É a mais doida de todas.

Contei-lhes o que ela tinha feito comigo. Pensei que eles haviam de apreciar o humor daquele desempenho magnífico. Mas minha história pareceu afetá-los de uma maneira errada. Eles me escutaram como crianças assustadas; até mesmo Benigno abriu os olhos para ouvir a minha história.

— Puxa! — exclamou Pablito. — Aquelas vagabundas são mesmo horríveis. E você sabe que a chefe delas é a Cem Bundas. Ela é a tal que joga a pedra e depois esconde a mão e finge que é uma menina inocente. Cuidado com ela, Maestro.

— O Nagual treinou Josefina para ser qualquer coisa — disse Nestor. — Ela sabe fazer qualquer coisa que você quiser: chorar, rir, ficar zangada, qualquer coisa.

— Mas como é que ela é quando não está representando? — perguntei a Nestor.

— É doida varrida — respondeu Benigno, em voz baixa. — Conheci Josefina no primeiro dia que ela chegou. Tive de carregá-la para dentro de casa. O Nagual e eu a amarrávamos na cama, o tempo todo. Um dia ela começou a chorar, com saudades da amiga, uma menina com quem ela brincava. Chorou durante três dias. Pablito consolou-a e lhe dava de comer na boca como a um bebê. Ela se parece com ele. Nenhum dos dois sabe parar, depois que começa.

De repente Benigno começou a cheirar o ar. Levantou-se e foi até ao fogão.

— Ele é mesmo encabulado? — perguntei a Nestor.

— É encabulado e excêntrico — respondeu Pablito. — Vai continuar assim até perder a forma. Genaro nos disse que mais cedo ou mais tarde perderemos a nossa forma, de modo que não adianta sofrer para nos modificar, como o Nagual mandou. Genaro mandou que nos divertíssemos e não nos preocupássemos com nada. Você e as mulheres se preocupam e experimentam; nós, ao contrário, nos divertimos. Você não sabe aproveitar as coisas e nós não sabemos ser sofrendores. O Nagual dizia que sofrer é ter impecabilidade; nós dizemos que é estupidez, não é?

— Você está falando por si, Pablito — disse Nestor. — Benigno e eu não somos dessa opinião.

Benigno pegou uma tigela de comida e colocou-a defronte de mim. Serviu a todos. Pablito examinou as tigelas e perguntou a Benigno onde ele as encontrara. Benigno disse que estavam numa caixa onde a Gorda lhe dissera tê-las guardado. Pablito confiou-me que aquelas tigelas pertenciam a eles, antes deles se dividirem.

— Temos de ter cuidado — disse Pablito, num tom nervoso. — Com certeza essas tigelas estão enfeitiçadas. Aquelas vacas puseram alguma coisa nelas. Prefiro comer da tigela da Gorda.

Nestor e Benigno começaram a comer. Então reparei que Benigno me dera a tigela marrom. Pablito parecia estar muito perturbado. Tentei acalmá-lo, mas Nestor me impediu.

— Não o leve tão a sério — disse ele. — Ele adora ser assim. Vai sentar e comer. É nesse ponto que você e as mulheres falham. Não há meios de vocês compreenderem que Pablito é assim. Vocês esperam que todo mundo seja como o Nagual. A Gorda é a única que não se aflige com ele, não porque ela compreenda, mas porque ela perdeu a forma.

Pablito sentou-se para comer, e nós quatro acabamos com uma panela inteira de comida. Benigno lavou as tigelas com cuidado e guardou-as na caixa e depois nós todos ficamos sentados confortavelmente em volta da mesa.

Nestor propôs que assim que escurecesse déssemos um passeio numa ravina ali perto, onde Dom Juan, Dom Genaro e eu costumávamos ir. Relutei um pouco. Não me sentia suficientemente confiante em companhia deles. Nestor disse que estavam habituados a caminharem no escuro e que a arte de um feiticeiro consiste em passar despercebido mesmo no meio de gente. Eu lhe disse o que Dom Juan me dissera uma vez, antes de me largar num lugar ermo nas montanhas, perto dali. Ele mandara que eu me concentrasse totalmente em tentar não me pôr em evidência. Disse que as pessoas do local

conheciam todos de vista. Não havia muita gente, mas os moradores de lá estavam sempre andando por lá e descobriam um forasteiro a quilômetros. Ele me disse que muitas daquelas pessoas tinham armas de fogo e não hesitariam em atirar em mim.

— Não se preocupe com os seres do outro mundo — dissera Dom Juan, rindo. — Os perigosos são os mexicanos.

— Isso ainda é válido — disse Nestor. — Nunca deixou de ser válido. É por isso que o Nagual e Genaro eram os artistas que eram. Aprenderam a passar despercebidos no meio de tudo isso. Conheciam a arte de espreitar.

Ainda era muito cedo para o nosso passeio no escuro. Eu queria aproveitar o tempo para fazer a Nestor a minha pergunta crítica. Eu a evitara até então; algum sentimento estranho me impedia de perguntar. Era como se eu tivesse perdido o interesse, depois da resposta de Pablito. Mas Pablito mesmo ajudou-me, de repente abordando o assunto, como se tivesse lido os meus pensamentos.

— Nestor também saltou no abismo, como nós — disse ele. — E foi assim que ele se tornou a Testemunha, você se tornou o Maestro e eu tornei-me o bobo da aldeia.

Com naturalidade, pedi que Nestor me contasse como fora o seu salto no abismo. Procurei parecer só levemente interessado. Mas Pablito sabia a verdadeira natureza de minha indiferença forçada. Ele riu e disse a Nestor que eu estava tomando cuidado porque tinha ficado muito decepcionado com o relato que ele fizera do fato.

— Eu saltei depois de vocês dois — disse Nestor, e olhou para mim, como se esperasse outra pergunta.

— Saltou logo depois de nós? — perguntei.

— Não. Levei muito tempo para me preparar — disse ele. — Genaro e o Nagual não me disseram o que devia fazer. Aquele dia foi um teste para todos nós.

Pablito parecia desanimado. Levantou-se da cadeira e ficou andando pela sala. Tornou a sentar-se, sacudindo a cabeça num gesto de desespero.

— Você chegou a ver-nos saltando para o abismo? — perguntei a Nestor.

— Sou a Testemunha — disse ele. — Testemunhar foi o meu caminho para a sabedoria; contar-lhe impecavelmente o que testemunho é o meu trabalho.

— Mas o que é que viu, de verdade? — perguntei.

— Vi vocês dois, agarrados um ao outro e correndo para a borda — disse ele. — E depois vi vocês dois como dois papagaios contra o céu. Pablito voou para longe numa linha reta e depois caiu. Você subiu um pouco e se afastou um pouco da borda, antes de cair.

— Mas nós saltamos com os nossos corpos? — perguntei.

— Bem, não creio que houvesse outro meio de fazê-lo — disse ele, e riu.

— Podia ter sido uma ilusão? — perguntei.

— O que está querendo dizer, Maestro? — perguntou ele, num tom seco.

— Quero saber o que aconteceu realmente — disse eu.

— Você por acaso desmaiou, como Pablito? — perguntou Nestor, com um brilho nos olhos.

Tentei explicar-lhe a natureza de meu dilema, quanto ao salto. Ele não se conteve e me interrompeu. Pablito interferiu, para corrigi-lo, e eles se meteram numa discussão. Pablito conseguiu sair dela dando a volta à mesa, meio sentado, meio andando, agarrado à cadeira.

— Nestor não vê um palmo adiante do nariz — disse-me ele. — Benigno é a mesma coisa. Você não arranca nada deles. Pelo menos de mim você conseguiu compreensão.

Pablito cacarejou, fez seus ombros tremerem, e escondeu o rosto com o chapéu de Benigno.

— Ao que eu saiba, vocês dois saltaram — disse-me Nestor, num repente. — Genaro e o Nagual não lhes deixaram escolha. Era essa a arte deles, encurralá-los e depois conduzi-los ao único portão aberto. E assim vocês dois passaram por cima da borda. Foi isso que testemunhei. Pablito diz que não sentiu nada; isso é duvidoso. Sei que ele estava perfeitamente consciente de tudo, mas ele prefere sentir e dizer que não estava.

— Não estava mesmo consciente — disse-me Pablito, num tom de desculpas.

— Talvez — disse Nestor, secamente. — Mas eu estava consciente, e vi os corpos de vocês fazerem o que tinham de fazer, que era saltar.

As afirmações de Nestor me tinham posto num estranho estado de espírito. O tempo todo eu estivera procurando confirmar o que eu mesmo percebera. Mas, uma vez conseguido isso, vi que não fazia diferença. Saber que eu tinha saltado e ter medo do que eu percebera era uma coisa; procurar uma confirmação consensual era outra. Vi então que uma não tinha uma correlação necessária com a outra. O tempo todo eu achara que se outra pessoa corroborasse que eu dera aquele mergulho, o meu intelecto ficaria absolvido de suas dúvidas e receios. Mas estava errado. Em vez disso, fiquei mais preocupado, mais envolvido com a questão.

Comecei a dizer a Nestor que, embora eu tivesse ido procurá-los com o fim específico deles confirmarem que eu tinha saltado, eu mudara de idéia e na verdade não queria mais pensar naquilo. Os

dois começaram a falar ao mesmo tempo, e a essa altura começamos uma discussão tríplice. Pablito afirmava que não estava consciente, Nestor gritava que Pablito estava-se entregando e eu dizia que não queria ouvir mais nada sobre o salto.

Pela primeira vez tornou-se evidente para mim que nenhum de nós tinha calma nem autocontrole. Nenhum de nós estava disposto ao dar ao outro nossa atenção total, como faziam Dom Juan e Dom Genaro. Como eu era incapaz de manter qualquer ordem na nossa troca de opiniões, mergulhei nas minhas reflexões. Eu sempre achara que a única falha que me impedia de ingressar plenamente no mundo de Dom Juan era a minha insistência para racionalizar tudo, mas a presença de Pablito e Nestor me haviam dado uma nova percepção de mim mesmo. Outro defeito meu era a minha timidez. Uma vez abandonando as trilhas seguras do bom senso, eu não podia confiar em mim e me intimidava com o assombro do que se desdobrava à minha frente. Assim, achei impossível crer que eu tinha saltado num abismo.

Dom Juan insistira dizendo que todo o problema da feitiçaria era a percepção e, fiéis a isso, ele e Dom Genaro encenaram, para o nosso último encontro, um drama imenso e catártico naquela chapada. Depois de me terem obrigado a exprimir os meus agradecimentos, em alto e bom tom, a todos que algum dia me ajudaram, fui dominado pela exultação. Nesse ponto eles captaram toda a minha atenção e levaram o meu corpo a perceber o único ato possível dentro de seu quadro de referências: o salto no abismo. Aquele salto foi a realização prática de minha percepção, não como homem normal, mas como feiticeiro.

Eu estava tão absorto, escrevendo os meus pensamentos, que nem notei que Nestor e Pablito tinham parado de falar e os três estavam olhando para mim. Expliquei-lhes que não havia meio de eu compreender o que se passara com aquele salto.

— Não há nada a compreender — disse Nestor. — As coisas simplesmente acontecem e ninguém sabe dizer como. Pergunte a Benigno se ele quer compreender.

— Você quer compreender? — perguntei a Benigno, de piada.

— Se quero! — exclamou ele, numa voz profunda de baixo, fazendo todo mundo rir.

— Você se entrega, dizendo que quer compreender — continuou Nestor. — Assim como Pablito se entrega dizendo que não se lembra de nada.

Ele olhou para Pablito e piscou o olho para mim. Pablito abaixou a cabeça. Nestor perguntou-me se eu notara alguma coisa no estado de espírito de Pablito quando íamos dar o nosso mergulho. Tive

de confessar que eu não estava em situação de notar algo tão sutil quanto o estado de espírito de Pablito.

— Um guerreiro deve notar tudo — disse ele. — É esse o truque dele, e, como disse o Nagual, é essa a sua vantagem.

Ele sorriu e fez um gesto propositado de encabulamento, escondendo o rosto com o chapéu.

— O que foi que não notei no estado de espírito de Pablito? — perguntei-lhe.

— Pablito já tinha saltado, antes de passar por cima da borda — disse ele. — Não teve de fazer nada. Bem podia ter ficado sentado na borda, em vez de saltar.

— O que quer dizer com isso? — perguntei.

— Pablito estava sempre se desintegrando — respondeu ele. — É por isso que ele acha que desmaiou. Pablito mente. Está escondendo alguma coisa.

Pablito queria dizer-me alguma coisa. Murmurou algo ininteligível, depois desistiu e recostou-se afundado na cadeira. Nestor também ia dizendo alguma coisa, mas eu o fiz calar-se. Não tinha certeza de tê-lo entendido bem.

— O corpo de Pablito estava-se desintegrando? — perguntei.

Ele me olhou muito tempo, sem dizer uma palavra. Estava sentado à minha direita. Passou, quieto, para o banco defronte de mim.

— Você deve levar a sério o que eu digo — disse ele. — Não há meio de se fazer girar de volta a roda do tempo para o que éramos antes daquele salto. O Nagual disse que era uma honra e um prazer ser um guerreiro e que é o destino do guerreiro fazer o que tem de fazer. Tenho de contar-lhe impecavelmente o que testemunhei. Pablito estava-se desintegrando. Quando vocês dois correram para a borda, só você era sólido. Pablito parecia uma nuvem. Ele acha que ia cair de bruços e você pensa que o segurou pelo braço para ajudá-lo a chegar até à borda. Nenhum dos dois está certo, e não duvido que teria sido melhor para vocês dois se você não tivesse segurado Pablito.

Eu estava mais confuso do que nunca. Acreditava realmente que ele estivesse sendo sincero ao contar o que percebera, mas lembrei-me de que apenas segurara o braço de Pablito.

— O que teria acontecido se eu não tivesse interferido? — perguntei.

— Não posso responder a isso — respondeu Nestor. — Mas sei que vocês afetaram a luminosidade um do outro. No momento em que você passou o braço em volta dele. Pablito ficou mais sólido, mas você desperdiçou à toa o seu poder precioso.

— O que você fez, depois que saltamos? — perguntei a Nestor, depois de um silêncio prolongado.

— Logo depois que vocês dois desapareceram — disse ele — os meus nervos estavam tão abalados que não conseguia respirar, e também eu desmaiei, não sei por quanto tempo. Pensei que fosse apenas um momento. Quando voltei a mim, olhei em volta, procurando Genaro e o Nagual; eles tinham sumido. Corri de um lado para outro no topo daquela montanha, chamando-os até ficar rouco. Então vi que estava sozinho. Fui até à borda do penhasco e quis procurar um sinal que a terra dá quando um guerreiro não vai voltar, mas eu já o havia perdido. Soube então que Genaro e o Nagual tinham partido para sempre. Até então eu não tinha compreendido que eles se haviam virado para mim, depois de se despedirem de vocês dois, e enquanto vocês corriam para a borda, eles acenaram as mãos, despedindo-se de mim.

“Vendo-me sozinho àquela hora do dia, naquele lugar deserto, foi insuportável para mim. De uma hora para outra eu tinha perdido todos os amigos que tinha no mundo. Sentei-me e chorei. E, à medida que ia ficando cada vez mais assustado, ia gritando o mais alto que podia. Chamei o nome de Genaro com todas as forças. Aí já estava uma escuridão de breu. Eu não distinguia mais nada. Eu sabia que, como guerreiro, não tinha nada de entregar-me à minha dor. A fim de me acalmar, comecei a uivar como um coiote, como o Nagual me ensinara a fazer. Depois de uivar um pouco, senti-me tão melhor que esqueci da minha tristeza. Esqueci que o mundo existia. Quando mais eu uivava, mais fácil era sentir o calor e a proteção da terra.

“Horas devem ter-se passado. De repente senti uma pancada dentro de mim, por trás de minha garganta, e o som de um sino em meus ouvidos. Lembrei-me do que o Nagual dissera a Elígio e Benigno antes deles saltarem. Ele disse que a sensação na garganta aparecia no momento antes da pessoa se preparar para mudar de velocidade e que o som do sino era o veículo que se podia usar para realizar tudo quanto se quisesse. Então eu quis ser um coiote. Olhei para os meus braços, que estavam no solo, em frente de mim. Eles tinham mudado de forma e pareciam os de um coiote. Vi o pêlo do coiote nos meus braços e meu peito. Eu era um coiote! Isso me deixou tão feliz que chorei como um coiote deve chorar. Senti meus dentes de coiote e meu focinho comprido e pontudo e a minha língua. Não sei como, eu sabia que tinha morrido, mas não me importava. Não me importava ter-me transformado num coiote, ou estar morto, ou estar vivo. Andando como um coiote, de quatro, fui até à borda do precipício e saltei dentro dele. Não havia mais nada a fazer.

“Senti que estava caindo e o meu corpo de coiote virou no ar. Aí eu era eu mesmo, girando no ar. Mas antes de bater no fundo fiquei tão leve que não caí mais, e sim flutuei. O ar passava através de mim. Eu estava tão leve! Acreditei que a minha morte finalmente es-

tava entrando em mim. Alguma coisa mexeu com as minhas entranhas e eu me desintegrei como areia seca. Onde eu estava tudo era perfeito e em paz. De algum modo eu sabia que estava lá, e no entanto não estava. Eu não era nada. É só o que posso dizer a respeito. Depois, de repente, a mesma coisa que me fizera parecer areia seca juntou-me de novo. Voltei à vida e vi que estava sentado na cabana de um velho feiticeiro mazateca. Ele me disse que se chamava Porfírio. Disse que estava contente por ver-me e começou a ensinar-me certas coisas sobre plantas que Genaro não me havia ensinado. Levou-me com ele para onde estavam sendo fabricadas as plantas e mostrou-me o molde das plantas, especialmente as marcas nas plantas. Disse que se eu observasse aquelas marcas nas plantas poderia facilmente ver para que serviam, mesmo que nunca tivesse visto as plantas. Depois, quando vii que eu tinha aprendido as marcas, ele se despediu mas convidou-me para visitá-lo outra vez. Naquele momento senti um puxão forte e desintegrei-me, como antes. Fiz-me em um milhão de fragmentos.

“Depois fui reintegrado em mim mesmo e voltei a ver Porfírio. Afinal, ele me tinha convidado. Eu sabia que podia ir aonde quisesse, mas escolhi a cabana de Porfírio porque ele foi bom para mim e me ensinou. Não queria arriscar-me a encontrar coisas horríveis. Dessa vez Porfírio levou-me para ver o molde dos animais. Lá vi o meu próprio animal nagual. Nós nos reconhecemos à primeira vista. Porfírio ficou contente ao ver essa amizade. Vi o nagual de Pablito e o seu também, mas eles não quiseram falar comigo. Pareciam estar tristes. Não insisti em falar com eles. Eu não sabia como você se tinha ido em seu salto. Eu sabia que eu estava morto, mas o meu Nagual disse que não e que vocês dois também estavam vivos. Perguntei por Elígio e o meu Nagual disse que ele se fora para sempre. Lembrei-me então que, quando presenciei o salto de Elígio e Benigno, ouvi o Nagual dar instruções a Benigno para que não procurasse visões bizarras nem mundos fora do dele. O Nagual disse-lhe que só aprendesse a respeito do seu mundo, pois ao fazer isso encontraria a única forma de poder para ele. O Nagual deu-lhes instruções detalhadas para deixarem seus fragmentos explodirem o mais longe possível, para refazerem sua força. Fiz o mesmo, eu também. Fui para diante e para trás, do tonal ao nagual, inúmeras vezes. Mas cada vez eu era recebido por Porfírio, que me instruíra mais. Cada vez que a minha força minguava eu a restaurava no nagual, até que chegou uma ocasião em que eu a restaurei de tal modo que me vi de volta a esta terra.

— Dona Soledad me disse que Elígio não teve de saltar no abismo — disse eu.

— Ele saltou com Benigno — disse Nestor. — Pergunte-lhe, ele lhe dirá, em sua voz predileta.

Virei-me para Benigno e perguntei-lhe a respeito do seu salto.

— Se pulamos juntos! — respondeu ele, numa voz de trovão. — Mas nunca falo sobre isso.

— O que é que Soledad disse que o Elígio fez? — perguntou Nestor.

Eu lhes disse que Dona Soledad dissera que Elígio foi levado num redemoinho por um vento e deixou o mundo enquanto trabalhava num campo aberto.

— Ela está toda confusa — disse Nestor. — Elígio foi levado num redemoinho pelos aliados. Mas ele não queria nenhum deles, de modo que o soltaram. Isso nada tem a ver com o salto. A Gorda disse que vocês tiveram um pega com os aliados ontem à noite; não sei o que fizeram, mas se quisessem capturá-los ou levá-los a ficarem com vocês, teriam de girar com eles. Às vezes, eles mesmos, por sua vontade, chegam junto do feiticeiro e o fazem girar. Elígio era o melhor guerreiro de todos, de modo que os aliados foram até ele por sua vontade. Se algum de nós quisesse os aliados, teria de implorar durante anos e mesmo que o fizesse, duvido que os aliados pensassem em ajudar-nos.

“Elígio teve de saltar, como todo mundo. Testemunhei o salto dele. Ele fazia par com Benigno. Muita coisa do que acontece conosco, os feiticeiros, depende do que o nosso parceiro faz. Benigno está um pouco desequilibrado porque o parceiro dele não voltou. Não foi, Benigno?”

— Se foi! — respondeu Benigno, na sua voz predileta.

Naquele ponto, sucumbi a uma grande curiosidade que me atormentava desde a primeira vez que ouvi Benigno falar. Perguntei-lhe como é que ele fazia aquela voz de trovão. Ele se virou para mim. Sentou-se ereto e apontou para a boca, como se quisesse que eu olhasse fixamente para ela.

— Não sei! — trovejou ele. — Eu apenas abro a boca e essa voz sai dela!

Ele contraiu os músculos da testa, enroscou os lábios e fez um som profundo de apupo. Vi então que tinha nas têmporas músculos formidáveis, que tinham dado à sua cabeça um contorno diferente. Não era o seu penteado que estava diferente, e sim toda a parte dianteira superior da cabeça.

— Genaro deixou-lhe os barulhos dele — disse-me Nestor. — Espere até ele soltar gases.

Tive a impressão de que Benigno se aprontava para demonstrar suas habilidades.

— Espere, espere, Benigno — disse eu. — Não é preciso.

— Ora bolas! — exclamou Benigno, num tom de desapontamento. — Estava reservado o melhor deles para você.

Pablito e Nestor riram tanto que até Benigno perdeu sua expressão imutável e riu com eles.

— Conte-me o que mais aconteceu com Elígio — pedi a Nestor, depois que tornaram a acalmar-se.

— Depois que Elígio e Benigno saltaram — respondeu Nestor — o Nagual fez com que eu olhasse depressa por cima da borda, para poder captar o sinal que a terra dá quando os guerreiros saltam no abismo. Se houver uma coisa como uma nuvenzinha, ou uma leve rajada de vento, é que o tempo do guerreiro na terra ainda não terminou. No dia em que Elígio e Benigno saltaram senti um tufo de ar do lado em que Benigno tinha saltado e vi que o tempo dele ainda não tinha terminado. Mas o lado de Elígio ficou mudo.

— O que você acha que aconteceu com Elígio? Ele morreu?

Os três ficaram olhando para mim, calados, por um momento. Nestor coçou as têmporas com as duas mãos. Benigno riu e sacudiu a cabeça. Tentei explicar mas Nestor fez um gesto com as mãos, para calar-me.

— Você fala sério, quando nos faz perguntas? — perguntou ele.

Benigno respondeu por mim. Quando ele não estava fazendo palhaçada a voz dele era grave e melodiosa. Disse que o Nagual e Genaro nos tinham preparado de modo que todos nós tínhamos certas informações que os outros não tinham.

— Bom, se é assim, nós lhe diremos o que é que há — disse Nestor, sorrindo, como se um grande peso tivesse sido removido de cima dele. — Elígio não morreu. Em absoluto.

— Onde ele está agora? — perguntei.

Eles tornaram a entreolhar-se. Deram-me a sensação de estarem lutando para não rir. Eu lhes disse que só o que sabia a respeito de Elígio era o que Dona Soledad me contara. Ela tinha dito que Elígio tinha ido para o outro mundo para encontrar-se com o Nagual e Genaro. A mim isso parecia significar que os três tinham morrido.

— Por que fala assim, Maestro? — perguntou Nestor, com um tom muito preocupado. — Nem Pablito fala assim.

Pensei que Pablito ia protestar. Ele quase se levantou, mas pareceu mudar de idéia.

— É, isso mesmo — disse ele. — Nem mesmo eu falo assim.

— Bom, se Elígio não morreu, onde está ele? — perguntei.

— Soledad já lhe contou — disse Nestor, baixinho. — Elígio foi encontrar-se com o Nagual e Genaro.

Resolvi que era melhor não fazer mais perguntas. Não tinha intenção de tornar-me agressivo, em minhas sondagens, mas elas sempre terminavam assim. Além disso, eu tinha a impressão de que eles não sabiam muito mais do que eu.

De repente, Nestor levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, na minha frente. Por fim, ele puxou da mesa, pelas axilas. Não queria que eu escrevesse. Perguntou-me se eu tinha mesmo desmaiado como Pablito no momento de saltar, e se não me lembrava de nada. Eu lhe disse que tinha tido uma série de sonhos ou visões vívidas, que não sabia explicar, e que eu fora procurá-los para ter esclarecimentos. Eles queriam saber a respeito das visões que eu tinha tido.

Depois de ouvirem os meus relatos, Nestor disse que as minhas visões eram de um tipo bizarro e que só as duas primeiras tinham grande importância e eram desta terra; o resto eram visões de mundos estranhos. Ele explicou que a minha primeira visão tinha um valor especial porque era um verdadeiro presságio. Disse que os feiticeiros sempre consideravam o primeiro fato de uma série como a planta ou o mapa do que ia acontecer depois.

Naquela visão determinada eu me vira olhando para um mundo extraordinário. Havia um rochedo enorme bem defronte dos meus olhos, um rochedo que fora partido em dois. Através de uma grande fenda nele eu via uma planície sem limites e fosforescente, uma espécie de um vale, banhado por uma luz amarelo-esverdeada. De um lado do vale, à direita, e parcialmente tapada de minhas vistas pelo rochedo enorme, havia uma incrível estrutura como um domo. Era de um cinza escuro, quase de carvão. Se o meu tamanho fosse o que é no mundo de todo dia, o domo devia ter quinze mil metros de altura e quilômetros e quilômetros de largura. Tal enormidade me deslumbrou. Tive uma sensação de vertigem e esvoacei para um estado de desintegração.

Mais uma vez saí dele e encontrei-me numa superfície muito irregular porém plana. Era uma superfície reluzente, interminável, tal como a planície que eu vira antes. Ia até onde a minha vista alcançava. Vi logo que eu podia virar a cabeça em qualquer direção que eu quisesse, num plano horizontal, mas não podia olhar para mim. Pude, contudo, examinar as vizinhanças girando a minha cabeça da esquerda para a direita e vice-versa. Não obstante, quando quis virar-me para olhar para trás, não consegui mover meu corpo.

A planície estendia-se monótona, igualmente à minha esquerda e à minha direita. Não havia nada mais à vista, a não ser uma claridade interminável e esbranquiçada. Eu queria olhar para o solo embaixo de meus pés, mas meus olhos não conseguiam mover-se para baixo. Levantei a cabeça para olhar para o céu; só vi mais outra superfície ilimitada e esbranquiçada, que parecia estar ligada àquela em que eu estava. Tive então um momento de apreensão e senti que algo ia me ser revelado. Mas o choque repentino e arrasador da desintegração

impediu a revelação. Alguma força puxou-me para baixo. Era como se a superfície esbranquiçada me tivesse tragado.

Nestor disse que a minha visão de um domo tinha uma importância tremenda porque aquela determinada forma tinha sido isolada pelo Nagual e Genaro como a visão do lugar em que todos nós devemos encontrar-nos um dia.

A essa altura Benigno falou comigo e disse que tinha ouvido Elígio receber ordens para encontrar aquele determinado domo. Disse que o Nagual e Genaro insistiram para que Elígio compreendesse bem o que queriam dizer. Sempre acreditaram que Elígio era o melhor; portanto, mandaram que ele encontrasse o domo e entrasse em suas abóbodas esbranquiçadas vezes e mais vezes.

Pablito disse que todos três tinham tido instruções para encontrarem aquele domo, se pudessem, mas que nenhum o encontrara. Então eu disse, queixando-me, que nem Dom Juan nem Dom Genaro jamais mencionaram qualquer coisa dessas a mim. Não recebi instrução nenhuma sobre um domo.

Benigno, que estava sentado à mesa na minha frente, levantou-se de repente e foi para o meu lado. Sentou-se à minha esquerda e murmurou muito baixinho que talvez os dois velhos me tivessem dado essas instruções mas eu não me lembrasse, ou então que eles não teriam falado nada para eu não fixar minha atenção sobre aquilo, depois que o encontrasse.

— Por que o domo era tão importante? — perguntei a Nestor.

— Porque é lá que o Nagual e Genaro estão agora — respondeu ele.

— E onde fica esse domo? — perguntei.

— Em algum lugar nesta terra — disse ele.

Tive de explicar-lhes detalhadamente que era impossível uma estrutura daquelas dimensões existir no nosso planeta. Disse que a minha visão mais parecia um sonho e que os domos dessa altura só podiam existir nas fantasias. Eles riram e me deram tapinhas, como se estivessem falando com uma criança.

— Você quer saber onde está Elígio — disse Nestor, de repente. — Bem, ele está nas cúpulas brancas daquele domo, com Nagual e Genaro.

— Mas aquele domo foi uma visão — protestei.

— Então Elígio é uma visão — disse Nestor. — Lembre-se do que Benigno acabou de lhe dizer. O Nagual e Genaro não mandaram que você encontrasse aquele domo e voltasse lá várias vezes. Se tivessem mandado, você não estaria aqui. Você seria como Elígio e estaria no domo daquela visão. Portanto, você vê, Elígio não morreu como morre um homem da rua. Ele apenas não voltou do seu salto.

A alegação dele para mim era arrasadora. Não consegui afastar a recordação das visões vividas que eu tinha tido, mas por algum motivo estranho eu queria discutir com ele. Nestor, sem me dar tempo para dizer coisa alguma, fortaleceu mais seu argumento. Lembrou-me uma de minhas visões: a penúltima. Essa visão em especial tinha sido o maior pesadelo de todos. Eu me vira sendo perseguido por uma criatura estranha, invisível. Eu sabia que ela estava lá mas não conseguia vê-la, não porque fosse invisível mas porque o mundo em que eu estava era tão incrivelmente desconhecido que eu não sabia o que era coisa alguma. Fossem quais fossem os elementos de minha visão, certamente não pertenciam a esta terra. O sofrimento emocional que senti ao ver-me perdido em tal lugar foi quase insuportável. Em dado momento, a superfície em que eu estava começou a tremer. Senti que estava desabando sob os meus pés e agarrei uma espécie de galho, ou um apêndice de alguma coisa que me fazia lembrar uma árvore, que estava pendurado logo acima de minha cabeça, num plano horizontal. No instante em que o toquei, a coisa envolveu-me em meu pulso, como se eu estivesse cheio de nervos que sentissem tudo. Senti que estava sendo levantado a uma altura tremenda. Olhei para baixo e vi um animal incrível: sabia que era a criatura invisível que estava me perseguindo. Ela estava saindo de uma superfície que parecia o solo. Eu via sua boca enorme abrir-se como uma caverna. Ouvi um rugido apavorante e totalmente extraterreno, parecido com uma exclamação estridente e metálica e o tentáculo que me agarrava desenroscou-se e eu caí naquela boca cavernosa. Vi todos os detalhes daquela boca, ao cair dentro dela. Depois se fechou comigo lá dentro. Senti uma pressão instantânea, que esmagou o meu corpo.

— Você já morreu — disse Nestor. — Aquele animal o devorou. Você aventurou-se além deste mundo e encontrou o próprio horror. A nossa vida e nossa morte não são nem mais nem menos reais do que a sua breve vida naquele lugar e a sua morte na boca daquele monstro. Esta vida que estamos tendo agora não passa de uma longa visão. Não está vendo?

Uns espamos nervosos percorreram o meu corpo.

— Eu não fui além deste mundo — continuou ele — mas sei do que estou falando. Não tenho contos de horror, como você. Só o que fiz foi visitar Porfírio dez vezes. Se dependesse de mim eu não teria ido lá a vida toda, mas o meu décimo primeiro repincho foi tão forte que mudou a minha direção. Senti que tinha passado por cima da cabana de Porfírio e em vez de me encontrar à porta dele, encontrei-me nesta cidade, muito perto da casa de um amigo meu. Achei graça. Eu sabia que estava viajando entre o tonal e o nagual. Ninguém me disse que as viagens tinham de ser de uma natureza especial. Portanto, fiquei curioso e resolvi ver o meu amigo. Comecei a pensar se real-

mente eu chegaria a vê-lo. Fui à casa dele e bati à porta, como tinha batido inúmeras vezes. A mulher dele mandou-me entrar, como sempre fizera, e o meu amigo estava em casa. Eu lhe disse que tinha ido à cidade a negócios e ele até me pagou um dinheiro que estava me devendo. Pus o dinheiro no bolso. Eu sabia que o meu amigo, a mulher dele, o dinheiro, a casa dele e a cidade eram tal e qual a cabana de Porfírio, uma visão. Sabia que uma força maior do que eu ia desintegrar-me a qualquer momento. Portanto sentei-me para aproveitar ao máximo a companhia do meu amigo. Nós nos rimos e brincamos. E imagino que eu fui divertido e engraçado e encantador. Fiquei ali muito tempo, esperando o choque; como não chegou, resolvi ir embora. Despedi-me e agradei o dinheiro e a amizade dele. Fui embora daí, a pé. Queria ver a cidade, antes que a força me carregasse embora. Fiquei perambulando a noite toda. Caminhei até aos morros que dominavam a cidade, e no momento em que o sol nasceu, tive uma idéia que me atingiu como um raio. Eu estava de volta no mundo e a força que vai me desintegrar estava descansando e ia deixar-me ficar um pouco aqui. Eu ia ver a minha terra e esta terra maravilhosa mais um pouco. Que grande alegria, Maestro! Mas eu não podia dizer que não tivesse gostado da amizade de Porfírio. Ambas as visões são iguais, mas prefiro a visão de minha forma e da minha terra. Talvez seja uma maneira de eu me entregar e mimar.

Nestor parou de falar e todos olharam para mim. Senti-me ameaçado como nunca antes. Uma parte de mim estava assombrada diante do que ele dissera, e outra queria brigar com ele. Comecei a discutir com ele, sem fazer sentido. Meu estado de espírito tolo durou alguns momentos, e depois vi que Benigno estava me olhando com uma expressão muito malvada. Tinha pregado os olhos no meu peito. Senti que de repente uma coisa sinistra me apertava o coração. Comecei a transpirar como se houvesse um aquecedor bem na frente de meu rosto. Meus ouvidos começaram a zumbir.

A Gorda aproximou-se de mim naquele momento preciso. Aquilo foi muito inesperado. Eu tinha certeza de que os Genaros achavam a mesma coisa. Eles pararam o que estavam fazendo e olharam para ela. Pablito foi o primeiro a refazer-se da surpresa.

— Por que você tem de chegar assim? — perguntou ele, num tom de súplica. — Você estava escutando do outro quarto, não estava?

Ela disse que só estava na casa havia alguns minutos e que tinha ido para a cozinha. E o motivo por que ficara quieta não era para escutar e sim para exercitar sua capacidade de passar despercebida.

A presença dela provocara uma pausa estranha. Eu queria retornar a fio das revelações de Nestor, mas antes de poder dizer qualquer coisa, a Gorda disse que suas irmãs estavam a caminho de casa e

que iam chegar a qualquer momento. Os Genaros levantaram-se logo, como se puxados pelo mesmo cordão. Pablito pôs a cadeira no ombro.

— Vamos dar um passeio no escuro, Maestro — disse-me Pablito.

A Gorda disse, num tom muito imperioso, que eu ainda não podia ir com eles porque ela ainda não acabara de me contar tudo o que o Nagual mandara que ela contasse.

Pablito virou-se para mim e piscou.

— Já lhe disse — disse ele. — São umas vacas mandonas e macambúzias. Espero bem que você não seja assim, Maestro.

Nestor e Benigno deram boa noite e me abraçaram. Pablito apenas afastou-se, carregando sua cadeira como uma mochila. Saíram pelos fundos.

Alguns segundos depois uma pancada muito forte na porta da frente fez com que a Gorda e eu nos levantássemos de um salto. Pablito entrou de novo, carregando a cadeira.

— Você pensava que eu não ia dar boa noite, não é? — perguntou ele, e saiu, rindo.

No dia seguinte, passei a manhã toda sozinho, trabalhando em meus apontamentos. De tarde usei o carro para ajudar a Gorda e as irmãzinhas a levarem a mobília da casa de Dona Soledad para a delas.

De tardinha a Gorda e eu estávamos sentados sozinhos no local das refeições. Ficamos calados um pouco. Eu estava muito cansado.

A Gorda rompeu o silêncio e disse que todos eles tinham sido muito complacentes, desde que o Nagual e Genaro tinham partido. Cada um se absorvera em suas tarefas especiais. Ela disse que o Nagual mandara que ela fosse uma guerreira apaixonada e que seguisse o caminho que seu destino escolhesse para ela. Se Soledad tivesse roubado o meu poder, a Gorda teria de correr e tentar salvar as irmãzinhas e depois encontrar-se com Benigno e Nestor, os dois únicos Genaros sobreviventes. Se as irmãzinhas me tivessem matado, ela teria de unir-se aos Genaros, pois as irmãzinhas não mais precisariam de ficar com ela. Se eu não tivesse sobrevivido ao ataque dos aliados e ela sim, teria de deixar aquele local e ficar sozinha. Ela me disse, com um brilho nos olhos, que tinha certeza de que nenhum de nós havia de sobreviver, e era por isso que ela tinha se despedido das irmãs, da casa e dos mortos.

— O Nagual me disse que no caso de você e eu sobrevivermos aos aliados — continuou ela — eu teria de fazer qualquer coisa por você, pois seria esse o meu caminho de guerreira. Foi por isso que interferi com o que Benigno lhe estava fazendo ontem à noite. Ele estava pressionando o seu peito com os olhos. Essa é a arte dele, como espreitador. Ontem, antes disso, você viu a mão de Pablito; isso também faz parte da mesma arte.

— Que arte é essa, Gorda?

— A arte do espreitador. Era a predileção do Nagual e os Genaros são seus verdadeiros filhos, nisso. Nós, por outro lado, somos sonhadores. O seu sósia é *sonhar*.

O que ela dizia era novidade para mim. Quis que ela esclarecesse suas declarações. Parei um instante para ler o que tinha escrito, a fim de escolher a pergunta mais apropriada. Disse a ela que primeiro eu queria descobrir o que ela sabia a respeito do meu sósia e depois queria saber da arte de espreitar.

— O Nagual disse-me que o seu sósia é algo que necessita de muito poder para aparecer — disse ela. — Ele imaginou que você teria energia suficiente para fazê-lo sair de você duas vezes. Foi por isso que ele determinou que Soledad e as irmãzinhas ou o matassem ou o ajudassem.

A Gorda disse que eu tinha tido mais energia do que o Nagual pensava e que o meu sósia saiu três vezes. Parece que o ataque de Rosa não fora um ato impensado; ao contrário, ela calculara muito espertamente que, se me machucasse, eu ficaria indefeso: o mesmo artifício que Dona Soledad tentara com o cachorro dela. Eu dera a Rosa a oportunidade de me bater quando gritei com ela, mas ela não conseguiu machucar-me. Em vez disso, foi o meu sósia que saiu e machucou-a. A Gorda disse que Lidia lhe dissera que Rosa não quis acordar quando nós todos tivemos de fugir da casa de Soledad, de modo que Lidia apertou a mão machucada. Rosa não sentiu dor alguma e viu no mesmo instante que eu a havia curado, o que para elas significava que eu tinha esgotado o meu poder. A Gorda afirmou que as irmãzinhas eram muito espertas e tinham planejado esgotar o meu poder; para isso, tinham insistido muito para eu curar Soledad. Assim que Rosa percebeu que eu também a tinha curado, pensou que eu me enfraquecera irremediavelmente. Então bastava-lhes esperar por Josefina, para me liquidarem.

— As irmãzinhas não sabiam que quando você curou Rosa e Soledad você também se refez — disse a Gorda, rindo como se aquilo fosse uma piada. — Foi por isso que você teve energia suficiente para fazer sair o seu sósia uma terceira vez quando as irmãzinhas tentaram roubar a sua luminosidade.

Contei-lhe sobre a visão que eu tinha tido de Dona Soledad encolhida contra a parede do quarto dela, e como eu tinha fundido essa visão com o meu sentido do tato e terminei sentindo uma substância gosmenta na testa dela.

— Isso foi *ver* de verdade — disse a Gorda. — Você viu Soledad no quarto dela embora ela estivesse comigo em casa de Genaro e depois você viu o seu nagual na testa dela.

Nesse ponto senti-me obrigado a contar-lhe os detalhes de toda a minha experiência, especialmente a percepção que eu tivera de estar

realmente curando Dona Soledad e Rosa ao tocar na substância viscosa, que era parte de mim.

— Ver aquela coisa na mão de Rosa também foi *ver* de verdade — disse ela. — E você tinha toda a razão, aquela substância era você mesmo. Saiu do seu corpo e era o seu nagual. Tocando-o, você o puxou de volta.

Então a Gorda contou-me, como se estivesse revelando um mistério, que o Nagual mandara que ela não revelasse o fato de que, como nós todos tínhamos a mesma luminosidade, se o meu nagual tocasse numa delas, eu não me enfraqueceria, como seria normalmente o caso se o meu nagual tocasse um homem comum.

— Se o seu nagual tocar em nós — disse ela, dando-me um tapinha na cabeça — a sua luminosidade fica na superfície. Você pode tornar a apanhá-la e não se perde nada.

Eu lhe disse que me era impossível acreditar no conteúdo da explicação dela. Ela deu de ombros, como que para dizer que isso não era da conta dela. Depois perguntei-lhe sobre o uso que ela fazia da palavra nagual. Eu disse que Dom Juan me explicara o nagual como sendo o princípio indescritível, a fonte de tudo.

— Claro — disse ela, sorrindo. — Sei o que ele queria dizer. O nagual é tudo.

Observei, um tanto desdenhosamente, que também se podia dizer o contrário, que o tonal é tudo. Ela explicou com cuidado que não havia oposição, que a minha declaração era correta, o tonal também está em tudo. Ela disse que o tonal que está em tudo pode ser facilmente apreendido por nossos sentidos, enquanto que o nagual que está em tudo só se manifestava ao olho do feiticeiro. Acrescentou que podíamos deparar com os aspectos mais fantásticos do tonal e ter medo deles, ou ser indiferentes a eles, pois todos nós podíamos ver esses aspectos. Por outro lado, uma visão do nagual necessitava os sentidos especializados de um feiticeiro para poder ser vista de todo. No entanto, tanto o tonal como o nagual estavam presentes em tudo em todas as ocasiões. Era adequado, portanto, um feiticeiro dizer que “olhar” consiste em avistar o tonal que está em tudo e “ver”, por outro lado, consiste em avistar o nagual, que também está em tudo. Assim, se um guerreiro observasse o mundo como ser humano, estaria olhando, mas se o observasse como feiticeiro, estaria “vendo” e o que ele “via” teria de ser chamado devidamente de nagual.

Depois ela reafirmou o motivo, que Nestor já me dera antes, para chamar Dom Juan de Nagual e confirmou que eu também era o Nagual devido à forma que saía de minha cabeça.

Eu quis saber por que eles tinham chamado a forma que saiu de minha cabeça de meu sócia. Ela disse que eles achavam que estavam

fazendo uma piada particular comigo. Sempre chamaram aquela forma de sócia, pois era sempre o dobro da pessoa que o tinha.

— Nestor me disse que aquela forma não é uma coisa assim tão boa de se ter — disse eu.

— Não é nem boa nem má — disse ela. — Você a tem e isso o torna o Nagual. Só isso. Um de nós oito tinha de ser o Nagual e você é que é. Podia ter sido Pablito ou eu ou qualquer pessoa.

— Diga-me agora, qual é a arte de espreitar? — perguntei.

— O Nagual era um espreitador — disse ela, e olhou para mim. — Você deve saber disso. Ele lhe ensinou a espreitar desde o princípio.

Ocorreu-me que aquilo a que ela se referia era o que Dom Juan chamava de caçador. Certamente ele me ensinara a ser caçador. Eu lhe disse que Dom Juan me ensinara a caçar e fazer armadilhas. Porém o uso que ela fazia do termo espreitador era mais preciso.

— Um caçador apenas caça — disse ela. — Um espreitador espreita qualquer coisa, inclusive a si mesmo.

— Como é que ele faz isso?

— Um espreitador impecável pode transformar qualquer coisa em presa. O Nagual me disse que podemos espreitar até as nossas próprias fraquezas.

Parei de escrever e procurei lembrar-me se Dom Juan algum dia me apresentara uma possibilidade tão nova: espreitar as minhas fraquezas. Não me recordava que ele jamais tivesse dito a coisa nesses termos.

— Como é que podemos espreitar nossas fraquezas, Gorda?

— Do mesmo modo que você espreita a caça. Você estuda os seus hábitos até conhecer todos os atos de suas fraquezas e depois salta sobre elas e as pega como coelhos dentro de uma gaiola.

Dom Juan me ensinara a mesma coisa sobre os hábitos, mas no sentido de um princípio geral de que os caçadores devem ter consciência. Porém a compreensão e a aplicação que ela tinha daquilo eram mais pragmáticas do que as minhas.

Dom Juan dissera que qualquer hábito era, em essência, um “ato” e que um “ato” precisava de todas as suas partes para poder funcionar. Se faltassem algumas partes, um ato se desmoronava. Por ato ele queria dizer qualquer série coerente e significativa de ações. Em outras palavras, um hábito precisava de todas as suas ações componentes para poder ser uma atividade viva.

Depois a Gorda descreveu como ela espreitara a sua própria fraqueza de comer exageradamente. Disse que o Nagual sugerira que ela primeiro atacasse a parte maior desse hábito, que se ligava ao seu trabalho como lavadeira; ela comia tudo o que os fregueses lhe davam, enquanto ia de casa em casa entregando a roupa lavada. Ela es-

perava que o Nagual lhe dissesse o que devia fazer, mas ele apenas riu e caçoou dela, dizendo que assim que ele dissesse para ela fazer alguma coisa, ela havia de lutar para não fazê-lo. Ele disse que os seres humanos são assim; adoram que se diga o que devem fazer, mas adoram mais ainda lutar e não fazer o que se manda, e assim se confundem e detestam aquele que lhes falou em primeiro lugar.

Durante muitos anos ela não conseguiu pensar em nada para espreitar sua fraqueza. Mas um dia ela ficou tão farta de ser gorda que se recusou a comer durante 23 dias. Aquele foi o ato inicial que rompeu a sua fixação. Depois ela teve a idéia de meter uma esponja na boca, para fazer os fregueses acreditarem que ela tinha um dente infeccionado e que não podia comer. O subterfúgio deu certo não apenas com os fregueses, que pararam de lhe dar comida, mas também com ela mesma, pois ela tinha a impressão de estar comendo, ao mastigar a esponja. A Gorda riu ao contar que passou anos com uma esponja metida na boca, até acabar com o hábito de comer demais.

— Foi só isso que você teve de fazer para perder o hábito? — perguntei.

— Não. Também tive de aprender a comer como uma guerreira.

— E como é que uma guerreira come?

— Uma guerreira come com calma e devagar e muito pouco de cada vez. Eu costumava falar enquanto comia e comia muito depressa e uma porção de comida de cada vez. O Nagual me disse que um guerreiro come quatro bocados de comida de cada vez. Um pouco depois ele come mais quatro bocados e assim por diante.

“Um guerreiro também caminha vários quilômetros por dia. A minha fraqueza de comer nunca me deixava caminhar. Eu a venci comendo quatro bocados de hora em hora e caminhando. Às vezes eu caminhava o dia inteiro e a noite inteira. Foi assim que perdi a gordura nas minhas nádegas.

Ela riu ao lembrar-se do apelido que Dom Juan lhe dera.

— Mas espreitar as suas fraquezas não é suficiente para perdê-las — disse ela. — Você pode espreitá-las até o dia do juízo e não vai alterar nada. É por isso que o Nagual não quis dizer-me o que fazer. O que o guerreiro precisa mesmo a fim de ser um espreitador impecável é ter um propósito.

A Gorda contou como tinha vivido à-toa antes de conhecer o Nagual, sem nenhum objetivo. Não tinha esperanças, nem sonhos, nem desejo de nada. Porém a oportunidade de comer estava sempre à mão, para ela; por algum motivo que ela não sabia explicar, sempre houvera bastante comida para ela, desde que nascera. Tanta mesmo que em certa ocasião ela chegou a pesar 107 quilos.

— Comer era a única coisa de que eu gostava na vida — disse a Gorda. — Além disso, eu nunca me considerava gorda. Achava que

era bonitinha e que as pessoas gostavam de mim como eu era. Todos diziam que eu tinha um aspecto saudável.

“O Nagual me disse uma coisa muito estranha. Disse que eu tinha uma quantidade enorme de poder pessoal e que por causa disso eu sempre conseguia comida dos amigos, enquanto os parentes em minha casa passavam fome.

“Todo mundo tem suficiente poder pessoal para alguma coisa. O problema para mim era tirar o meu poder pessoal da comida para empregá-lo no meu propósito de guerreira.

— E qual é esse propósito, Gorda? — perguntei, meio de brincadeira.

— Ingressar no outro mundo — respondeu ela, com um sorriso, e fingiu bater no topo de minha cabeça com os nós dos dedos, como Dom Juan fazia quando achava que eu me estava entregando e mimando.

Não havia mais luz para eu escrever. Eu queria que ela me trouxesse um lampião mas ela disse que estava muito cansada e tinha de dormir antes que as irmãs chegassem.

Fomos para a sala da frente. Ela me deu uma manta e depois embrulhou-se em outra e adormeceu imediatamente. Sentei-me com as costas apoiadas na parede. A superfície de tijolos da cama era dura mesmo com quatro esteiras. Era mais cômodo deitar. No momento em que deitei, adormeci.

Acordei de repente, com uma sede insuportável. Quis ir à cozinha beber água mas não consegui orientar-me no escuro. Senti a Gorda embrulhada na manta ao meu lado. Eu a sacudi umas duas ou três vezes e pedi que me ajudasse a buscar água. Ela resmungou umas palavras ininteligíveis. Parece que estava dormindo tão profundamente que não quis acordar. Tornei a sacudi-la e de repente ela acordou; só que não era a Gorda. Quem quer que fosse que eu sacudi gritou comigo numa voz rouca e de homem, mandando-me calar a boca. Era um homem que estava ali, em lugar da Gorda! Meu susto foi instantâneo e incontrolável. Pulei da cama e corri para a porta da frente. Mas o meu sentido de orientação me falhou e acabei na cozinha. Peguei um lampião e acendi-o o mais depressa que pude. Naquele momento a Gorda saiu da casinha nos fundos e perguntou se tinha acontecido alguma coisa. Ela também parecia estar um pouco desorientada. Estava de boca aberta e seus olhos tinham perdido o brilho habitual. Ela sacudiu a cabeça com força e isso pareceu restabelecer sua atenção. Ela pegou o lampião e fomos para o quarto da frente.

Não havia ninguém na cama. A gorda acendeu mais três lâmpadas. Parecia estar preocupada. Disse-me para eu ficar onde estava,

depois abriu a porta para o quarto em que eu ainda não tinha entrado. Notei que havia uma luz vindo lá de dentro. Ela tornou a fechar a porta e disse, num tom displicente, para eu não me preocupar e que ia preparar alguma coisa para comermos. Com a rapidez e eficiência de um cozinheiro de balcão ela preparou a comida. Também fez uma bebida de chocolate quente com maisena. Nós nos sentamos um defronte do outro e comemos em silêncio absoluto.

A noite estava fria. Parecia que ia chover. Os três lampiões de querosene que ela tinha levado para o local das refeições davam uma luz amarelada que era muito calmante. Ela pegou umas tábuas que estavam empilhadas no chão, contra a parede, e colocou-as verticalmente num sulco profundo na trave transversal de sustentação do telhado. No chão havia uma fenda comprida, paralela à trave, que servia para manter as tábuas no lugar. O resultado era uma parede desmontável que fechava o recinto das refeições.

— Quem estava na cama? — perguntei.

— Na cama, ao seu lado, estava Josefina, quem havia de ser? — respondeu ela, como se saboreasse as palavras, e depois riu-se. — Ela é mestra em brincadeiras como essa. Por um momento pensei que fosse outra coisa, mas depois senti o cheiro que tem o corpo de Josefina quando ela está fazendo uma de suas brincadeiras.

— O que ela estava tentando fazer? Pregá-la um susto mortal? — perguntei.

— Você não é propriamente favorito delas, sabe — respondeu ela. — Elas não gostam de ser tiradas do caminho que conhecem. Detestam a idéia de Soledad ir embora. Não querem compreender que todos nós vamos deixar este lugar. Parece que chegou a nossa hora. Percebi isso hoje. Quando saí da casa senti que aqueles morros áridos lá fora estavam me cansando. Até hoje, nunca tinha sentido isso.

— Para onde vocês vão?

— Ainda não sei. Parece que isso depende de você. Do seu poder.

— De mim? Como, Gorda?

— Vou explicar. No dia antes de sua chegada as irmãs sabiam e eu fomos para a cidade. Eu queria encontrá-lo na cidade porque tive uma visão muito estranha em meu *sonho*. Naquela visão eu estava na cidade com você. Eu o vi em minha visão tão claramente quanto o estou vendo agora. Você não sabia quem era eu, mas falou comigo. Não consegui distinguir o que você disse. Voltei à mesma visão três vezes, mas não tinha bastante forças em meu *sonho* para descobrir o que você me dizia. Imaginei que a minha visão me dissesse que eu tinha de ir à cidade e confiar no meu poder para encontrá-lo lá. Eu tinha certeza de que você estava a caminho.

— As irmãs sabiam por que você as levou à cidade? — perguntei.

— Eu não lhes contei nada — respondeu ela. — Apenas as levei para lá. Ficamos vagando pelas ruas a manhã inteira.

Suas palavras me deixaram num estado de espírito muito estranho. Espasmos de uma excitação nervosa percorriam todo o meu corpo. Tive de levantar-me e caminhar um pouco. Tornei a sentar-me e lhe disse que eu tinha estado na cidade no mesmo dia e que percorrera o mercado a tarde toda, à procura de Dom Juan. Ela ficou olhando para mim, de boca aberta.

— Devemos ter passado um pelo outro — disse ela, e deu um suspiro. — Estivemos no mercado e no jardim. Sentamos na escadaria da igreja a maior parte da tarde, para não chamar a atenção sobre nós.

O hotel em que eu ficara era quase ao lado da igreja. Lembrei-me que eu tinha ficado muito tempo olhando para as pessoas na escadaria da igreja. Alguma coisa me impelia a examiná-las. Tive a idéia absurda de que tanto Dom Juan como Dom Genaro deviam estar ali no meio daquela gente, sentados como mendigos, só para me surpreender.

— Quando é que partira da cidade? — perguntei.

— Partimos por volta das cinco horas e nos dirigimos para o lugar do Nagual nas montanhas — respondeu ela.

Eu também tinha tido a certeza de que Dom Juan tinha partido no fim do dia. Os sentimentos que tive durante todo aquele episódio de procurar Dom Juan tornaram-se muito claros para mim. À luz do que ela me havia contado, tive de rever a minha posição. Eu tinha explicado de modo conveniente a certeza de que Dom Juan estava ali nas ruas da cidade como uma esperança irracional, conseqüência de tê-lo encontrado sempre ali no passado. Mas a Gorda tinha estado na cidade, procurando por mim, e ela era a criatura mais próxima de Dom Juan, em temperamento. Eu sentira o tempo todo que a presença dele estava lá. As palavras da Gorda apenas confirmaram algo que o meu corpo sabia sem sombra de dúvidas.

Notei uma onda de nervosismo percorrer o corpo dela quando lhe contei os detalhes de meu estado de espírito naquele dia.

— O que teria acontecido se você me tivesse encontrado? — perguntei.

— Tudo teria mudado — respondeu ela. — Se eu o encontrasse, isso significaria que eu teria poder suficiente para poder prosseguir. Foi por isso que levei as irmãs comigo. Nós todos, você, eu e as irmãs teríamos partido naquele dia.

— Para onde, Gorda?

— Quem sabe? Se eu tivesse o poder de encontrá-lo também teria o poder de saber isso. Agora é sua vez. Talvez agora você tenha poder suficiente para saber para aonde devemos ir. Entende o que digo?

Nesse ponto tive um acesso de uma tristeza profunda. Senti, mais fortemente do que nunca, o desespero de minha fragilidade e precariedade humanas. Dom Juan sempre dissera que o único remédio para o nosso desespero era a consciência de nossa morte, a chave para a ordem de coisas do feiticeiro. Sua idéia era que a percepção de nossa morte era a única coisa que nos podia dar a força para suportar a prisão e a dor de nossas vidas e nosso medo do desconhecido. Mas o que ele nunca pôde me dizer foi como fazer vir à tona essa percepção. Ele insistira, cada vez que eu lhe perguntara, que a minha simples vontade era o fator decisivo; em outras palavras, eu tinha de me resolver a fazer com que essa percepção testemunhasse os meus atos. Eu pensava ter feito isso. Mas, ao me confrontar com a resolução da Gorda, de encontrar-me e partir comigo, vi que se ela me tivesse encontrado na cidade naquele dia, eu nunca mais teria voltado à minha casa, nunca mais veria aqueles que me eram caros. Eu não estava preparado para isso. Eu me preparava para morrer, mas não para desaparecer o resto da vida em plena consciência, sem raiva nem desapontamento, deixando atrás de mim a melhor parte de meus sentimentos.

Eu estava quase encabulado por contar à Gorda que eu não era um guerreiro digno de ter o tipo de poder que deve ser necessário para executar um ato dessa natureza; partir para sempre e saber para onde ir e o que fazer.

— Somos criaturas humanas — disse ela. — Quem sabe o que nos espera ou que tipo de poder podemos ter?

Eu lhe disse que a minha tristeza por partir assim era grande demais. As modificações por que passam os feiticeiros são muito drásticas e muito finais. Conte-lhe o que Pablito me contara a respeito da sua tristeza insuportável por ter perdido a mãe.

— A forma humana alimenta-se desses sentimentos — disse ela, secamente. — Eu passei anos com pena de mim e de minhas filhinhas. Não entendia como é que o Nagual podia ser tão cruel e pedir que eu fizesse o que fiz: deixar minhas filhas, destruí-las e esquecê-las.

Ela disse que levava anos para compreender que também o Nagual tinha tido de optar por largar a forma humana. Ele não estava sendo cruel. Simplesmente não tinha mais sentimentos humanos. Para ele, tudo era igual. Aceitara o seu destino. O problema com Pablito, e comigo também, aliás, era que nenhum de nós dois tinha aceito o seu destino. A Gorda disse, com desdém, que Pablito chorava quando se lembrava da mãe, a sua Manuelita, especialmente quando

tinha de cozinhar para si. Ela pediu que eu me lembrasse da mãe de Pablito como ela era: uma velha burra que não sabia nada a não ser servir de criada para Pablito. Disse que o motivo por que todas elas o achavam covarde era que ele não podia ficar contente por sua empregada Manuelita ter-se tornado a bruxa Soledad, que podia matá-lo como quem pisa um inseto.

A Gorda levantou-se teatralmente e debruçou-se sobre a mesa até ficar com a testa quase tocando na minha.

— O Nagual disse que a sorte de Pablito era extraordinária — disse ela. — Mãe e filho lutando pela mesma coisa. Se ele não fosse o covarde que é, aceitaria o seu destino e enfrentaria Soledad como um guerreiro, sem medo nem ódio. No fim o melhor venceria e ficaria com tudo. Se Soledad vencesse, Pablito devia contentar-se com seu destino e desejar o bem dela. Mas somente um verdadeiro guerreiro pode sentir esse tipo de felicidade.

— É como é que Dona Soledad se sente em tudo isso?

— Ela não se entrega aos seus sentimentos — respondeu a Gorda, tornando a sentar-se. Aceitou seu destino mais prontamente do que qualquer de nós. Antes do Nagual ajudá-la ela estava pior do que eu. Pelo menos eu era moça; ela era uma vaca velha, gorda e cansada, implorando a morte. Agora a morte terá de lutar para pegá-la.

O elemento tempo na transformação de Dona Soledad era um detalhe que me intrigara. Eu disse à Gorda que me lembrava de ter visto Dona Soledad havia uns dois anos antes e ela era a mesma velha que eu sempre conhecera. A Gorda disse que da última vez que eu estivera na casa de Soledad, sob a impressão de que ainda era a casa de Pablito, o Nagual mandara que eles agissem como se tudo estivesse na mesma. Dona Soledad me cumprimentara, como fazia sempre, da cozinha, e não a vi, propriamente. Lídia, Rosa, Pablito e Nestor representaram seus papéis à perfeição a fim de impedir que eu descobrisse suas verdadeiras atividades.

— Por que o Nagual quis se dar a tanto trabalho, Gorda?

— Ele o estava preservando para alguma coisa que ainda não está esclarecida. Manteve-o afastado de todos nós propositadamente. Ele e Genaro me disseram para nunca me mostrar quando você estivesse por perto.

— Disseram a mesma coisa a Josefina?

— Disseram. Ela é maluca e não pode controlar-se. Queria fazer as brincadeiras dela com você. Ela seguia você por aí e você nem sabia. Uma noite, quando o Nagual o levou para as montanhas, ela quase o empurrou por uma ravina abaixo do escuro. O Nagual a encontrou na hora exata. Ela não faz essas coisas por maldade, e sim porque gosta de ser assim. Essa é a sua forma humana. Ela será assim até perdê-la. Já lhe disse que todos seis são um pouco desequili-

brados. Você deve saber disso, para não ser apanhado nas tramas deles. Mas se for apanhado, não se zangue. Eles não podem evitá-lo.

Ela ficou calada um pouco. Percebi o sinal quase imperceptível de um tremor no seu corpo. Seus olhos pareceram ficar fora de foco e sua boca caiu, como se os músculos do queixo tivessem cedido. Fiquei absorto observando-a. Ela sacudiu a cabeça, duas ou três vezes.

— Acabei de ver uma coisa — disse ela. — Você é tal e qual as irmãszinhas e os Genaros.

Ela começou a rir baixinho. Eu não disse nada. Queria que ela se explicasse sem a minha interferência.

— Tudo mundo fica zangado com você porque ainda não descobriram que você não é diferente deles — continuou ela. — Eles o vêem como o Nagual e não compreendem que você se entregue aos seus caprichos tal como eles fazem.

Ela disse que Pablito gemia e se queixava e bancava o fraco. Benigno se fazia de tímido, o que não conseguia nem abrir os olhos. Nestor bancava o sabichão, o que sabia de tudo. Lídia bancava a forte, que arrasava qualquer um com um olhar. Josefina era a maluca, em quem não se podia confiar. Rosa era a geniosa, que comia os mosquitos que a picavam. E eu era o bobo que chegava de Los Angeles com um bloco de papel e uma porção de perguntas erradas. E nós todos adorávamos ser do jeito que éramos.

— Antigamente eu era uma mulher gorda e fedorenta — continuou ela, depois de uma pausa. — Não me importava de ser chutada como um cão, contanto que não ficasse sozinha. Essa era a minha forma.

“Terei de contar a todos o que vi a seu respeito, para eles não se ofenderem com os seus atos.

Eu não sabia o que dizer. Senti que sem dúvida ela tinha razão. O importante para mim não era tanto ela estar certa como o fato de ter presenciado ela chegar à sua conclusão indubitável.

— Como é que você viu tudo isso? — perguntei.

— Isso me veio — respondeu ela.

— Como é que lhe veio?

— Senti a sensação de ver chegar ao topo de minha cabeça, e aí soube o que acabo de lhe dizer.

Insisti para ela me descrever todos os detalhes da sensação de ver a que ela se referia. Ela concordou, depois de uma ligeira hesitação, e deu-me um relato da mesma sensação de comichão que eu sentira tão fortemente em meus confrontos com Dona Soledad e as irmãszinhas. A Gorda disse que a sensação começava no topo da cabeça e depois descia por suas costas e em volta de sua cintura até ao útero. Ela a sentia dentro do corpo como uma comichão tremenda, que se transformava na noção de que eu estava agarrado à minha forma humana,

como todos os outros, mas só que meu modo especial era incompreensível para eles.

— Você ouviu uma voz lhe dizendo tudo isso? — perguntei.

— Não. Apenas vi tudo o que lhe contei sobre sua pessoa — respondeu ela.

Quis perguntar-lhe se ela tido um visão de mim agarrado a alguma coisa, mas desisti. Não queria entregar-me ao meu comportamento normal. Além disso, eu sabia o que ela queria dizer quando falava que “via”. O mesmo me acontecera quando estava com Rosa e Lídia. Eu de repente “soube” onde elas moravam; não tinha tido uma visão da casa delas. Apenas senti que sabia.

Perguntei-lhe se ela também sentira um som seco de um cano de madeira se quebrando na base do pescoço.

— O Nagual nos ensinou a todos a conseguir aquela sensação no topo da cabeça — disse ela. — Mas nem todos nós conseguimos fazê-lo. O som na garganta ainda é mais difícil. Nenhum de nós jamais o sentiu. É estranho que você o tenha sentido, sendo ainda vazio.

— Como funciona esse ruído? — perguntei. — E o que é?

— Você sabe disso melhor do que nós. O que mais posso lhe dizer? — perguntou ela, numa voz áspera.

Ela pareceu controlar-se, em sua impaciência. Deu um sorriso encabulado e abaixou a cabeça.

— Eu me sinto estúpida, contando-lhe o que você já sabe — disse ela. — Você me faz perguntas assim para verificar se perdi mesmo a minha forma?

Eu lhe disse que estava confuso, pois tinha a impressão de saber o que era aquele ruído e no entanto era como se eu não soubesse nada a respeito dele, pois para eu saber alguma coisa eu precisava poder verbalizar o meu conhecimento. Naquele caso, eu nem sabia como começar a verbalizar. A única coisa que eu podia fazer, portanto, era fazer-lhe perguntas, na esperança de que suas respostas me ajudassem.

— Não lhe posso falar com esse ruído — disse ela.

Senti um desconforto repentino e tremendo. Disse-lhe que estava acostumado a lidar com Dom Juan e que estava precisando dele então, mais do que nunca, para explicar-me tudo.

— Você sente falta do Nagual? — perguntou ela.

Eu disse que sim e que não sabia o quanto ele me fazia falta até estar de volta na terra dele.

— Você sente falta dele porque ainda está agarrado à sua forma humana — disse ela, e deu uma risada, como se estivesse contente com a minha tristeza.

— Você não sente falta dele, Gorda?  
— Não. Eu não. Eu sou ele. Toda a minha luminosidade mudou, como é que posso sentir falta de uma coisa que sou eu?  
— Como é que sua luminosidade está diferente?  
— Um ser humano, ou qualquer outra criatura viva, tem um brilho amarelo pálido. Os animais são mais amarelos, os seres humanos são mais brancos. Mas um feiticeiro é âmbar, como o mel claro à luz do sol. Algumas feiticeiras são esverdeadas. O Nagual disse que essas são as mais poderosas e as mais difíceis.  
— De que cor é você, Gorda?  
— Âmbar, como você e nós todos. É o que o Nagual e Genaro me contaram. Eu nunca me vi. Mas já vi todos os outros. Todos nós somos âmbar. E todos nós, com a exceção de você, são como uma lápide. Os seres humanos comuns são como ovos; é por isso que o Nagual os chamava de ovos luminosos. Os feiticeiros mudam não apenas a cor de sua luminosidade, mas também sua forma. Nós somos como lápides, só que somos redondos em ambas as extremidades.  
— Eu ainda tenho forma de ovo, Gorda?  
— Não. Você tem forma de lápide, só que tem um remendo feio e fosco no seu meio. Enquanto você tiver esse remendo, não poderá voar, como os feiticeiros voam, como voei ontem à noite para você. Não conseguirá nem mesmo largar a sua forma humana.  
Envolvi-me numa discussão veemente não tanto com ela quanto comigo mesmo. Insisti em dizer que a idéia deles sobre o processo de obter essa dita integridade era simplesmente absurda. Disse-lhe que ela não podia argumentar comigo e me convencer de que era preciso a gente dar as costas aos próprios filhos a fim de procurar o mais vago dos objetivos: ingressar no mundo do nagual. Eu estava tão convencido de estar certo que me exaltei e gritei-lhe palavras irritadas. Ela não se perturbou em absoluto com a minha explosão.  
— Nem todo mundo tem de fazer isso — disse ela. — Somente os feiticeiros que desejam ingressar no outro mundo. Há muitos bons feiticeiros que *vêm* e são incompletos. Ser completo é só para nós, toltecas.  
“Veja Soledad, por exemplo. Ela é a melhor feiticeira que você possa encontrar, e no entanto é incompleta. Ela teve dois filhos: um era uma menina. Felizmente para Soledad, a filha morreu. O Nagual disse que o fio do espírito de uma pessoa que morre volta a quem o deu, o que quer dizer que esse fio volta aos pais. Se quem deu está morto e a pessoa tem filhos, o fio vai para o filho que está completo. E se todos os filhos estão completos, o fio vai para aquele que tem poder, e não necessariamente para o melhor ou o mais trabalhador. Por exemplo, quando a mãe de Josefina morreu, o fio foi para a mais

maluca de todos, Josefina. Devia ter ido para o seu irmão, que é um homem responsável e trabalhador, mas Josefina é mais poderosa do que o irmão. A filha de Soledad morreu sem deixar filhos e Soledad levou uma vantagem e fechou a metade do buraco que tinha. Hoje, a única esperança que ela tem de fechá-lo completamente é a morte de Pablito. E, igualmente, a grande esperança de uma vantagem para Pablito é a morte de Soledad.

Eu lhe disse, muito energicamente que o que ela me dizia me horrorizava e repugnava. Ela concordou que eu tinha razão. Afirmou que em certa ocasião também ela creditara que aquela determinada idéia dos feiticeiros era a coisa mais feia do mundo. Ela me olhou com os olhos brilhantes. Havia algo de malicioso no seu sorriso.

— O Nagual me disse que você compreende tudo mas que não quer fazer nada a respeito — disse ela, em voz baixa.

Recomecei a discutir. Disse-lhe que o que o Nagual dissera a meu respeito não tinha nada a ver com a minha repugnância pelo ponto de vista especial que estávamos discutindo. Expliquei que eu gostava de crianças, que tinha o mais profundo respeito por elas, e que tinha grande empatia com o desamparo delas nesse mundo terrível que as cerca. Não podia conceber ferir uma criança de modo algum, nem por motivo algum.

— Não foi o Nagual quem fez a regra — disse ela. — A regra é feita em algum lugar lá fora, e não pelo homem

Eu me defendi dizendo que não estava zangado com ela nem com o Nagual, mas que estava argumentando de modo abstrato, pois não conseguia imaginar o valor de tudo aquilo.

— O valor é que precisamos de todo o nosso fio, todo o nosso poder, a nossa integridade a fim de entrar naquele outro mundo — disse ela. — Eu era uma mulher religiosa. Podia dizer-lhe o que eu repetia sem saber o que estava dizendo. Queria que a minha alma entrasse no reino dos céus. Continuo a querer isso, só que estou num caminho diferente. A palavra do nagual é o reino dos céus.

Por princípio, eu fiz objeção à sua conotação religiosa. Acostumei-me com Dom Juan a nunca me deter naquele assunto. Muito calmamente, ela explicou que não via diferença em termos de estilo de vida entre nós e as verdadeiras freiras e padres. Observou que não só as verdadeiras freiras e padres eram completos, em geral, como ainda que não se enfraqueciam com práticas sexuais.

— O Nagual disse que é esse o motivo por que eles nunca serão exterminados, seja quem for que tentar exterminá-los — disse ela. — Os que os perseguem são sempre vazios; não têm o vigor que têm os verdadeiros padres e freiras. Gostei do Nagual por dizer isso. Sempre hei de aclamar as freiras e os padres. Nós somos iguais. Renunciamos ao mundo e no entanto estamos nele. Os padres e as freiras dariam

grandes feiticeiros voadores se alguém lhes dissesse que eles podem fazê-lo.

Veio-me à idéia a recordação da admiração que tinham o meu pai e meu avô pela revolução mexicana. O que mais admiravam era a tentativa de exterminar o clero. Meu pai herdou aquela admiração do seu pai e eu a herdei de ambos. Era uma espécie de aliança que tínhamos. Uma das primeiras coisas que Dom Juan minou em minha personalidade foi essa aliança.

Um dia contei a Dom Juan, como se estivesse exprimindo a minha opinião própria, uma coisa que ouvira durante toda a vida, que o instrumento preferido da igreja era manter-nos na ignorância. Dom Juan assumiu uma expressão muito séria. Era como se as minhas palavras tivessem tocado numa fibra profunda dentro dele. Imediatamente pensei nos séculos de exploração que os índios tinham sofrido.

— Aqueles filhos da mãe imundos — disse ele. — Mantiveram-me na ignorância, e a você também.

Percebi logo a sua ironia e ambos rimos. Eu nunca tinha realmente examinado aquele ponto de vista. Não acreditava naquilo mas não tinha outra coisa para substituí-lo. Contei a Dom Juan a respeito de meu avô e meu pai e as opiniões deles sobre a religião, como homens liberais.

— Não importa o que os outros façam ou digam — disse ele. — Você por si tem de ser um homem impecável. A luta trava-se bem aqui no peito.

Ele bateu de leve no meu peito.

— Se o seu avô e seu pai estivessem tentando ser guerreiros impecáveis — continuou Dom Juan — não teriam tempo para briguinhas mesquinhas. É preciso todo o tempo e toda a energia que tivermos para vencer a idiotice dentro de nós. E é isso que importa. O resto não tem importância. Nada do que o seu avô ou seu pai disseram sobre a Igreja lhes deu bem-estar. Mas ser um guerreiro impecável, ao contrário, lhe dará vigor e juventude e poder. Portanto, é justo que você escolha sabiamente.

Minha escolha foi a impecabilidade e simplicidade da vida de guerreiro. Devido a essa escolha, eu achei que devia levar a sério as palavras da Gorda e isso era ainda mais ameaçador para mim do que os atos de Dom Genaro. Ele costumava assustar-me um plano muito profundo. Seus atos, embora aterradores, era assimilados na continuidade coerente de seus ensinamentos. As palavras e atos da Gorda constituíam um tipo diferente de ameaça para mim, de certo modo mais concreto e real do que a outra.

O corpo da Gorda estremeceu um instante. Uma agitação percorreu-o, fazendo-a contrair os músculos dos ombros e dos braços.

Ela agarrou a beira da mesa com uma rigidez desajeitada. Depois tornou a descontraí-la, até voltar ao seu normal.

Ela sorriu para mim. Seus olhos e seu sorriso eram deslumbrantes. Disse, com displicência, que acabara de "ver" o meu dilema.

— É inútil fechar os olhos e fingir que você não quer fazer nada ou que você não sabe de nada — disse ela. — Você pode fazer isso com as pessoas mas não comigo. Agora sei por que o Nagual me incumbiu de lhe dizer tudo isso. Eu sou um João-ninguém. Você admira os grandes; o Nagual e Genaro eram os maiores de todos.

Ela parou e me examinou. Parecia estar esperando a minha reação ao que dizia.

— Você lutou contra o que o Nagual e Genaro lhe disseram, o tempo todo — continuou ela. — É por isso que você está atrasado. E lutou contra eles porque eles são grandes. É esse o seu modo especial de ser. Mas você não pode lutar contra o que lhe digo, porque não pode me considerar grande. Sou sua igual; estou no seu ciclo. Você gosta de lutar com os que são melhores do que você. Lutar contra a minha posição não é desafio algum. E assim, aqueles dois pobres diabos afinal o pegaram, por meu intermédio. Coitadinho do Nagual, perdeu a jogada.

Ela se aproximou de mim e cochichou em meu ouvido que o Nagual também dissera que ela nunca devia tentar tirar de mim o meu bloco de escrever, pois isso seria tão perigoso quanto arrancar um osso da boca de um cão faminto.

Ela me abraçou, repousando a cabeça no meu ombro, e riu baixinho, mansamente.

A "visão" dela me deixara aturdido. Eu sabia que ela tinha toda a razão. Ela me caracterizara com perfeição. Ela me abraçou por muito tempo, com a cabeça encostada à minha. A proximidade de seu corpo, de algum modo, era muito confortadora. Nisso ela era igualzinha a Dom Juan. Emanava força e convicção e propósito. Estava enganada ao dizer que eu não podia admirá-la.

— Vamos nos esquecer disso — disse ela, de repente. — Vamos falar sobre o que temos de fazer hoje à noite.

— O que exatamente vamos fazer hoje à noite, Gorda?

— Temos o nosso último encontro com o poder.

— Será outra luta horrível com alguém?

— Não. As irmãs apenas lhe mostrarão uma coisa que vai completar a sua visita a este lugar. O Nagual me disse que depois disso você pode ir-se embora e não voltar mais, ou que poderá resolver ficar conosco. De qualquer maneira, o que elas têm a lhe mostrar é a arte delas. A arte do sonhador.

— E como é essa arte?

— Genaro me disse que tentou várias vezes ensinar-lhe a arte do sonhador. Ele lhe mostrou o seu outro corpo, o corpo do *sonho* dele. Certa vez ele chegou a fazer você estar em dois lugares ao mesmo tempo, mas o seu vazio não o deixou ver o que ele lhe estava mostrando. Parece que todos os esforços dele atravessaram o buraco no seu corpo.

“Agora parece que as coisas são diferentes. Genaro fez das irmãszinhas as sonhadoras que são e esta noite elas lhe mostrarão a arte de Genaro. Nesse ponto, as irmãszinhas são as verdadeiras filhas de Genaro.

Isso lembrou-me o que Pablito tinha dito antes, que éramos filhos de ambos, e que éramos toltecas. Perguntei-lhe o que ele queria dizer com isso.

— O Nagual me disse que os feiticeiros eram chamados toltecas, na linguagem do benfeitor dele — respondeu ela.

— E que linguagem era essa, Gorda?

— Ele nunca nos disse. Mas ele e Genaro costumavam falar uma língua que nenhum de nós compreendia. E aqui, entre nós todos, compreendemos quatro línguas índias.

— Dom Genaro também dizia que era tolteca?

— O benfeitor dele era o mesmo homem, portanto ele também dizia a mesma coisa.

Pelas respostas da Gorda eu deduzi que ou ela não sabia muita coisa sobre o assunto, ou não queria contar-me a respeito. Confrontei-a com as minhas conclusões. Ela me confessou que nunca dera muita atenção a isso e não sabia por que eu dava tanto valor a isso. Dei-lhe quase uma aula sobre a etnografia do México central.

— Um feiticeiro é um tolteca quando recebeu os mistérios de espreitar e *sonhar* — disse ela, com displicência. — Nagual e Genaro receberam esses mistérios dos benfeitores deles e depois os conservaram em seus corpos. Nós estamos fazendo a mesma coisa, e devido a isso somos toltecas como o Nagual e Genaro.

“O Nagual ensinou a você e a mim a sermos igualmente desapaixonados. Eu sou mais desapaixonada do que você porque não tenho forma. Você ainda tem a sua forma e é vazio, de modo que fica preso em cada armadilha. Mas um dia você será completo de novo e então compreenderá que o Nagual tinha razão. Ele disse que o mundo dos homens sobe e desce e as pessoas sobem e descem com seu mundo: como feiticeiros, não temos nada de acompanhá-los em suas subidas e descidas.

— A arte dos feiticeiros é estar por fora de tudo e passar despercebido. E mais que tudo, a arte dos feiticeiros é nunca desperdiçar o seu poder. O Nagual me disse que o seu problema é que sempre fica preso em besteiras, como o que está fazendo agora. Tenho certeza de

que vai perguntar a todos nós a respeito dos toltecas, mas não vai perguntar a nenhum de nós sobre a nossa atenção.

O riso dela era cristalino e contagioso. Confessei que ela tinha razão. Os pequenos problemas sempre me fascinaram. Também lhe disse que não compreendia o uso que ela fazia da palavra atenção.

— Já lhe disse o que o Nagual me ensinou sobre a atenção — disse ela. — Seguramos as imagens do mundo com a nossa atenção. Um feiticeiro homem é muito difícil de treinar porque a atenção dele está sempre fechada, focalizada sobre alguma coisa. A mulher, ao contrário, está sempre aberta porque a maior parte do tempo ela não focaliza sua atenção sobre nada. Especialmente durante a menstruação. O Nagual me disse e depois me mostrou que durante aquele período eu podia libertar a minha atenção das imagens do mundo. Se eu não focalizar a minha atenção sobre o mundo, o mundo desmorona.

— Como se faz isso, Gorda?

— É muito simples. Quando a mulher está menstruada ela não consegue focalizar a atenção. É essa a fresta sobre a qual o Nagual me contou. Em vez de lutar para focalizar, a mulher deve largar as imagens, olhando fixamente para os morros distantes, ou olhando para a água, como um rio, ou olhando para as nuvens.

— Se você olhar com os olhos abertos, fica tonto e os olhos se cansam, mas se você os semicerrar e piscar muito e os mover de montanha a montanha, ou de nuvem em nuvem, você pode olhar durante horas ou mesmo dias, se necessário.

— O Nagual nos fazia ficar sentadas junto à porta e olhar para aqueles morros redondos do outro lado do vale. Às vezes ficávamos sentadas ali dias e dias, até a fresta abrir-se.

Eu quis ouvir mais a respeito, mas ela parou de falar e depressa sentou-se muito perto de mim. Fez sinal com a mão para eu escutar. Ouvi um farfalhar e de repente Lídia entrou na cozinha. Pensei que ela devia estar dormindo no quarto delas e que o barulho de nossas vozes a tinha acordado.

Ela tinha trocado as roupas ocidentais que usara da última vez que eu a vira e tinha posto um vestido comprido, como usavam as índias daquela região. Tinha um xale nos ombros e estava descalça. O vestido comprido, em vez de fazê-la parecer mais velha e mais pesada, a fazia parecer uma criança vestida com a roupa de uma mulher mais velha.

Ela foi até à mesa e cumprimentou a Gorda com um cerimonioso “Boa noite, Gorda”. Depois virou-se para mim e disse:

— Boa noite, Nagual.

O cumprimento dela foi tão inesperado e o tom tão sério que eu já ia rindo, mas percebi que a Gorda me fazia um sinal de aviso. Ela

fingiu estar coçando a cabeça com as costas da mão esquerda, que estava fechada em garra.

Respondi do mesmo modo que a Gorda respondera:

— Boa noite para você, Lídia.

Ela sentou-se à extremidade da mesa, à minha direita. Eu não sabia se devia ou não começar uma conversa. Já ia dizendo alguma coisa quando a Gorda bateu em minha perna com o joelho dela, e com um movimento disfarçado das sobrancelhas, indicou que eu devia escutar. Tornei a ouvir o som abafado de um vestido comprido tocando no chão. Josefina ficou parada um instante à porta, antes de se dirigir para a mesa. Ela cumprimentou Lídia, a Gorda e a mim, nessa ordem. Não consegui ficar sério ao vê-la. Também estava com um vestido comprido, um xale e sem sapatos, mas no caso dela o vestido era três ou quatro vezes maior do que o tamanho dela e ela tinha posto um enchimento nele. O aspecto dela era totalmente absurdo; o rosto era magro e jovem, mas o corpo parecia grotescamente inchado.

Ela pegou um banco e colocou-o na extremidade esquerda da mesa e sentou-se. As três pareciam muito sérias. Estavam sentadas com as pernas encostadas e as costas muito retas.

Novamente ouvi o farfalhar de um vestido e apareceu Rosa. Estava vestida como as outras e também descalça. O cumprimento dela foi cerimonioso e a ordem naturalmente incluía Josefina. Todos lhe responderam no mesmo tom cerimonioso. Ela sentou-se do outro lado da mesa, de frente para mim. Nós todos ficamos num silêncio absoluto durante algum tempo.

De repente a Gorda falou e o som de sua voz fez todos saltarem. Ela disse, apontando para mim, que o Nagual ia mostrar a elas os aliados dele, e que ia usar o chamado especial para chamá-los para a sala.

Tentei brincar e dizer que o Nagual não estava lá, de modo que não podia chamar aliado algum. Pensei que elas fossem rir. A Gorda tapou o rosto e as irmãs olharam-me furiosas. A Gorda pôs a mão para tapar a minha boca e me cochichou que era absolutamente necessário que eu me abstinêsse de dizer besteiras. Olhou-me bem nos olhos e disse que eu tinha de chamar os aliados dando o grito das mariposas.

Com relutância, comecei. Mas assim que comecei, o espírito da situação dominou-me e vi que dentro de segundos eu estava dando o máximo de minha concentração a produzir aquele ruído. Modulei o som e controlei o ar expelido pelos meus pulmões a fim de produzir as batidas mais prolongadas possível. Parecia muito melodioso.

Tomei uma golfada enorme de ar para começar uma nova série. Parei imediatamente. Alguma coisa do lado de fora da casa estava respondendo ao meu chamado. Os sons de batidas vinham de todos os

lados da casa, até do telhado. As irmãs se levantaram e se encolheram como crianças assustadas em volta da Gorda e de mim.

— Por favor, Nagual, não os faça entrar na casa — suplicou-me Lídia.

Até a Gorda parecia estar meio assustada. Fez um gesto enérgico com a mão, indicando que eu devia parar. Eu não pretendia mesmo continuar a fazer o ruído. Os aliados, porém, ou como forças sem forma, ou como seres rondando do lado de fora da porta, não dependiam de minhas batidas. Tornei a sentir, como senti na noite da véspera, em casa de Genaro, uma pressão insuportável, um peso encostado a toda a casa. Eu o sentia em meu umbigo como um prurido, um nervosismo que logo transformou-se numa angústia física.

As três irmãs estavam apavoradas, especialmente Lídia e Josefina. Ambas gemiam como cães feridos. Todas me cercaram e depois se agarraram a mim. Rosa meteu-se embaixo da mesa e levantou a cabeça, entre as minhas pernas. A Gorda ficou atrás de mim, o mais calma que pôde. Depois de alguns momentos, o histerismo e o medo daquelas pequenas atingiram proporções enormes. A Gorda debruçou-se e cochichou que eu devia fazer o ruído oposto, o que os dispersaria. Tive um momento de uma incerteza suprema, pois na verdade não conhecia nenhum outro ruído. Mas aí tive uma sensação rápida de comichão no alto da cabeça, um estremecimento no corpo e lembrei-me, não sei como, de um assobio especial que Dom Juan fazia de noite e que tinha tentado ensinar-me. Ele me mostrara aquilo como meio de manter o equilíbrio ao caminhar, para não me afastar da trilha no escuro.

Comecei o assobio e a pressão na minha região umbilical cessou. A Gorda deu um suspiro de alívio e sorriu e as irmãs afastaram-se do meu lado, dando risadas, como se tudo não tivesse passado de uma brincadeira. Eu quis entregar-me a especulações profundas sobre a transição abrupta da conversa agradável que eu estava tendo com a Gorda para aquela situação sobrenatural. Por um momento, pensei se tudo fora ou não um truque de parte delas. Mas eu estava muito fraco. Senti que estava a ponto de desmaiar. Meus ouvidos zumbiam. A tensão no meu estômago era tão intensa que pensei que ia vomitar ali mesmo. Repousei minha cabeça na beira da mesa. Mas depois de alguns minutos, já estava bastante descontraído para sentar-me direito.

As três pequenas pareciam ter esquecido do meio que tinham sentido. Na verdade, estavam rindo e se empurrando, enquanto cada uma amarrava o xale em volta dos quadris. A Gorda não parecia nervosa nem descontraída.

Em certo momento, Rosa foi empurrada pelas duas outras e caiu do banco em que as três estavam sentadas. Caiu sentada. Pensei que ia

ficar furiosa, mas ela deu uma risada. Olhei para a Gorda, esperando instruções. Estava sentada muito reta, os olhos semicerrados, fixos em Rosa. As irmãs estavam dando gargalhadas, como colegiais nervosas. Lídia empurrou Josefina e fez com que caísse por cima do banco e no chão junto a Rosa. No momento em que Josefina caiu no chão, o riso delas parou. Rosa e Josefina sacudiram o corpo, fazendo um movimento incompreensível com as nádegas; moviam-nas de um lado para outro, como se estivessem moendo alguma coisa no chão. Depois levantaram-se de um salto, como duas onças silenciosas, e agarraram Lídia pelos braços. Todas três, sem fazer o menor barulho, giraram umas duas vezes. Rosa e Josefina levantaram Lídia pelas axilas, carregando-a na ponta dos pés duas ou três vezes em volta da mesa. Depois todas três caíram, como se tivessem molas nos joelhos, que se contraíssem ao mesmo tempo. Seus vestidos compridos se levantaram, dando-lhes o aspecto de bolas imensas.

Assim que se viram no chão, ficaram ainda mais quietas. Não havia outro barulho a não ser o farfalhar suave de seus vestidos, enquanto elas rolavam e rastejavam. Era como se eu estivesse assistindo a um filme em relevo com o som desligado.

A Gorda, que estivera sentada quieta ao meu lado, observando-as, de repente levantou-se e com a agilidade de uma acrobata correu para a porta do quarto delas, no canto do recinto das refeições. Antes de chegar à porta ela caiu do lado e ombro direitos, o suficiente para se virar uma vez, e depois levantou-se, levada pelo impulso de rolar, e abriu a porta. Executou todos esses movimentos em completo silêncio.

As três pequenas rolaram e rastejaram para dentro do quarto como tatuzinhos gigantesco. A Gorda fez sinal para eu ir para onde ela estava: entramos no quarto e ela mandou que eu me sentasse no chão com as costas apoiadas na moldura da porta. Ela se sentou à minha direita, também com as costas na moldura. Mandou que eu entrelaçasse os dedos e depois pôs minhas mãos sobre o meu umbigo.

A princípio tive de dividir minha atenção entre a Gorda, as irmãs e o quarto. Mas depois que a Gorda arrumou a minha posição sentado, minha atenção voltou-se toda para o quarto. As três pequenas estavam deitadas no meio de um quarto grande e quadrado com um piso de tijolos. Havia quatro lâmpões de gasolina, um em cada parede, colocados em prateleiras embutidas a mais ou menos um metro e oitenta do chão. O quarto não tinha forro. As traves de sustentação do telhado tinham sido escurecidas e isso dava um efeito de um quarto enorme, sem teto. As duas portas ficavam bem nos cantos, uma em frente da outra. Quando olhei para a porta fechada do outro lado de onde eu estava, notei que as paredes do quarto eram

orientadas para acompanhar os pontos cardeais. A porta em que estávamos ficava no canto de noroeste.

Rosa, Lídia e Josefina rolaram, várias vezes pelo quarto, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio. Esforcei-me para ouvir o farfalhar dos seus vestidos mas o silêncio era absoluto. Só ouvia a Gorda respirando. As irmãs afinal pararam e sentaram-se de costas apoiadas na parede, cada qual debaixo de um lâmpão. Lídia sentou-se na parede leste, Rosa no norte e Josefina no oeste.

A Gorda levantou-se, fechou a porta atrás de nós e trancou-a com uma barra de ferro. Fez-me deslizar alguns centímetros, sem mudar de posição, até eu estar sentado com as costas apoiadas na porta. Depois, em silêncio, rolou pelo chão todo e sentou-se sob o lâmpão na parede sul; quando se sentou nessa posição pareceu dar a deixa.

Lídia levantou-se e começou a andar nas pontas dos pés pelas bordas do quarto, junto das paredes. Não era propriamente uma caminhada, mas um deslizamento silencioso. Quando ela aumentou a velocidade, começou a mover-se como se estivesse deslizando, pisando no ângulo formado pelo chão e as paredes. Saltava por cima de Rosa, Josefina, a Gorda e eu, cada vez que chegava ao lugar em que estávamos sentados. Eu sentia seu vestido comprido roçando em mim cada vez que passava. Quanto mais depressa ela corria, mais alto chegava na parede. Chegou um momento em que Lídia estava realmente correndo em silêncio pelas quatro paredes do quarto, a dois metros ou dois metros e meio acima do chão. Aquela cena, ela correndo perpendicularmente às paredes, era tão sobrenatural que chegava a ser quase grotesca. Seu vestido comprido tornava aquilo ainda mais fantástico. A gravidade não parecia ter efeito algum sobre Lídia, mas tinha efeito sobre suas saias compridas, que estavam dependuradas. Eu a sentia cada vez que passava sobre a minha cabeça, roçando pelo meu rosto como uma cortina pendurada.

Ela prendera a minha atenção num plano que eu nem podia imaginar. O esforço de lhe dar a minha atenção total foi tão grande que comecei a ter convulsões no estômago; senti que ela corria com o meu estômago. Os meus olhos estavam perdendo o foco. Com o último resquício de minha concentração, vi Lídia descer pela parede leste, em diagonal, e parar no meio do quarto.

Ela estava ofegante e encharcada de transpiração, como ficou a Gorda depois de sua exibição de vôo. Ela mal conseguia manter o equilíbrio. Depois de um momento, foi para seu lugar na parede de leste e caiu ao chão como um trapo molhado. Pensei que tivesse desmaiado, mas depois notei que estava propositadamente respirando pela boca.

Depois de alguns minutos de sossego, o suficiente para que Lídia se refizesse e sentasse reta, Rosa levantou-se e correu, sem fazer barulho algum, para o centro do quarto, girou sobre os calcanhares e voltou correndo para onde estivera sentada. Sua corrida lhe permitiu tomar o impulso necessário para dar um salto incrível. Ela saltou no ar, como um jogador de basquete, pela extensão vertical da parede e suas mãos passaram além da altura da parede, que tinha talvez uns três metros de altura. Vi seu corpo chegar a chocar-se com a parede, embora não houvesse nenhum barulho correspondente. Esperei que ela repinchasse no chão com a força do impacto, mas ficou lá pendurada, agarrada à parede como um pêndulo. De onde eu estava sentado, parecia que ela estava segurando um gancho qualquer, em sua mão esquerda. Balançou, em silêncio, num movimento do pêndulo, por um momento, e depois deu um salto para a esquerda, de um metro aproximadamente, como uma catapulta, empurrando o corpo para longe da parede com o braço direito, no momento em que o seu balanço era mais largo. Repetiu o balanço e a catapulta umas 30 ou 40 vezes. Percorreu todo o quarto e depois subiu para as traves do telhado, de onde ficou pendurada precariamente, como que de um gancho invisível.

Enquanto ela estava nas traves percebi que aquilo que eu pensara ser gancho em sua mão esquerda era na verdade uma qualidade daquela mão que lhe possibilitava suspender seu peso por ali. Era a mesma mão que ela brandira como um pau e que quase me partira o braço duas noites antes.

A exibição dela terminou quando se dependurou das traves sobre o centro do quarto. De repente, largou-se, caindo de uma altura de uns quatro metros e meio. Seu vestido comprido voou para cima envolvendo-lhe a cabeça. Por um instante, antes de pousar sem barulho algum, parecia um guarda-chuva virado ao contrário pela força do vento; seu corpo magro e despido parecia um pau preso à massa negra do vestido.

Meu corpo sentiu o impacto da sua queda, talvez mais do que ela mesma. Caiu numa posição agachada e ficou imóvel, procurando recuperar o fôlego. Eu estava esparramado no chão, com câibras dolorosas no estômago.

A Gorda rolou pelo quarto, pegou o xale e amarrou-o em volta de minha região umbilical, como uma faixa, passando-o pelo meu corpo duas ou três vezes. Depois rolou de volta à parede sul como uma sombra.

Enquanto ela arrumava o xale em volta de minha cintura, perdi Rosa de vista. Quando tornei a olhar, ela estava sentada junto à parede norte. Um momento depois Josefina dirigiu-se em silêncio para o centro do quarto. Ficou andando de um lado para outro, com

passos abafados, entre o lugar em que Lídia estava sentada e o seu próprio lugar na parede oeste. O tempo todo ficou de frente para mim. De repente, ao se aproximar do seu lugar, ela levantou o braço esquerdo e o levou bem para a frente do rosto, como se quisesse tapar-me das suas vistas. Escondeu a metade do rosto por um momento por trás do antebraço. Abaixou-o e tornou a levantá-lo, dessa vez escondendo todo o seu rosto. Repetiu os movimentos de abaixar e levantar o antebraço esquerdo inúmeras vezes, enquanto caminhava sem ruído de um lado do quarto para outro. Cada vez que ela levantava o antebraço, uma porção maior de seu corpo desaparecia de minha vista. Chegou um momento em que escondeu seu corpo inteiro, estofado de roupas, por trás de seu antebraço fino.

Era como se, tapando a vista que ela tinha do meu corpo, sentado a uns três metros dela, coisa que facilmente conseguiria com a largura de seu antebraço, ela também me fizesse tapar a vista do corpo dela, coisa que seria impossível fazer apenas com a largura do seu antebraço.

Depois que escondeu todo o seu corpo, eu só consegui distinguir a silhueta de um antebraço suspenso no meio do ar, saltando de um lado do quarto para outro, e a certa altura não consegui nem ver o próprio braço.

Senti uma repugnância, uma náusea insuportável. Aquele braço saltitante esgotava a minha energia. Escorreguei para o lado, sem poder manter o equilíbrio. Vi o braço caindo por terra. Josefina estava deitada no chão, coberta de roupas, como se suas vestes estofadas tivessem explodido. Estava deitada de costas, com os braços estendidos.

Levei muito tempo para recuperar meu equilíbrio físico. Minhas roupas estavam encharcadas de suor. Não era eu o único afetado. Todas estavam exaustas e ensopadas de suor. A Gorda era a mais controlada, mas seu controle parecia estar a ponto de se acabar. Ouvia todas, inclusive a Gorda, respirando pela boca.

Quando me controlei plenamente de novo, todas estavam sentadas em seus lugares. As irmãszinhas me olhavam fixamente. Pelo canto do olho vi que os olhos da Gorda estavam meio fechados. De repente, rolou em silêncio para o meu lado e cochichou no meu ouvido que eu devia começar a dar o meu chamado de mariposa, continuando com ele até os aliados entrarem na casa e estarem a ponto de nos pegar.

Tive um momento de hesitação. Ela me cochichou que não havia meio de mudar as ordens e que tínhamos de terminar o que começamos. Depois de soltar o xale de minha cintura, ela rolou de volta para seu lugar e sentou-se.

Levei a mão esquerda aos lábios e tentei produzir o ruído de batidas. A princípio tive muita dificuldade. Meus lábios estavam secos e minhas mãos suadas, mas depois de uma falta de jeito inicial, senti uma sensação de vigor e de bem-estar. Produzi os ruídos de batidas mais perfeitos que jamais conseguira. Aquilo me lembrava as batidas que eu tinha ouvido o tempo todo, em resposta às minhas. Assim que parei para tomar fôlego, ouvi as batidas serem respondidas de todos os cantos.

A Gorda fez sinal para eu continuar. Produzi mais três séries. A última foi totalmente hipnótica. Não precisei aspirar o ar e deixá-lo sair aos pouquinhos, como tinha feito antes. Dessa vez o ruído de batidas saiu de minha boca livremente. Nem tive de usar a beira da mão para produzi-lo.

De repente a Gorda correu para mim, levantou-me do chão pelas axilas e me empurrou para o meio do quarto. O seu gesto perturbou a minha concentração total. Notei que Lídia estava agarrada ao meu braço direito, Josefina ao esquerdo e Rosa recuara contra a frente de meu corpo e me segurava pela cintura com os braços estendidos para trás. A Gorda estava atrás de mim. Ela mandou que eu pusesse os braços para trás e agarrasse o seu xale, que ela tinha passado pelo pescoço e pelos ombros como um arreio.

Naquele momento notei que havia algo além de nós no quarto, mas não sabia o que era. As irmãs estavam tremendo. Eu sabia que elas tinham conhecimento de alguma coisa que eu não conseguia distinguir. Também sabia que a Gorda ia tentar fazer o que tinha feito em casa de Dom Genaro. De repente, senti o vento que passava pela porta nos puxando. Agarrei o xale da Gorda com todas as forças, enquanto as irmãs se agarravam a mim. Senti que estávamos girando, caindo e balançando de um lado para outro como uma folha gigantesca e sem peso.

Abri os olhos e vi que parecíamos um embrulho. Ou estávamos de pé ou deitados horizontalmente no ar. Eu não sabia definir porque não tinha nenhum ponto de referência sensorial. Depois, tão repentinamente como tínhamos sido levantados, fomos largados. Senti a nossa queda no meio do meu corpo. Gritei de dor e meus gritos se juntaram aos das irmãs. A parte de dentro de meus joelhos me doía. Senti um baque insuportável em minhas pernas; pensei ter quebrado as pernas.

Minha impressão seguinte foi que alguma coisa estava entrando no meu nariz. Estava muito escuro e eu estava deitado de costas. Sentei-me. Percebi que a Gorda estava fazendo cócegas em minhas narinas com uma varinha.

Eu não estava exausto, nem mesmo meio cansado. Levantei-me de um salto e só então percebi que não estávamos na casa. Estávamos num morro, um morro rochoso e árido. Dei um passo e quase caí. Tinha tropeçado sobre um corpo. Era Josefina. Ela estava muito quente. Parecia estar com febre. Tentei fazê-la sentar-se, mas ela estava mole. Rosa estava ao lado dela. Em contraste, o seu corpo estava gelado. Pus uma sobre a outra e balancei-as. Esse movimento as fez voltarem a si.

A Gorda tinha encontrado Lídia e estava fazendo com que ela andasse. Depois de alguns minutos, todos nós estávamos de pé. Estávamos talvez a um quilômetro a leste da casa.

Anos antes, Dom Juan produzira em mim uma experiência semelhante, porém com uma planta psicotrópica. Pareceu fazer-me voar e pousei a certa distância da casa dele. Na ocasião, eu tentara explicar o fato em termos racionais, mas não havia possibilidade de explicações racionais e, a não ser que eu aceitasse o fato de ter voado, tinha de admitir as duas únicas hipóteses possíveis: eu podia explicar tudo argumentando que Dom Juan me levava para o campo distante enquanto eu ainda estava inconsciente, sob o efeito dos alcalóides psicotrópicos da planta: ou argumentando que sob a influência dos alcalóides eu acreditara o que Dom Juan mandara que eu acreditasse, que estava voando.

Dessa vez não tive jeito senão preparar-me para aceitar que eu de fato tinha voado. Queria entregar-me a dúvidas e comecei a imaginar as possibilidades das quatro moças me carregarem para aquele morro. Ri alto, incapaz de conter um prazer obscuro. Eu estava tendo uma recaída de minha velha moléstia. Minha razão, que fora temporariamente bloqueada, estava começando a dominar-me de novo. Eu queria defendê-la. Ou talvez fosse mais próprio dizer, diante dos atos fantásticos que eu presenciara e realizara desde a minha chegada, que a minha razão estava se defendendo, independentemente do todo mais complexo que parecia ser o "eu" que eu não conhecia. Eu estava presenciando, quase como um observador interessado, o modo pelo qual a minha razão lutava para encontrar racionalizações adequadas, enquanto outra parte de mim, muito maior, não se interessava em explicar nada.

A Gorda fez as três moças se enfileirarem. Depois puxou-me para seu lado. Todas cruzaram os braços atrás das costas. A Gorda mandou que eu fizesse o mesmo. Ela esticou os meus braços o mais para trás possível e depois me fez dobrá-los e agarrar cada antebraço com toda a força e o mais próximo dos cotovelos possível. Isso criava uma grande pressão muscular na articulação do ombro. Ela empurrou o meu tronco para a frente até eu estar quase curvo. Depois soltou um pio de pássaro especial. Era um sinal. Lídia começou a an-

dar. No escuro, seus movimentos me lembravam um patinador no gelo. Ela caminhou depressa e em silêncio e depois de alguns minutos desapareceu de minha vista.

A Gorda deu mais dois pios, um depois do outro, e Rosa e Josefina saíram andando da mesma maneira que Lídia. A Gorda me disse para acompanhá-la de perto. Deu mais um pio e nós dois começamos a andar.

Fiquei espantado ao ver a facilidade com que eu andava. Todo o meu equilíbrio centralizava-se em minhas pernas. O fato de eu estar com os braços para trás, em vez de atrapalhar os meus movimentos, me ajudou a manter um equilíbrio estranho. Mas acima de tudo, o que mais me espantava era o silêncio em que eu andava.

Quando chegamos à estrada começamos a andar normalmente. Passamos por dois homens que iam na direção oposta. A Gorda cumprimentou-os e eles responderam. Quando chegamos em casa encontramos as irmãs em pé junto à porta, sem coragem de entrar. A Gorda disse-lhes que, embora eu não pudesse controlar os aliados, podia chamá-los e mandá-los embora, e que os aliados não nos incomodariam mais. As pequenas acreditaram nela, coisa que eu não conseguia, naquele caso.

Entramos em casa. Com muita calma e eficiência, todas se despiram, se encharcaram de água fria e puseram roupas limpas. Fiz o mesmo. Pus as roupas velhas que guardava em casa de Dom Juan e que a Gorda me trouxe numa caixa.

Todos nós estávamos de novo de bom humor. Pedi à Gorda que me explicasse o que tínhamos feito.

— Mais tarde falaremos sobre isso — disse ela, com energia.

Então lembrei-me que os embrulhos que eu tinha para elas ainda estavam no carro. Pensei que enquanto a Gorda nos cozinhava alguma comida seria uma boa oportunidade para distribuir os presentes. Fui lá fora e trouxe-os para dentro, colocando-os sobre a mesa. Lídia perguntou-me se eu já tinha escolhido os presentes de cada uma, conforme ela me sugerira. Eu disse que queria que escolhessem o que gostassem. Ela se recusou. Disse que com certeza eu tinha algo de especial para Pablito e Nestor e uma porção de bugigangas para elas, que eu jogaria sobre a mesa, com a intenção de vê-las brigarem por elas.

— Além disso, você não trouxe nada para Benigno — disse Lídia, postando-se ao meu lado e olhando para mim fazendo-se de séria. — Você não pode magoar os Genaros, dando dois presentes para três pessoas.

Todas riram. Fiquei encabulado. Ela tinha toda a razão, em tudo que dissera.

— Você é desleixado, é por isso que nunca o apreciei — disse-me Lídia, passando do sorriso à cara fechada. — Você nunca me cumprimentou com afeição ou respeito. Cada vez que nos víamos, você só fingia estar contente por me ver.

Ela imitou o meu cumprimento efusivo, obviamente forçado, um cumprimento que eu devia ter usado com ela inúmeras vezes, no passado.

— Por que você nunca me perguntou o que eu estava fazendo aqui? — perguntou-me Lídia.

Parei de escrever, para pensar naquilo. Nunca me ocorrera perguntar-lhe coisa alguma. Disse-lhe que não tinha desculpa. A Gorda interferiu e disse que o motivo por que eu nunca trocara mais do que algumas palavras com Lídia ou Rosa cada vez que as via era que eu estava acostumado a só conversar com as mulheres por quem estivesse apaixonado, de um modo ou de outro. A Gorda acrescentou que o Nagual lhes havia dito que se eu lhes fizesse alguma pergunta direta, deviam responder, mas se eu não perguntasse nada, elas não deviam mencionar nada.

Rosa disse que não gostava de mim porque eu estava sempre rindo e querendo ser engraçado. Josefina acrescentou que como eu nunca a tinha visto, ela não gostava de mim só de farra, de danação.

— Quero que você saiba que eu não o aceito como o Nagual — disse-me Lídia. — Você é muito burro. Não sabe nada. Eu sei mais do que você. Como posso respeitá-lo?

Lídia acrescentou que, quanto a ela, eu podia voltar para minha casa ou ir plantar batatas, até.

Rosa e Josefina não disseram nada. Mas a julgar pelas expressões graves e malvadas na cara delas, pareciam estar de acordo com Lídia.

— Como é que esse homem pode conduzir-nos? — perguntou Lídia à Gorda. — Ele não é um verdadeiro Nagual. É um homem. Vai transformar-nos em idiotas como ele.

Enquanto ela falava, vi que as expressões malvadas nas fisionomias de Rosa e Josefina tornavam-se mais duras ainda.

A Gorda interferiu e explicou-lhes o que ela tinha “visto” antes sobre mim. Acrescentou que, como recomendara que eu não me enredasse nas tramas delas, ela recomendava mesma coisa a elas, para não se enredarem na minha.

Depois da primeira demonstração de animosidade sincera e bem fundada de parte de Lídia, fiquei abismado ao ver como ela concordou logo com as observações da Gorda. Ela sorriu para mim. Chegou e ir sentar-se ao meu lado.

— Você é mesmo como nós, hein? — perguntou ela, num tom de assombro.

Eu não sabia o que dizer. Estava com medo de me atrapalhar.

Lídia obviamente era a líder das irmãzinhas. No momento em que ela sorriu para mim as duas outras pareceram passar imediatamente ao mesmo estado de espírito.

A Gorda disse-lhes que não se importassem com o meu papel e lápis nem com minhas perguntas e em compensação eu não ficaria aborrecido quando elas fizessem o que mais adoravam, entregar-se a suas manias.

As três sentaram-se junto de mim. A Gorda foi até à mesa, pegou os embrulhos e levou-os para o meu carro. Pedi a Lídia que me desculpasse meus erros imperdoáveis do passado e pedi a todas para me contarem de que modo se haviam tornado aprendizes de Dom Juan. Para pô-las à vontade, contei-lhes como eu conhecera Dom Juan. As histórias delas coincidiam com o que Dona Soledad já me havia contado.

Lídia disse que as três tinham tido a liberdade de deixar o mundo de Dom Juan, mas que tinham preferido permanecer nele. Ela, especialmente, sendo a primeira aprendiz, tivera a oportunidade de partir. Depois que o Nagual e Genaro a curaram, o Nagual lhe mostrara a porta e lhe dissera que se ela não passasse por ela naquele momento, a porta se fecharia sobre ela e nunca mais tornaria a abrir-se.

— O meu destino foi decretado quando aquela porta se fechou — disse-me Lídia. — Tal como aconteceu com você. O Nagual me disse que depois que pôs um remendo em você, você teve a oportunidade de partir, mas não quis aproveitá-la.

Eu me lembrava daquela decisão especial com maior nitidez do que qualquer outra coisa. Contei-lhes como Dom Juan me havia enganado, fazendo-me acreditar que havia uma feiticeira que o perseguia e depois deu-me a escolha entre deixá-lo de vez ou ficar para ajudá-lo a travar uma guerra contra sua atacante. Afinal de contas, a suposta atacante era uma comparsa dele. Enfrentando-a, no que eu pensava ser em defesa de Dom Juan, eu a pus contra mim e ela tornou-se o que ele chamou de minha "valorosa adversária".

Perguntei a Lídia se elas também tinham tido um valoroso adversário.

— Nós não somos tão burras quanto você — disse ela. — Nunca precisamos de ninguém para nos incitar.

— Pablito é burro assim — disse Rosa. — Soledad é a adversária dele. Mas não sei o valor dela. Mas, como o ditado, se você não tem cão, caça com gato.

Elas riram e bateram na mesa.

Perguntei-lhes se alguma delas conhecia a feiticeira que Dom Juan tinha posto contra mim, a Catalina.

Elas sacudiram a cabeça, mostrando que não conheciam.

— Eu a conheço — disse a Gorda, lá do fogão. — Ela é do ciclo do Nagual, mas parece ter 30 anos.

— O que é um ciclo, Gorda? — perguntei.

Ela foi até à mesa, pôs o pé no banco e apoiou o queixo no braço e joelho.

— Os feiticeiros como o Nagual e Genaro têm dois ciclos — disse ela. — O primeiro quando são homens, como nós. Nós todos estamos em nosso primeiro ciclo. Cada um de nós foi incumbido de uma tarefa e essa tarefa nos faz deixar a forma humana. Elígio, nós cinco e os Genaros somos do mesmo ciclo.

"O segundo ciclo é quando um feiticeiro não é mais humano, como o Nagual e Genaro. Eles vieram para ensinar-nos, e depois que nos ensinaram, partiram. Somos o segundo ciclo para eles.

"O Nagual e a Catalina são como você e Lídia. Estão nas mesmas situações. Ela é uma feiticeira assustadora, tal como Lídia.

A Gorda voltou ao fogão. As irmãzinhas pareciam estar nervosas.

— Deve ser aquela mulher que conhece as plantas do poder — disse Lídia à Gorda.

A Gorda disse que era ela mesma. Perguntei-lhes se o Nagual algum dia lhes dera plantas do poder.

— Não, não a nós três — respondeu Lídia. — As plantas do poder só são dadas a pessoas vazias. Como você e a Gorda.

— O Nagual lhe deu plantas do poder, Gorda? — perguntei, em voz alta.

A Gorda levantou dois dedos acima da cabeça.

— O Nagual lhe deu o cachimbo dele duas vezes — disse Lídia. — E das duas vezes ela ficou alucinada.

— O que aconteceu, Gorda? — perguntei.

— Fiquei alucinada — disse ela, indo até à mesa. — As plantas do poder nos foram dadas porque o Nagual estava pondo um remendo em nossos corpos. O meu pegou depressa, mas o seu foi difícil. O Nagual disse que você era mais maluco do que Josefina e impossível como Lídia e que ele tinha de lhe dar muitas plantas.

A Gorda explicou que as plantas do poder só eram utilizadas pelos feiticeiros que tinham dominado a sua arte. Essas plantas eram uma coisa tão poderosa que, para se lidar direito com elas, era preciso uma atenção impecável de parte do feiticeiro. Era preciso uma vida inteira para se treinar a atenção ao grau necessário. A Gorda disse que as pessoas completas não precisam de plantas do poder, e que nem as irmãzinhas nem os Genaros jamais as tinham tomado, mas que um dia, quando tivessem aperfeiçoado sua arte como sonhadores, eles as usariam para ter um impulso final e total, um impulso de tal magnitude que nos seria impossível compreender.

— O Nagual deu banhos de fumaça em todas nós — disse a Gorda. — Deu ainda mais banhos em você do que em Josefina. Ele disse que você era insuportável, e que sequer fingia, como ela.

Tudo se esclareceu para mim. Ela tinha razão; Dom Juan me fizera sentar-me defronte de fogueiras centenas de vezes. A fumaça irritava minha garganta e olhos a tal ponto que cheguei a ter horror de vê-lo começar a juntar gravetos e galhos secos. Ele disse que eu tinha de aprender a controlar a minha respiração e a sentir fumaça enquanto mantinha os olhos fechados; assim eu podia respirar sem sufocar.

A Gorda disse que a fumaça ajudara Josefina a ser etérea e muito esquiva e que sem dúvida ajudara a curar a minha loucura, fosse qual fosse.

— O Nagual disse que a fumaça tira tudo da gente — continuou a Gorda. — Torna a gente clara e direta.

Perguntei-lhe se ela sabia fazer sair, com a fumaça, o que a pessoa estivesse escondendo. Ela disse que podia fazê-lo facilmente porque tinha perdido a forma, mas que as irmãs e os Genaros, embora tivessem visto o Nagual e Genaro fazê-lo dezenas de vezes, ainda não sabiam fazê-lo.

Eu estava curioso para saber por que Dom Juan nunca mencionara o assunto a mim, a despeito do fato de ter ele me defumado como a um peixe seco centenas de vezes.

— Ele mencionou, sim — disse a Gorda, com sua convicção habitual. — O Nagual até lhe ensinou a olhar para a névoa. Ele nos contou que uma vez você defumou um lugar inteiro nas montanhas e viu o que se escondia atrás da paisagem. Disse que ele mesmo ficou abismado.

Lembrei-me de uma fascinante distorção de percepção, uma espécie de alucinação, que eu tivera, pensando ser o resultado de um jogo entre um nevoeiro muito denso e uma tempestade que havia naquele momento. Contei-lhes o episódio e acrescentei que Dom Juan nunca me ensinara diretamente nada sobre o nevoeiro nem a fumaça. O seu método era fazer fogueiras e levar-me para dentro de nevoeiros.

A Gorda não deu uma palavra. Levantou-se e voltou para o fogão. Lídia sacudiu a cabeça e estalou a língua.

— Você é burro mesmo — disse ela. — O Nagual lhe ensinou tudo. Como é que você acha que viu o que acaba de nos contar?

Havia um abismo entre as nossas concepções dos métodos de ensino. Eu lhes disse que se fosse ensinar-lhes alguma coisa que eu soubesse, como dirigir um carro, procederia passo a passo, certificando-me de que elas compreendessem todos os aspectos do processo.

A Gorda voltou à mesa.

— Isso é só se o feiticeiro estiver ensinando algo a respeito do tonal — disse ela. — Quando o feiticeiro trata com o nagual, deve dar

a instrução, que é mostrar o mistério ao guerreiro. E é só o que tem a fazer. O guerreiro que recebe os mistérios deve reivindicar o conhecimento como o poder, fazendo o que lhe mostraram.

— O Nagual mostrou-lhe mais mistérios do que a todas nós juntas. Mas você é preguiçoso, como Pablito, e prefere ficar confuso. O tonal e o nagual são dois mundos diferentes. Num você fala, no outro você age.

No momento em que ela falou, suas palavras fizeram muito sentido para mim. Eu sabia do que ela estava falando. Ela voltou ao fogão, mexeu alguma coisa numa panela e tornou a voltar.

— Por que você é tão burro? — perguntou-me Lídia, com franqueza.

— Ele é vazio — respondeu Rosa.

Elas mandaram que eu me levantasse e se obrigaram a apertar os olhos ao examinarem meu corpo com os olhos. Todas tocaram em minha região umbilical.

— Mas por que você continua vazio? — perguntou Lídia.

— Você sabe o que fazer, não sabe? — acrescentou Rosa.

— Ele era maluco — disse-lhes Josefina. — Ainda deve ser maluco.

A Gorda veio em meu auxílio e disse-lhes que eu ainda era vazio pelo mesmo motivo que elas ainda tinham forma. Todos nós, no íntimo, não queríamos o mundo do nagual. Tínhamos medo e pensávamos duas vezes. Em resumo, nenhum de nós era melhor do que Pablito.

Elas não disseram nada. Todas três pareciam muito encabuladas.

— Coitadinho do Nagual — disse-me Lídia, com um tom de preocupação sincera. — Você tem tanto medo quanto nós. Eu finjo que sou durona, Josefina finge que é maluca, Rosa finge que é geniosa e você finge que é burro.

Elas riram, e pela primeira vez desde que eu chegara tiveram um gesto de camaradagem para comigo. Abraçaram-me e encostaram as cabeças na minha.

A Gorda estava sentada de frente para mim e as irmãs sentaram-se em volta dela. Eu estava sentado olhando para todas.

— Agora podemos falar sobre o que aconteceu esta noite — disse a Gorda. — O Nagual me disse que se sobrevivêssemos ao último contato com os aliados, não seríamos mais os mesmos. Os aliados nos fizeram alguma coisa, esta noite. Eles nos lançaram para longe.

Ela tocou de leve na minha mão, que estava escrevendo.

— Esta noite foi uma noite especial para você — continuou ela.

— Esta noite todas nós nos unimos para ajudá-lo, inclusive os aliados. O Nagual havia de gostar disso. Essa noite você viu tudo.

— Você e eu as tomaríamos também, Gorda? — perguntei.

— Todos nós — respondeu ela. — O Nagual disse que você devia compreender isso melhor do que qualquer de nós.

Pensei naquilo por um momento. O efeito das plantas psicotrópicas tinha realmente sido aterrador para mim. Elas pareciam alcançar em mim um vasto reservatório e dele extrair um mundo total. A desvantagem em tomá-las fora o desgaste que elas provocavam em meu bem-estar e a impossibilidade de controlar seus efeitos. O mundo em que me lançavam era indomável e caótico. Faltava-me o controle, o poder, nos termos de Dom Juan, para utilizar esse mundo. Porém se eu tivesse o controle, as possibilidades seriam entontecedoras.

— Eu já as tomei — disse Josefina, de repente. — Quando eu era maluca, o Nagual me deu o cachimbo dele, para curar-me ou matar-me. E curou-me!

— O Nagual deu mesmo o cachimbo a Josefina — disse a Gorda, do fogão, e depois vindo para a mesa. — Ele sabia que ela estava fingindo ser mais doida do que era. Ela sempre foi um pouco biruta e é muito audaciosa e entrega-se como ninguém. Sempre quis morar num lugar em que ninguém a incomodasse e ela pudesse fazer o que bem entendesse. Assim o Nagual lhe deu o cachimbo e levou-a para viver num mundo do gosto dela durante quatorze dias, até ela ficar tão aborrecida com aquilo que se curou. Ela cortou a sua mania de entregar-se. Essa foi a sua cura.

A Gorda voltou ao fogão. As irmãs riram e se deram tapinhas nas costas.

Lembrei-me que, na casa de Dona Soledad, Lídia não só havia insinuado que Dom Juan deixara um embrulho para mim, mas chegara até a mostrar-me um embrulho que me fez lembrar da capa em que Dom Juan guardava o cachimbo. Lembrei a Lídia que ela dissera que me daria o embrulho quando a Gorda estivesse presente.

As irmãs se entreolharam e depois viraram-se para a Gorda. Ela fez um gesto com a cabeça. Josefina levantou-se e foi ao quarto da frente. Voltou um momento depois com o embrulho que Lídia me mostrara.

Senti uma pontada de expectativa na boca do estômago. Josefina colocou o embrulho com cuidado na mesa em minha frente. Todas se juntaram em volta de mim. Ela começou a desembulhá-lo com a mesma cerimônia que Lídia mostrara da primeira vez. Quando o embrulho foi totalmente desfeito, ela despejou o conteúdo sobre a mesa. Eram panos de menstruação.

Por um momento, fiquei atropalhado. Mas o riso da Gorda, mais alto do que o das outras, foi tão agradável que tive de rir também.

— Esse é o embrulho pessoal de Josefina — disse a Gorda. —

Ela teve a idéia brilhante de explorar a sua vontade de ter um presente do Nagual, para obrigá-lo a ficar.

— Você tem de confessar que foi uma boa idéia — disse-me Lídia.

Ela imitou a expressão de cobiça em minha fisionomia, quando ela estava abrindo o embrulho, e depois a minha expressão desapontada, quando não acabou de fazê-lo.

Eu disse a Josefina que sua idéia fora realmente brilhante, que funcionara como ela havia previsto e que eu desejava aquele embrulho mais do que queria confessar.

— Por ficar com ele, se quiser — disse Josefina, fazendo todos rirem.

A Gorda disse que o Nagual sabia desde o princípio que Josefina não estava realmente doente, e que fora esse motivo por que fora tão difícil curá-la. As pessoas que estão doentes mesmo são mais flexíveis. Josefina tinha muita noção de tudo e era muito desordenada e ele tivera de defumá-la uma porção de vezes.

Dom Juan uma vez dissera a mesma coisa sobre mim, que me havia defumado. Eu sempre achara que ele se referia a ter usado os cogumelos psicotrópicos para ter uma visão de mim.

— Como é que ele te defumou? — perguntei a Josefina.

Ela deu de ombros e não respondeu.

— Da mesma maneira que defumou você — disse Lídia. — Ele puxou a sua luminosidade e secou-a com a fumaça de um fogo que tinha feito.

Eu tinha certeza de que Dom Juan nunca me explicara essas coisas. Pedi a Lídia que me contasse o que sabia sobre o assunto. Ela se virou para a Gorda.

— A fumaça é muito importante para os feiticeiros — disse a Gorda. — A fumaça é como o nevoeiro. Naturalmente, o nevoeiro é melhor, mas é muito difícil manejá-lo. Não é tão jeitoso quanto a fumaça. Assim, se um feiticeiro quiser ver e conhecer alguém que está sempre se escondendo, como você e Josefina, que são caprichosos e difíceis — o feiticeiro faz uma fogueira e deixa que a fumaça envolva a pessoa. O que quer que estiverem escondendo sai na fumaça.

A Gorda disse que o Nagual usava a fumaça não só para “ver” e conhecer as pessoas, mas também para curar. Ele dava banhos de fumaça em Josefina; mandava que ela ficasse sentada ou de pé junto à fogueira, na direção em que soprava o vento. A fumaça a envolvia e a fazia sufocar e chorar, mas o incômodo dela era apenas temporário e sem conseqüências, e os efeitos positivos, por outro lado, eram uma limpeza progressiva da luminosidade.

— Foi? — perguntei.

— Lá vai você de novo — disse Lídia, e todas riram.

— Conte sobre o que vi, Gorda — insisti. — Você sabe que sou burro. Não deve haver nenhum mal-entendido entre nós.

— Está bem — disse ela. — Entendo o que você quer dizer. Esta noite você viu as irmãszinhas.

Eu lhes disse que também tinha presenciado atos incríveis, executados por Dom Juan e Dom Genaro. Eu os vira tão claramente quanto vira as irmãszinhas, e no entanto Dom Juan e Dom Genaro sempre tinham chegado à conclusão de que eu não tinha visto. Portanto, não podia saber de que modo os feitos das irmãszinhas podiam ser diferentes.

— Você quer dizer que não viu como elas se agarravam às linhas do mundo? — perguntou ela.

— Não vi, não.

— Não as vi passando pela fresta entre os mundos?

Contei-lhes o que eu tinha presenciado. Elas escutaram caladas. No fim do meu relato a Gorda parecia estar quase chorando.

— Que pena! — exclamou ela.

Ela se levantou e deu a volta à mesa e abraçou-me. Seus olhos estavam límpidos e repousantes. Eu sabia que ela não estava com raiva de mim.

— É nosso destino, você estar entupido assim — disse ela. — Mas para nós você continua a ser o Nagual. Não vou atrapalhá-lo com maus pensamentos. Pelo menos disso você pode ter certeza.

Eu sabia o que ela queria dizer. Ela me falava de um plano que eu só vira em Dom Juan. Ela explicara seu estado de espírito, várias vezes, como sendo o resultado de ter perdido sua forma humana; ela era realmente uma guerreira impecável. Uma onda de um afeto profundo por ela envolveu-me. Eu estava a ponto de chorar. Foi naquele instante, em que senti que ela era uma guerreira maravilhosa, que me aconteceu uma coisa muito curiosa. O modo mais certo de descrever o que aconteceu seria dizer que de repente meus ouvidos tinham dado um estalo. Só que senti o estalo no meio de meu corpo, bem embaixo de meu umbigo, mais fortemente do que em meus ouvidos. Logo depois do estalo, tudo se tornou mais claro; ruídos, a visão, os cheiros. Depois senti um zumbido intenso, que, estranhamente, não interferia com minha capacidade auditiva; o zumbido era alto mas não abafava os outros barulhos. Era como se eu ouvisse o zumbido com outra parte de mim, sem ser meus ouvidos. Uma onda quente passou por meu corpo. E então, de repente, lembrei-me de uma coisa que nunca tinha visto. Era como se uma memória alheia me tivesse possuído.

Lembrei-me de Lídia puxando-se de duas cordas horizontais, avermelhadas, enquanto caminhava pela parede. Ela não estava propriamente andando: estava na verdade deslizando num montão de linhas que segurava com os pés. Lembrei-me de vê-la ofegante, de boca aberta, do esforço de puxar as Cordas avermelhadas. O motivo por que não consegui manter o equilíbrio no final de sua exibição foi que eu a via como uma luz que andava pelo quarto tão depressa que me deixava tonto; puxava-me da região em volta do meu umbigo.

Lembrei-me dos feitos de Rosa e dos de Josefina também. Rosa chegara a pendurar-se como um macaco, o braço esquerdo agarrado a fibras compridas, verticais e avermelhadas, que pareciam cipós caídos do telhado escuro. Com o braço direito, também segurava umas fibras avermelhadas que pareciam dar-lhe estabilidade. Ela também se agarrava às mesmas fibras com os dedos dos pés. No final de sua exibição, parecia uma fosforescência no telhado. As linhas de seu corpo tinham sido apagadas.

Josefina escondia-se atrás de linhas que pareciam subir do chão. O que fazia com seu braço erguido era mover as linhas, juntando-as para dar-lhes a largura necessária para esconder o volume dela. Suas roupas estofadas eram uma grande ajuda; de algum modo haviam contraído a sua luminosidade. As roupas eram volumosas apenas para o olho que olhava. No final de sua exibição Josefina, como Lídia e Rosa, era apenas uma mancha de luz. Eu podia passar de uma recordação a outra, mentalmente.

Quando contei as minhas recordações convergentes as irmãszinhas olharam para mim, confusas. A Gorda parecia a única que estava acompanhando o que me acontecia. Ela riu com um prazer sincero e disse que o Nagual tinha razão ao dizer que eu era muito preguiçoso para lembrar-me do que tinha “visto”; portanto, eu só me ocupava daquilo que olhava.

Será possível, pensei comigo mesmo, que estarei inconscientemente selecionando o que recordo? Ou será a Gorda que está criando tudo isso? Se fosse verdade que eu primeiro tinha escolhido a minha recordação e depois libertado o que censurara, então também tinha de ser verdade que eu devia ter percebido muito mais dos atos de Dom Juan e Dom Genaro, e no entanto só podia lembrar-me de uma parte seletiva da minha percepção total desses fatos.

— É difícil acreditar — disse eu à Gorda — que agora posso lembrar-me de algo de que não me lembrava nada ainda há pouco.

— O Nagual disse que todo mundo pode ver e no entanto preferimos não nos lembrar do que vemos — disse ela. — Agora entendo que ele tinha razão. Todos nós podemos ver; alguns mais do que outros.

Eu disse à Gorda que uma parte de mim sabia que eu tinha encontrado então uma chave transcendental. Uma peça que faltava me fora dada por elas todas. Mas era difícil perceber o que fosse.

Ela declarou que acabava de "ver" que eu tinha praticado muito o "sonhar" e que eu desenvolvera a minha atenção, e no entanto eu me enganava com minha própria aparência de não saber nada.

— Tentei falar-lhe sobre a atenção — continuou ela — mas você sabe tanto quanto nós a respeito disso.

Eu lhe assegurei que o meu conhecimento era intrinsecamente diferente do seu; o delas era infinitamente mais espetacular do que o meu. Qualquer coisa que eles pudessem dizer-me com respeito aos atos delas, portanto, seria um prêmio para mim.

— O Nagual mandou-nos mostrar a você que com a nossa atenção conseguimos guardar as imagens de um sonho do mesmo modo que guardamos as imagens do mundo — disse a Gorda. — A arte do sonhador é a arte da atenção.

Os pensamentos me ocorreram como uma avalanche. Tive de levantar-me e andar pela cozinha. Tornei a sentar-me. Ficamos calados por muito tempo. Eu sabia o que ela queria dizer, falando que a arte dos sonhadores era a arte da atenção. Soube então que Dom Juan me dissera e mostrara tudo o que podia. Mas eu não fora capaz de compreender as premissas do conhecimento dele no meu corpo, enquanto ele estava perto de mim. Ele dissera que a minha razão era o demônio que me mantinha acorrentando e que eu teria de vencê-la se quisesse alcançar a realização dos ensinamentos dele. O problema, portanto, fora como vencer a minha razão. Nunca me ocorrera pedir-lhe uma definição do que ele entendia por minha razão. Supus sempre que significasse a capacidade de compreender, deduzir ou pensar, de um modo ordenado e racional. Pelo que a Gorda dissera, eu sabia que para ele a razão significava a atenção.

Dom Juan disse que a essência do nosso ser é o ato de perceber, e que a mágica de nosso ser é o ato da consciência. Para ele a percepção e a consciência eram uma unidade única, funcional e inextricável, uma unidade que tinha dois domínios. O primeiro era a "atenção do tonal", isto é, a capacidade das pessoas comuns perceberem e situarem sua consciência no mundo comum da vida quotidiana. Dom Juan também chamava essa forma de atenção de "nosso primeiro círculo do poder" e o descrevia como sendo a nossa capacidade assombrosa, mas considerada natural, de dar ordem à nossa percepção do mundo de todo dia.

O segundo domínio era a "atenção do nagual", isto é, a capacidade dos feiticeiros situarem sua consciência no mundo não-comum. Ele chamava esse domínio da atenção de "segundo círculo do poder" ou a capacidade realmente portentosa que todos nós temos,

mas somente os feiticeiros utilizam, de dar ordem ao mundo não-comum.

A Gorda e as irmãs, demonstrando-me que a arte dos sonhadores era guardar as imagens de seus sonhos com sua atenção, tinham introduzido o aspecto pragmático do plano de Dom Juan. Elas eram as praticantes que tinham ido além do aspecto teórico dos ensinamentos dele. A fim de me dar uma demonstração daquela arte, elas tiveram de utilizar o seu "segundo círculo do poder", ou a "atenção do nagual". Para eu poder presenciar sua arte, teria de fazer o mesmo. Aliás, era evidente que eu situara minha atenção em ambos os domínios. Talvez todos nós estejamos continuamente percebendo de ambos os modos, mas preferimos isolar um para recordar, descartando-nos do outro, ou talvez nós o guardemos, como eu fizera. Sob certas condições de tensão ou aquiescência, a recordação censurada sobe à tona e então podemos ter duas recordações distintas de um só fato.

O que Dom Juan lutara para vencer, ou melhor, suprimir em mim, não era a minha razão como a capacidade de pensamento racional, e sim a minha "atenção ao tonal", ou minha consciência do mundo do bom senso. O motivo que ele tinha para querer que eu o fizesse foi explicado pela Gorda, que disse que o mundo diário existe porque sabemos guardar suas imagens; conseqüentemente, se deixamos de ter a atenção necessária para guardar essas imagens, o mundo se desmorona.

— O Nagual nos disse que o que importa é a prática — disse a Gorda, de repente. — Uma vez que você consiga focalizar sua atenção sobre as imagens do seu sonho, a sua atenção estará presa de vez. No fim você poderá ser como Genaro, que sabia guardar as imagens de qualquer sonho.

— Cada um de nós tem mais cinco sonhos — disse Lídia. — Mas lhe mostramos o primeiro porque foi esse que o Nagual nos deu.

— Vocês todas podem passar a *sonhar* quando quiserem? — perguntei.

— Não — respondeu a Gorda. — *Sonhar* exige muito poder. Nenhuma de nós tem tanto poder assim. O motivo por que as irmãs tiveram de rolar pelo chão tantas vezes foi porque, ao rolarem, a terra lhes dá energia. Talvez você também possa lembrar-se de tê-las visto como seres luminosos obtendo energia da luz da terra. O Nagual disse que o melhor meio de se conseguir energia, naturalmente, é deixar o Sol entrar pelos seus olhos, especialmente o olho esquerdo.

Eu lhe disse que não sabia nada sobre isso, e ela descreveu um processo que Dom Juan lhes havia ensinado. Enquanto ela falava eu me lembrei que Dom Juan também me ensinara o mesmo processo.

Consistia em mexer a cabeça devagar de um lado para outro, enquanto eu apanhava a luz do sol com o meu olho esquerdo meio fechado. Ele dissera que a gente podia usar não só o sol, mas também qualquer tipo de luz que brilhasse nos olhos.

A Gorda disse que o Nagual recomendara que elas amarrassem os xales abaixo da cintura para proteger os quadris, quando rolassem.

Comentei que Dom Juan nunca me falara de rolar. Ela disse que só as mulheres podem rolar porque tinham útero e a energia entrava diretamente em seu útero; rolando, distribuíam essa energia pelo resto do corpo. A fim do homem receber energia, ele tinha de ficar de costas, com os joelhos dobrados de modo que as solas dos pés se tocassem. Os braços tinham de estender-se lateralmente, com os antebraços erguidos verticalmente, e os dedos em garra em posição de pé.

— Há anos que *sonhamos* esses sonhos — disse Lídia. — Esses sonhos são os melhores que temos, pois a nossa atenção está completa. Nos outros sonhos que temos a nossa atenção ainda está fraca.

A Gorda disse que guardar as imagens dos sonhos era uma arte tolteca. Depois de anos de uma prática intensa cada uma delas era capaz de executar um feito em qualquer sonho. Lídia podia andar sobre qualquer coisa. Rosa podia pendurar-se de qualquer coisa, Josefina podia esconder-se atrás de qualquer coisa e ela podia voar. Mas eram apenas principiantes, aprendizes da arte. Tinham uma atenção total apenas para uma atividade. Ela acrescentou que Genaro era o mestre de "sonhar" e podia virar as coisas e ter atenção para tantas atividades quantas temos em nossa vida diária e que para ele os dois domínios da atenção tinham o mesmo valor.

Senti-me obrigada a fazer-lhes a minha pergunta de sempre: Eu tinha de saber os processos, como elas guardavam as imagens de seus sonhos.

— Você sabe isso tão bem quanto nós — disse a Gorda. — Só o que posso dizer é que depois de voltar repetidamente ao mesmo sonho, começamos a sentir as linhas do mundo. Elas nos ajudaram a fazer o que você nos viu fazer.

Dom Juan dissera que o nosso "primeiro círculo de poder" aparece muito cedo em nossas vidas e que vivemos sob a impressão de que aquilo é só o que há em nós. O nosso "segundo círculo de poder", a "atenção do nagual" permanece oculto para a grande maioria de nós, e só no momento de nossa morte é que ele nos é revelado. Porém há um caminho para chegar a ele, que todos podemos seguir, mas que somente os feiticeiros seguem, e esse caminho é por meio de "sonhar". "Sonhar" era, em essência, a transformação de sonhos comuns em assuntos que envolvem a vontade. Os sonhadores, aplicando a sua "atenção do nagual" e focalizando-a sobre os fatos e

acontecimentos de seus sonhos normais, transformam esses sonhos em "sonhar".

Dom Juan dissera que não há métodos para se alcançar a atenção do nagual. Só me deu indicações. Encontrar minhas mãos em meus sonhos foi a primeira indicação; depois o exercício de prestar atenção estendeu-se a encontrar objetos, em busca de coisas específicas, tais como prédios, ruas, e assim por diante. Dali o salto foi para "sonhar" com determinados lugares em determinadas horas do dia. A fase final era fazer a "atenção do nagual" focalizar sobre o ser total. Dom Juan disse que essa fase final era geralmente provocada por um sonho que muitos de nós temos, em uma ou outra ocasião, em que a pessoa olha para si mesma dormindo na cama. Quando o feiticeiro tem esse sonho, sua atenção foi desenvolvida a tal ponto que, em vez de acordar, como a maioria de nós faria em tal situação, ele gira sobre os calcanhares e se empenha em alguma atividade, como se estivesse agindo no mundo da vida de todo dia. Daquele momento em diante há rompimento, uma espécie de divisão na personalidade, que em outros aspectos é unificada. O resultado de empenhar a "atenção do nagual" e desenvolvê-la ao máximo e sofisticação de nossa atenção diária do mundo era, no plano de Dom Juan, o outro eu, um ser idêntico ao nosso, porém fabricado no "sonhar".

Dom Juan me dissera que não há passos definidos e padronizados para se alcançar esse sócia, como não há passos definidos para alcançarmos a nossa consciência diária. Nós fazemos isso simplesmente praticando. Ele alegou que, no ato de empenhar a nossa "atenção do nagual", encontraríamos esses passos. Insistiu para que eu praticasse "sonhar" sem permitir que os meus receios o tornassem um processo embaraçoso.

Ele fizera o mesmo com a Gorda e as irmãs, mas obviamente alguma coisa nelas as tornara mais receptivas à idéia de outro plano de atenção.

— Genaro passava a maior parte do tempo em seu corpo de *sonhar* — disse a Gorda. — Gostava mais dele. É por isso que ele podia fazer as coisas mais loucas e assustar a gente mortalmente. Genaro podia passar pela fresta entre os mundos como você e eu podemos passar por uma porta.

Dom Juan também me falara muito sobre a fresta entre os mundos. Eu sempre pensara que ele estava falando em sentido metafórico sobre uma separação sutil entre o mundo que o homem comum percebe e o mundo que percebem os feiticeiros.

A Gorda e as irmãs me haviam mostrado que a fresta entre os mundos era mais do que uma metáfora. Era, antes, a capacidade de mudar os planos da atenção. Uma parte de mim compreendia per-

feitamente a Gorda, enquanto que outra parte estava mais assustada do que nunca.

— Você me perguntou várias vezes para onde foram o Nagual e Genaro — disse a Gorda. — Soledad foi muito franca e lhe disse que eles foram para o outro mundo; Lídia lhe disse que eles partiram desta região; os Genaros foram burros e o assustaram. A verdade é que o Nagual e Genaro passaram por aquela fresta.

Por algum motivo, indefinido para mim, as palavras dela me lançaram num caos profundo. Eu sempre achara que eles tivessem partido de vez. Sabia que eles não tinham partido num sentido comum, mas mantivera essa idéia no campo da metáfora. Embora até o tivesse dito a meus amigos íntimos, acho que nunca acreditei nisso, pessoalmente. No fundo, eu sempre fora um homem racional. Mas a Gorda e as irmãs tinham transformado as minhas metáforas obscuras em possibilidades reais. A Gorda chegara a nos transportar quase um quilômetro, com a energia do "sonhar" dela.

A Gorda levantou-se e disse que eu tinha compreendido tudo, e que estava na hora de comer. Serviu-nos a comida que tinha cozinhado. Eu não estava com vontade de comer. No fim da refeição ela se levantou e foi para o meu lado.

— Acho que está na hora de você partir — disse-me.

Aquilo pareceu ser a deixa para as irmãs. Também se levantaram.

— Se você ficar depois deste momento, não poderá mais partir — continuou a Gorda. — O Nagual deu-lhe a liberdade, um dia, mas você preferiu ficar com ele. Ele me disse que se todos sobrevivemos ao último contato com os aliados, eu devia dar comida a vocês todos, fazer com que se sentissem bem e despedir-me de todos vocês. Imagino que as irmãs e eu não tenhamos nenhum lugar para onde ir, de modo que para nós não há escolha. Mas você é diferente.

As irmãs me rodearam e cada uma se despediu de mim.

Havia uma ironia monstruosa naquela situação. Eu estava livre para partir, mas não tinha para onde ir. Também eu não tinha escolha. Anos antes Dom Juan me deu a oportunidade de recuar, e eu fiquei porque já naquela época eu não tinha para onde ir.

— Só escolhemos uma vez — dissera ele, então. — Escolhemos entre ser guerreiros ou homens comuns. Não existe uma segunda escolha. Não nesta terra.

— Você terá de partir hoje, mais tarde — disse-me a Gorda, logo depois do café da manhã. — Como você resolveu ir conosco, você comprometeu-se a ajudar-nos a realizar o nosso novo trabalho. O Nagual deixou-me encarregada das coisas só até à sua vinda. Confiou-me, como você já sabe, certas coisas para lhe dizer. Já lhe contei a maior parte. Mas ainda há algumas que eu não podia mencionar a você até você fazer a sua escolha. Hoje trataremos delas. Logo depois disso você tem de partir, para nos dar tempo de nos preparar. Precisamos de alguns dias para arrumar tudo e nos preparar para deixar essas montanhas para sempre. Passamos muito tempo aqui. É difícil a gente partir. Mas tudo teve um fim súbito. O Nagual nos preveniu da mudança total que você provocaria, não importa o resultado dos seus encontros, mas acho que ninguém realmente acreditou nele.

— Não vejo por que vocês têm de modificar as coisas — disse eu.

— Já lhe expliquei — protestou ela. — Perdemos o nosso velho propósito. Agora temos um novo objetivo e ele exige que nos tornemos leves como a brisa. A brisa é o nosso novo estado de espírito. Antes era o vento quente. Você mudou a nossa direção.

— Você fala em rodeios, Gorda.

— Sim, mas isso é porque você é vazio. Não posso explicar melhor. Quando você voltar, os Genaros lhe mostrarão a arte de espreitar e logo depois disso nós todos iremos embora. O Nagual disse que se você resolvesse ficar conosco a primeira coisa que eu devia dizer-lhe seria para você se lembrar de seus encontros com Soledad e as irmãs e examinar todos os detalhes do que lhe aconteceu com elas, pois tudo é um presságio do que lhe acontecerá em seu caminho. Se você for cuidadoso e impecável, verá que aqueles encontros foram dádivas do poder.

— O que Dona Soledad vai fazer agora?

— Vai partir. As irmãs já a ajudaram a dismantelar o piso dela. Aquele piso ajudou-a a alcançar a atenção do nagual. As linhas tiveram o poder de fazer isso. Cada uma ajudou-a a conseguir parte dessa atenção. Ser incompleto não impede que certos guerreiros alcancem essa atenção. Soledad transformou-se porque ela alcançou essa atenção mais depressa do que qualquer de nós. Ela não precisa mais olhar para o chão para passar ao outro mundo, e agora que não há mais necessidade do piso, ela o devolveu à terra, de onde o obteve.

— Você está mesmo resolvida a partir, Gorda, não está?

— Todas nós estamos. É por isso que lhe peço para se ausentar alguns dias, para nos dar tempo de desmancharmos tudo o que temos.

— E sou eu que tenho de encontrar um lugar para todas vocês, Gorda?

— Se você fosse um guerreiro impecável, teria de fazer exatamente isso. Mas você não é um guerreiro impecável, nem nós o somos. Assim mesmo, teremos de fazer o máximo para enfrentar o nosso novo desafio.

Senti um pressentimento opressivo. Nunca fui de gostar de responsabilidades. Achei que o compromisso de conduzi-las era um encargo asseverante, que eu não podia assumir.

— Talvez não tenhamos de fazer nada — disse eu.

— É. Isso mesmo — disse ela, rindo. — Por que você não fica repetindo isso, até sentir-se seguro. O Nagual lhe disse uma porção de vezes que a única liberdade que os guerreiros têm é a de se comportar impecavelmente.

Ela me disse que o Nagual tinha insistido para que todas compreendessem que a impecabilidade era não somente a liberdade, como ainda era o único meio de se espantar a forma humana.

Contei-lhe como foi que Dom Juan me fez compreender o que significava a impecabilidade. Ele e eu estávamos caminhando um dia numa ravina muito profunda quando uma pedra imensa soltou-se da parede rochosa e caiu no fundo da garganta, com uma força formidável, a uns vinte ou trinta metros de onde estávamos. O tamanho da pedra tornou sua queda uma coisa muito impressionante. Dom Juan aproveitou a oportunidade para dar uma lição teatral. Disse que a força que governa os nossos destinos está fora de nós e não tem nada a ver com as nossas ações ou vontade. Às vezes essa força podia determinar que parássemos de caminhar e nos abaixar para amarrar os cordões dos sapatos, como eu acabara de fazer. E, fazendo-nos parar, aquela força nos fizera ganhar um momento precioso. Se tivéssemos continuado a andar, aquela pedra imensa certamente nos teria esmagado e morto. Um outro dia, porém, em outra ravina, a mesma força determinante podia tornar a fazer-nos parar para nos abaixar e

amarrar os cordões dos sapatos, enquanto outra pedra se soltaria exatamente acima do lugar em que nos encontrássemos. Fazendo-nos parar, aquela força nos teria feito perder um momento precioso. Naquela segunda ocasião, se continuássemos a andar, teríamos sido salvos. Dom Juan disse que, diante de minha falta total de controle sobre as forças que decidem o meu destino, a minha única liberdade possível naquela ravina consistia em amarrar os cordões de meus sapatos de modo impecável.

A Gorda pareceu ficar comovida com a minha história. Segurou meu rosto em suas mãos por um momento, do outro lado da mesa.

— A impecabilidade para mim é dizer-lhe, no momento oportuno, o que o Nagual mandou que lhe dissesse — disse ela. — Mas o poder tem de determinar com perfeição o momento de dizê-lo, senão não terá efeito.

Ela parou, teatralmente. A pausa foi muito estudada, mas de muito efeito sobre mim.

— O que é? — perguntei, desesperado.

Ela não respondeu. Pegou-me pelo braço e levou-me para a área que ficava bem defronte da porta da frente. Fez-me sentar na terra batida com as costas apoiadas num poste grosso de mais ou menos meio metro de altura, que parecia um toco de árvore fincando na terra quase junto da parede da casa. Havia uma fileira desses postes, fincados a cerca de meio metro um do outro. Eu pretendia perguntar à Gorda para que serviam. Minha primeira impressão fora que um antigo dono da casa tinha amarrado seus animais neles. Mas essa idéia parecia absurda, pois a área logo depois da porta da frente era uma espécie de varanda coberta.

Contei à Gorda a minha suposição, enquanto ela se sentava ao meu lado, as costas apoiadas a outro poste. Ela riu e disse que os postes realmente eram usados para se amarrar certo tipo de animais, mas não por um antigo dono, e que ela quase ficara moida de cavar os buracos para eles.

— Para que servem? — perguntei.

— Digamos que nós nos amarramos neles — respondeu ela. — E isso me leva à próxima coisa que o Nagual me pediu que lhe dissesse. Ele disse que, como você é vazio, ele teve de colher a sua segunda atenção, a sua atenção ao nagual, de maneira diferente da nossa. Nós colhemos essa atenção por meio de *sonhar* e você o conseguiu por meio das plantas de poder dele. O Nagual disse que suas plantas de poder juntaram o lado ameaçador de sua segunda atenção num torrão, e é essa a forma que saiu de sua cabeça. Disse que é isso que acontece com os feiticeiros quando tomam plantas do poder. Se não morrem, as plantas do poder ficam a sua segunda atenção naquela forma horrível que sai de suas cabeças.

— Agora chegamos ao que ele queria que você fizesse. Disse que você agora tem de mudar de direção e começar a juntar a sua segunda atenção de outro modo, mais como nós. Você não pode continuar no caminho do conhecimento a não ser que equilibre a sua segunda atenção. Até agora, essa sua atenção tem-se mantido com o poder do Nagual, mas agora você está só. Era isso que ele queria que eu lhe dissesse.

— Como vou equilibrar a minha segunda atenção?

— Você tem de *sonhar* como nós sonhamos. *Sonhar* é o único meio de se alcançar a segunda atenção sem prejudicá-la, sem torná-la ameaçadora e temível. A sua segunda atenção está fixa naquele lado terrível do mundo; a nossa está sobre a sua beleza. Você tem de trocar de lado e vir conosco. Foi isso que você escolheu ontem à noite, quando resolveu seguir conosco.

— Essa forma pode sair de mim a qualquer momento?

— Não. O Nagual disse que não tornará a sair antes de você ser velho como ele. O seu nagual já saiu todas as vezes que foi preciso. O Nagual e Genaro providenciaram para isso. Eles implicavam com você até ele sair. O Nagual me disse que você às vezes estava à beira da morte porque a sua segunda atenção é muito mimada. Disse que um dia você chegou a assustá-lo; o seu nagual o atacou e ele teve de cantar para acalmá-lo. Mas o pior lhe aconteceu na Cidade do México; lá, um dia, ele o pressionou e você entrou num escritório e nesse escritório você passou pela fresta entre os mundos. Ele só pretendia afastar a sua atenção do tonal; você estava preocupadíssimo com alguma besteira. Mas ele o pressionou, todo o seu tonal encolheu-se e todo o seu ser passou pela fresta. Ele teve uma dificuldade enorme para encontrá-lo. Disse-me que, por um momento, ele pensou que você tinha ido mais longe do que ele podia alcançar. Mas aí ele viu você vagando sem rumo e o trouxe de volta. Disse-me que você passou pela fresta por volta das dez horas da manhã. Portanto, naquele dia, as dez da manhã tornou-se a sua nova hora.

— Minha nova hora para quê?

— Para tudo. Se você continuar a ser homem, morrerá por volta dessa hora. Se se tornar feiticeiro, deixará este mundo por volta dessa hora.

— Elígio também seguiu um caminho diferente, um caminho sobre o qual nenhum de nós sabe coisa alguma. Nós o encontramos pouco antes dele partir. Elígio era um sonhador maravilhoso. Era tão bom que o Nagual e Genaro costumavam levá-lo pela fresta e ele tinha o poder de suportar aquilo como se não fosse nada. Sequer ficava ofegante. O Nagual e Genaro deram-lhe um impulso final com as plantas de poder. Ele tinha o controle e o poder para lidar com aquele impulso. E foi isso que o mandou para onde quer que esteja.

— Os Genaros me disseram que Elígio saltou com Benigno. É verdade?

— Claro. Quando Elígio teve de saltar, sua segunda atenção já tinha estado naquele outro mundo. O Nagual disse que a sua também tinha estado lá, mas que para você tinha sido um pesadelo, pois você não tinha controle. Disse que as plantas de poder tinham deixado você mal equilibrado; tinham feito você atravessar a sua atenção ao tonal e o tinham levado diretamente ao reino de sua segunda atenção, porém sem qualquer domínio sobre essa atenção. O Nagual só deu plantas de poder a Elígio bem no fim.

— Você acha que a minha segunda atenção foi prejudicada, Gorda?

— O Nagual nunca disse isso. Achava que você era perigosamente louco, mas isso nada tem a ver com as plantas do poder. Disse que ambas as suas atenções são incontrolláveis. Se você pudesse conquistá-las seria um grande guerreiro.

Eu queria que ela me contasse mais sobre o assunto. Ela pôs a mão sobre o meu bloco e disse que tínhamos um dia muito ocupado pela frente que tínhamos de armazenar energia para poder suportá-lo. Portanto, tínhamos de tomar energia da luz do sol. Disse que as circunstâncias exigiam que tomássemos o sol com o olho esquerdo. Ela começou a mexer a cabeça devagar de um lado para outro, olhando diretamente para o sol pelos olhos semicerrados.

Um momento depois Lídia, Rosa e Josefina sentaram-se junto de nós. Lídia sentou-se à minha direita, Josefina ao lado dela, e Rosa junto da Gorda. Todas estavam com as costas apoiadas nos postes. Eu estava no meio da fileira.

O dia era límpido. O sol estava pouco acima da cadeia de montanhas distante. Elas começaram a mexer a cabeça numa sincronização perfeita. Juntei-me a elas e tive a sensação de que também eu tinha sincronizado o meu movimento com o seu. Elas continuaram por cerca de um minuto e depois pararam.

Todas estavam de chapéu e usavam as abas para proteger o rosto do sol, quando não estava banhando os olhos nele. A Gorda me dera o meu chapéu velho para eu usar.

Ficamos ali sentados por uma meia hora. Durante esse tempo, repetimos o exercício inúmeras vezes. Eu pretendia fazer uma marca no meu bloco, cada vez que o fazíamos, mas a Gorda, com displicência, empurrou meu bloco para longe.

De repente, Lídia levantou-se, resmungando alguma coisa ininteligível. A Gorda inclinou-se para mim e murmurou que os Genaros estavam-se aproximando. Esforcei-me para olhar mas não havia ninguém à vista. Rosa e Josefina também se levantaram e depois foram com Lídia para dentro da casa.

Eu disse à Gorda que não via ninguém se aproximando. Ela respondeu que os Genaros tinham aparecido num ponto da estrada, e acrescentou que temia o momento em que todos teríamos de nos reunir, mas que tinha confiança de que eu saberia lidar com a situação. Aconselhou que eu tivesse muito cuidado com Josefina e Pablito porque eles não sabiam controlar-se. Disse que a coisa mais sensata a fazer seria levar os Genaros embora, depois de uma hora mais ou menos.

Fiquei olhando para a estrada. Não havia sinal de ninguém se aproximando.

— Tem certeza de que estão chegando? — perguntei.

Ela disse que não os tinha visto, mas que Lídia os vira. Os Genaros só tinham sido visíveis para Lídia porque ela estava contemplando, ao mesmo tempo em que banhava os olhos. Eu não tinha certeza de entender o que a Gorda queria dizer e pedi que ela explicasse.

— Somos contempladores — disse ela. — Como você. Somos iguais. Não precisa negar que você é contemplador. O Nagual me contou os seus grandes feitos de contemplação.

— Meus grandes feitos de contemplação! De que está falando, Gorda?

Ela apertou a boca e parecia estar-se irritando com a minha pergunta, mas pareceu controlar-se. Sorriu e deu-me um leve empurrão.

Naquele momento ela teve um estremecimento no corpo. Olhou para além de mim, com uma expressão vazia, e depois sacudiu a cabeça vigorosamente. Disse que acabava de “ver” que os Genaros afinal não viriam; era muito cedo para eles. Eles iam esperar um pouco antes de aparecerem. Ela sorriu, como se estivesse contente com a demora.

— É muito cedo para os recebermos aqui, de qualquer maneira — disse. — E eles sentem o mesmo a nosso respeito.

— Onde estão agora? — perguntei.

— Devem estar sentados ao lado da estrada, em algum lugar — respondeu. — Benigno com certeza contemplou a casa, enquanto andavam, e nos viram sentados aqui e por isso resolveram esperar. Isso está perfeito. Assim teremos tempo.

— Você me assusta, Gorda. Tempo para quê?

— Você hoje tem de juntar a sua segunda atenção, só para nós quatro.

— Como posso fazer isso?

— Não sei. Você é muito misterioso para nós. O Nagual lhe fez uma porção de coisas com suas plantas do poder, mas você não pode dizer que isso seja conhecimento. É isso que venho tentando lhe dizer. Só se você dominar a sua segunda atenção é que pode atuar com ela; senão ficará sempre fixo no meio entre as duas, como está agora.

Tudo o que lhe aconteceu desde que você chegou foi dirigido para obrigar essa atenção a girar. Eu lhe dei instruções pouco a pouco, como o Nagual mandou que fizesse. Como você tomou outro caminho, não sabe as coisas que nós sabemos, assim como nós não sabemos nada sobre as plantas do poder. Soledad sabe mais um pouco, pois o Nagual a levou para sua terra. Nestor sabe sobre as plantas medicinais, mas nenhum de nós aprendeu como você. Ainda não precisamos do seu conhecimento. Mas um dia, quando estivermos prontas, você é quem saberá o que fazer para dar-nos um impulso com as plantas do poder. Eu sou a única que sabe onde está escondido o cachimbo do Nagual, à espera desse dia.

— A ordem do Nagual é que você mude o seu caminho e siga conosco. Isso significa que você tem de *sonhar* conosco e espreitar com os Genaros. Você não pode mais se dar ao luxo de ficar onde está, do lado temível de sua segunda atenção. Mais um choque do seu nagual saindo de você poderia matá-lo. O Nagual me disse que as criaturas humanas são criaturas frágeis, compostas de muitas camadas de luminosidade. Quando você as vê, parecem ter fibras, mas essas fibras na verdade são camadas, como uma cebola. Choques de qualquer tipo separam essas camadas e podem até causar a morte dos seres humanos.

Ela se levantou e me levou de volta à cozinha. Nós nos sentamos, de frente um para o outro. Lídia, Rosa e Josefina estavam ocupadas no quintal. Eu não as via, mas ouvia a conversa e os seus risos.

— O Nagual disse que morremos porque as nossas camadas se separaram — disse a Gorda. — Os choques estão sempre separando-as, mas elas se juntam de novo. Mas, às vezes, o choque é tão grande que as camadas se soltam e não podem mais juntar-se.

— Você já viu as camadas, Gorda?

— Claro. Vi um homem morrendo na rua. O Nagual me disse que você também encontrou um homem morrendo, mas que não viu a morte dele. O Nagual me fez *ver* as camadas do homem moribundo. Pareciam as cascas de uma cebola. Quando os seres humanos estão sadios, parecem ovos luminosos, mas se sofrem de alguma coisa começam a descascar-se, como uma cebola.

— O Nagual me disse que a sua segunda atenção era tão poderosa, às vezes, que ela saía toda. Ele e Genaro tinham de manter as suas camadas unidas; se não você teria morrido. Por isso é que ele imaginou que você poderia ter energia suficiente para fazer o seu nagual sair de você duas vezes. Queria dizer que você poderia manter suas camadas juntas, sozinho, duas vezes. Você fez isso mais vezes e agora está acabado; não tem mais energia para manter as suas camadas juntas, no caso de outro choque. O Nagual incumbiu-me de tomar

conta de todos; no seu caso, tenho de ajudá-lo a apertar as suas camadas. O Nagual disse que a morte afasta as camadas. Explicou-me que o centro de nossa luminosidade, que é a atenção ao nagual, está sempre impelindo-se para fora, e é isso que afrouxa as camadas. Portanto, é fácil a morte chegar no meio delas e afastá-las completamente. Os feiticeiros têm de fazer o possível para conservar suas próprias camadas cerradas. É por isso que o Nagual nos ensinou a *sonhar*. *Sonhar* comprime as camadas. Quando os feiticeiros aprendem a sonhar eles juntam suas duas atenções e não há mais necessidade daquele centro impelir-se para fora.

— Você quer dizer que os feiticeiros não morrem?

— Isso mesmo. Os feiticeiros não morrem.

— Quer dizer que nenhum de nós vai morrer?

— Não estou falando de nós. Nós não somos nada. Somos aberrações, nem aqui nem lá. Quero dizer feiticeiros. O Nagual e Genaro são feiticeiros. As duas atenções deles são tão juntas que talvez nunca morram.

— O Nagual disse isso, Gorda?

— Disse. Tanto ele como Genaro me disseram isso. Pouco antes deles partirem, o Nagual nos explicou o poder da atenção. Até então eu não sabia nada sobre o nagual e o tonal.

A Gorda contou como Dom Juan as tinha instruído sobre aquela dicotomia tão importante, tonal-nagual. Disse que um dia o Nagual mandou que eles todos se reunissem a fim de levá-los para um longo passeio a um vale desolado e rochoso nas montanhas. Ele fez um embrulho grande e pesado, com coisas muito variadas; nele pôs até o rádio de Pablito. Depois deu o embrulho para Josefina carregar, pôs uma mesa pesada nos ombros de Pablito e todos começaram a caminhar. Fez com que todos se revezassem carregando o embrulho e a mesa, enquanto caminhavam quase 65 quilômetros até aquele lugar alto e ermo. Quando chegaram lá o Nagual mandou que Pablito colocasse a mesa bem no centro do vale. Depois pediu a Josefina que arrumasse o conteúdo do embrulho sobre a mesa. Quando a mesa ficou cheia, ele lhes explicou a diferença entre o tonal e o nagual, nos mesmos termos em que me explicara, num restaurante na Cidade do México, só que no caso deles, o exemplo que ele deu era infinitamente mais gráfico.

Ele lhes disse que o tonal é a ordem de que tomamos consciência em nosso mundo cotidiano e também a ordem pessoal que carregamos pela vida em nossos ombros, como eles carregaram a mesa e o embrulho. O tonal pessoal de cada um de nós era como a mesa naquele vale, uma pequena ilha cheia das coisas que conhecemos. O nagual, por outro lado, era a fonte inexplicável que mantinha aquela mesa no lugar e que parecia vastidão daquele vale deserto.

Ele lhes disse que os feiticeiros são obrigados a vigiarem seus tonais a distância, a fim de terem uma compreensão melhor do que realmente há em sua volta. Fez com que fossem até a uma serra de onde pudessem ver toda a região. De lá a mesa quase não se via. Depois ele fez com que voltassem à mesa e se postassem junto dela a fim de mostrar que um homem comum não tem o alcance que tem o feiticeiro porque o homem comum está bem sobre sua mesa, agarrado a cada artigo dela.

Depois mandou que cada um deles, um de cada vez, olhasse com naturalidade para os objetos sobre a mesa e pôs à prova a memória deles escolhendo alguma coisa e escondendo-a, para ver se eles estavam atentos. Todos passaram muito bem nessa prova. Ele observou que a capacidade que eles tinham de se lembrar com tanta facilidade dos artigos naquela mesa devia-se ao fato de que todos tinham desenvolvido sua atenção ao tonal, ou sua atenção sobre a mesa.

Depois ele pediu que eles olhassem com naturalidade para tudo o que estivesse no solo por baixo da mesa e pôs à prova a memória deles tirando as pedras, gravetos ou o que houvesse lá. Nenhum deles se lembrava do que tinha visto sob a mesa.

O Nagual então tirou tudo de cima da mesa e mandou que cada um, um de cada vez, se deitasse sobre a mesa, de barriga para baixo, e examinasse o solo debaixo dela. Explicou-lhes que para um feiticeiro o nagual era o local debaixo da mesa. Como era inimaginável lidar com a imensidão do nagual, exemplificado por aquele lugar vasto e ermo, os feiticeiros tomavam como seu terreno de atividade o local diretamente abaixo da ilha do tonal, mostrado graficamente pelo que estava sob a mesa. O local era o domínio do que ele chamava de segunda atenção, ou a atenção do nagual, ou a atenção sob a mesa. Essa atenção era alcançada somente depois que os guerreiros tivessem limpado o topo de suas mesas. Ele disse que alcançar a segunda atenção reunia as duas atenções numa única unidade e essa unidade era a totalidade do ser.

A Gorda disse que a demonstração dele fora tão clara para ela que compreendeu logo por que o Nagual a fizera limpar a sua própria vida, varrer o tonal de sua ilha, como ele o chamara. Ele achava que tinha realmente tido sorte por ter seguido todas as sugestões que ele lhe fizera. Ele ainda estava longe de unificar suas duas atenções, mas sua diligência resultara numa vida impecável, que eram, conforme ele lhe assegurara, o único meio dela perder a forma humana. Perder a forma humana era o requisito necessário para unificar as duas atenções.

— A atenção sob a mesa é a chave para tudo o que fazem os feiticeiros — continuou ela. — A fim de alcançar essa atenção, o Nagual e Genaro nos ensinaram a *sonhar* e a você ensinaram as plantas do poder. Não sei o que lhe fizeram para ensinar-lhe a *sonhar*; o

Nagual nos ensinou a contemplar. Ele nunca nos dizia o que estava realmente fazendo conosco. Apenas ensinou-nos a contemplar. Nunca soubemos que contemplar era o meio de prender a nossa segunda atenção. Os sonhadores têm de ser contempladores antes de poderem prender sua segunda atenção.

“A primeira coisa que o Nagual fez foi pôr uma folha seca no solo e mandar que eu olhasse para ela durante horas. Todos os dias ele me trazia uma folha seca e a colocava na minha frente. A princípio, pensei que fosse a mesma folha que ele guardava de um dia para outro, mas depois notei que as folhas são diferentes. O Nagual disse que, quando compreendemos isso, não estamos mais olhando, e sim contemplando.

“Depois ele pôs montes de folhas na minha frente. Disse-me que as misturasse com a mão esquerda e as sentisse, enquanto as contemplava. Um sonhador move as folhas em espiral, contempla-as e depois sonha com os desenhos feitos pelas folhas. O Nagual disse que os sonhadores podem considerar que dominaram a arte de contemplar as folhas quando primeiro sonham com os desenhos das folhas e depois encontram esses mesmos desenhos no dia seguinte em seu monte de folhas secas.

“O Nagual disse que contemplar as folhas fortalece a segunda atenção. Se você contemplar um monte de folhas durante horas, como ele costumava mandar-me fazer, os seus pensamentos se aquietam. Sem pensamentos a atenção do tonal se enfraquece e de repente a sua segunda atenção agarrar-se às folhas e elas se tornam outra coisa. O Nagual dizia que o momento em que a segunda atenção se agarra a alguma coisa era ‘parar o mundo’. E isso é certo, o mundo pára. Por esse motivo deve sempre haver alguém por perto, quando você contempla. Nunca sabemos as esquisitices que tem a nossa segunda atenção. Como nunca a usamos, temos de familiarizar-nos com ela antes de podermos aventurar-nos a contemplar sozinhos.

“Essa dificuldade em contemplar á aprender a aquietar os pensamentos. O Nagual disse que ele preferia ensinar-nos a fazer isso com um monte de folhas porque podíamos ter todas as folhas que quiséssemos a qualquer momento em que quiséssemos contemplar. Mas qualquer outra coisa serviria.

— Desde que você consiga parar o mundo, você é um contemplador. E como o único meio de fazer parar o mundo é tentar fazê-lo, o Nagual fez com que todos contemplássemos as folhas secas durante anos e anos. Acho que é o melhor meio de alcançar a nossa segunda atenção.

“Ele combinava contemplar as folhas secas e procurar as nossas mãos no *sonhar*. Levei cerca de um ano para encontrar minhas mãos, e quatro anos para fazer parar o mundo. O Nagual disse que

depois que você prender a sua segunda atenção com as folhas secas, você faz contemplação e *sonhar* para expandi-la. E é só isso, contemplar.

— Você faz tudo parecer tão simples, Gorda.

— Tudo o que os toltecas fazem é simples. O Nagual disse que para prender a nossa segunda atenção bastava tentar e tentar. Todas nós paramos o mundo contemplando as folhas secas. Você e Elígio eram diferentes. Você mesmo o fez com as plantas do poder, mas eu não sabia que caminho o Nagual seguiu com Elígio. Ele nunca quis me dizer. *Contou-me a seu respeito porque temos o mesmo trabalho.*

Eu disse que tinha escrito em minhas notas que só tivera a primeira noção completa de ter feito parar o mundo dois dias antes. Ela riu.

— Você fez parar o mundo antes de qualquer de nós — disse ela.

— O que você pensa que fez, quando tomou todas aquelas plantas do poder? Você nunca o fez contemplando, como nós, é só isso.

— O monte de folhas secas foi a única coisa que o Nagual mandava vocês contemplarem?

— Depois que os sonhadores aprendem a fazer parar o mundo, podem contemplar outras coisas; e, finalmente, quando os sonhadores perdem totalmente sua forma, podem contemplar qualquer coisa. Eu faço isso. Posso entrar em qualquer coisa. Mas ele nos fez obedecer a uma certa ordem na contemplação.

“Primeiro contemplamos as plantinhas. O Nagual nos preveniu de que as plantinhas são muito perigosas. Seu poder é concentrado; têm uma luz muito intensa e sentem quando os sonhadores as estão contemplando.

“Imediatamente movem sua luz e a dirigem para o contemplador. Os sonhadores têm de escolher um tipo de planta para contemplarem.

“Depois contemplamos as árvores. Os sonhadores também têm um tipo especial de árvore para contemplar. Nesse particular, você e eu somos iguais; nós dois somos contempladores de eucaliptos.

Pela minha expressão, ela deve ter adivinhado a minha pergunta seguinte.

— O Nagual disse que com o fumo dele você podia facilmente fazer funcionar a sua segunda atenção — continuou ela. — Você focalizou a sua atenção muitas e muitas vezes nos prediletos do Nagual, os corvos. Ele disse que uma vez a sua segunda atenção focalizou-se tão perfeitamente num corvo que ela voou, como voa um corvo, para o único pé de eucalipto que havia nas redondezas.

Durante anos eu tinha pensado naquela experiência. Não podia pensar nela de nenhum outro modo a não ser um estado hipnótico incrivelmente complexo, provocado pelos cogumelos psicotrópicos con-

tidos na mistura de fumo de Dom Juan em combinação com sua perícia como manipulador do comportamento. Ele sugeriu uma catarse perpétua em mim, a de virar corvo e perceber o mundo como corvo. O resultado era que eu percebia o mundo de uma maneira que não podia ter sido parte de meu inventário de experiências passadas. De algum modo a explicação da Gorda tinha simplificado tudo. Ela disse que o Nagual depois as fez contemplar criaturas vivas, em movimento. Ele lhes contou que os pequenos insetos eram, de longe, os melhores objetos de observação. Sua mobilidade os tornava inócuos ao contemplador, o oposto das plantas que tiravam sua luz diretamente da terra.

O passo seguinte foi contemplar as pedras. Ela disse que as rochas eram muito velhas e poderosas e tinham uma luz específica, meio esverdeada, em contraste com a luz branca das plantas e a luz amarelada de seres vivos e móveis. As pedras não se abriam facilmente aos contempladores, mas valia a pena estes persistirem, pois as rochas tinham segredos especiais, escondidos em seu âmago, segredos que podiam ajudar os feiticeiros em seu "sonhar".

— Que coisas são essas que as pedras lhe revelam? — perguntei.

— Quando contemplo o âmago da pedra — disse ela — sempre capto um sopro de um aroma especial, próprio daquela pedra. Quando vago no meu *sonhar*, sei onde estou porque sou guiada por esses aromas.

Ela disse que a hora do dia era um fator importante na contemplação das árvores e das pedras. De manhã cedo as árvores e as pedras ficavam duras e sua luz era fraca. Por volta do meio-dia é que estavam no seu auge, e a contemplação a essa hora se fazia para captar sua luz e poder. De tardinha as árvores e as pedras ficavam sossegadas e tristes, especialmente as árvores. A Gorda disse que naquela hora as árvores davam a sensação de estarem contemplando o contemplador.

Uma segunda série na ordem da contemplação era contemplar os fenômenos cíclicos: a chuva e o nevoeiro. Ela disse que os contempladores podem focalizar sua segunda atenção sobre a própria chuva e mover-se com ela, ou focalizá-la nos fundos e usar a chuva como uma espécie de lente de aumento para revelar coisas ocultas. Os lugares do poder ou lugares a serem evitados são encontrados contemplando-se a chuva. Os lugares de poder são amarelados e os lugares a serem evitados são de um verde intenso.

A Gorda disse que o nevoeiro era sem dúvida a coisa mais misteriosa do mundo para um contemplador e que podia ser usado das mesmas duas maneiras que se usava a chuva. Mas não cedia facilmente às mulheres, e mesmo depois dela ter perdido sua forma humana, o nevoeiro continuou a lhe ser inacessível. Ela disse que o

Nagual um dia a fez "ver" uma névoa verde na ponta de uma massa de nevoeiro e lhe disse que aquela era a segunda atenção de um contemplador de nevoeiro que vivia nas montanhas onde ela e o Nagual estavam, e que ele se movia com o nevoeiro. Ela acrescentou que o nevoeiro era usado para descobrir os espectros das coisas que não estavam mais lá e que o verdadeiro feito dos contempladores do nevoeiro era deixar a sua segunda atenção entrar no que quer que sua contemplação lhes revelasse.

Eu lhe disse que uma vez em que me encontrava com Dom Juan eu tinha visto uma ponte formar-se de uma massa de névoa. Fiquei abismado diante da nitidez e de detalhes precisos daquela ponte. Para mim, era mais do que real. A cena foi tão intensa e vívida que eu não fora capaz de esquecê-la. Os comentários de Dom Juan tinham sido que eu teria de atravessar aquela ponte, um dia.

— Eu sei disso — declarou ela. — O Nagual me disse que um dia, quando você |dominar| a |sua| segunda |atenção, vai| atravessar aquela ponte com essa atenção, do mesmo modo que você voou como um corvo com essa atenção. Ele disse que se você se tornar feiticeiro, uma ponte se formará para você no nevoeiro e você a atravessará e desaparecerá deste mundo para sempre. Tal como ele fez.

— Ele desapareceu assim, por uma ponte?

— Não por uma ponte. Mas você viu como ele e Genaro passaram pela fresta entre os mundos diante dos seus olhos. Nestor disse que só Genaro acenou adeus, da última vez em que você os viu; o Nagual não acenou porque estava abrindo a fresta. O Nagual disse que quando a segunda atenção tem de ser convocada para juntar-se, só o que precisa é o movimento de abrir aquela porta. É esse o segredo dos sonhadores toltecas, depois que se tornam sem forma.

Eu queria perguntar-lhe sobre a passagem de Dom Juan e Dom Genaro por aquela fresta. Ela me fez parar, pondo a mão de leve na minha boca.

Disse que outra série era a contemplação da distância e das nuvens. Em ambas, o trabalho dos contempladores era deixar sua segunda atenção ir ao lugar que contemplavam. Assim, percorriam grandes distâncias ou cavalgavam as nuvens. No caso da contemplação das nuvens, o Nagual nunca permitia que elas contemplassem nuvens de tempestade. Disse-lhes que tinham de perder a forma antes de poderem tentar fazer isso, e que então poderiam cavalgar não só a nuvem de tempestade, mas o próprio raio.

A Gorda riu-se e disse que eu adivinhasse quem é que teria a audácia e seria suficientemente louca para tentar contemplar as nuvens de tempestade. Não pude pensar em mais ninguém a não ser Josefina. A Gorda disse que Josefina tentava contemplar as nuvens de

tempestade sempre que podia, quando o Nagual estava ausente, até que um dia um raio quase a matou.

— Genaro era um feiticeiro de raio — continuou ela. — Seus dois primeiros aprendizes, Nestor e Benigno, foram escolhidos para ele por seu amigo, o trovão. Ele disse que estava procurando plantas num lugar muito distante, onde os índios são muito ariscos e não gostam de visitantes de espécie alguma. Eles tinham dado permissão a Genaro para ficar na terra deles, pois ele falava a língua deles. Genaro estava apanhando umas plantas quando começou a chover. Havia umas casas por perto, mas o povo era hostil e ele não queria incomodá-los; já ia se metendo num buraco quando viu um rapaz de bicicleta na estrada, muito carregado de coisas. Era Benigno, o rapaz da cidade, que fazia negócio com aqueles índios. A bicicleta atolou na lama e ali mesmo um raio atingiu-o. Genaro pensou que ele estivesse morto. As pessoas nas casas tinham visto o que acontecera e saíram. Benigno estava mais assustado do que ferido, mas a bicicleta e todas as mercadorias estavam estragadas. Genaro passou uma semana com ele e curou-o.

“Quase a mesma coisa aconteceu com Nestor. Ele costumava comprar plantas medicinais de Genaro, e um dia o rapaz seguiu Genaro às montanhas, para ver onde ele colhia as plantas, para não ter mais de pagar por elas. Genaro, de propósito, foi bem longe nas montanhas; pretendia fazer com que Nestor se perdesse. Não estava chovendo, mas havia raios e de repente um raio caiu na terra e correu pela terra seca como uma cobra. Passou bem entre as pernas de Nestor e atingiu uma pedra a dez metros de onde ele estava.

“Genaro disse que o raio tinha queimado a parte de dentro das pernas de Nestor. Seus testículos estavam inchados e ele passou muito mal. Genaro teve de tratar dele durante uma semana naquelas montanhas.

“Quando Benigno e Nestor se curaram, estavam presos. Os homens têm de ser presos. As mulheres não precisam disso. As mulheres entram livremente em qualquer coisa. É esse o poder delas, e ao mesmo tempo a sua desvantagem. Os homens tem de ser dirigidos e as mulheres têm de ser controladas.

Ela deu uma risada e disse que com certeza ela tinha muito de masculino em si, pois tinha de ser conduzida, e que eu devia ter muito de feminino em mim, pois eu tinha de ser controlado.

A última série era a contemplação do fogo, da fumaça e das sombras. Ela disse que para um contemplador, o fogo não é brilhante, e sim negro, e assim também a fumaça. As sombras, ao contrário, são brilhantes e têm cor e movimento em si.

Há mais duas coisas que eram consideradas separadamente, a contemplação das estrelas e da água. A das estrelas era feita pelos

feiticeiros que perderam sua forma humana. Ela disse que tinha passado muito bem, em matéria de contemplar as estrelas, mas não sabia contemplar a água, especialmente a água corrente, que era usada pelos feiticeiros sem forma para colher a sua segunda atenção e transportá-la a qualquer lugar aonde tivessem de ir.

— Todas nós temos pavor da água — continuou ela. — Um rio colhe a segunda atenção e a leva embora e não há meio de parar. O Nagual me contou os seus feitos de contemplar a água. Mas também me contou que uma vez você quase se desintegrou na água de um rio raso e que hoje você não consegue nem tomar banho.

Dom Juan me obrigara a contemplar a água de uma vala de irrigação atrás da casa dele várias vezes, enquanto ele me matinha sob a influência de sua mistura de fumo. Eu tivera sensações inconcebíveis. Uma vez eu me vi todo verde, como se estivesse coberto de algas. Depois disso ele recomendou que eu evitasse a água.

— A minha segunda atenção foi prejudicada pela água? — perguntei.

— Foi — respondeu ela. — Você é um homem que se entrega muito. O Nagual o preveniu para ter cuidado, mas você ultrapassou os seus limites, com a água corrente. O Nagual disse que você podia ter usado a água como ninguém, mas não era do seu destino ser moderado.

Ela puxou o banco mais para perto do meu.

— A contemplação é só isso — disse ela. — Mas há outras coisas que tenho de lhe contar antes de você partir.

— Que coisas, Gorda?

— Em primeiro lugar, antes de dizer qualquer coisa, você tem de convocar a sua segunda atenção para as irmãszinhas e para mim.

— Não creio que consiga fazer isso.

A Gorda levantou-se e entrou na casa. Voltou um momento depois com uma almofadinha grossa e redonda, feita da mesma fibra natural usada para fazer redes. Sem dizer uma palavra ela me levou de novo para o alpendre da frente. Disse que ela mesma tinha feito aquela almofada, para seu conforto pessoal, quando estava aprendendo a contemplar, pois a posição do corpo tem grande importância, quando se contempla. A pessoa tem de sentar-se no chão, numa esteira macia de folhas, ou numa almofada feita de fibras naturais. As costas têm de se apoiar numa árvore ou um toco ou uma pedra plana. O corpo tem de ficar completamente descontraído. Os olhos nunca devem fixar-se sobre o objeto, a fim de não se fatigarem. A contemplação consistia em olhar muito lentamente para o objeto contemplado, no sentido contrário ao do ponteiro do relógio mas sem mexer a cabeça. Ela acrescentou que o Nagual os mandara fincar aqueles postes para poderem usá-los para se apoiarem.

Mandou que eu me sentasse na almofada dela e apoiasse as costas num dos postes. Disse que ia orientar-me para contemplar um local de poder que o Nagual tinha nos morros redondos do outro lado do vale. Esperava que, contemplando-o, eu conseguisse a energia necessária para convocar a minha segunda atenção.

Ela se sentou muito junto de mim, à minha esquerda, e começou a dar-me instruções. Quase um sussurro, ela me disse para manter as pálpebras meio fechadas e para olhar para o lugar onde convergiam dois morros enormes. Lá havia uma garganta de água estreita e íngreme. Disse que a contemplação determinada consistia de quatro atos diversos. O primeiro era usar a aba de meu chapéu como viseira para tapar o brilho excessivo do Sol e permitir que me chegasse aos olhos apenas uma quantidade mínima de luz; depois, semicerrar as pálpebras; o terceiro passo era conservar a abertura de minhas pálpebras a fim de manter um fluxo uniforme de luz; e o quarto passo era distinguir a garganta de água ao fundo, através da teia de fibras de luz nas minhas pálpebras.

A princípio não consegui obedecer às suas instruções. O sol estava alto e eu tinha de inclinar a cabeça para trás. Inclinei meu chapéu até tapar a maior parte do brilho com a aba. Parece que bastava fazer isso. Assim que fechei um pouco os olhos um pouco de luz que parecia vir da ponta do meu chapéu quase explodiu em minhas pálpebras, que agiam como um filtro que criava uma teia de luz. Conservei as pálpebras meio fechadas e brinquei com a teia de luz um momento, até conseguir distinguir as formas escuras e verticais da garganta de água nos fundos.

Depois a Gorda mandou que eu contemplasse a parte média da garganta até conseguir ver uma mancha marrom muito escura. Ela disse que era um buraco na garganta, que não estava lá para o olho que olha, mas apenas para o olho que "vê". Ela me avisou que eu tinha de controlar-me assim que isolasse aquela mancha, para que ela não me puxasse para ela. Em vez disso, eu é que devia fazer um *zoom* nela e contemplá-la. Ela sugeriu que no momento em que eu encontrasse o buraco, encostasse o ombro no ombro dela, para ela saber. Ela escorregou de lado até estar inclinada sobre mim.

Lutei um pouco para manter os quatro atos coordenados e firmes, e de repente formou-se uma mancha escura no meio da garganta. Notei logo que eu não a estava vendo do jeito que vejo normalmente. A mancha escura era mais uma impressão, uma espécie de distorção visual. No momento em que o meu controle fraquejava, ela desaparecia. Só se mantinha em meu campo de percepção se eu mantivesse os quatro atos sob controle. Lembrei-me então que Dom Juan me empenhara inúmeras vezes em atividades semelhantes. Costumava pendurar um pedaço de pano de um galho baixo de uma árvore,

estrategicamente colocado para estar alinhado com determinadas formações geológicas nas montanhas ao fundo, como gargantas de água ou encostas. Fazendo-me sentar a uns 15 metros daquele pedaço de pano, e mandando que eu olhasse através dos galhos baixos do arbusto em que estava pendurado o pano, ele criava um efeito perceptivo especial em mim. O pedaço de pano, que era sempre um pouco mais escuro do que a formação geológica que eu contemplava, a princípio parecia ser parte daquela formação. A idéia era deixar que a minha percepção brincasse sem analisá-la. Eu fracassava sempre porque era totalmente incapaz de suspender o raciocínio e a minha mente entrava sempre em alguma especulação racional sobre a mecânica da minha percepção fantasma.

Dessa vez eu não tinha necessidade alguma de especulações. A Gorda não era um vulto imponente com quem eu inconscientemente precisasse lutar, como Dom Juan obviamente fora para mim.

A mancha escura no meu campo de percepção tornou-se quase negra. Encostei no ombro da Gorda, para ela saber. Ela murmurou em meu ouvido que eu devia lutar para manter as minhas pálpebras na posição em que estavam e respirar calmamente pelo abdômen. Não devia deixar que a mancha me puxasse, mas gradativamente entrar nela. O que devia evitar era deixar que o buraco crescesse e de repente me absorvesse. Caso isso acontecesse, eu tinha de abrir imediatamente os olhos.

Comecei a respirar conforme ela determinara e assim consegui manter minhas pálpebras fixadas indefinidamente na abertura certa.

Fiquei naquela posição por algum tempo. Depois reparei que eu começara a respirar normalmente e que isso não atrapalhara a minha percepção da mancha escura. Mas, de repente, a mancha escura começou a mexer-se, a pulsar, e antes que eu pudesse recomeçar a respirar calmamente, o negrume avançou e envolveu-me. Fiquei aflito e abri os olhos.

A Gorda disse que eu estava fazendo a contemplação à distância e que para isso era preciso respirar do jeito que ela recomendara. Insistiu para eu começar tudo de novo. Disse que o Nagual costumava fazê-las ficarem sentadas dias inteiros, convocando sua segunda atenção, contemplando o mesmo ponto. Preveniu-as várias vezes sobre o perigo de se deixar absorver, devido ao choque que o corpo sofre.

Levei mais ou menos uma hora de contemplação para conseguir fazer o que ela determinara. Fazer um *zoom* na mancha marrom e contemplar seu interior significava que a mancha marrom em meu campo de percepção se iluminava de repente. Quando ela clareou, percebi que algo em mim estava realizando um ato impossível. Senti que eu estava na verdade avançando para aquele ponto; daí a impres-

são que eu tinha de que ela estava clareando. Depois, eu estava tão perto dela que distinguia coisas nela, como pedras e vegetação. Cheguei mais perto ainda e pude olhar para uma formação diferente numa pedra. Parecia uma cadeira toscamente entalhada. Gostei muito daquilo; comparado com aquilo, o resto das pedras parecia pálido e sem interesse.

Não sei por quanto tempo fiquei contemplando aquilo. Consegui focalizar todos os detalhes. Senti que podia perder-me para sempre nos seus detalhes porque não tinham fim. Mas alguma coisa desfez a minha vista; outra imagem estranha superpôs-se na pedra, e depois mais outra e mais outra ainda. Fiquei aborrecido com a interferência. No instante em que me aborreci percebi que a Gorda estava mexendo a minha cabeça de um lado para outro, atrás de mim. Em coisa de segundos a concentração de minha contemplação foi completamente dissipada.

A Gorda riu-se e disse que compreendia por que eu tinha dado tantas preocupações ao Nagual. Ela tinha visto com seus próprios olhos que eu me entregava além dos limites. Sentou-se encostada ao poste ao meu lado e disse que ela e as irmãs iam contemplar o lugar de poder do Nagual. Depois deu um pio de pássaro penetrante. Um momento depois as irmãs saíram da casa e sentaram-se para contemplar com ela.

A perícia contemplativa delas era óbvia. Seus corpos tomavam uma estranha rigidez. Não pareciam estar respirando de todo. Sua imobilidade era tão contagiosa que eu me pilhei fechando a meio os olhos e olhando fixamente para os morros.

Contemplar fora uma verdadeira revelação para mim. Ao executar aquilo eu corroborara alguns pontos importantes nos ensinamentos de Dom Juan. A Gorda tinha delineado a tarefa de maneira vaga. "Fazer um zoom naquilo" era mais uma ordem do que uma descrição, desde que tivesse sido cumprido um requisito essencial; Dom Juan chamara esse requisito de parar o diálogo interno. Felo que a Gorda me falou sobre a contemplação, era óbvio para mim que o efeito que Dom Juan buscava, fazendo-as contemplar, era ensinar-lhes a pararem o diálogo interno. A Gorda tinha exprimido aquilo como "aquietar os pensamentos". Dom Juan me ensinara a fazer aquilo mesmo, embora me fizesse seguir o caminho oposto; em vez de me ensinar a focalizar a minha vista, como faziam os contempladores, ele me ensinou a abri-la, a inundar a minha consciência não focalizando a minha vista sobre nada. Eu tinha mais ou menos de sentir com os olhos tudo no âmbito de 180 graus na minha frente, enquanto matinha meus olhos não focalizados logo acima da linha do horizonte.

Contemplar era muito difícil para mim, porque significava inverter meu treinamento. Quando eu tentava contemplar, a minha tendência era a de me abrir. Mas o esforço para controlar essa tendência me fazia fechar os meus pensamentos. Depois que eu desligava o meu diálogo interno, não era difícil contemplar como a Gorda determinara.

Dom Juan declarara várias vezes que o fato essencial na feitiçaria dele era desligar o diálogo interno. Nos termos da explicação que a Gorda me dera sobre os dois reinos da atenção, parar o diálogo interno era uma maneira operacional de descrever o ato de desligar a atenção do tonal.

Dom Juan também dissera que, uma vez que paramos o nosso diálogo interno, também paramos o mundo. Isso era uma descrição operacional do processo inconcebível de focalizar a nossa segunda atenção. Ele dissera que uma parte de nós sempre é guardada sob chave porque a tememos, e que, para a nossa razão, essa parte de nós é como um parente louco que mantemos trancado numa masmorra. Essa parte era, nos termos da Gorda, a nossa segunda atenção, e quando ela finalmente conseguia focalizar-se em alguma coisa, o mundo parava. Como nós, como homens comuns, só conhecemos a atenção do tonal, não é muito rebuscado dizer que desde que essa atenção for cancelada, o mundo tem realmente de parar. Focalizar a nossa segunda atenção louca e não treinada tem forçosamente de ser uma coisa apavorante. Dom Juan tinha razão ao dizer que o único meio de impedir que o parente louco se forçasse sobre nós era es-cudando-nos com o nosso eterno diálogo interno.

A Gorda e as irmãs levantaram-se depois de uns trinta minutos de contemplação. A Gorda fez um sinal com a cabeça para eu acompanhá-las. Elas foram para a cozinha. A Gorda indicou que eu me sentasse no banco. Disse que ia para a estrada, encontrar-se com os Genaros e levá-los para lá. Saiu pela porta da frente.

As irmãs sentaram-se em volta de mim. Lídia ofereceu-se para responder a qualquer coisa que eu quisesse perguntar. Pedi que ela me falasse sobre a contemplação do lugar de poder de Dom Juan, mas ela não me compreendeu.

— Sou contempladora da distância e das sombras — disse ela. — Depois que me tornei contempladora o Nagual me fez recomeçar tudo e dessa vez tive de contemplar as sombras das folhas e plantas e árvores e pedras. Agora nunca olho mais para as coisas; só olho para as sombras delas. Mesmo que não haja luz nenhuma, há sombras; mesmo de noite há sombras. Como sou contempladora das sombras também sou contempladora da distância. Posso contemplar as sombras mesmo a distância.

“As sombras da manhãzinha não revelam muita coisa. Nessa hora as sombras repousam. Portanto, é inútil contemplar muito cedo no dia. Por volta das seis da manhã as sombras despertam, e são melhores lá pelas cinco da tarde. Aí estão bem despertas.

— O que é que as sombras lhe contam?

— Tudo o que quero saber. Contam-me coisas porque contêm calor, ou frio, ou porque se movem ou porque têm cores. Ainda não sei todas as coisas que significam as cores e o calor e o frio. O Nagual deixou que eu aprendesse sozinha.

— Como é que você aprende?

— No meu *sonhar*. Os sonhadores têm de contemplar para poderem *sonhar* e depois têm de procurar os sonhos na contemplação. Por exemplo, o Nagual me fez contemplar as sombras das pedras, e depois no meu *sonhar* descobri que essas sombras têm luz, de modo que procurei a luz nas sombras, desde então, até encontrá-la. Contemplar e *sonhar* vão juntos. Levei muito tempo contemplando as sombras para poder conseguir o meu *sonhar* de sombras. E depois foi preciso muito *sonhar* e contemplar para conseguir juntar os dois e realmente *ver* nas sombras o que estava *vendo* em meu *sonhar*. Entende o que quero dizer? Todos nós fazemos o mesmo. O *sonhar* de Rosa é sobre as árvores porque ela é contempladora de árvores e o de Josefina é sobre as nuvens porque é contempladora de nuvens. Elas contemplam as árvores e nuvens até combinarem seu *sonhar*.

Rosa e Josefina fizeram gestos de concordância com a cabeça.

— E a Gorda? — perguntei.

— Ela é contempladora de pulgas — disse Rosa, e todas riram.

— A Gorda não gosta de ser mordida por pulgas — explicou Lídia. — Ela não tem forma e pode contemplar qualquer coisa, mas antes era contempladora da chuva.

— E Pablito?

— Ele contempla as virilhas das mulheres — respondeu Rosa, bem séria.

Elas riram. Rosa me deu um tapa nas costas.

— Parece que, como ele é seu companheiro, saiu a você — disse ela.

Elas bateram na mesa e sacudiram os bancos com os pés, enquanto davam boas gargalhadas.

— Pablito é contemplador de pedras — disse Lídia. — Nestor é contemplador de chuva e das plantas e Benigno é contemplador da distância. Mas não me faça mais perguntas porque perderei o meu poder se lhe contar mais.

— Como é que a Gorda me conta tudo?

— A Gorda perdeu a forma — respondeu Lídia. — Quando eu perder a minha também lhe contarei tudo. Mas a essa altura você não há de querer saber. Você só quer porque é burro como nós. No dia em que perdermos a nossa forma todos nós vamos deixar de ser burros.

— Por que você faz tantas perguntas, quando sabe de tudo isso? — perguntou Rosa.

— Porque ele é como nós — disse Lídia. — Ele não é um nagual de verdade. Ainda é um homem.

Ela se virou e encarou-me. Por um momento, sua expressão mostrou-se dura e os olhos penetrantes e frios, mas abrandou-se quando ela falou comigo.

— Você e Pablito são sócios — disse ela. — Você gosta mesmo dele, não é?

Pensei um pouco antes de responder. Disse-lhe que, por algum motivo, eu tinha absoluta confiança nele. Por nenhum motivo declarado, eu tinha um sentimento de parentesco por ele.

— Você gosta tanto dele que o atrapalhou — disse ela, num tom acusador. — Naquele cume da montanha, onde você saltou, ele estava conseguindo a sua segunda atenção sozinho, e você o obrigou a saltar com você.

— Eu só segurei o braço dele — protestei.

— Um feiticeiro não segura o braço de outro feiticeiro — disse ela. — Cada um de nós é muito capaz. Você não precisa de nenhuma de nós três para ajudá-lo. Só um feiticeiro que veja e seja sem forma pode ajudar. Naquele topo de montanha quando você saltou, você devia ir primeiro. Agora Pablito está preso a você. Imagino que você quisesse ajudar-nos do mesmo modo. Deus, quanto mais penso em você, mais o desprezo.

Rosa e Josefina concordaram, resmungando. Rosa levantou-se e encarou-me, com os olhos cheios de raiva. Quis saber o que eu pretendia fazer com elas. Eu disse que pretendia partir muito em breve. Essas palavras pareceram ser um choque para elas. Falaram todas ao mesmo tempo. A voz de Lídia ergueu-se acima das outras. Disse que o momento de partir tinha sido na noite da véspera, e que ela tinha detestado a hora em que resolvi ficar. Josefina começou a me gritar obscenidades.

Senti um estremeamento repentino, levantei-me e gritei com elas para se calarem numa voz que não era a minha. Elas olharam para mim, horrorizadas. Tentei aparentar naturalidade, mas eu tinha me assustado tanto quanto assustara a elas.

Naquele momento a Gorda entrou na cozinha, como se estivesse esperando na sala da frente que começassemos a brigar. Disse que nos tinha avisado a todos para não cairmos uns nas teias dos outros. Tive de rir, ao ver como ela ralhava conosco como se fôssemos

crianças. Ela disse que tínhamos de nos respeitar mutuamente, e que o respeito entre os guerreiros era um assunto muito delicado. As irmãs sabiam proceder como guerreiras umas com as outras, e os Genaros entre si, mas quando eu entrava num dos grupos, ou quando os dois grupos se juntavam, todos ignoravam seus conhecimentos de guerreiro e se comportavam como desordeiros.

Nós nos sentamos. A Gorda sentou-se ao meu lado. Depois de uma pausa de um momento, Lídia explicou que tinha receio de que eu fizesse com elas o que fizera com Pablito. A Gorda riu e disse que nunca deixaria que eu ajudasse nenhuma delas dessa maneira. Eu lhe disse que não podia compreender o que eu tinha feito a Pablito que era tão errado. Eu não tinha consciência do que tinha feito, e se Nestor não me tivesse dito eu nem saberia que tinha carregado Pablito. Cheguei a pensar se Nestor talvez não tivesse exagerado um pouco, ou talvez se tivesse enganado.

A Gorda disse que a Testemunha não cometeria um engano estúpido como aquele, e muito menos exagerá-lo, e que a Testemunha era o guerreiro mais perfeito de todos eles.

— Os feiticeiros não se ajudam como você ajudou Pablito — continuou ela. — Você comportou-se como um homem da rua. O Nagual nos ensinou a todos a serem guerreiros. Disse que um guerreiro não tem compaixão por ninguém. Para ele, ter compaixão significava que você desejava que o outro fosse como você, que estivesse em seu lugar, e você o ajudava só para isso. Você fez isso com Pablito. A coisa mais difícil do mundo é um guerreiro deixar os outros em paz. Quando eu era gorda eu me preocupava porque Lídia e Josefina não comiam bastante. Eu tinha medo que elas adoecessem e morressem, de inanição. Fiz o máximo para elas engordarem e só estava com as melhores intenções. A impecabilidade do guerreiro é deixar os outros como são e apoiá-los no que forem. Isso significa, naturalmente, que você confia que também eles sejam guerreiros impecáveis.

— Mas se se eles não forem guerreiros impecáveis? — disse eu.

— Então é seu dever ser impecável e não dar uma palavra — respondeu ela. — O Nagual disse que somente um feiticeiro que veja e não tenha forma pode auxiliar alguém. É por isso que ele nos ajudou e nos fez o que somos. Você não pensa que pode andar pelas ruas apanhando pessoas para ajudá-las, pensa?

Dom Juan já me expusera o problema que era eu não poder auxiliar os meus semelhantes de modo algum. Aliás, segundo ele, todos os esforços para ajudar, de nossa parte, eram atos arbitrários guiados só por nosso interesse próprio.

Um dia, quando eu estava com ele na cidade, apanhei uma lesma que estava no meio da calçada e a coloquei em segurança, debaixo de

umas trepadeiras. Eu estava certo de que, se a deixasse no meio da calçada, as pessoas, mais cedo ou mais tarde haviam de pisar nela. Achei que, levando-a para um lugar seguro, eu a salvara.

Dom Juan mostrou que a minha suposição era descuidada, pois eu não levava em consideração duas possibilidades importantes. Uma, que a lesma podia estar fugindo a uma morte certa por envenenamento sob as folhas da trepadeira, e a outra possibilidade era que a lesma tinha suficiente poder pessoal para atravessar a calçada. Interferindo, eu não salvara a lesma, mas apenas a fizera perder tudo o que tinha ganho com tanto sacrifício.

Naturalmente, eu queria pôr a lesma de volta onde a encontrara, mas ele não me deixou. Disse que fora o destino da lesma um idiota atravessar o caminho dela e fazê-la perder o impulso. Se eu a deixasse onde a pusera, ela poderia ainda conseguir poder suficiente para ir aonde quer que estivesse indo.

Pensei ter compreendido sua idéia. Obviamente, eu só concordara superficialmente. A coisa mais difícil para mim era deixar os outros em paz.

Contei-lhes a história. A Gorda deu-me um tapinha nas costas.

— Nós todos somos bem ruins — disse ela. — Nós cinco somos pessoas horrosas que não querem compreender. Eu já me livreí da maior parte do meu lado feio, mas ainda não de tudo. Somos meio lentos, e, comparados aos Genaros, somos tristonhos e dominadores. Os Genaros, ao contrário, são todos como Genaro; há muito pouco horror neles.

As irmãs concordaram.

— Você é o mais feio de todos nós — disse-me Lídia. — Não acho que sejamos tão más assim, em comparação.

A Gorda riu-se e bateu na minha perna, como que me dizendo para eu concordar com Lídia. Concordei, e todas riram como crianças.

Ficamos calados muito tempo.

— Agora estou chegando ao fim do que tinha para lhe dizer — disse a Gorda, de repente.

Ela fez com que todos nos levantássemos. Disse que elas iam mostrar-me a atitude de poder do guerreiro tolteca. Lídia postou-se ao meu lado direito, de frente para mim. Agarrou a minha mão com sua mão direita, palma contra palma, mas sem entrelaçar os dedos. Depois enganchou o meu braço bem acima do cotovelo com o seu braço esquerdo e segurou-me junto ao peito dela. Josefina fez exatamente a mesma coisa do meu lado esquerdo. Rosa ficou de frente para mim e enganchou os braços nas minhas axilas, agarrando meus ombros. A Gorda veio por trás e abraçou-me pela cintura, entrelaçando os dedos sobre o meu umbigo.

Nós éramos todos da mesma altura e elas podiam encostar a cabeça na minha. A Gorda falava muito baixinho, por trás do meu ouvido esquerdo, mas suficientemente alto para todos podermos ouvir. Ela disse que íamos tentar pôr a nossa segunda atenção no lugar de poder do Nagual, sem ninguém nem nada nos incitar. Dessa vez não havia mestre para nos ensinar nem aliados para nos impedirem. Chegaríamos lá apenas pela força do nosso desejo.

Tive a necessidade invencível de perguntar-lhe o que devia fazer. Ela disse que eu deixasse a minha segunda atenção focalizar sobre aquilo que eu contemplara.

Explicou que aquela formação especial em que estávamos era uma disposição de poder tolteca. Naquele momento eu era o centro e a força de ligação dos quatro cantos do mundo. Lídia era leste, a arma que o guerreiro tolteca segura na mão direita; Rosa era o norte, o escudo preso na frente do guerreiro; Josefina era oeste, o apanhador de espíritos que o guerreiro segura na mão esquerda; e a Gorda era o sul, a cesta que o guerreiro carrega às costas e onde guarda seu objetos do poder. Ela disse que a posição natural de todos os guerreiros era de frente para o norte, pois tinha de carregar a arma, leste, em sua mão direita. Mas a direção em que nós tínhamos de olhar era o sul, ligeiramente para leste; portanto, o ato de poder que o Nagual deixara para executarmos era mudar de direção.

Ela me lembrou de que uma das primeiras coisas que o Nagual nos fizera fora virar os nossos olhos para olharem para sudeste. Assim foi que conseguimos que a nossa segunda atenção executasse o feito que íamos tentar agora. Havia duas alternativas para aquele feito. Uma era nós todos nos virarmos de frente para o sul, usando-me como eixo, e ao fazer isso, mudar o valor e função básicos de todas elas. Lídia seria oeste, Josefina leste, Rosa o sul e ela o norte. A outra alternativa era nós mudarmos nossa direção e ficarmos de frente para o sul, mas sem nos virarmos. Essa era a alternativa do poder, e implicava em vestirmos a nossa segunda face.

Eu disse à Gorda que não compreendia o que era a nossa segunda face. Ela disse que o Nagual a incumbira de tentar conseguir a segunda atenção de nós todos agrupados, e que todos os guerreiros toltecas têm duas faces e olham para duas direções opostas. A segunda face era a segunda atenção.

De repente, a Gorda soltou-me. Todas as outras fizeram o mesmo. Ela se sentou e fez sinal para eu me sentar a seu lado. As irmãs ficaram de pé. A Gorda perguntou-me se tudo estava claro para mim. Estava, e ao mesmo tempo não estava. Antes de eu ter tempo de formular uma pergunta, foi dizendo que uma das últimas coisas que o Nagual mandara que ela me dissesse era que eu tinha de mudar a minha direção juntando a minha segunda atenção com as

delas, e assumir a minha face do poder para ver o que estava atrás de mim.

A Gorda levantou-se e me fez sinal para eu acompanhá-la. Levou-me para a porta do quarto delas. Com delicadeza, empurrou-me para dentro do quarto. Depois que passei pela porta, Lídia, Rosa, Josefina e ela foram juntar-me a mim, nessa ordem, e depois a Gorda fechou a porta.

O quarto estava muito escuro. Não parecia ter janela alguma. A Gorda agarrou-me pelo braço e colocou-me no que pensei ser o centro do quarto. Todas elas me rodearam. Eu não as via de todo; só as sentia me rodeando dos quatro lados.

Depois de algum tempo meus olhos se acostumaram com a escuridão. Vi que o quarto tinha duas janelas, que tinham sido fechadas por painéis. Um pouco de luz passava através delas e eu distinguia todas. Depois todas me seguraram como tinham segurado antes, e, numa união perfeita, encostaram as cabeças na minha. Eu sentia seus hálitos quentes em volta de mim. Fechei os olhos, para concentrar a imagem de minha contemplação. Não o consegui. Estava muito cansado e com muito sono. Meus olhos me coçavam terrivelmente; queria esfregá-los, mas Lídia e Josefina seguravam meus braços com força.

Ficamos naquela posição por muito tempo. Minha fadiga era insuportável, e por fim tombei. Eu tinha a impressão de que ia cair no chão e adormecer ali mesmo. Mas não havia chão. Na verdade, não havia nada embaixo de mim. Meu susto ao perceber aquilo foi tal que despertei num instante; porém uma força maior do que o meu susto tornou a impelir-me para aquele estado de sonolência. Eu me entreguei. Estava flutuando com elas como um balão. Era como se eu tivesse adormecido e estivesse sonhando e nesse sonho vi uma série de imagens desconexas. Não estávamos mais no escuro do quarto delas. Havia tanta luz que me ofuscava. Às vezes eu via o rosto de Rosa contra o meu; do canto dos olhos também via o de Lídia e Josefina. Senti as testas delas apertadas contra meus ouvidos. E depois a imagem mudava e eu via o rosto da Gorda contra o meu. Cada vez que isso acontecia, ela punha a boca sobre a minha e respirava. Não gostei nada daquilo. Uma força dentro de mim tentou libertar-se. Eu estava apavorado. Tentei empurrá-las todas para longe. Quanto mais eu tentava, com mais força me seguravam. Isso convenceu-me que a Gorda me enganara e afinal me levava a uma armadilha de morte. Mas, ao contrário das outras, a Gorda fora uma jogadora impecável. A idéia de que ela jogara uma mão impecável me fez sentir-me melhor. Em certo ponto, desisti de lutar. Fiquei curioso quanto ao momento de minha morte, que eu acreditava ser iminente, e larguei-me. Experimentei uma alegria inexecdível, uma exuberância que, eu

tinha certeza, era o arauto do meu fim, se não a minha morte em si. Puxei Lídia e Josefina ainda mais para perto de mim. Naquele momento a Gorda estava na minha frente. Não me importei por ela estar respirando em minha boca; aliás, fiquei surpreendido por ela parar de fazê-lo então. No instante em que ela parou, todas também pararam de apertar as cabeças contra a minha. Elas começaram a olhar em volta e, ao fazê-lo, também soltaram a minha cabeça. Consegui movê-la. Lídia, a Gorda e Josefina estavam tão perto de mim que eu só conseguia ver através da abertura entre as cabeças delas. Eu não podia imaginar onde estávamos. De uma coisa eu tinha certeza, não estávamos pisando a terra. Estávamos no ar. Outra coisa de que tinha certeza era que tínhamos mudado a nossa ordem. Lídia estava à minha esquerda e Josefina à minha direita. O rosto da Gorda estava coberto de transpiração, e os de Lídia e Josefina também. Rosa eu só sentia atrás de mim. Via suas mãos saindo de minhas axilas e segurando os meus ombros.

A Gorda estava dizendo alguma coisa que eu não conseguia ouvir. Pronunciava as palavras devagar, como se estivesse me dando tempo para ler seus lábios, mas fiquei atrapalhado pelos detalhes da sua boca. Em certo momento senti que as quatro me estavam movendo; estavam-me embalando, propositadamente. Isso me obrigou a prestar atenção às palavras mudas da gorda. Dessa vez li claramente o que diziam seus lábios. Ela estava me dizendo para eu me virar. Tentei, mas a minha cabeça parecia estar fixa. Senti que alguém me mordida os lábios. Olhei para a Gorda. Ela não estava me mordendo, mas olhava para mim, enquanto pronunciava sua ordem para eu virar a cabeça. Enquanto ela falava, senti que estava lambendo todo o meu rosto, ou mordendo os meus lábios e minhas faces.

O rosto da Gorda parecia estar distorcido. Parecia grande e amarelado. Pensei que, como toda a cena era amarelada, o rosto dela refletisse esse brilho. Eu quase a ouvia mandando que eu virasse a cabeça. Por fim a aflição que aquelas mordidas me causavam me levaram a sacudir a cabeça. E de repente o som da voz da Gorda se fez ouvir claramente. Ela estava às minhas costas e gritava comigo para virar a minha atenção. Era Rosa quem estava lambendo meu rosto. Eu a afastei de meu rosto com a testa. Rosa estava chorando. Seu rosto estava coberto de suor. Ouvei a voz da Gorda atrás de mim. Ela disse que eu as tinha deixado exaustas, de tanto lutar contra elas, e que ela não sabia o que fazer para apanhar a nossa atenção original. As irmãs estavam gemendo.

Meus pensamentos tinham uma limpidez cristalina. Meus processos racionais, porém, não eram dedutivos. Eu sabia das coisas rapidamente e diretamente e em minha mente não havia dúvida de espécie alguma. Por exemplo, eu soube imediatamente que tinha de

voltar a adormecer e que isso nos faria cair. Mas sabia também que tinha de deixar que elas nos levassem para a casa delas. Eu era inútil para isso. Se eu conseguisse focalizar a minha segunda atenção de todo, teria de ser num lugar que Dom Juan me dera no norte do México. Eu sempre conseguira imaginá-lo mentalmente como nenhuma outra coisa no mundo. Eu não ousava conjurar essa visão. Sabia que teríamos acabado lá.

Achei que devia contar à Gorda o que sabia, mas não podia falar. Mas uma parte de mim sabia que ela compreendia. Eu confiava nela totalmente e adormeci em alguns segundos. Em meu sonho, eu estava olhando para a cozinha da casa delas. Pablito, Nestor e Benigno estavam lá. Eles pareciam ser extraordinariamente grandes e brilhavam. Não conseguia focalizar meus olhos neles, pois entre mim e eles havia um lençol de material plástico transparente. Depois percebi que era como se eu estivesse olhando para eles através de uma vidraça, enquanto alguém jogava água no vidro. Por fim o vidro quebrou-se e a água atingiu-me no rosto.

Pablito estava me molhando com um balde. Nestor e Benigno também estavam ali. A Gorda, as irmãs e eu estávamos esparramados no chão do quintal atrás da casa. Os Genaros nos molhavam com baldes de água.

Levantei-me de um salto. Ou a água fria ou a experiência extravagante por que eu passara me tinham revigorado. O Gorda e as irmãs vestiram roupas que os Genaros deviam ter posto ao sol. Minhas roupas também tinham sido postas arrumadas no chão. Troquei de roupa, sem dizer uma palavra. Eu estava tendo a sensação especial que parece acompanhar a focalização da segunda atenção; não conseguia falar, ou melhor, podia falar mas não queria. Meu estômago estava embrulhado. A Gorda pareceu perceber e puxou-me com delicadeza para o lugar atrás da cerca. Vomitei. A Gorda e as irmãs tiveram reações semelhantes.

Voltei para o local da cozinha e lavei meu rosto. O frio da água pareceu restabelecer a minha consciência. Pablito, Nestor e Benigno estavam sentados em volta da mesa. Pablito tinha levado a cadeira dele. Levantou-se e apertou minha mão. Depois Nestor e Benigno fizeram o mesmo. A Gorda e as irmãs foram ter conosco.

Parecia haver alguma coisa errada comigo. Meus ouvidos zumbiam. Eu estava tonto. Josefina levantou-se e agarrou Rosa, para apoiar-se. Virei-me para perguntar à Gorda o que devia fazer. Lídia estava caindo para trás, no banco. Eu a segurei, mas seu peso me puxou para baixo e eu caí com ela.

Devo ter desmaiado. Voltei a mim de repente. Estava deitado numa esteira no quarto da frente. Lídia, Rosa e Josefina dormiam profundamente ao meu lado. Tive de passar por cima delas para

poder levantar-me. Eu as cutuquei mas elas não acordaram. Fui para a cozinha. A Gorda estava sentada com os Genaros, em volta da mesa.

— Bem-vindo seja de volta — disse Pablito.

Ele acrescentou que a Gorda tinha acordado pouco antes. Senti que estava no meu normal. Estava com fome. A Gorda deu-me uma tigela de comida. Disse que eles já tinham comido. Depois que comi, senti-me perfeitamente bem, sob todos os aspectos, a não ser que não podia pensar como costume pensar. Meus pensamentos se tinham acalmado incrivelmente. Não gostei daquele estado. Aí notei que estávamos no fim da tarde. Tive uma vontade repentina de correr no lugar, olhando para o sol, como Dom Juan costumava mandar que eu fizesse. Levantei-me e a Gorda também. Parece que ela tinha tido a minha idéia. Mexer-me assim fez com que eu transpirasse. Cansei-me rapidamente e voltei para a mesa. A Gorda acompanhou-me. Nós tornamos a sentar-nos. Os Genaros ficaram olhando para nós. A Gorda entregou-me o meu bloco.

— O Nagual daqui nos perdeu — disse a Gorda.

No momento em que ela falou, senti uma explosão muito esquisita. Meus pensamentos me voltaram numa avalanche. Devia ter havido uma modificação em minha expressão, pois Pablito abraçou-me e Nestor e Benigno também.

— O Nagual vai viver! — disse Pablito, em voz alta.

A Gorda também parecia estar contente. Ela enxugou a testa, num gesto de alívio. Disse que eu quase tinha morto todas elas e eu também, com essa minha terrível mania de me entregar aos meus caprichos:

— Focalizar a segunda atenção não é brincadeira — disse Nestor:

— O que nos aconteceu, Gorda? — perguntei.

— Nós nos perdemos — disse ela. — Você começou a entregar-se ao seu medo e nós nos perdemos naquela imensidão. Não conseguimos mais focalizar a nossa atenção do tonal. Mas conseguimos misturar a nossa segunda atenção com a sua e agora você tem duas faces.

Lidia, Rosa e Josefina entraram na cozinha, naquele momento. Estavam sorridentes e pareciam frescas e fortes como sempre. Serviram-se de um pouco de comida. Sentaram-se e ninguém deu uma palavra enquanto elas comiam. No momento em que a última acabou de comer, a Gorda continuou de onde tinha parado.

— Agora você é um guerreiro com duas faces — continuou ela.

— O Nagual disse que todos nós temos de ter duas faces para nos darmos bem nas duas atenções. Ele e Genaro nos ajudaram a convocar a nossa segunda atenção e nos viraram para podermos olhar em duas

direções, mas não o ajudaram, pois para ser um verdadeiro nagual você tem de reivindicar o seu poder por si. Você ainda está bem longe disso, mas digamos que você agora está caminhando de pé, em vez de estar rastejando, e quando você ficar completo e perder a sua forma, estará deslizando.

Benigno fez um gesto com a mão, mostrando um avião voando e imitiu o ronco do motor com sua voz de trovão. O barulho era realmente ensurdecedor.

Todos riram. As irmãs pareciam estar encantadas.

Até então eu não me dera conta plenamente de que já era de tardezinha. Disse à Gorda que devíamos ter dormido várias horas, pois tínhamos ido para o quarto delas antes do meio-dia. Ela disse que não tínhamos dormido muito, e que a maior parte do tempo andamos perdidos no outro mundo e que os Genaros tinham ficado realmente assustados e tristes, pois não havia nada que pudessem fazer para nos trazer de volta.

Virei-me para Nestor e perguntei-lhe o que eles tinham feito ou visto enquanto estávamos ausentes. Ele me olhou um momento antes de responder.

— Levamos muita água para o quintal — disse ele, apontando para uns barris de óleo vazios. — Depois vocês todos entraram no quintal, cambaleando, e nós despejamos água em cima de vocês, só isso.

— Nós saímos do quarto? — perguntei-lhe.

Benigno deu uma gargalhada. Nestor olhou para a Gorda, como se pedisse permissão ou um conselho.

— Nós saímos daquele quarto? — perguntou a Gorda.

— Não — respondeu Nestor.

A Gorda parecia tão ansiosa por saber quanto eu e isso para mim era alarmante. Ela chegou a insistir para Nestor falar.

— Vocês vieram do nada — disse Nestor. — Também diria que foi assustador. Vocês todos pareciam uma névoa. Foi Pablito quem os viu primeiro. Pode ser que estivessem no quintal há muito tempo, mas não sabíamos onde procurá-los. Aí Pablito gritou e nós todos os vimos. Nunca vimos nada de parecido.

— Como estávamos? — perguntei.

Os Genaros se entreolharam. Fez-se um silêncio insuportavelmente demorado. As irmãs olhavam para Nestor de boca aberta.

— Vocês pareciam pedaços de névoa presa numa teia — disse Nestor. — Quando despejamos água em vocês, voltaram ao estado sólido.

Eu queria que ele continuasse a falar mas a Gorda disse que havia muito pouco tempo, pois eu tinha de partir no fim do dia e ela ainda tinha de me contar algumas coisas. Os Genaros se levantaram e

apertaram as mãos da irmãzinhas e da Gorda. Abraçaram-se e disseram-me que só precisariam de alguns dias para se prontarem para partir. Pablito pôs a cadeira dele de pernas para o ar em suas costas. Josefina foi para junto do fogão, apanhou um embrulho que eles tinham levado da casa de Dona Soledad e colocou-o entre as pernas da cadeira de Pablito, que formava um objeto ideal para carregar coisas.

— Já que vão para casa, podem levar isto aqui — disse ela. — Pertence a vocês mesmo.

Pablito deu de ombros e mudou a posição da cadeira, para equilibrar a carga.

Nestor fez sinal para Benigno pegar o embrulho, mas Pablito não o permitiu.

— Está bem — disse ele. — Mas vale eu ser burro de carga, já que estou carregando esse raio de cadeira.

— Por que você a carrega, Pablito? — perguntei.

— Tenho de armazenar o meu poder — respondeu ele. — Não posso andar por aí sentando sabe Deus em quê. Quem sabe que tipo de criatura sentou num lugar antes de mim?

Ele cacarejou e fez o embrulho sacudir, mexendo com os ombros.

Depois que os Genaros partiram, a Gorda explicou-me que Pablito tinha começado aquela maluquice de acadeira para implicar com Lídia. Não queria sentar-se no lugar em que ela tivesse sentado, mas ele ficou imbuído da idéia, e como adorava entregar-se a suas manias, não queria sentar em lugar algum, a não ser na cadeira dele.

— Ele é capaz de carregá-la para o resto da vida — disse-me a Gorda, com muita certeza. — Ele é quase tão mau quanto você. Ele é seu companheiro; você vai carregar o seu bloco pela vida afora e ele vai carregar a cadeira dele. Que diferença faz? Vocês dois se entregam mais do que nós outros.

As irmãzinhas me rodearam e riram, dando-me tapinhas nas costas.

— É muito difícil entrar na nossa segunda atenção — continuou a Gorda — e controlá-la quando a pessoa se entrega como você é ainda mais difícil. O Nagual disse que você, melhor do que qualquer de nós, devia saber como é difícil esse controle. Com as plantas do poder dele, você aprendeu a ir muito longe naquele outro mundo. Por isso é que hoje você nos puxou com tanta força que quase morremos. Queríamos convocar a nossa segunda atenção no lugar do Nagual, e você lançou-nos a uma coisa que não conhecíamos. Não estamos preparados para isso, nem você. Mas você não pode impedir isso; as plantas do poder o deixaram assim. O Nagual tinha razão: todos nós temos de ajudá-lo a controlar a sua segunda atenção, e você terá de nos ajudar a todos a empurrar a nossa. A sua segunda atenção pode ir

muito longe, mas não tem controle algum; a nossa só pode ir até certo ponto, mas nós temos controle absoluto sobre ela.

A Gorda e as irmãzinhas, uma por uma, contaram-me como fora assustadora a experiência de terem estado perdidas no outro mundo.

— O Nagual me disse — continuou a Gorda — que quando ele estava captando a sua segunda atenção com o fumo dele, você a focalizou sobre um mosquito e então o mosquitinho tornou-se o guardião do outro mundo para você.

Eu lhe disse que era verdade. A seu pedido, narrei-lhes a experiência por que Dom Juan me fizera passar. Com o auxílio da mistura do fumo dele eu vi o mosquito como um monstro horripilante de 30 metros de altura, que se movia com uma agilidade e rapidez incríveis. A feiúra daquela criatura era de nausear e no entanto ele tinha certa magnificência pavorosa.

Eu também não tivera meios de ajustar aquela experiência ao meu plano racional das coisas. O único apoio do meu intelecto era a minha certeza arraigada profundamente de que um dos efeitos da mistura de fumo psicotrópico era induzir-me a ter alucinações com o tamanho do mosquito.

Apresentei-lhes, especialmente à Gorda, a minha explicação racional e causal do que acontecera. Elas se riram.

— Não existem alucinações — disse a Gorda, com firmeza. — Se alguém de repente vê algo diferente, algo que não estava ali antes, é porque a segunda atenção da pessoa foi colhida e essa pessoa está focalizando sua atenção sobre alguma coisa. Ora, o que quer que estiver colhendo a atenção dessa pessoa pode ser qualquer coisa, talvez uma bebida, ou talvez a loucura, ou a mistura de fumo do Nagual.

“Você viu um mosquito e ele se tornou o guardião do outro mundo para você. E você sabe o que é esse outro mundo? Aquele outro mundo é o mundo de nossa segunda atenção. O Nagual pensou que talvez a sua segunda atenção fosse suficientemente forte para passar pelo guardião e entrar naquele mundo. Mas não era. Se fosse, você poderia ter entrado naquele mundo e nunca mais voltado. O Nagual me disse que estava preparado para acompanhá-lo. Mas o guardião não o deixou passar e quase o matou. O Nagual teve de parar de fazer você focalizar a sua segunda atenção com suas plantas do poder porque você só conseguia focalizar a parte terrível das coisas. Ele fez com que você *sonhasse*, em vez disso, para você poder colhê-la de outro modo. Mas ele tinha certeza de que o seu *sonhar* também seria terrível. Não havia nada que ele pudesse fazer a respeito. Você o estava seguindo, em suas próprias pegadas, e ele tinha um aspecto terrível, temível.

Elas ficaram caladas. Era como se todas tivessem sido envolvidas por suas recordações.

A Gorda disse que o Nagual um dia me mostrara um inseto vermelho muito especial, nas montanhas da sua terra natal. Perguntou-me se eu me lembrava dele.

Eu me lembrava. Anos antes Dom Juan me levava para uma região que me era desconhecida, nas montanhas do norte do México. Com muito cuidado ele me mostrou insetos redondos, do tamanho de uma joaninha. As costas dos insetos eram de um vermelho brilhante. Eu queria deitar no chão para examiná-los, mas ele não me deixou. Disse que eu devia olhar para eles, sem fixar o olhar, até ter decorado a forma deles, pois devia lembrar-me sempre deles. Depois ele explicou uns detalhes complexos do comportamento deles, fazendo aquilo parecer uma metáfora. Estava-me contando a importância arbitrária de nossos costumes mais preciosos. Apontou alguns supostos costumes daqueles insetos e comparou-os com os nossos. A comparação tornava ridícula a importância que atribuímos às nossas crenças.

— Pouco antes dele e Genaro partirem — continuou a Gorda — o Nagual levou-me àquele lugar nas montanhas, onde moravam aqueles bichinhos. Eu já tinha estado lá uma vez, e todos os outros também. O Nagual quis ter certeza de que todos conhecêssemos essa criaturinha, embora nunca nos permitisse contemplá-la.

“Enquanto eu estava lá com ele, disse-me o que devia fazer com você e o que devia contar-lhe. Já lhe contei a maior parte do que ele me pediu para contar, a não ser esta última coisa. Tem a ver com uma pergunta que você andou fazendo a todo mundo: Onde estão o Nagual e Genaro? Agora eu lhe direi exatamente onde eles estão. O Nagual disse que você compreenderá isso melhor do que qualquer de nós. Nenhum de nós jamais viu o guardião. Nenhum de nós jamais esteve naquele mundo sulfuroso amarelo onde ele vive. Você é o único de nós que esteve. O Nagual disse que ele o acompanhou àquele mundo quando você focalizou a sua segunda atenção sobre o guardião. Ele pretendia ir para lá com você, talvez para sempre, se você fosse suficientemente forte para passar. Foi então que ele descobriu a respeito do mundo daqueles bichinhos vermelhos. Disse que o mundo deles era a coisa mais bela e perfeita que se possa imaginar. Então, quando chegou a hora dele e Genaro deixarem este mundo, eles colheram toda a sua segunda atenção e a focalizaram sobre aquele mundo. Depois o Nagual abriu a fresta, como você mesmo presenciou, e passaram por ela para o mundo, onde estão esperando que vamos encontrá-los um dia. O Nagual e Genaro gostavam da beleza. Foram para lá só pelo prazer de irem.

Ela olhou para mim. Eu não tinha nada a dizer. Ela tinha razão ao dizer que o poder tinha de sincronizar perfeitamente a revelação dela, para ser eficaz. Senti uma angústia que não consegui exprimir.

Era como se eu quisesse chorar e no entanto não estava triste, nem melancólico. Eu ansiava por algo inexprimível, mas essa ânsia não era minha. Como tantos dos sentimentos e sensações que eu tivera desde a minha chegada, era alheio a mim.

As afirmações de Nestor a respeito de Elígio me vieram à cabeça. Conte-i à Gorda o que ele dissera e ela me pediu que lhes contasse as visões entre o tonal e o nagual que eu tivera ao saltar no abismo. Quando terminei, todas pareciam amedrontadas. A Gorda imediatamente isolou a minha visão do domo.

— O Nagual nos disse que a nossa segunda atenção, um dia, haveria de focalizar-se nesse domo — disse ela. — Nesse dia seremos só a segunda atenção, tal como são o Nagual e Genaro, e nesse dia iremos ter com eles.

— Você quer dizer, Gorda, que iremos como estamos? — perguntei.

— Sim, iremos como estamos. O corpo é a primeira atenção, a atenção do tonal. Quando ele se torna a segunda atenção, simplesmente vai para o outro mundo. O seu salto no abismo colheu toda a sua segunda atenção, por algum tempo. Mas Elígio era mais forte e sua segunda atenção foi fixada por aquele salto. Foi o que aconteceu com ele e ele era tal e qual nós outros. Mas não há meio de se dizer onde ele está. Nem mesmo o Nagual sabia. Mas se ele estiver nalgum lugar, estará naquele domo. Ou está saltando de visão em visão, talvez por toda a eternidade.

A Gorda disse que em minha viagem entre o tonal e o nagual eu tinha corroborado em grande escala a possibilidade de que todo o nosso ser se torne a nossa segunda atenção, e em escala muito menor na ocasião em que eu fiz com que nós todos nos perdêssemos no mundo dessa atenção, naquele mesmo dia, e também quando ela nos transportou a quase um quilômetro para fugir dos aliados. Ela acrescentou que o problema que o Nagual nos deixara como desafio era se seríamos ou não capazes de desenvolver a nossa vontade, ou o poder de nossa segunda atenção para se focalizar indefinidamente sobre qualquer coisa que quiséssemos.

Ficamos calados um pouco. Parecia que era hora de minha partida, mas eu não conseguia mexer-me. A idéia do destino de Elígio me paralisara. Quer ele tivesse conseguido chegar ao domo do nosso encontro, quer ele tivesse sido apanhado na vastidão, a imagem da viagem dele era de enlouquecer. Eu não tinha de fazer esforço algum para visualizá-la, pois tinha a experiência de minha própria viagem.

O outro mundo, a que Dom Juan se referia quase desde o momento em que nos encontramos, sempre fora uma metáfora, um modo obscuro de denominar alguma distorção perceptiva, ou, no máximo, um meio de falar sobre um estado de ser indefinível. Em-

bora Dom Juan me tivesse feito perceber aspectos indescritíveis do mundo, eu não podia considerar as minhas experiências como nada mais que um jogo sobre a minha percepção, uma espécie de miragem dirigida que ele conseguira fazer com que eu tivesse, ou por meio de plantas psicotrópicas ou por meios que eu não podia deduzir racionalmente. Todas as vezes que isso acontecera, eu me havia protegido com a idéia de que a unidade do "eu" que eu conhecia e com o qual estava familiarizado só fora temporariamente deslocada. Inevitavelmente, assim que aquela unidade era restabelecida, o mundo se tornava outra vez o santuário para o meu ser inviolável e racional. O campo que a Gorda abria com suas revelações era aterrador.

Ela se levantou e puxou-me do banco. Disse que eu tinha de partir antes do crepúsculo. Todas me acompanharam até ao carro e nós nos despedimos.

A Gorda deu-me uma última ordem. Disse que quando eu voltasse, devia ir diretamente para a casa de Genaro.

— Só queremos vê-lo quando você souber o que fazer — disse ela, com um sorriso radiante. — Mas não demore muito.

As irmãzinhas concordaram.

— Aquelas montanhas não nos deixarão ficar aqui por muito mais tempo — disse ela, apontando com um movimento sutil do queixo para os morros sinistros e desgastados do outro lado do vale.

Fiz mais uma pergunta. Quis saber se ela tinha alguma idéia de onde iriam o Nagual e Genaro, depois que chegássemos ao nosso ponto de encontro. Ela olhou para o céu, levantou os braços e fez um gesto indescritível com eles para mostrar que não havia limites para aquela vastidão.

\* \*

IMPRESSO POR TAVARES & TRISTÃO  
— GRÁFICA E EDITORA DE LIVROS  
LTDA., À RUA 20 DE ABRIL, 28, SALA  
1.108, RIO DE JANEIRO, R.J.